

Sumário

Carlinhos da Malvina: Algumas Histórias	5
Introdução	7
1 Os Ourives	9
1.1 A minha história, do Degas aqui: Carlinhos da Malvina	12
1.2 A saga dos Ourives	12
1.3 A prole dos Ourives	13
1.4 Seu Pedro Ourives	13
1.5 A história do início da família do Pedro Orive	14
1.6 Personagens que passaram por mim	26
2 Histórias de Salto de Pirapora	31
2.1 O Leilão de Garrotes	32
2.2 O Boi de Cesto	32
2.3 As quermesses da Festa de São João	32
2.4 Baile de sanfona na casa do Chico Branco	32
2.5 O Clubinho no centro	33
2.6 O bando de anús	33
2.7 O baile da lama em Piedade	33
2.8 O baile do pijama do Seme em Araçoiaba	33
2.9 Os bailes da região	34
2.10 A sacaria do Aristides	34
2.11 O Time dos Paradinho	35
2.12 As festas de Primeiro de Maio do Seu Olézio	35
2.13 A turma do “Matarazzio”	36
2.14 A política em Salto de Pirapora nessas épocas (sou péssimo em datas)	37
2.15 Newton Guimarães – o prefeito folclórico	38
2.16 Bar do Feliciano e do Tonico	39
2.17 O restaurante do Otelo Castellani	39
2.18 O bar da Ditinha do Paulino	40
2.19 Zé Antonio e amigos importados	40
2.20 A kombi do Seu Olézio	41
2.21 A kombi do Nezinho	42
2.22 O impala do Paulo Padeiro	42
2.23 Vito Moraes	43
2.24 Sorocaba: a turma do Estadão - primeira fase	43
2.25 O Dito Frango	44
2.26 O Paulo e o Elía Turco	44
2.27 A turma do Estadão - segunda fase	45
2.28 O Suva, meu primo de Sorocaba	45
2.29 A kombi do Elia Gelo	46
2.30 A turminha da <i>Via Sacra</i> e do <i>Curto</i>	46
2.31 O barracão do Batista	46

2.32 Zé Martim	47
2.33 Jogo de bolinhas de gude	47
2.34 O cinema do Neto	48
2.35 Jogo do time dos Parados nos domingos	49
2.36 O time dos Parados	49
2.37 O time do Bumbo	50
2.38 As Festas Juninas	50
2.39 A Procissão do Senhor Morto na Sexta Feira Maior	51
2.40 Voltando ao jogo de bolinha	51
2.41 Jogo de sinuca no bar do Filiciano	51
2.42 As quermesses	52
2.43 Eleição	52
2.44 Os velórios	52
2.45 A turma da Igreja: as Carolas e os Marianos	53
2.46 A turma da Rua Belarmino	53
2.47 A demanda do Adamastor contra o Genor do Santo	54
2.48 Outros personagens de Salto e suas histórias	54
2.49 Os apelidos em Salto de Pirapora	58
2.50 A turma do “Forno de Cár” do Aníba de Góes.	59
2.51 O Correio da <i>Dita Malêra</i>	60
2.52 As Jardinêra que levava as turma pá cidade	60
2.53 Caminhão do Írso Leitêro	60
2.54 <i>Chupá fruita</i> (Jabuticaba) no fruitá do Jair Bueno	61
2.55 O telefone	61
2.56 Posto de gasolina	61
2.57 Os precursores dos bailinhos de Salto	62
2.58 As histórias do Genorzinho	62
2.59 As histórias do Lauzão	62
2.60 Excursão prá Santos	63
2.61 A fogueira de São João no sítio do Romãozinho	63
2.62 Outras histórias de Salto de Pirapora	64
2.63 Saltopiraporices: gírias e expressões próprias e da região	65
3 Viagens Marcantes	71
3.1 O Casttel Saint Andrews (SA)	71
3.2 Suíte Topázio do Hotel Casttel Saint Andrews - SA - em Gramado – 5/3/2020	73
3.3 Chile, suas frutas e seus vinhos	74
3.4 Buenos Aires: Réveillon de 2008	75
3.5 Gramado: 29/2/2009	75
3.6 Chile – Réveillon de 2009 – Hotel Providence – Bairro da Providência	76
3.7 Viagem à Europa - 07/10/2014	77
3.8 Viagem a Foz de Iguaçu em 18/4/2014 com o Sidnei Friage	78
3.9 Viagem ao Leste Europeu – 12/9/2010 - Com a Eulália	79
3.10 Casamento em Assunção	83
3.11 Las Vegas City, alone	86
4 Música: Jazz , Blues, MPB etc	89
4.1 Música internacional	89
4.2 Música Brasileira	96
4.3 Casas noturnas de Sorocaba	108
4.4 Outros points em Sorocaba	111
5 A Vida Noturna e Gastronômica de São Paulo	115
5.1 Restaurante Fuentes	115
5.2 Bar Copacabana	115
5.3 Don Curro	116
5.4 Peruchão	116

5.5 Galinhada do Bahia	116
5.6 Frangó	116
5.7 Bar do Luiz Português - Santana	116
5.8 Bar do Luiz Nozoie - Jabaquara	117
5.9 Churros do Ipiranga	117
5.10 Bar dos Cornos do Jaguaré	117
5.11 Valadares na Lapa	117
5.12 Bar Léo na Santa Ifigênia	117
5.13 Bar Brahma na Ipiranga	118
5.14 Bar cu do Padre	118
5.15 Botequim do Hugo	118
5.16 Degas	118
5.17 Pizzaria Castelões no Gasômetro	119
5.18 Terraço Itália	119
5.19 Plano's Bar	119
5.20 Confraria queijos e vinhos	120
5.21 Pirajá	120
5.22 150 Night Club no Maksoud Plaza	120
5.23 Victoria's Pub	120
5.24 Avenida Club	121
5.25 Saint Paul	121
5.26 Show Days Saloon	121
5.27 Casa de shows do Shopping Eldorado	121
5.28 Stardust	121
5.29 Bar do Alemão	121
5.30 Gallery	122
5.31 Café Piu-Piu	122
5.32 Café Society	122
5.33 Papagaio	122
5.34 Patropi	122
5.35 Roof's	123
5.36 Regine'S	123
5.37 Tamatete	123
5.38 Barracão de Zinco e Moema Samba	123
5.39 Inverno Verão	123
5.40 Ilha	124
5.41 Senzala	124
5.42 Clyde's e Na mata café	124
5.43 Restaurante do Carlinhosno Brás	124
5.44 Restaurante Eldorado na Avenida São Luiz	124
5.45 Almanara - rede de restaurantes árabes	124
5.46 Effendi Esfiharia	125
5.47 Brasserie Vitória	125
5.48 Star City	125
5.49 Restaurante Grego AcróPolis	125
5.50 Jardim di Napoli	125
5.51 Massadoro na Rua Sete de Abril	126
5.52 Jogral	126
5.53 Festival de New Orleans no Bourbon Street	126
5.54 Rancho do Turquinho - Restaurante em Salto de Pirapora	127
5.55 Comidas e acepipes	127
6 Teatro & Cinema - Grandes Emoções	131
6.1 Teatro	131
6.2 O Mundo do Cinema	131
7 Ibirapuera e outros espaços públicos paulistanos	141

7.1	Parque e Auditório Ibirapuera	141
7.2	Museu da Casa Brasileira, da Faria Lima	143
7.3	Sesc Paulista, Casarão das Rosas e Itaú Cultural	143
8	Literatura e Outros Escritos	145
8.1	A fogueira das vaidades	145
8.2	Frases epistolares	146
8.3	Textos garimpados aleatoriamente	148

Carlinhos da Malvina: Algumas Histórias

25 de novembro de 2020, 15:31:21

JAZZ, BLUES, MPB, VIAGENS, COMIDINHAS, FILMES E OUTRAS DIVAGAÇÕES BY CARLINHOS DA MALVINA, UM BOM VIVANT NA SUA PRÓPRIA DEFINIÇÃO



Autor: Carlos Antunes de Souza

Introdução

Muito bem: não tenho a menor pretensão de arrastar seguidores então vou escrevendo e mudando de assunto sem preocupação com a ordem cronológica ou um roteiro estudado ou pré estabelecido. A ideia é fazer apenas um registro de todas as experiências boas que vivi, assisti ou presenciei. Como já vivi bastante e pretendo viver muito mais, vou ter muita história para contar. Em matéria de viver eu quero dar VDO como se dizia no tempo do fusca que só marcava 120 km/h e depois embaixo estava escrito VDO que seria 140 ou 150 km/h.

Veja que este não é um livro de História no sentido científico da palavra e, portanto, está sujeito as traições da minha memória. Sinta-se a vontade para nos comunicar algum deslize ou falha nas nossas recordações. Então, como dizia o bordão do contador de histórias do Castelo Rá-tim-bum, na TV Cultura, senta que lá vem história!

Capítulo 1

Os Ourives

Em primeiro lugar vamos mostrar a casa da Dona Malvina, ou Marvina (em *saltopirapóres*) para os mais chagados, onde muitos dos personagens desta história viveram e outros frequentaram.



A casa da dona Marvina, que hoje é uma acolhedora pousada

Como já disse, não sigo um roteiro, nem ordem de qualquer espécie e conforme os assuntos vão jorrando aos borbotões, vou despejando no papel sem a mínima preocupação organizacional. Vou continuar assim, misturando viagens, assuntos profissionais, música e vida pessoal num verdadeiro “samba do crioulo doido”. Como escrevo sem uma finalidade precípua, pensando apenas em registrar fatos, mesmo que para poucos leitores se é que os terei, o mote é jogar para o papel todas essas experiências fantásticas de vida que tive, tenho e pretendo continuar tendo por muito tempo, se Deus o quiser. Gosto de dizer que vivo intensamente cada momento e mesmo nos momentos de explosão de raiva ou decepção, costumo tirar uma lição de vida e continuar achando que a vida vale a pena. E muito. Conheci lugares e pessoas fantásticas e com cada uma delas aprendi um pouco: desde o lavrador analfabeto como o

Anselmo que me ensinou as fases da lua para plantar e para colher, ou o Elpídio Lemes que me ensinou quando uma vaca estava “mojando” até grandes homens de sucesso como Odilon, Aurimar, seu sócio, Moretti, engenheiro agrônomo que completou com conhecimentos técnicos o que o Anselmo havia me ensinado da sua prática de homem simples do campo. O Seu Elpídio Lemes quando lhe perguntei como saber se uma vaca estava nos dias para *criar*, ele do alto do seu chapéu de abas largas e do lenço no pescoço e paletó de brim tentava me explicar: “Óia Carlinho, quando a vaca tá mojando, tá pá criá, o vaso dela começa a inchê...” Eu perguntei, o vaso sanguíneo Seu Elpídio? e ele: “Não Carlinho, você óia por tráis da vaca, no vaso da vaca, ele vai tá inchado”. Ele como homem de muito respeito não queria pronunciar a palavra *buceta*. Contei a história para o “Tonhão Soares”, homem bruto da lida que tinha uma habilidade extrema com o relho. Quando uma rês tentava se desgarrar do rebanho, ele do alto do seu baio virava os tentos de couro trançado de quase dois metros e fazia estalar na orelha do bicho, que murchava e voltava pro meio do gado. Tinha grande habilidade também para soltar cabeludos palavrões. Quando contei a história ele repetia em altos brados: “Que vaso, que vaso. É *buceta* mêmô, buceeeetaaaaa.” Aliás Chico Anísio dizia com muita propriedade que o verbo “embucetar” era o melhor verbo que conhecia para descrever qualquer situação: “nossa, embucetô tudo, que embocetada do caralho e por aí vai!” O Tonhão Soares me contou a história de uma briga do Zilo c’ô Nésio Diabo. Este já tinha a alcunha porque era o diabo em pessoa. O Zilo que sabia da fama do outro se defendeu com uma foice. Contava o Tonhão: “Ói, o Zilo deu uma foiçada na cabeça do Nésio Diabo, que roçô um parmo em quadra”. Ou seja roçou um quadrado de um palmo por um palmo na cabeça do outro. A expressão “em quadra” é muito usada na medição da “tarefa” para arranca de feijão por exemplo. Uma tarefa de chão dava se não me engano, 22 braças em quadra e a braça era medida do chão até a ponta do dedo do braço esticado: mais ou menos 2,20 metros. Um alqueire tem 32 tarefas.

Voltando à minha vivência: Conheci muitas mulheres, frequentei muitos bailes e festas memoráveis. Hoje, maio de 2.020, mesmo neste recesso de tempos de pandemia levo a minha vida como no filme “A Vida é Bela”, de Roberto Begnini. Como se estivesse num jogo de faz de conta, uma gincana, e a certeza de que tudo vai passar, que o sol vai continuar a brilhar, a chuva a criar, as flores a desabrochar e a vida a valer a pena. Por tudo que já vivi me considero um homem bafejado pela sorte. Sinto a proteção dos meus pais e irmãos que cuidei com carinho extremo e hoje colho os frutos e me sinto inteiramente recompensado. Tenho uma vida familiar muito prazerosa e minhas companheiras matrimoniais, tanto do primeiro casamento como do atual, são pessoas muito dignas, honestas e competentes e que só me ajudaram e ajudam a fruir e usufruir de uma vida de muitos pequenos e grandes prazeres. Minha esposa atual, Patrícia, tem um grande coração e juntos, procuramos ajudar os próximos da melhor maneira que podemos. Há, especialmente nesse ponto, uma simbiose total e um propósito de vida em que dividimos o prazer de poder ajudar à quem quer que seja. Desde um desconhecido que de muletas precisa de uma carona para chegar na Santa Casa, ou uma pobre mulher que empurra uma cadeira de rodas ladeira acima para levar a filha jovem ainda, paralisada por um AVC para um atendimento médico. Uma carona para uma desconhecida na beira da estrada que espera por um ônibus inter municipal que não virá devido à uma greve, por ela desconhecida. Tudo isso nos dá imenso prazer e é maravilhoso dividir com alguém essa alegria de ajudar o próximo, por mais insignificante que seja essa ajuda. Me faz lembrar ainda outra história. Estava numa academia de tênis que fica entre Salto de Pirapora e Sorocaba, onde depois do jogo fizemos um churrasco e ao tomar a estrada de volta para Salto de Pirapora me deparei com um carro parado no acostamento. Olhei aquele carro no meio do nada, faróis apagados e me aproximei com cuidado, sem descer do carro, temeroso de algum golpe mas vi que dentro do carro tinha uma mulher com uma criança no colo, sentada no banco do carona. Baixei o vidro e com certa cautela perguntei o que estava acontecendo. Ela voltava de Pilar do Sul, o carro pifou e o celular estava descarregado. Fazia meia hora que estava ali parada, sem saber o que fazer. Ofereci para levá-la para casa mas ela apenas pediu para usar o meu celular e chamar o marido, que prontamente atendeu e falou que estava saindo de casa para vir buscá-las. Ela agradeceu e eu peguei a estrada para voltar para casa mas, ainda no caminho me arrependi de não ter esperado com ela a chegada do marido ou então levá-la para a academia do André, pois a menina sentia frio e a pobre mulher não tinha um agasalho conveniente: a cobria apenas com sua blusa. Poderia ter feito melhor mas na hora não me dei conta. Paciência. Numa outra ocasião notei que uma senhora esperava por horas, perto do portão de uma das minhas pousadas e não arredava pé dali. Estava esperando por uma carona que não apareceu e ela morava no bairro da Fazendinha, uns oito quilômetros de estrada de terra. Avaliei a situação: celular apagado, sem ônibus, sem parentes para “pidí pôso” e ainda começando a chover. Encarei a estrada barrenta, 16 km ida e volta. Quando estava indo para Sorocaba, onde já morava com a Patrícia, ela ligou preocupada com a minha demora. Contei a história e ela de imediato compreendeu a situação, não levantou nenhuma dúvida e ainda me parabenizou pela atitude. Mesma situação aconteceu com a Eulália, a primeira mulher. Nós morávamos em São Paulo e eu vinha para Salto de Pirapora cuidar dos negócios. Numa dessas vezes, voltando para Sampa no ônibus da Cometa, sentou-se ao meu lado uma mulher vestida com muita simplicidade, cabelos compridos “de crente” e começou a chorar. Não intervi, deixei que extravasasse sua tristeza e depois que se recompondo me perguntou se eu não sabia de alguém, em São Paulo, que

precisava de empregada. Contou que tinha brigado com o marido e abandonado a casa. Descobri que era de Salto, o pai dela tinha trabalhado para o meu pai e me lembrei de ter ido à casa dele e visto o filhinho dela que tinha uns 5 anos e tinha os pezinhos tortos e corria mancando. A mulher, na sua inocência e desconhecimento da cidade grande, acreditava que chegando na rodoviária iria perguntando às pessoas e conseguiria um emprego de doméstica. Ainda me disse que se não conseguisse iria para o Minhocão e conseguiria uma carona de volta para Salto, pois dinheiro também não tinha mais. Avaliei os perigos que a inocente mulher iria correr, liguei para a Eulália falando que iria levar a mulher para casa e ela entendeu perfeitamente a situação e concordou. A moça dormiu uma noite no nosso apartamento e no dia seguinte consegui um emprego para ela numa residência em Moema. Depois soube que ela ficou uma semana e sem aguentar de saudades dos filhos voltou para o recesso do lar. Soube em Salto que ela sofria de depressão e tinha tomado a atitude precipitada depois de um desentendimento com o marido. Fico imaginando essa coitada passando horas na rodoviária, à mercê dos malandros que vicejam naquela freguesia. Euuento essas histórias mais para mostrar a bondade e o coração das companheiras. Não é para me vangloriar não, posso garantir.

1.1 A minha história, do Degas aqui: Carlinhos da Malvina

Vocês devem estranhar o uso quase abusivo da expressão: “O Degas” aqui. Mas ela foi usada até por Camões e é a maneira de alguém referir-se à própria pessoa por exemplo: O Degas aqui é quem manda. Foi gíria recorrente lá pela década de 60 e denota um certo ar de superioridade, de ser “o bom”, de ser “quem manda ou que tudo sabe” mas garanto que não é nesse sentido que a utilizo mas sim, pela lembrança das pessoas que a usavam, se vangloriando e fazendo elogios à própria pessoa. No popular: *uma metideza mesmo*. Vou contar as origens da minha família, da minha formação escolar, profissional, mas não da formação sexual, para não constranger os eventuais leitores. Kkkkk. Senta que lá vem história.

1.2 A saga dos Ourives

Antes de começar os relatos das histórias quero informar que vou usar com muita frequência o português coloquial, ou seja como as pessoas realmente falavam no cotidiano, com erros de ortografia, concordância ou sintaxe para retratar fielmente a maneira genuína de falar das pessoas:

Este esclarecimento em português coloquial ficaria mais ou menos “anssim”:

“inhante de pincipiá a contá os causo já vô isclareceno que vô usá o portugueis caipira mêmô, ou mió dizeno: como as pessoa prosiava, do jeito simpre, sem devorteio”.

Você conhece o “Carlinho do Pedro Orive”? Não? E o “Carlinho da Marvina”? Foi sempre assim que eu fui chamado ou identificado. Assim mesmo: Carlinho no singular e o Ourives trocado pelo “Orive” e Malvina por “Marvina”. Qual a razão desses apelidos sempre relacionando meu nome aos dos meus pais? Era na verdade para distinguir de outros tantos Carlinhos como o Carlinhos do Elias, Carlinhos do Altino, Carlinhos Martelo, Carlinhos “Surdeca” e outros tantos. E qual a origem do “Orive”? A família dos meus pais se estabeleceu no bairro antigaamente chamado de “Purungá” aqui em Salto de Pirapora, em razão da grande quantidade de árvores de purungos, também conhecidos como cabaças. Depois o local começou a ser citado como sítio dos Ourives em razão da enorme família que herdou a alcunha de Ourives. Tinha o meu pai, o Pedro Orive, e seus irmãos: o Severino Orive, o João Orive pai do Zequinha barbeiro que também era conhecido como Zequinha Orive, o Zé Orive além de duas irmãs: a Dasdoras, chamada de “Dasdor” pelo meu pai, mãe do Zé do Santo do armazém onde hoje é a loja SP embalagens e antigamente a sacaria do Aristide Mandú, e a outra irmã a Inhana do Gênio Bello. E de onde veio essa alcunha que tanto se disseminou a ponto de dar nome a um bairro exatamente onde está hoje o condomínio Terras de São Francisco e de também denominar o córrego dos Ourives que por ali passa? Contavam os meus pais que um ancestral de quatro gerações anteriores à minha, ou seja bisavô do meu pai tinha a profissão de ourives. Contavam ainda que uma sobrinha do papai, a Ditinha do Severino Orive, que era filha do João Orive ou seja casou-se com o seu legítimo tio tinha um pilãozinho de ferro com a mão de pilão também de ferro que servia para socar o ouro que passava pelas mãos do meu tataravô, não se sabe se por ele extraído ou comercializado.

A alcunha atravessou quatro gerações e se manteve até a minha que fui algumas vezes chamado de Carlinho Orive. Em uma das vezes tive inclusive meu nome anotado pelo filho do Gustão de Moraes, irmão do Izaias, do Strike e mais uma pena de irmãos da seguinte forma: “Carlinho Orrive”. Dei muita risada e perguntei se eu era tão horrível assim. O rapaz, que cuidava da criação de porcos do Zeca do Fuade, se atrapalhou todo mas na hora percebi a sua dificuldade para escrever.

Eu fui um dos poucos que foi chamado assim porquê vivi e convivi muito mais tempo com o pessoal de Salto de Pirapora. Já meus irmãos que foram morar em São Paulo para trabalhar e que ficavam muito pouco em Salto de

Pirapora não eram chamados dessa maneira. Aliás a família era composta por sete irmãos.

1.3 A prole dos Ourives

O primogênito era o Crizólito e minha mãe se inspirou numa pedra preciosa de um livro que lia na época e na felicidade com a chegada de um filho quis lhe dar o nome da tal pedra. A grafia era com “s” mas no cartório foi registrado com “z”. Coisas do tabelião local que deveria ser o Chico Pedroso ou seu filho Araldo marido da Dona Norma que herdou o cartório do marido posteriormente. O Crizólito saiu de Salto com 16 para 17 anos e foi trabalhar em Sorocaba, estudou contabilidade na Escola de Comércio de Sorocaba(depois OSE) e conseguiu ingressar no Banco do Brasil, em São Paulo e em São Roque, onde trabalhou até se aposentar. O outro irmão se chamava Delphino, grafado assim mesmo com “ph”. De novo o cartorário pseudo professor. Ele também entrou no Banco do Brasil só saindo de lá quando passou no concurso para fiscal de rendas do Estado. Depois a Maria que se formou na Escola Industrial de Sorocaba, hoje Rubens de Farias, que apesar do nome Industrial preparava moças *casadoiras* para o matrimônio. Ensinava-se até a bordar monogramas com um aro redondo, de taquara ou madeira, chamado bastidor, onde se esticava o fino pano de lenço de bolso por exemplo e se esculpiam lindas iniciais dos noivos, dos recém nascidos ou de quem se queria homenagear. A saga dos irmãos está relatada individualmente mais adiante. Depois o Luiz que ficou na lida com o pai: gado e carros de boi. Dizem que era um moço muito bonito e que se desiludiu com um namoro com a Carolina que acabou casando-se com o Neguitinho da Transportes Neguito, filho do Chiquinho Brechó (corruptela de Belchior). O Luiz, infelizmente, nunca mais teve a saúde perfeita não se sabe se por esse acontecido ou devido à uma queda do cavalo em que voltou para casa desacordado em cima do animal ou por outro fator hereditário mesmo. Depois o Salvador que também foi bancário primeiro naquele que se transformou no atual banco Itaú. Depois foi também para o Banco do Brasil, onde se aposentou. Depois o Horácio, grafado assim mesmo com H. Eita tabelião inventor. Depois conseguiu, com muita dificuldade burocrática, mudar para Orácio e também não sei porque mudar pois o seu xará da Grécia Antiga era grafado com “H” mesmo. Estudou na escola agrícola de Pinhal onde também estudou o Nei do Araldo, filho da Dona Norma, a do cartório de registro civil. Minha mãe dizia que mandou o Orácio para lá para ver se “endireitava”. Acabou se tornando bancário também. No Banespa do Aeroporto de Congonhas em São Paulo.

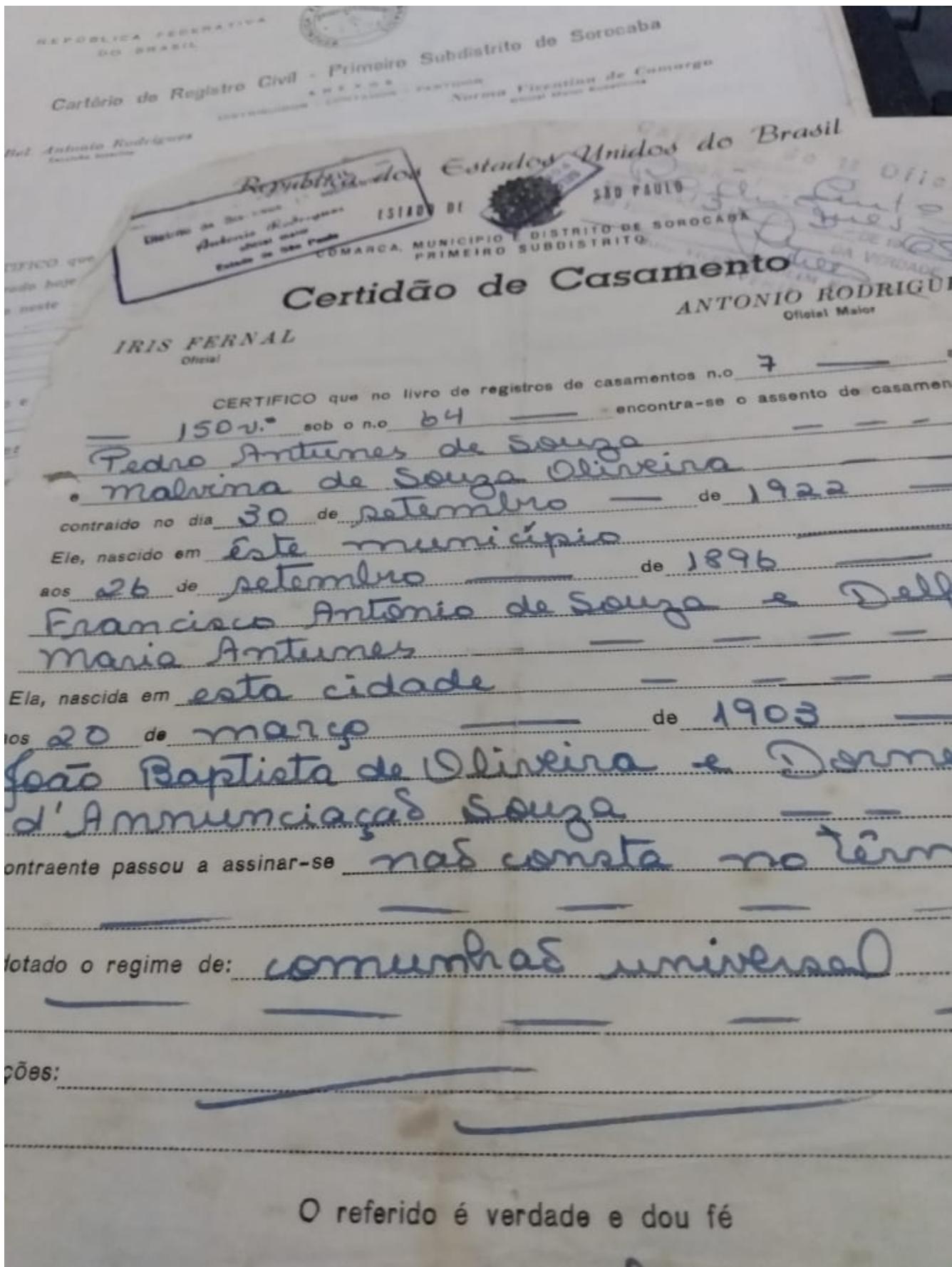
1.4 Seu Pedro Ourives

Batizado, ou melhor com o batistério lavrado Pedro Antunes de Souza ficou conhecido a vida toda pelo apelido de Pedro Orive e já contamos a origem da alcunha da família toda. O batistério para quem nunca ouviu falar era uma espécie de certidão de nascimento emitida pela paróquia onde a criança era batizada. Daí a origem do nome que também pode designar a pia batismal onde a criança foi ungida. Documento à época tão ou mais importante para as famílias cristãs como a certidão de nascimento. Por coincidência achei ontem o meu batistério lavrado na Igreja Matriz de Sorocaba. Quando montar o blog vou mostrar. O garoto de nome Pedro era muito *arteiro* e minha mãe Dona Malvina nos dizia para não colocar o nome de Pedro nos filhos porquê vinha de Pedro Malasartes e que então o rebento seria de fazer muitas artes. Meu pai nasceu e se criou no sítio e foi realmente de aprontar “poucas e boas”. Me contou que foi no chiqueiro de porcos da família e, invocado com os rabos dos porcos que insistiam em fazer uma espiral para cima, muniu-se de uma faca e cortou os rabinhos dos bichinhos. Imagine a surra que deve ter tomado. Era muito comilão, muito guloso e as coisas eram realmente muito difíceis na época. Ele acompanhava o amadurecimento de um cacho de bananas e quando percebia que “estava de vez”, ou seja para iniciar o processo de amadurecimento ele apanhava o cacho, amarrava na ponta de uma corda, subia numa árvore, passava a corda pelo galho mais alto e amarrava a outra ponta aqui embaixo, escondida no meio dos ramos. Quando as bananas estavam maduras, ele soltava a corda, comia o quanto aguentava e depois içava o resto lá no alto, longe das vistas dos demais. Depois de casado quando ia a Sorocaba onde o meu tio Raul, irmão da mamãe tinha um bar na Rua Visconde de Porto Seguro, perto do paredão do INSS gostava de promover uma brincadeira que adorava. O bar, na região do clube 28 de setembro ponto de encontro social das famílias negras, tinha muitos frequentadores da raça. Minha mãe me contou que ele comprava um barrilzinho de pinga, chamado de corote na época mas nada a ver com os corotes de agora e chamava os negros para tomar a cachaça e fazer a brincadeira do “corvo” campeiro. Um negro se deitava no meio da rua como se fosse a “carniça”. Outro negro saia do bar e ia verificar se estava no ponto. Batia asas à moda de um corvo ao fazer a peregrinação. Tudo isso regado a goles de cachaça, num ritual repetido e constante e aguardente “indo para o bucho”. Quando o corvo campeiro dava o sinal verde todos os negros, na espera e consumindo o barril de pinga, se dirigiam para a comilança, batendo as asas e meu pai se divertindo e rindo gostosamente do ritual dos negros, imitando os urubus.

1.5 A história do início da família do Pedro Orive

Meu pai sempre foi da lida do campo. Amansando bois de carro, transportou pedra e lenha para as pedreiras em carros de boi ou em carretas puxadas por bois. Contava que levou cal para Santos num carro de boi, durando a viagem “prá mais de meis”. Além do transporte ganhava dinheiro colocando bois “chucros” no carro de bois, amansando-os para a lida e depois vendendo os mais velhos, já *mansos de carro* por preços diferenciados. Adquiriu uma bela propriedade no centro de Salto onde depois foram montados os fornos de cal do Aníba (Aníbal) de Góes. Como já contei tinha ali um pomar com uma grande variedade e quantidade de frutas. Depois vendeu essa propriedade e comprou outra melhor e mais no centro onde implantei os loteamentos “Recanto Cidade Nova” e depois o “Jardim Ilha das Flores”. O Pedro Orive nessas andanças de carro de boi levando pedra ou cal para Sorocaba fazia pernoite no bairro do Itanguá, hoje Avenida Luiz Mendes de Almeida, região do Ceasa Sorocaba, onde meu avô João Batista tinha uma pequena propriedade de uns 5 mil metros, com um pastinho e uma aguada boa. Ali acolhia os carreiros, que chegavam, soltavam os bois para pastar, beber água e pernoitar. Os carreiros estendiam suas esteiras feitas de taboa (aqueles pés verdes que davam paina, nos banhados), embaixo dos carros de boi para não “pegar sereno e não ficarem constipados”. Cobriam-se com suas capas poncho e ali dormiam. Antes disso minha avó Dornélia lhes servia uma jantinha que poderia ser uma canja de galinha ou uma sopa rala de macarrão com feijão e um “cheiro” de carne ou um arroz com feijão e ovo frito mesmo. No dia seguinte “encangavam” os bois e seguiam viagem levando cal, lenha ou pedra. Os carros de boi tinham rodas de madeira e emitiam um guincho estridente, bem característico. Acontece que esse barulho, uma espécie de nhéééééém prolongado, quase um lamento da madeira!!!!!! um “canto lamurioso” foi proibido por lei municipal, dentro da cidade de Sorocaba. Então eles carregavam sabão (com certeza de cinza ou de sebo, feitos caseiramente) e passavam nos eixos dos carros de boi para que estes não “cantassem” ao atravessar a cidade. Isto para não serem multados. O maior orgulho de um “carreiro” era o canto do seu carro de boi. Quanto melhor a madeira mais alto e estridente era o seu canto. Ainda guardo esse som na minha memória apesar de ter presenciado poucas e inesquecíveis vezes.

Nessas paragens no bairro do Itanguá, no sitiozinho do Vô João Batista e da Vó Dornélia, o Pedro Orive acabou se encantando com a moça Marvina(Malvina). Casaram-se e vieram para Salto morar no bairro do Purungá depois bairro dos Ourives. Minha mãe, moça nova, respeitava e ao mesmo tempo temia o marido. Como naquele tempo as vendas eram longe e fora de mão tinha que se virar com a mistura do dia a dia. Meu pai tinha uma bela criação de galinhas e adorava comer carne de frango. Logo no início do casamento minha mãe falou: Pedro, o que faço de mistura? Ele mais que depressa respondeu: Mate um frango e ela o fez. No dia seguinte a mesma história e ele: Mate um frango e assim foi até que ela falou: Pedro, acabou frango. Ele então: Mate uma galinha e mais outra e outra. Pedro, acabou galinha. Ele falou: Mate o galo. Depois minha mãe já grávida não suportava mais o cheiro de frango, de galinha, de galo. Depois do parto era costume servir às mães “de quarentena” uma canja de galinha, para restabelecer as forças. Minha avó preparou uma “bem gorda” e levou na cama para minha mãe: Marvina, tome essa canja “prá ficar forte e dar bastante leite”. Minha mãe deu um berro: Suma com essa canja da minha frente que eu não posso nem sentir o cheiro de galinha. Me dá até ânsia de “gômito” (vômito). Mais para a frente já com bebê de colo meu pai queria ir no baile. Ela estrilou: Pedro você não vai no baile sozinho. Ele replicou: Vou no baile sim. Como naquele tempo os homens não saíam de casa sem chapéu minha mãe pegou o chapéu dele, trancou no guarda roupa e escondeu a chave no seio. E ele: Marvina, me dá a chave e ela se negando a entregar. Ele foi no paiol nos fundos e voltou com um machado: Se você não der a chave eu arrebento a porta do guarda roupa “no machado”. Minha mãe teve que liberar a chave e o chapéu mas pegou o bebê de colo e foi junto no baile. Ficou a noite toda carregando a criança no colo e ele dançando bem feliz e garbosamente. Ela dizia que por isso eu sempre gostei de bailes e de dançar. Meu pai contava que aprendeu a dançar com um homem. O “*Pascohar*” marido da Mariquinha (mãe da Célia do Zé Martelo) foi quem ensinou meu pai a dançar. Naquele tempo ninguém se arriscava num salão de baile sem saber dançar bem. Valia até aprender com outro homem. Bons e inocentes tempos. Meu pai dizia que para dançar bem “tinha que pisar na música”. Levei tempo para entender mas ele queria dizer: acompanhar em cima do compasso da música.



Certidão de casamento de Malvina e Pedro - onde tudo começou

Meu pai comprou um sítio “pás banda” da Fazendinha depois do sítio do Pedro Belo e depois do João da Nhá Cota. Ali criava garrotes e engordava para vender ou então para amansar como bois de carro. Teve um discussão muito engraçada com o vizinho João da Nhá Cota (pai do Balaio) por causa de uma divisa. Os dois discutiam na grota ao lado do riozinho e o João da Nhá Cota, que era conhecido como “pamorde” porquê tudo que falava começava com o *pamorde* (com certeza resquício do português castiço “por modos quê”). E o Nhô João dizia: Pedro eu “uósque” (eu acho que) a divisa é aqui. Meu pai replicou bravo: Nhô João, uósque num si escreve, querendo dizer que o uósque não era uma certeza portanto não deveria ser dito. Fiquei sabendo também depois que meu pai tinha falecido que ele era mestre na arte de localizar um boi “alongado”. Quando um boi “enraivava” ele se afastava da manada e se embrenhava no meio do mato e podia morrer de fome ou de sede pois se recusava a se alimentar e tomar água. Dizem que meu pai era “um cachorro” para seguir “o rastro” do boi alongado. Entrava no mato examinando ramos quebrados, pisadas do boi até localizar o bicho que era trazido para a mangueira e tratado ali sozinho até voltar a fazer parte da manada. Portanto já existia boi com síndrome de pânico e *border line*. Kkkkk. Nhô João me deixou uma lição. No começo da minha lida eu queria levar o gado “na marra” para a mangueira “pá lambê sar” no cocho. Metíamos os cavalos em cima dos bichos, cercando e tocando para a mangueira mas eles debandavam e não entravam na mangueira. Nhô João me disse com toda a calma do mundo: “Carlinho, você num tem exprênciâ de lidá cum gado. Eu vô imprestá duas vaca véia que vão madrinhâ o seu gado i insiná os tar pá entrá na manguêra sem atropelo de cavalo i aquela baita buiarada de pião”. Dito e feito: aprendi a lição do Nhô João.

1.5.1 O Carlinho da Marvina

Eu, o caçula, a raspa do tacho, o Carlinho da Marvina. Nasci na chácara onde depois se instalou o Cal São Pedro, do *Aniba de Góis* que construiu ali alguns fornos de cal de tijolos antigos, grandes e pesados, um verdadeiro patrimônio da cidade que foi dilapidado mediante a cegueira do poder público que não soube conservar tão lindos monumentos que marcaram a saga mineradora da cidade. Vagabundos que por ali moravam venderam os seus tijolos por uns poucos *milréis*: a cultura e a tradição de uma cidade formada por pedreiras e fornos de cal dilapidada por uma ninharia. Mas isso é uma outra história e não adianta chorar o leite derramado. Pois eu nasci nesse local numa chácara com tamanha abundância de frutas que minha mãe, a “Marvina do Pedro Orive” chegou a fazer vinho (um licor talvez) de mexericas de tanto que as colhia. Mas o Pedro Orive já tinha comprado uma nova propriedade onde estão hoje os loteamentos RECANTO CIDADE NOVA e JARDIM ILHA DAS FLORES, que vim a implantar nas décadas de 70 e 90. Mudamos posteriormente para a nova casa, na Rua Belarmino, que ainda hoje mantém as antigas linhas estruturais e onde descobri debaixo de várias camadas de tinta um resquício da pintura original da casa que destaquei em um pequeno quadrado que pretendo manter por quanto tempo puder. Lá está e se suscitar a curiosidade de alguém terei o maior prazer de mostrar. Quando a família se mudou para esse novo lar, na antiga rua da *Páia* em frente ao hoje bar do Pupo e perto do sacolão São Sebastião, eu estava engatinhando e minha mãe me contava que virei uma lata de verniz inteirinha que estava sendo usada para impermeabilizar o assoalho. Se eu pudesse teria conservado esse assoalho até hoje: tábuas largas e compridas de madeira de lei. Assim praticamente nasci e cresci na “Belarmino”. Era praticamente um sítio dentro da cidade, com cerca de 10 alqueires, com um pomar fantástico formado pelo meu pai. Tinha uns 30 abacateiros, laranjeiras, pereiras, mangueiras, parreiras, pés de abacaxi e jabuticaba enfim um verdadeiro paraíso frutífero e muitos moleques “cataram” frutas do pomar do Pedro Orive, do que faço piada sempre que encontro um antigo morador da Belarmino. Peço para ler a mão e disparo: você roubou manga no “quintar” da Dona Marvina. A maioria acaba concordando que sim. Ali meu pai tinha vacas de leite, cavalos e éguas para puxar a velha carroça, que lamento não ter conservado e mantido até hoje junto com os *arriames*: tapa, celote, tiradeiras, correntes, rabichos, cangas e canzis dos carros de boi etc. etc. Tudo isso foi roubado por um parente sem vergonha para vender também por alguns “mireis”.

Fui bom aluno no primário no Grupo Escolar Afonso Vergueiro, mais ou menos onde era a primeira Prefeitura de Salto, ao lado da farmácia N. Sra. Aparecida. Sempre fui o primeiro da classe. No meu tempo estudava o Seme do Zé Turco, o Jaiminho da farmácia, filho do Seu Jaime e da dona Bibi que fazia maravilhosos lanches na sua casa para que ensinássemos o Jaiminho a melhorar suas notas. Tinha ainda o Querubim do Zé Fredão que morava na casa onde está hoje o Serginho Martelo. Eu e o Querubim disputávamos o primeiro lugar da classe e numa das séries ele conseguiu empatar comigo. Média 9 para os dois. Fiz o ginásio na Ose e depois no Estadão em Sorocaba. Este colégio, estadual, era a melhor referência em escola em Sorocaba, quando o ensino público ainda tinha muita qualidade. O segundo melhor de Sorocaba era o Municipal, contíguo ao Estadão. Ou seja, ambos de ensino gratuito superavam os colégios particulares. Estudar em Sorocaba era uma luta. A estrada de terra intransitável nos dias de chuva. Cheguei a sair de casa de uniforme branco e voltar coberto de barro, à pé porquê a *jardinêra* tinha atolado no barro no subidão do Morro Branco.

Depois fui estudar em São Paulo no colégio estadual Fernão Dias Pais em Pinheiros, também um nicho de excelência em ensino. Mas, caí na gandaia e fui “jubilado”. Quando se repetia dois anos seguidos o aluno era obrigado a deixar o colégio e foi o que aconteceu comigo na terceira série. Matei muita aula e pulei muito muro no embalo dos amigos e por gostar da farra também. Moral da história: voltei para Salto de Pirapora onde só havia primário. Voltei depois para o velho Estadão em Sorocaba onde concluí o Curso Científico.

Trabalhei em São Roque no grupo Carambeí e comecei a fazer a Faculdade de Matemática. Ia relativamente bem quando a empresa me mandou para São Paulo para chefiar o Setor de Compras. Mudei para São Paulo e continuei o curso na Faculdade Tibiriçá no bairro dos Jardins: Alameda Lorena com Nove de Julho.

Novamente a empresa me transferiu de volta para São Roque e voltei para a Uniso em Sorocaba. Aí sim: bagunçou toda a carga horária e eu já estava desistindo da faculdade quando o dono da Carambeí Carlos Pereira Paschoal me convidou para ir para o Paraná trabalhar na parte comercial de suas fazendas em Céu Azul, região de Cascavel. Conseguí lá, longe da família e da quase noiva formar um pequeno capital. Voltei de lá e me tornei boiadeiro e plantador de feijão. Fui o primeiro boiadeiro motorizado que tocava o gado no pasto *muntado* numa moto Honda CG 125. Levava os peões para lida com seus cavalos e voltava para Salto, de moto, buscar carne, pão e cerveja para fazermos memoráveis churrascos na beira do rio. O Paulinho Mixirica entrava no mato, tirava dois ganchos, espetava a carne num galho fino e assava no fogo de troncos secos juntados por ali. Bons tempos, boas farras. Fui alvo de um sem número de brincadeiras. O Joel Haddad, o prefeito, encontrando comigo numa estrada perto do seu sítio no bairro Boa Vista, me vendo na *motinha* com um laço pendurado na garupa perguntou rindo se eu estava laçando boi e arrastando na *chincha* na moto. Rimos muito. Numa outra ocasião precisava ver o gado num sítio distante uma légua (6 km.) de Salto e pedi para o Curiango, da turma das “lambreta” arriar a égua Chita e ir na frente. Dei um tempo e fui de moto. Chegando lá montei na Chita e o Curiango me falou que ela estava meio preguiçosa. Para usar espora senão ela refugava. Coloquei as esporas, subi no animal, vistoriei o gado e *muntei na motinho* para voltar para Salto. Lá chegando fui abastecer no posto do Walter Benedetti. A molecada do posto inclusive o Beto Benedetti que deveria ter uns doze anos mais ou menos, me cercava para fazer brincadeiras. Então um deles perguntou: “Carlinho, se num cutucá a motinho na espora ela não anda?” Só aí me dei conta de que tinha descido da égua e montado na moto com esporas. No plantio de feijão se dizia: “menininho” de escritório se metendo a plantar feijão? vai quebrá a cara. Felizmente me dei muito bem nas duas atividades e pude rir gostosamente dos que duvidavam das minhas empreitadas malucas. Voltei a trabalhar em São Paulo, no mercado de incorporações imobiliárias, tive estacionamentos no Morumbi e em frente ao Objetivo da Luis Góes no bairro Vila Mariana. Acabei voltando a Salto para fazer o loteamento Jardim Ilha das Flores, na área remanescente do primeiro loteamento Recanto Cidade Nova. Na minha “lida de boiadeiro” colecionei histórias e tipos folclóricos:

1.5.2 Crizólito Antunes de Souza

O Crizólito foi praticamente o primogênito do casal Pedro e Malvina. Isso porque os dois mais velhos faleceram cedo e nós os irmãos mais novos nem os conhecemos. Na verdade os irmãos que convivemos bastante além do Crizólito foram o Delphino, a Maria, o Luiz, o Salvador, o Orácio e eu ou seja 7 irmãos de um total de dez. O Adauto chegou a conhecer mas estava internado e tinha problemas: era praticamente uma criança mesmo já bem adulto.

O Crizólito nascido em Salto de Pirapora em 1.924 fez os estudos básicos por aqui mesmo e quando garoto, uns dez anos, a Mamãe já o mandava levar frutas e quitandas que ela mandava para a nossa avó Dornélia em Sorocaba, no bairro do Itanguá. A mamãe contava que ele tinha que carregar uma enorme cesta de taquara e ir de carona na carroceria de um caminhão levar coisas para a avó pois eles eram muito pobres e tudo que chegasse era bem vindo. Minha mãe fazia biscoitos de polvilho, bolo de amendoim, rosquinhas doces, brevidades e enfim um monte de coisas gostosas assadas no forno de lenha e ela chamava essas guloseimas de quitandas. Com certeza mandava um frango ou um pedaço de porco abatido pelo meu pai. Conto isto para mostrar que a coragem da Mamãe em mandar um garoto em cima de um caminhão para Sorocaba já denotava a sua vontade de soltar os filhos no mundo. E este fato para o Crizólito já começou a abrir um novo mundo, além dos parcos horizontes do sítio e da cidade pequena. Já rapaz o papai botou ele na lida do gado e dos carros de boi. Ia para os lenheiros carregar lenha que seria enviada para os fornos de cal. Ou seja, o seu horizonte era virar carreiro de boi e ele começou a se revoltar com isso. Jogava e adorava futebol e segundo ele mesmo, jogava muito bem chegando até a ser levado com a equipe de Salto em Pilar do Sul e outras cidades da região. Contou que fazia lindos gols de cabeça apesar da baixa estatura e foi apelidado de mamão ou melão (já não me lembro) por ter a cabeça grande. Mas, na dura lida diária não conseguia treinar e fazer o que tanto gostava. O Pedro Orive era bom de prosa e o meu irmão fazia de tudo para terminar o serviço mais cedo, mas dependia do pai para encerrar a jornada e aí ele engatava um longo causo com alguém e o Crizólito desesperado para não perder o treino. Não raro quando desatrelava os bois das cangas já estava escuro e o treino perdido. Sem treino, não tinha lugar no time. Numa dessas ocasiões, chegou em casa revoltado, murmurando sozinho: isso não é vida e arrancou a botina do pé e arremessou sem olhar para onde. Minha mãe quase foi atingida e quis saber o

motivo da “brabeza”. Ele desabafou que não aguentava mais aquela vida e a Mamãe, muito corajosa e determinada encarou o Papai: A partir de amanhã o *minino* não vai mais pro serviço com você. Vai estudar porquê não nasceu prá ser carreiro de boi nem um “caipirudo e chapéuludo” igual a esse povo daqui. No dia seguinte ela falou com a mãe e arrumou lugar para o meu irmão ficar em Sorocaba e dar a importante guinada na sua vidinha desenxabida. De início foi trabalhar na Prefeitura de Sorocaba como braçal mesmo. Carregando um caminhão de terra, por ser novo e ter estatura baixa, os outros operários ao jogar a terra na pá jogavam também na cabeça dele. Conseguiu então ingressar na Estamparia pois Sorocaba tinha uma vocação têxtil. Era chamada de Manchester paulista, numa alusão à cidade inglesa de mesmo nome, importante polo têxtil. Na firma, foi trabalhar no almoxarifado onde eram descarregados fardos de tecidos e cujas metragens tinham que ser anotadas por um apontador. E ele carregando fardos na cabeça e somando mentalmente as metragens. Quando o total ia ser passado para o romaneio ele gritava: Dá tantos metros. Antes mesmo da conclusão da soma. Não raro os números não batiam e o apontador revia suas contas e admitia, sem graça, que tinha errado na soma. O fato de que o rapaz era muito inteligente chegou aos ouvidos de alguém da administração e ele foi promovido para o Escritório: já não era mais um braçal. Foi procurar uma escola para estudar à noite e acabou fazendo Contabilidade na Escola de Comércio, que se tornaria depois a OSE, Organização Sorocabana de Ensino, onde também estudei, de propriedade de Arthur Fonseca Filho, hoje nome de avenida na cidade. A partir daí começou a procurar concursos e acabou passando no do Banco do Brasil, em primeiro lugar da cidade de Sorocaba, e aí sim deu o grande salto para mudar radicalmente da vidinha monótona do interior para a efervescência da Capital São Paulo. Foi trabalhar no BB agência centro, na Avenida São João, 33 (minha memória é f. fértil) quase no Vale do Anhangabaú. Nas ocasiões que estive com ele no Banco ele trabalhava na CACEX Carteira de Comércio Exterior. Todos os departamentos do banco tinham siglas de cinco letras: Cacex, Funci, Cassi, e assim por diante. Foi morar em pensões na Liberdade rua Conselheiro Furtado e Rua Sinimbu até conseguir comprar uma casa no distante bairro do Caxingui, inóspito e quase desabitado, uma lonjura. Essa casa fazia parte de um dos primeiros conjuntos habitacionais financiados por órgãos federais. Era o Instituto de Previdência do Estado de São Paulo e o bairro ganhou o nome de Previdência: tinha o Previdência de baixo e sua casa era na Rua Waldomiro Fleury talvez número 296 (será?????). Esta rua era a primeira paralela à Avenida Francisco Morato, que acabou se tornando o início da BR 116, estrada que liga São Paulo a Curitiba. O Previdência de cima fica depois do córrego Pirajussara e termina nas fraldas da Via Raposo Tavares, caminho para o Paraná passando por São Roque, Mairinque e Sorocaba e indo terminar na divisa do estado, na região de Ourinhos. As casas do bairro eram padronizadas mas ele, que não gostava muito de ser lugar comum, foi fazendo alterações: colocou grades e muros com pedras, fez uma boa garagem coberta e dois quartos nos fundos com um banheiro de serviço. Transformou literalmente a “casinha de pombo” numa excelente moradia, com todo luxo e conforto que a época e a sua situação financeira permitiam. Visionário, adquiriu um terreno no Jardim Guedala, praticamente o embrião do bairro do Morumbi, que se tornaria coqueluche a partir dos anos 60 pois abriga o Palácio do Governo, o Hospital Albert Einstein além de suntuosos prédios residenciais e comerciais. O Guedala se tornou um dos bairros mais chiques e exclusivos do complexo Morumbi, que por se tornar grife, acabou estendendo seu território até as fraldas de Taboão da Serra e Estrada de Itapecirica. No jargão comercial qualquer lançamento imobiliário em qualquer “vivoca” distante era anunciado como Morumbi. A aquisição se mostrou um grande negócio e a sua venda com certeza serviu para alavancar investimentos importantes de seus filhos. O Crizólito se casou com a Mariana Pagano, chamada na intimidade de Nina, de uma família da Vila Madalena, um bairro hoje considerado *cult* de São Paulo. Fixaram residência na casa do Previdência e ali vieram os filhos: Carlos Eduardo, Maria Cecília e Célio. Tempos depois ele se transferiu para São Roque, talvez visando uma cidade mais pacata para criar os filhos e fugir da loucura em que já estava se transformando a Paulicéia Desvairada. Morou inicialmente em um apartamento e logo construiu uma bela casa com dois pisos na rua Américo Margonari (número 95?????) bem no centro e perto do banco. O Carlos Eduardo foi estudar no Bernardino de Campos, que ele chamava de “berne ardido do campo”, um colégio estadual e ele sempre foi o primeiro da classe, ganhando todos os anos um cheque da Prefeitura como prêmio pelo seu bom desempenho. A Cecília e o Célio estudaram no Manley Lane. O Cá foi fazer cursinho em São Paulo. Talvez no Anglo, no bairro do Paraíso e entrou para a sonhada USP onde cursou e se graduou em Engenharia, não sei a especialidade. Tentou um emprego em Santa Catarina mas a distância frustrou os planos. Fez concurso para o Banco do Brasil, imitando os passos do pai, passou e assumiu mas não gostava da rotina burocrática do banco e acabou saindo. Prestou outro concurso para a Caixa Econômica, onde acabou se aposentando.

A Cecília, chamada de Cecilinha na família, deve ter se formado igualmente pela USP e o Célio na Mackenzie. Me confirmem por favor. O Célio trabalhou numa empresa chamada Microtec no bairro do Caxingui, então uma pioneira no ramo da informática e acabou vislumbrando um nicho de mercado totalmente novo e ainda embrionário. Abriu uma pequena empresa com o nome de Impacta que foi crescendo e se transformando em referência no mercado de TI (Tecnologia da Informática) focando o segmento de softwares, desenvolvendo treinamentos e hoje com uma Universidade de Informática atingiu a impressionante marca de 1,5 milhão de pessoas que se qualificaram por

intermédio dos cursos ali ministrados. A Cecília depois de algumas experiências em empresas como o grupo Zogbi, passou a integrar o quadro societário da Impacta, com sede na Avenida Paulista, onde ocupa cinco andares inteiros. A Universidade fica no bairro da Barra Funda mas ele precisa me fornecer mais detalhes: número de alunos, tipos de cursos etc.

O resumo, ou seja a visão geral da vida do meu irmão mais velho se resume à uma história de muito sucesso profissional, financeiro e também comercial. Ainda nos tempos de solteiro montou um Cursinho Preparatório destinado a preparar alunos para ingressar no Banco do Brasil ou outras instituições que só admitiam concursados. Ministrava ali aulas de Matemática com grande competência pois a aptidão com números mostrada lá atrás na Estamparia, se ampliou mais ainda na resolução de intrincados problemas matemáticos que poderiam “cair” nas provas do temido Concurso do Banco do Brasil. Os outros professores que conheci, pois também trabalhei um pouco na recepção do que ele chamava de Cursinho foram o Delphino meu irmão e o José Brandi Ribeiro, o Brandi, figura folclórica de quem falaremos depois mas ambos muito inteligentes também. Eu não sei em que época o meu irmão se desfez do Cursinho mas deve ter sido quando resolveu mudar seu domicílio para São Roque. Na cidade começou a jogar tênis e foi um dos precursores do esporte na cidade. Ou seja, praticamente o tênis nasceu com ele na cidade. Começou a ministrar aulas e muitos dos jogadores da cidade com certa proeminência na região como Carlos Aurélio, o Paschoal e o Adriano deram suas primeiras “raquetadas” sob a batuta do meu irmão no São Roque Clube e depois no Raquete Clube, do Olavinho, já no bairro do Taboão, na Estrada do Vinho. Depois veio o empreendimento imobiliário em Salto de Pirapora, o loteamento Recanto Cidade Nova, cujo nome é de autoria dele. Num terreno da família, fizemos praticamente sozinhos e com muita oposição de alguns irmãos, a implantação do loteamento, que é hoje considerado o melhor bairro da cidade de Salto de Pirapora. Essa realização foi uma verdadeira “briga de foice” pois alguns dos irmãos contestavam a nossa liderança e de uma certa forma até desconfiavam dos nossos propósitos quando na verdade o que queríamos era viabilizar o empreendimento e como o terreno estava no nome dos sete irmãos tivemos que fazer verdadeiras peregrinações para colher assinaturas: São Bernardo atrás do Delphino, que sempre foi refratário ao empreendimento por entender que as suas idéias mirabolantes não eram acatadas. Alfenas em Minas Gerais para colher assinaturas da Maria e do marido Paulo, este numa postura pretensamente desinteressada mas nada receptiva. Mandava que a Maria assinasse os documentos sem ler pois de qualquer forma teriam que cumprir o que nós estávamos determinando. O Orácio, que por ter sido “apeado” da liderança, discordava e dificultava todas as nossas ações, que diga-se de passagem sem remuneração alguma por gastos de deslocamentos e até mesmo pequenas despesas como cópias autenticadas, taxas de cartório e etc. O Salvador foi o único que colaborou, até com entusiasmo, na nossa dura empreitada. O Orácio, formado agrimensor, iniciou o processo junto à Prefeitura de Salto de Pirapora e começou a trabalhar no projeto propriamente dito mas, apesar de afirmar que “varava” noites trabalhando, a coisa não andava. Passados dezoito meses mais ou menos tivemos que dar um “golpe branco”, para retirá-lo do comando e descobrimos que o projeto geométrico tinha falhas gritantes. Contratamos outro agrimensor que fez o serviço em pouco mais de 40 dias e uma empresa para fazer aprovação do loteamento: a Renê Regularizações, da Rua Margarida na Pompéia. O Renê era um conhecido do Salvador. Resumo da ópera: o que o Orácio não conseguiu em dois anos nós conseguimos em 90 dias.

Aprovado o loteamento veio outro “parto de ouriço”: a divisão dos bens e novamente o Orácio impondo e exigindo até o ponto que eu disse à ele que ficasse com tudo sozinho que era o que parecia estar querendo. Para chegar a um consenso o Delphino teve que trocar o quinhão dele pelo do Orácio, o que foi péssimo negócio para ele Delphino, por razões que não vale aqui mencionar. Acertada a divisão que foi registrada em ata e tudo o mais na hora da outorga mútua das escrituras novamente o Orácio “empaca a mulinha teimosa”. Tivemos que dar à ele mais dois terrenos para que ele concordasse em ir ao Cartório dar sua anuência, sem a qual nada poderia ser feito pois todos estavam amarrados entre si como sete irmãos xifópagos. Depois da divisão e respectiva escritura os fatos tomaram rumos diversos, ocorreram dissensões mas o resumo final é que se não fosse o nosso empenho conjunto o empreendimento poderia até sair mas com um grande atraso e com grosseiros erros do projeto.

Acontece que a viabilização do projeto e a posterior venda desses imóveis principalmente a parte do Luiz era crucial para a sua subsistência. O Papai e a Mamãe precisavam de muito pouco para viver: graças a Deus tiveram boa saúde e nunca se fez necessária uma intervenção cirúrgica ou extrapolando uma internação numa UTI. Quanto ao Luiz, passou a se sentir mais confiante por não mais depender da caridade de alguns irmãos pois passou a ter o seu próprio dinheiro e com a administração dos seus proveitos pudemos dar a ele condições mais dignas de sobrevivência, terminando seus dias na Clínica de Repouso Elo, em Atibaia onde foi carinhosamente cuidado por enfermeiras bondosas que lhe davam até a comida na boca.

A ida para São Paulo do Crizólito e o seu sucesso na sua empreitada foram cruciais para o rumo das vidas dos demais irmãos, que agora tinham na Capital um ponto de apoio. Um a um foram se transferindo para São Paulo e todos, exceto o Luiz, moraram por algum tempo na casa dele até estabelecer o rumo definitivo de suas vidas. Eu fui levado pelo meu irmão, por insistência dele pois a Mamãe não queria que eu deixasse os estudos em Sorocaba.

Como ela foi visionária e tinha razão. Fui para São Paulo mas a empreitada não se mostrou uma boa escolha e tive que retornar e retomar os estudos por aqui, o que ocasionou um atraso de alguns anos na minha formação, que aliás acabei não concluindo por motivos profissionais. Fui trabalhar na região de Cascavel no Paraná e acabei abandonando a Faculdade de Matemática. Tanto a minha frustração na época por não ter entrado também para o Banco do Brasil quanto a interrupção da faculdade não me fizeram nenhuma falta. Na primeira hipótese seria um burocrático bancário e além do mais o Banco do Brasil foi muito bom na época do Crizólito e do Delphino. Antes de existir décimo terceiro salário eles recebiam 15 salários no ano: os doze mensais e mais três de gratificação. Prestei o concurso e obtive colocação número 180 num total de 6.000 candidatos mas fui reprovado no Psicotécnico, um teste a meu ver totalmente subjetivo, com critérios para lá de duvidosos. Ainda sobre o BB na época o Crizólito tinha a chance de fazer serviços extras para o próprio banco. Chegou a carregar malas com numerário (dinheiro em espécie) para levar em cidades distantes como Assis por exemplo e o Banco remunerava bem esse trabalho. Iam em dupla, de trem, viajando a noite inteira com malas “socadas” de dinheiro e um revólver no bolso. Acredito que tinham que se revezar para dormir, para não haver descuido. Imaginem essa situação hoje. Eu também por volta de 1.980 saía sozinho do Banco do Brasil em Cascavel com duas maletas cheias de dinheiro que era sacado na tesouraria para não dar na vista. Entrava no Opala vermelho, que tinha sido do Crizólito, e me mandava para a fazenda do Carlos Paschoal para fazer a remessa por pequenos aviões com destino a Assunção no Paraguai, para fazer câmbio em condições mais favoráveis. Um baita risco porquê além de assaltos a operação se constituía em saída ilegal de divisas. Tudo para ganhar uns míseros trocados na operação cambial. Mas como recebia ordens tinha que cumprir e a lei era “bom cabrito não berra”.

Como prometi vou falar do Brandi, professor do Cursinho do Crizólito. Era um sujeito sistemático e pragmático e falava e sonhava com fervor quase revolucionário. Tinha uma prole imensa para prover e vivia pedindo grana emprestada para o Crizólito. Sua mulher era a Terezinha, mulher de modos e silhueta finos. Uma *Lady* educada e atenciosa e o marido com seus cabelos desgrenhados, óculos maiores que o rosto, sempre sonhando com projetos megalomaníacos. Sempre levou uma vida sonhadora mas não era objetivo nem prático como o Crizólito. Na verdade me ocorreu agora que foi ele que fundou o Cursinho e o meu irmão foi dar aulas como professor contratado dele, e como sempre tinha reservas guardadas na “burra”, começou a emprestar dinheiro para o Brandi, passando a financiar o seu negócio até adquirir o controle invertendo então os papéis: o Brandi que passou a ser professor remunerado por ele. Morava no Conjunto dos Bancários na Vila Mariana, já perto da Avenida Klabin e vivia com prestações atrasadas do imóvel, sempre numa situação financeira periclitante. Já o Crizólito economizava tostões e eu e o Carlos Eduardo o chamávamos de Tio Patinhas, e ele gostava. Me lembro que morando no Previdência, havia duas opções para comprar o leite diário, que vinha num litro branco de boca larga. Sonho até hoje encontrar esses vasilhames pois coleciono objetos antigos. A primeira opção no início da “subidona” da Francisco Morato e a segunda no topo da dita subida já quase no largo do Caxingui. Nesta o leite custava 3 centavos mais barato (não sei qual era a moeda, cruzeiros talvez) e claro que eu tinha que enfrentar a árdua subida para comprar o leite mais barato. Todos os dias. Ainda me lembro dos vizinhos do Jardim Previdência. Na esquina a Sizina Cecatto, na frente um senhorzinho de bigode que o Crizólito apelidou de “fiscal de rua” pois o dito cujo vivia bisbilhotando a rua o dia inteiro. Tinha uma filha linda, a Raquel, por quem o Delphino era apaixonado, mas sem a devida correspondência. Mais abaixo vinha o Tomithão, policial com cara de bravo mas mesmo assim namorei a Aimar filha dele e irmã do Hamilton que tem a Tomithão Veículos na Avenida Pirajussara, perto do Shopping Butantan. Ainda tinham os gêmeos se não me engano Ricardo e Roberto. Moravam quase em frente. No início da Waldomiro Fleury tinha uma capela onde frequentei muitas missas dominicais suspirando pelas meninas bonitas que nos ignoravam por completo. Atrás da igreja tinha um campinho de futebol onde “estourei” o menisco do joelho direito e nunca mais pude jogar futebol direito. O esporte perdeu um grande craque. Kkkkkk. Ao lado do campo tinha a chácara do Cristhie, famoso por dar tiros de sal na bunda dos moleques que pulavam seu muro para roubar frutas. Cheguei a sair do Previdência de bicicleta e fomos ao Embu das Artes buscar água com um garrafão toscamente preso na garupa por um elástico. Sem farol, apenas com a camisa aberta achando que isso era suficiente para os carros nos verem. Que loucura.

O Crizólito era chamado de Crizo pelo Carlos e de paizinho pela Cecília. Mas quando dava aulas de tênis gostava de ser chamado de Mister Criz, creio que numa alusão ao Mr. Frank, que junto com a esposa Dona Ruth plantou a semente do tênis em Sorocaba.

O meu irmão à exemplo do Pedro Orive era bom de garfo. Quando solteiro vinha passar o Natal em Salto de Pirapora. O Papai normalmente matava um porco e à pedido da mamãe um cabrito, sem contar com a leitora assada no forno da padaria. O Crizólito queria comer viradinho dos miúdos do porco, torresmo, lombo frito ou assado e ainda saia com o papai à cata de alguma roça de milho verde para a mamãe fazer pamonha. Fazia uma mistureba e não raro passava mal pois não continha a gula. Na verdade quando vinha de São Paulo queria matar as saudades dessas comidas todas e numa ânsia desenfreada queria comer de tudo e ao mesmo tempo. Com relação a bebidas os amigos dele de São Roque falavam que ele era “ruim de mistura” pois queria tomar caipirinha, cerveja, uísque e o

que mais viesse à frente. Mas sempre foi um bebedor social, aproveitando as ocasiões de jantares dos amigos de São Roque ou festas para tirar o atraso porquê no dia a dia em casa raramente bebia alguma coisa. Também não era frequentador contumaz de bares, ao contrário dos seus colegas de banco e do Zomo dentista, este sim um bebedor inveterado.

Fizemos várias viagens juntos, principalmente ao Paraná, quando eu trabalhava em Céu Azul e numa das vezes fomos até Assunção. Nessas viagens conversávamos muito e tínhamos uma boa sintonia para comer, beber e passear. Em Assunção ficou hospedado comigo no hotel Guarany, um dos melhores à época e como eu tinha tudo pago pela empresa, o incluí no pacote da hospedagem. Ele parecia um marajá se deliciando com as excelentes acomodações do hotel, “la noche paraguaja” e aproveitou muito as mordomias que pude lhe proporcionar, custeadas pela empresa. No dia da viagem de volta, por volta das 10:30hs da manhã ele com as malas arrumadas abriu uma cerveja na suíte e eu estranhei pois tínhamos tomado o “desayuno” há pouco tempo. Ele falou que ia tomar porquê senão ia perder, como se não soubesse que o consumo do frigobar entraria na conta depois. Outra história sua de hotel foi quando viajou para uma estação de águas e levou um creme de barbear do tipo Noxzema que a Cecilia havia lhe dado de presente para a viagem. Ele nunca tinha usado e se aproximou do espelho do quarto e acionou o spray com toda força espalhando espuma de barba pelo quarto todo. Isso foi ele que me contou, rindo muito. Fizemos muitos churrascos em Salto quando íamos juntos resolver questões da aprovação do loteamento e ele adorava quando eu assava uns bifões de alcatra no sal grosso. Eu encomendava a carne com 3 dedos de espessura e fazia só no sal grosso, bem no estilo “boi berrando”. Ele se derramava em elogios e atacava freneticamente os bifões. Adorava disputar partidas de tênis apostando alguma coisa e se gabava de ter crédito de vinte e tantas garrafas de vinho, ganhas no tênis, com o Jorge, um parceiro constante que trabalhava em uma empresa de filtros dosadores em São Paulo.

Tinha muita amizade com o Zomo dentista mas esse era um cara sem muitos escrúpulos. Ele inclusive me contou que uma extração de um dente da Cecília poderia ser evitada mas o mercantilismo do amigo dentista o fez aceitar uma cirurgia, que se constatou depois, ser totalmente desnecessária. O Zomo quando com grau etílico elevado, fazia xixi no vaso de plantas da casa onde tinha sido convidado para beber e comer e outras baixarias do gênero.

Outras amizades eram o Renato de São Paulo, que comercializava jóias de ouro e tinha também o Eros, vegetariano empedernido e cuja amizade parece que já vinha de São Paulo. Coincidência ou não, seus amigos incluindo o famoso Brandi tinham belas mulheres.

Tinha uma turma boa de copo no tênis e ele convidou alguns para tomar uísque na sua casa e tinha um cara que a cada nova dose da bebida falava: “Tá um mel seu Crizo” e foi mamando o mel até ver o fim da garrafa. Nunca mais levou ninguém dos aproveitadores de São Roque para beber na sua casa. Ainda vou me lembrar o nome desse cara. Em São Roque tinha uma vizinha ciumenta e esperta que vinha todo dia pedir para usar o telefone dizendo que ia fazer uma ligaçãozinha ou duas mas, um dia ele espiou o rascunho com os números anotados e descobriu que eram interurbanos mesmo.

Quando morei em São Roque saímos no final da tarde para comer alguma coisa fora e um dos points era o gostoso “Bio’s Bar” ao lado da Matriz. Fazia bons lanches à exemplo do Bio’s lanche e também porções. Um dia pedimos uma porção de frango frito acompanhada de arroz e fomos comendo até que sobrou apenas uma única sobrecoxa de frango e começaram os salamaleques: pega você Crizólito. Não pode pegar você e assim por diante. Numa certa altura ele se virou para mim e falou: Pode pegar a última porquê eu tenho uma coxa escondida aqui no meio do arroz e descobriu a coxa gorda, intacta, que ele tinha reservado antecipadamente para qualquer eventualidade. Íamos muito no Baú e no Cantinho, um barzinho escondido quase em frente ao Baú. Também íamos no festival de alcachofras em um restaurante perto do Stéfano e me lembro da “alcachofra à la infierno”, com as pontas das folhas cortadas e recheadas de carne moída mas o que ele mais alardeava e falava que iria me levar um dia era o bacalhau na brasa da festa do vinho. Segundo sua descrição, pois nunca tive o prazer de ir, era uma posta alta de bacalhau assada na brasa com alho e generosamente regada com azeite. No Stéfano, na altura do km. 58 da Raposo, a especialidade era o canelone, famoso até em São Paulo. O restaurante existe até hoje, no meio de um bosque e lá estive há uns três anos com a Patrícia: servem uma sequência de pratos que começa com uma salada verde que tem inclusive flores comestíveis, mudas trazidas pelo simpático Estéfano (já falecido) da Itália. Depois vem uns embutidos e na sequência canelone, frango assado atropelado, aberto ao meio e crocante, spaghetti, coelho assado e enfim um rodízio digno da cozinha da *mamma* que era comandada por sua esposa e agora pela filha Daniela, cujos filhos eram alunos de tênis do Crizólito.

1.5.3 Delphino Antunes de Souza

Era o terceiro na ordem decrescente e seguiu os passos do irmão mais velho prestando concurso para o BB e indo também trabalhar na matriz da Avenida São João. Era do tipo sonhador e bastante desleixado em todos os sentidos principalmente na parte financeira. Distraído, tomava o bonde lotado e não raro tinha o relógio de pulso roubado e só percebia depois que já tinha descido. Não usava carteira e tinha dinheiro em todos os bolsos da calça e do paletó.

Ia pagar a passagem e retirava uma nota graúda, pegava o troco e socava num bolso e se esquecia. Na próxima despesa tirava outra nota graúda e enfiava o troco em outro bolso. Quando se lembrava que tinha trocados em um bolso, enfiava a mão sem olhar e não rara derrubava notas pelo chão. A mamãe quando ficou um tempo na casa dele no Jardim Monte Alegre, depois do Taboão da Serra separou duas latas de leite Ninho das grandes e numa recolhia todos os trocados que achava perdidos em bolsos de roupas postas para lavar ou mesmo caídos pelo chão e quando o Delphino dizia que estava sem dinheiro ela ia buscar na tal lata e contava que o dinheiro era dele mesmo, perdido pela casa. Na outra lata foi juntando bitucas e mesmo cigarros quase inteiros que ele largava pela casa. Não raro acendia um, esquecia e logo depois acendia outro. A ideia dela era mostrar o quanto ele fumava, exibindo a lata cheia depois de alguns dias. Mas de nada adiantou o seu esforço disciplinador. Ele continuava o mesmo. Eu digo que era do tipo sonhador por conta de certas histórias e uma delas foi o Crizólito que me contou. Ele trabalhava no setor de ordens de pagamento, a ORPAG, sigla do banco sempre com cinco letras. Acontece que muitas dessas ordens não eram reclamadas pelos destinatários por motivos diversos e ele, com um coração de ouro, anotava os endereços dos favorecidos e ia nos fins de semana, às suas expensas, a longínquos bairros procurar as pessoas pois entendia que elas estariam precisando daquele dinheiro e talvez nem tivessem conhecimento do crédito.

Era muito inteligente mas sistemático: quando me deu aulas de Latim, me fez começar pelo prefácio do livro, e eu impaciente queria ir logo para as matérias propriamente ditas. Minha mãe falava que ele era muito afobado e realmente o era. Quando meu pai se decidiu por fazer o primeiro loteamento ele já foi para o quintal, pegou uma escada e começou a destelhar uma privada que ainda estava em uso. Nem o projeto havia sido feito e ele já saiu removendo obstáculos para o futuro empreendimento. Falava que o loteamento tinha que ter uma avenida de 30 metros como via principal, pois um dia a cidade iria crescer e essa seria a mais importante via da cidade. Mesmo hoje, mais de cinquenta anos depois, os loteamentos que fizemos não comportam uma avenida desse porte. No outro extremo o Oráculo com planos de fazer uma avenida passando bem no local da residência. Pergunto onde a família iria morar se ele levasse a empreitada a cabo. Finalmente se decidiu fazer uma rua de entrada desviando da casa e até da jaqueira que existia no quintal. Isso resultou numa rua em curva e pelo meu aprendizado posterior as ruas devem ser retas para otimizar o percentual de aproveitamento da área e devem ser na largura mínima exigida pelas leis municipais, pois exceder essa largura significa diminuir áreas dos lotes, ou seja menos lotes menos faturamento. Estes fatos explicam porquê era refratário às ideias minhas e às do Crizólito. O Delphino não tinha tino comercial e quando quis adquirir um imóvel, as escolhas que fez e pediu a opinião do Crizólito este as reprovou todas e o aconselhou a continuar procurando. O Delphino, em seus desvarios, achava que o irmão tinha ciúmes dele e colocava defeitos para que ele nunca comprasse um imóvel. Foi então que comprou a tal casa no Jardim Monte Alegre, uns 3 km. depois do centro do Taboão. Um local mal servido por ônibus e sem iluminação pública na via de acesso ao bairro. Quantas vezes, quando morei com ele, descemos no largo do Taboão e caminhamos por quase uma hora, em plena escuridão para chegar em casa porquê havia poucos horários de ônibus.

Ele se meteu na política em Taboão da Serra e fazendo uma campanha por uma tarifa única dos ônibus conseguiu se eleger. Os ônibus para o bairro eram intermunicipais e portanto mais caros. Assumiu a vaga bem no calor da Revolução de 1.964 quando Adhemar de Barros, demagogicamente, organizava as Marchas com Deus pela Liberdade, fustigando o governo Jango Goulart que já claudicava e foi derrubado em 31 de março daquele ano. Já com os militares no poder o Delphino fez virulentos discursos na Câmara contra a prefeita Laurita Ortega, que se alinhava com o governo do Estado(Laudo Natel?) e, portanto da direita na época. Jango Goulart era esquerdistas e parecia querer implantar o comunismo no país, o que motivou a revolução e o seu respectivo exílio. Ou seja, fazer um discurso público defendendo essa ala perdedora e perdida nos objetivos era de alto risco na época. Teve sorte que ninguém deu bola para os seus discursos e nunca foi ameaçado por isso. Porquê começava no país a época dos anos de chumbo, com gente “desaparecida” como Rubens Paiva e caçados como Marighela, morto dentro de seu fusca, completamente cercado pela polícia e desarmado.

Prestou concurso para Fiscal de Rendas do Estado e foi aprovado, assumindo em São Bernardo do Campo e lá adquirindo uma casa, na Rua Américo Margonari. Por ser muito honesto nunca aceitou participar das panelas e conchavos com fins obscuros. Esse fato, provavelmente o tornou um “estorvo” para o “modus operandi” dos servidores e acabou sendo transferido para São Paulo, no bairro do Ipiranga. Ou seja, quando estabeleceu domicílio na mesma cidade em que trabalhava foi transferido. Adquiriu uma casa na Travessa Humberto Primo no Paraíso, perto da Rodrigues Alves e do metrô Ana Rosa e depois de fincar raízes com a família, foi novamente transferido. Para onde? De volta para São Bernardo. Ele nunca citou essas perseguições e isso foi conclusão minha mas, era muito estranho ser sempre jogado para longe do local de moradia. Ganhava muito bem pois os fiscais eram remunerados pela produção, ou seja pelas multas aplicadas mas, totalmente desorganizado em suas finanças vivia sempre em apuros. Recebia no início do mês e como sabia que o dinheiro iria faltar antes do próximo pagamento, reservava uma quantia e pedia para o Salvador guardar para ele e devolver na hora do aperto, da dor de barriga financeira. Ganhou três carros zero quilômetro num sorteio de uma grande loja de departamentos, mas os vendeu rapidamente

e nunca teve um carro novo e em bom estado.

Outra característica sua era escrever longas cartas aos irmãos com críticas ou acusações estapafúrdias ou lições de vida e de moral. Eu odiava quando as recebia e tinham uma particularidade marcante: a sua máquina de escrever tinha uma falha na tecla “tê” e as palavras com essa letra ficavam mancas: tinha que adivinhar o sentido delas. Hilário demais.

Chegou a dar conselhos para o papai dizendo: Cuidado, o dinheiro escorre pelos vãos dos dedos. Que ironia: o papai sempre econômico, adquirindo boas propriedades, gado e até casas de aluguel que construiu na Rua Belarmino com tijolos feitos no seu próprio olaria, que ficava na atual área verde do loteamento Jardim Ilha das Flores, que incorporei. Justo ele que esbanjava, perdia e aplicava mal o seu dinheiro queria dar conselhos ao pai. No fundo, era um medo infundado com relação a mim pois nessa época eu já começava a administrar os bens da família, ajudando o papai que já não podia mais montar a cavalo e começava a passar o bastão para mim. Cheguei a ter procuração com plenos poderes para vender as propriedades mas nunca usei e não usaria sem o consentimento dos pais.

Numa certa altura da vida, meu pai muito previdente resolveu passar as propriedades para os filhos, para evitar despesas de inventário. Até nisso tinha uma excelente visão, apesar de nem ao menos assinar o nome. Me incumbiu dessa tarefa e me lembro até hoje quando fomos ao Cartório em Sorocaba e o Oficial Maior dizendo à ele: seu Pedro, não faça isso. Na minha vida de cartório vi muitas famílias que foram morar na rua, despejadas por filhos e cônjuges interessados, depois de se apossarem das propriedades. Contou uma história que muito me marcou e impressionou. Um casal resolveu dividir a propriedade em vida destinando um quinhão a cada um deles e para o filho solteiro que morava com eles deixou a parte da casa em que moravam porquê achavam que ali continuariam. Acontece que o filho se casou, trouxe a mulher para a casa dos pais e ela começou a implicar: Não aguento mais esses velhos na nossa casa e eles foram simplesmente para o “olho da rua”. História real, porém muito parecida com a triste moda de viola “Couro de Boi” gravada também por Sérgio Reis. Na música um filho ingrato manda o pai embora e lhe dá um couro de boi para dormir quando saísse vagando pelo mundo. O netinho ouve a história e pede metade do couro para o avô e justifica dizendo que ele vai crescer, vai se casar, o pai dele vai ficar velho e ele terá a metade do couro para quando mandar o seu pai embora de casa. Triste mas, metafórica pela observação de uma criança, já pensando em seguir o exemplo do pai e aplicar-lhe o mesmo castigo. Meu pai ouviu a história do cartorário e argumentou que com os seus filhos nunca aconteceria isso. Felizmente não aconteceu por conta de uns poucos que seguraram a barra quando os queridos velhos ficaram sem renda, pois já não dispunham das propriedades para gerar dividendos para sua subsistência.

Muito bem: o Delphino já aposentado e com uma renda na época na casa dos 15 a 20 mil dólares, isto mais ou menos no ano 2.000 caiu doente e eu tive que assumir a administração da sua vida trazendo-o para Salto para mudar um pouco de ares. Além da saúde extremamente debilitada com suspeita de um carcinoma na carina do pulmão, estava em uma crise familiar e financeira bem complicada. Acompanhei todos os exames, consultas médicas e milagrosamente os resultados dos exames da carina que tinham indicado a moléstia, indicaram que não havia o temido câncer. Mesmo com rendimentos tão significantes estava com a situação financeira literalmente em frangalhos. Ele se deu bem aqui, fez amizades, frequentava o clube e consegui inclusive fazer com que ele parasse de fumar. Mas, eu tive que me submeter a uma cirurgia de hérnia inguinal e os familiares o levaram de volta para São Paulo. Interessante que durante esse interregno de tempo, administrando suas finanças ele se surpreendeu quando constatou que pela primeira vez na vida sobrara um saldo do pagamento do mês anterior.

Sonhador, escrevia libelos sobre a vida, política e outros assuntos e distribuía seus manuscritos na saída do metrô. Nunca cheguei a ler um deles e portanto não sei exatamente do que falava ou pregava. Era carinhosamente chamado pelo Carlos Eduardo e pela Cecília de Tio Mino.

1.5.4 Maria Antunes Alves

“Dona Maria, a Sra. Pode me trazer um copo de água por favor!”. Era assim que o Paulo Alves, farmacêutico estabelecido em Alfenas-MG se dirigia à minha irmã. Isso por volta das onze da noite tendo acabado de fechar a farmácia e encerrado uma jornada de 12 ou 14 horas talvez. Subia as escadas da residência com certa dificuldade devido ao cansaço de ficar em pé o dia todo em jornadas intermináveis. Após vencer os intermináveis 15 ou 20 degraus “se jogava” no sofá mas nunca deitado, sempre sentado. Maria corria para a cozinha para trazer a água com o copo num pratinho com um guardanapo de pano. Esta era a rotina, o cotidiano. Vieram de São Paulo, com os filhos ainda pequenos para se estabelecer em Alfenas para que a Maria pudesse cursar a faculdade de Farmácia. Vieram não, ela veio sozinha para Alfenas para fazer o cursinho para o ingresso na tão sonhada faculdade de Farmácia. As crianças numa faixa etária de 3 a 6 anos ficaram em São Paulo com o pai, que tinha uma farmácia no bairro do Horto Florestal na Avenida Maria Amália Lopes Azevedo, a mesma onde um restaurante tradicional de São Paulo servia um pato à califórnia maravilhoso: pato assado com compotas de frutas doces (figo, pêssego etc.). Ali o Paulo se estabeleceu após ter adquirido uma farmácia na Av. Júlio Buono no bairro da Vila São Camilo,

zona norte da capital paulista. Após uma longa carreira como propagandista do laboratório Lederle/ Cyanamid Química, conseguiu montar seu próprio negócio transferindo-se depois para a Av. Maria Amália já dono do seu negócio. Ali criaram os filhos Pedro Américo, Jandira e Ocirema até a mudança para Alfenas. Recordando: primeiro foi a Maria sozinha morando em um quarto alugado para poder se preparar para o vestibular. O Paulo se deslocava para Alfenas nos fins de semana, levando os pequenos para que mãe e filhotes matassem as saudades. Superada a etapa do vestibular e já tendo ingressado na Faculdade de Farmácia, o Paulo resolve encerrar suas atividades em São Paulo, comprando no centro de Alfenas, um casarão centenário que servia perfeitamente aos propósitos comerciais e residenciais. A casa tinha até um pé de fruta do conde ou arithicum, que hoje não se encontra mais, pois a fruta evoluiu para a atemoia. Criavam galinhas no quintal e quando resolviam consumir tinha que montar uma operação especial para que a Ocirema não soubesse do sacrifício dos galináceos: galinhas que tinha visto na eclosão dos ovos galados e acompanhado o crescimento dando milho todos os dias. Como ver os bichinhos criados com nome e tudo sacrificados assim sem cerimônia. Ali na Farmácia Santa Rita, santa de devoção do casal estabeleceu uma freguesia constante e numerosa. O Paulo era um farmacêutico conhecido e muito respeitado. A Maria cursava a Faculdade para um dia tornar-se responsável pelo estabelecimento dando o suporte ora na gerência da casa, ora substituindo o marido na hora do seu almoço e sua sesta. Ali criaram os filhos, deram-lhes a formação básica para que ingressassem em Faculdades de Odontologia em outras cidades. Curiosidade desta fase foi o Paulo colocar o primogênito Pedro Américo para trabalhar na farmácia em horários fixos e rígidos e impor que o filho o chamassem de Paulo e não de pai. Outra curiosidade foi quando colocou uma placa na balança cobrando 1 (hum) cruzeiro para se pesar se não fosse cliente ou consumidor. Isto porquê as crianças saíam da escola e em fila vinham para se pesar na Santa Rita. Com a placa de cobrança acabou-se a farra da pesagem.

Ali se estabeleceram definitivamente, mandaram os filhos para a faculdade e foram adquirindo imóveis na cidade constituindo um bom patrimônio familiar.

O Pedro Américo, fusão dos nomes dos avôs, casou-se com a Beatriz, odontóloga também de família de São João Del Rey e acabaram se estabelecendo em São Paulo na Rua Augusta, num apartamento que tinha sido comprado do Salvador. A Jandira se casou com o Donizetti de Monte Belo-MG: ela dentista e ele farmacêutico. A Ocirema se casou com o Ivan, ambos também dentistas. Formou-se então uma família bem peculiar de farmacêuticos (3) e dentistas (5).

Vieram os netos: Pedro Paulo (novamente homenagem aos avôs) e o Gabriel do Pedro Américo. Eloá e da Jandira e Jander e Breno da Ocirema.

1.5.5 Salvador Antunes de Souza, o Dodô

O Salvador, chamado na intimidade de Dodô é o terceiro filho na escala ascendente e na infância gostava de colecionar passarinhos em gaiolas. Numa das vindas a Salto o Crizólito começou a negociar com ele um pagamento para soltar as aves. Foi subindo a oferta até que ele cedeu e com lágrimas nos olhos foi abrindo as portinhas das gaiolas e soltando os bichinhos que à muito custo saíram da gaiola, ressabiados e desconfiados e enfim criando coragem e alcançando voo para a liberdade. A ganância derrotou a paixão pelos bichinhos engaiolados. Felizmente.

Outra história do seu interesse monetário precoce: O Orácio tinha como padrinho o Seu Manoel Português, um rico fazendeiro, dono de gado e terras onde está hoje o bairro São Manoel, aqui em Salto. Os padinhos vinham, invariavelmente à missa dominical e nessa ocasião o Orácio ia pedir a tradicional: “A bença padrinho” e ele pingava um trocado que dava para comprar uns doces. Numa dessas ocasiões o Orácio estava envergonhado e disse ao Salvador que não iria lá pedir a benção e o Salvador insistindo e o Orácio se recusando. O Salvador resolveu e foi lá ele mesmo, na frente do Papai e da Mamãe e disparou: “A bença padrinho”. Foi só risada porquê ele não era o afilhado mas faturou a graninha assim mesmo. Na maior cara de pau.

O Salvador, na esteira do Crizólito, Delphino e Maria foi para São Paulo tendo trabalhado num banco que se tornou depois o Itaú, no tradicional, majestoso e emblemático Edifício Martinelli na Avenida São João. Digo emblemático porquê representou um marco na Pauliceia: mármores rosas trazidos da Itália, jardins na cobertura e outras *mudernagens* como diria Elomar. Fez concurso para o Banespa, Banco do Estado de São Paulo, que ao lado do BB, era um dos empregos mais cobiçados na época. Assumiu como Escriturário na agência Centro, Praça Eduardo Prado, quase em frente ao BB. Seguia trabalhando e fazendo concursos para o BB até que conseguiu ser aprovado como auxiliar de escriturário e foi designado para trabalhar em Cornélio Procópio. O Crizólito que como aposentado pelo BB achava este muito melhor que o Banespa convenceu o Salvador a deixar o cargo de escriturário e assumir um inferior na pequena cidade do Paraná, como auxiliar de escriturário. Estive lá lhe fazendo uma visita e constatei que levava uma vida social bem agitada e parecia que não tinha sentido tanto a mudança. Ledo engano: tempos depois as notícias começaram a rarear e o Crizólito, desconfiado de alguma coisa foi até lá e acabou trazendo ele de volta. Estava numa depressão profunda e teve que passar por diversas internações em hospitais de saúde mental. Recuperou-se parcialmente e reassumiu no Banco, desta vez em Sorocaba mas acabou voltando a São Paulo

na agência centro. Nunca mais foi o mesmo: antes do percalço era um cara muito ativo social e comercialmente. Nos horários de folga ia ao Bom Retiro e comprava capas e guarda chuvas que revendia aos funcionários do banco. Tinha intensa vida social, adquiriu uma quitinete na rua Frei Caneca mas, a voluptuosidade da Bolsa, que não é para principiantes, levou o imóvel e algumas reservas. Conseguiu lentamente se recuperar e comprou um apartamento de um dormitório na Avenida São Luiz e tempos depois permutou comigo sua parte no terreno do atual Jardim Ilha das Flores por um apartamento de 2 dormitórios na rua Guilherme Bannitz perto do hospital São Luiz, início da Avenida Santo Amaro. Tinha adquirido também uma boa casa no Jardim Simus em Sorocaba, para onde levou nossos pais para morar.

O Salvador, foi o irmão que mais me ajudou a cuidar bem dos progenitores. Eu cuidava de tudo durante a semana e nos finais de semana ia para São Paulo, pois já namorava firme com a futura esposa: a Eulália. O Salvador fazia o caminho inverso e vinha para Salto, me deixando assim tranquilo para me ausentar até a segunda feira quando os percursos se invertiam novamente: ele para Sampa e eu de volta para Salto. Além disso, nas fases mais turbulentas levava a Mamãe para ficar com ele em São Paulo.

Estava bem financeiramente, com uma boa aposentadoria do banco e três imóveis mas, desgraçadamente se envolveu com uma moça de péssima conduta e caráter que começou o caminho da sua derrocada financeira. Literalmente *fiz o diabo* para arrancá-lo das garras da interesseira que fazia viagens cíclicas à Espanha dizendo a ele que lá trabalhava como dançarina. Numa dessas vindas a Wanda veio com dez mil dólares e queria fazer a cirurgia dos seios mas, boba e esnobe ao mesmo tempo, fazia questão absoluta de fazer com o Pitanguy no Rio de Janeiro. Como gastou parte do dinheiro o Salvador teve que custear o que faltava, chegando a vender o telefone fixo que na época tinha grande valor comercial: cerca de cinco mil dólares. Numa aventura louca, sem medir os riscos foram para o Rio, de ônibus e ele com os dez mil dólares nas meias. Não creio que o afamado cirurgião exigiria a quantia em verdinhas. Deveria haver uma forma de transferir a importância mesmo que com intermediação de doleiros para evitar viagem tão arriscada. Quando consegui sua libertação já tinha ido a casa de Sorocaba e teve que entregar o carro à fulana, pois o veículo já estava no nome dela. Nesse momento fizemos a troca dos seus cinquenta por cento do terreno em Salto pelo apartamento e ele foi morar na Vila Olímpia e estava feliz por ali, fazendo caminhadas no Parque Ibirapuera, bem próximo dali e saindo praticamente todas as noites comigo para barzinhos, lugares para dançar numa vigília, da minha parte, digna de um cão de guarda. Tudo para que ele não voltasse às garras da safada, pois a tentação era grande, mesmo me contando que nos últimos tempos nem dormissem juntos: ela carregou uma amiga para o apartamento dele e dormia com ela num colchão de casal no chão na sala. Numa ida dela novamente à Espanha, consegui retirá-lo à fórceps da maligna companhia e, felizmente nunca mais teve contato, depois que entregamos o carro numa operação que nem vale a pena lembrar.

Levou a Mamãe para morar com ele e, para auxiliar nessa tarefa, contratou a Flávia como empregada e como realmente não sabia lidar com mulheres esta também foi tomando conta da vida financeira e pessoal dele. Teve dois filhos na casa dele, de um namorado maiconheiro que chegou a ameaçar jogar o Salvador pela janela do quarto andar. Ele adotou os filhos dela como se fossem seus netos e aí começou outra sangria financeira: escola particular, roupas e comida além de dentista e mais tarde celulares caros e outros luxos que acabaram por drenar seus últimos imóveis, tendo que ir morar de aluguel. A moça faleceu com idade de 35 anos mais ou menor e ele está hoje numa situação pela qual nunca tinha passado na vida: fazendo empréstimos consignados e a renda líquida minguando cada vez mais. Cheguei a lhe oferecer para morar aqui em Salto, em uma das minhas pousadas mas ele não consegue se desligar dos passarinhos que o “chupim” botou no seu ninho para ele criar. Dizem que esse esperto pássaro terceiriza a tarefa de chocar e cuidar das crias. Hoje, na casa dos oitenta anos, tem a saúde debilitada e uma situação financeira em espiral descendente, difícil de estancar. Ajudei algumas vezes mas, por conta disso, fui obrigado a contragosto, a me afastar. Não posso financiar luxos que nem eu nem minha esposa desfrutamos: para os “netos” agora moços, celulares na casa dos quatro mil reais, cabelos platinados da mocinha insolente e mal educada, cuja manutenção tem custo na casa de quinhentos reais por mês. Some-se a isso aluguel, condomínio e contas de consumo além das parcelas dos consignados e chega-se à um desastroso desequilíbrio financeiro.

Resumo da ópera “bufa”: uma pessoa inteligente, trabalhadora e que soube fazer bons investimentos pois chegou a ter cerca de dez mil dólares guardados no cofrinho alugado do BB além de uma carteira de ações no mesmo montante. Três bons imóveis adquiridos, ou seja sabia poupar e sabia investir bem mas a sua falta de tato no trato com as criaturas do sexo oposto o levaram a essa situação praticamente insolúvel.

1.5.6 Orácio Antunes de Souza, o China

O Orácio, originalmente grafado com H: Horácio, por “pseudo” conhecimento da escrita do cartorário Araldo é o penúltimo, antes do caçulinha aqui e foi problema desde pequeno. No grupo escolar, a professora pegava um pente e tentava assentar seu cabelo para frente sem sucesso. Ela não sabia que ele puxava o cabelo todos os dias para frente, molhando ou colocando *Gumex* para formar um topete vistoso. Ele, sempre na moita, ria-se por dentro

do esforço inútil da mestra. Briguento e topetudo também no sentido de valentia, apesar da pouca estatura e musculatura encarou muitos moleques maiores que ele. Apelidado de *China* por ter olhos puxados era até bem valentinho, inversamente proporcional ao seu tamanho. Numa dessas, a molecada mexeu com um rapaz de Salto que tinha o apelido de *Briosa* e odiava ser chamado assim. Ele tinha olhos enormes, arregalados como os de uma égua, e no geral se costumava chamar o animal de *briosa*, uma forma carinhosa de se referir, não necessariamente a um específico animal, mas de um modo geral a todas. Muito bem: a molecada provocou o *Tinho Briosa* e saiu correndo mas o China não quis correr e encarou o outro. Se empacotaram no chão e não é que o baixinho montou no cavalão e levou as mãos na sua *guela* imobilizando-o no chão? Mas, aí ficou pensando que a hora que ele soltasse o outro, maior e mais forte do que ele, iria apanhar e decidiu soltar e sair correndo. O Tinho pegou um pedra e mandou certeiramente na cabeça do China. Chegou em casa ensanguentado e não queria contar do acontecido. Ainda tomou uma *sova* da enérgica Dona Malvina, nossa querida Mamãe.

Diante do seu temperamento rebelde minha mãe resolveu mandá-lo para um internato e escolheu a Escola Agrícola de Pinhal, perto de Minas e o encaminhou para lá. Lá ganhou o apelido de *Gatão* por causa da cabeleira. Minha mãe achava que essa internação iria *torná-lo um homem* e até que funcionou. Lá teve como colega o Ney, filho da dona Norma Castellani de Brito, dona do cartório de Salto que continuou a mania do marido de grafar *nomes estrangeiros* de forma curiosa. Numa ocasião registrou o nome da menina assim: Deboram. Quando vi a certidão para fins de pagamento de salário família na Matarazzo perguntei ao Agenor, pai da menina o porquê daquele nome estranho e ele falou que o nome era Débora mas a Dona Norma falou que nome estrangeiro tinha que ter uma letra muda no final. Poderia ter acrescentado um H mas colocou um K. Imagine a coitadinha respondendo chamada na escola: Deboram. Não professora: é Débora. E teve que aguentar isso pelo resto da vida a não ser que enfrentou um processo judicial como o Oráculo para retirar o inútil H do seu nome.

Apesar de se formar como técnico agrícola nunca exerceu a profissão e muito menos aplicou seu aprendizado nas propriedades da família. Foi para São Paulo e aprovado no concurso do Banespa foi trabalhar na agência do Aeroporto. Era *cú de ferro* tanto para trabalhar como para estudar e varando noite adentro e ganhando horas extras conseguiu comprar seu apartamento na Rua Avanhandava, perto da Avenida Nove de Julho em São Paulo. Mas, por um infortúnio foi mandado embora do banco e amargou dificuldades para retomar o prumo. No Banespa trabalhava no setor de conferência de assinaturas de cheques juntamente com mais três colegas e um deles deixou passar um cheque com assinatura falsa e o banco demitiu os quatro. Sabia quem era o culpado mas por coleguismo “segurou a bronca”. Formou-se em Agrimensura, passando a viver dessa profissão e hoje mora em Brigadeiro Tobias, perto de Sorocaba-SP.

Tinha também um lado folclórico e divertido. Nos bailes que fiz em Salto de Pirapora, ele apareceu com uma jarra enorme e percorria o baile pedindo dinheiro com o seguinte argumento: *Você pode ajudar a Viúva? Ela tem sete filhos para criar e precisa da sua ajuda*. Recolhia a grana e ia para o bar do clube, comprava cervejas, enchia a jarra e voltava para os doadores: *A Viúva manda agradecer em cerveja para você tomar*. A brincadeira pegou e se tornou praticamente uma atração nos bailes: *A Viúva do China*.

Morando em São Paulo, trouxe gravatas *twist* e outras fininhas que mais pareciam cadarços de sapato e foi um sucesso com a rapaziada “*bailéra*”. Novidade que nem em Sorocaba era conhecida.

Num final de baile, fomos ao bar do Nizião, em frente ao clubinho e em dado momento ele pediu silêncio e falou que estava na hora: dobrou as pernas, bateu as mãos vigorosamente nas coxas, como se fossem asas e soltou um *cocorococó cocorococó* comprido e modulado e anunciou: *São 5 da manhã e tá na hora do galo cantar*.

1.6 Personagens que passaram por mim

1.6.1 Albino Sartorelli de Boituva

Procurando novilhas nelore para comprar fui parar em Boituva onde o Seu Albino Sartorelli tinha umas no ponto de criar. Gado bonito, bem cuidado e acabei fechando negócio com ele e fomos a Boituva com um caminhão gaiola, próprio para transporte de gado, e o Seu Albino se instalou na cabine conosco até o sítio onde estava o gado. Figura pitoresca com uma “chapa” (dentadura) maior que a boca e rindo muito e cheio de prosopopeia e eu dando corda. O sítio era em Iperó e eu perguntei do camping Carrocão, famoso na época como point de laser pois os campings estavam em moda. Instigado por mim começou a discorrer sua “prosa” sobre o camping: “Óia, vem uma turma de São Paulo que pega bote p’ o rabo que sai corcoviano que nem burro chucro no macegá”. “Dá até um maristal na gente” (demorei para descobrir que era mal estar). “As muié vem c’ um carçozinho curtinho, deita na grama e fica fritano que nem paca no sór quente”. Eu e o Paulinho Mixirica demos muita risada com o Sartorelli e suas histórias contadas no seu jargão simples de caipira autêntico. E muito simpático, daqueles que dá gosto ouvir as histórias.

1.6.2 Caiano e Zico Mâncio

O Caiano era um boiadeiro de Piedade que “negociava uns gadinho por estas banda”. Magricelo, alto, sempre *trajado de boiadeiro*, com chapéu e “botina ringidora” apareceu em Salto e negociamos “um lotinho de garrotes”. Marcou para vir retirar o gado pela manhã e apareceu depois das 4 da tarde para pagar com cheque. Desconfiado falei que iria consultar o cheque antes de liberar o carregamento dos boizinhos. Fiz ainda um recibo de compra e venda através do cheque número tal, banco tal etc. etc. Depois de concretizado o pagamento fizemos amizade e nas “cervejadas” que tomávamos ele narrava o episódio na sua maneira típica de homem simples “da lida”. “Óia turma, fui buscá o gado do hominho e ele pego meu cheque na mão e falô: vô cosurtá, vô cosurtá”. “Depois sentô numa mesa, ponhô um papér na maquininha de iscrevê i tec, tec, tec marcô tudo, dia, hora, número do cheque e a contage do gadinho.” “Tudo marcadinho ali, eu que nunca tinha negociado ansim fiquei bobo de vê”. Ele narrando, já no embalo da cerveja, e a turma da mesa se deliciando.

Numa outra ocasião fui buscar um gado dele em Eldorado Paulista, região de Registro-SP, sempre com o Paulinho Mixirica a tiracolo. Chegando lá até encontrar com o seu sócio Zico Mâncio e o capataz que ia “fazê a runida do gado” foi passando o dia e fomos dormir na casa do Zico Mâncio em Itapeíuna, às margens do “rio Ribêra”. Servido o jantar a prosa foi se desenrolando e o hospedeiro começou contar as suas histórias, muito sério e circunspecto: “Puis óia gente eu tive um burro por nome de Ferrante, que não havia de marvado e varadô”. “Iscapava do pasto de noite e cumia as roça dos vizinho”. “No ôtro dia era só reclamação e eu tinha que pagá as roça”. “Pensei cumigo: vô cunsertá a barda desse burro”. “Levei o Ferrante num pastinho fora da cidade i prendi numa mangueira de arame farpiado, cuma portêra de 8 vara”. Ainda por cima amarrei um *sincerro* no pescoço dele. (o sincerro é uma espécie de sino ou badalo, de ferro, que chacoalha com o andar do animal fazendo um alarido alto: blém, blém, blém). Fui durmí assussegado mais no ôtro dia cedo tinha um vizinho reclamano que o Ferrante cumeu a roça de mio verde dele. Falei que num era pussíve e contei onde tava preso o *alimar*. Mas o hóme insistiu que era o Ferrante i intão marcamo pá í sondá o marvado de noite. Fiquemo na tocaia i num é que acabô de iscurecê o Ferrante abriu a portêra, tirano vara por vara cos dente i ainda fechô a portêra, vara por varade novo. I nós sondano iscondido e acumpanhano as istripulia do marvado. Rumô pá vila, atravessô pô meio das casa co pescoço duro, sem dexá dá uma batida no sincerro (neste momento ele imitava o burro projetando o queixo para frente e endurecendo o pescoço). Varô a cerca do vizinho, cumeu quanto quis i atravessô a vila de vórtia, co pescoço duro, sem fazê nenhuma buia. Abriu as oito vara da portêra, entrô e fechô tudo de novo”. Eu, o Mixirica e o Caiano, hospedados pelo homem, sentados à mesa junto com a esposa e a filha dele, fazendo um esforço danado prá segurar o riso, pois o homem era mentiroso profissional. Não movia um músculo da face e falava com a seriedade de um pastor da igreja. Como duvidar da sua monumental mentira sem ofender o dono da casa? Engolimos o riso em seco, fazendo a maior cara de credulidade e só pudemos rir da história no dia seguinte.

1.6.3 Zé do Mótio de Sarapuí, o Aristeu Mocho e o Dito Pão de Salto Pirapora

Um Caipira autêntico daquela região onde fui atrás de gado. Homem simples, da lida mas muito engraçado também. Interessante que vinte anos depois vim a saber que o prefeito de Sarapuí era o..... Zé do Mótio. A origem do nome deveria ser porquê seu pai se chamava Timóteo que virou Mótio. Fiquei muito surpreso com sua trajetória política pois nunca poderia imaginar que um simplório daqueles viraria o homem mais importante de Sarapuí. A política tem dessas coisas e parece que os mais folclóricos é que se tornam os preferidos na hora do voto. Tenho até uma expressão que cunhei para designar esses fenômenos: “O voto Cacareco”.

Cacareco foi uma rinoceronte emprestada do zoológico do Rio de Janeiro para o de São Paulo no ano de 1.959 e causou tanto rebuliço no noticiário que ficou nacionalmente conhecido (só agora descobri que não era um macho) e só se falava nela. Nas eleições de São Paulo recebeu perto de cem mil votos, quando os candidatos do PSP somados chegaram a 95 mil votos. As eleições eram feitas em cédulas de papel onde se escrevia o nome do candidato e Cacareco atingiu então a impressionante marca. Ficou caracterizado como o símbolo do voto de protesto. Tanto que o fato se repetiu recentemente com a eleição do Tiririca: “vote no Tiririca que pior não fica”. Então dá para concluir que o povo quando está desencantado com a política tende a canalizar o seu voto para tais excrecências quase como fazendo uma piada, debochando das eleições, que pensando bem são motivo de deboche mesmo. Outro exemplo é o Aristeu “Mocho” daqui de Salto. Ganhou esse apelido porquê tinha olhos enormes à moda de uma coruja, popularmente conhecida como mocho. Chegou a ser processado por bater no Laertinho que o chamou pelo apelido na rua. Sua ocupação era com a “lida da lenha” nos eucaliptais da Matarazzo: contratava operadores de moto serra e cuidava do transporte da lenha para abastecer os fornos Azbe da empresa. Mudou-se depois para a cidade de Pardinho, região de São José do Rio Preto, onde acabou entrando para a política e se elegendo para prefeito por mais de uma vez. Quem poderia sonhar na época que o “Mocho” se tornaria, à exemplo de Zé do Mótio o homem mais importante de uma cidade?

Ainda em Salto tivemos o exemplo do “Dito Pão”, um homem simples, de pouca leitura, operário braçal da Matarazzo que se candidatou a vereador e foi um dos mais votados. Coisas da política que realmente não é para principiantes. Tivemos também na cidade a Maria da Reciclagem, muito popular por recolher embalagens recicláveis nas casas e que acabou sendo muito bem votada e eleita como vereadora da cidade. Mal sabia se expressar. O Makoto é um japonês vítima da Thalidomida (medicação que causou muitos defeitos fetais) e nasceu sem os braços e sem as pernas mas se tornou muito popular na cidade pois, dono de um temperamento forte e alegre se divertia jogando futebol e indo aos bailes no clube, superando as suas deficiências com coragem e muito bom humor. Ambos igualmente folclóricos e que passaram pela política sem deixar saudades. Analisando bem nenhum vereador deixou legado pois na verdade são peões de um jogo orquestrado e que acabam sendo cooptados pelo executivo, que para poder ter projetos aprovados na Câmara, usam de todos os meios, alguns nada republicanos. Para que serve então a tal Câmara de Vereadores, ou seja o chamado Poder Legislativo, que na maioria das vezes só aprova projetos fúteis como dar nomes de ruas ou aprovar moções tecendo loas a cidadãos ditos “honoráveis”. Sem falar no João Turco, um mestre na arte política, no que ela tem de mais perniciosa. Já o descrevi como um cara que relaxava todas as nossas brincadeiras e mesmo assim foi prefeito por três vezes da nossa cidade. Nunca se levantou cedo, sempre foi relapso nas empresas em que trabalhou mas, tinha uma lábia e tanto e acabou se tornando no maior político de todos os tempos nestas plagas. Vá entender o povo?

1.6.4 Odilon Castriota Filho e a empresa OCF

Quando encerrei minha carreira de boiadeiro e plantador de milho e feijão, ou seja, na minha autodenominação, um *agropecuarista*, estava assim meio sem saber o que fazer. Já tinha vendido todo o gado e migrado para a lavoura onde me dei relativamente bem: contraí financiamentos da carteira agrícola do Banco do Brasil e consegui quitá-los, plantei feijão e milho e obtive lucros e sucesso, mas chegou um ponto que não dava mais para continuar pois tinha sofrido alguns revezes e safras frustradas e tinha resolvido encerrar de vez as atividades antes que os prejuízos drenassem o capital que tinha amealhado na região de Cascavel. Com o gado trocado por tratores e implementos agrícolas tinha um imobilizado razoável mas precisava urgentemente buscar nova ocupação, pois estava casado e com duas filhas pequenas e não podia me dar ao luxo de simplesmente parar e ficam sem fazer nada.

Foi então que conheci um cara fantástico chamado Odilon Castriota, de uma incorporadora imobiliária em São Paulo. Veio a Salto de Pirapora em busca de terras para arrendar no intuito de ajudar um corretor de imóveis, o Hugo Krentz, que ele, como homem magnânimo e reconhecido, achava por bem dar uma ajuda. Como corretor o Hugo tinha lhe trazido boas áreas para incorporação que se transformaram em excelentes e lucrativos empreendimentos. Aluguei a área do atual loteamento Jardim Ilha das Flores para eles, mas a saúde do Hugo não lhe permitiu tocar o projeto de plantio de horticultura. Já tinha vindo de São Paulo à procura de sossego, pois sabia ser portador de uma leucemia. Seu estado de saúde se agravou e o Odilon patrocinou sua ida à Curitiba tentar um transplante, pagando avião, estadia do próprio, de sua mulher, de sua filhinha e até da babá, além das despesas hospitalares. Me pediu para dar continuidade aos trabalhos mas com a vinda do plano Cruzado, as coisas se tornaram igualmente inviáveis e me incumbiu de desmontar o esquema, dispensando empregados e vendendo máquinas. Acabou me convidando para trabalhar com ele, no ramo de incorporações imobiliárias, porquê como disse, tinha gostado do *meu pique*. Fui para sua empresa, feliz por achar uma atividade remunerada e que ainda me permitia continuar tocando os meus negócios aqui em Salto, mesmo morando e trabalhando em São Paulo.

Negociamos que eu teria um dia de folga na semana para vir a Salto cuidar dos meus assuntos particulares, pois já estava em gestação a implantação do loteamento Jardim Ilha das Flores. Trabalhei com ele por cerca de 6 ou 7 anos, aprendi muito sobre o mercado imobiliário e consegui financiamentos em grandes bancos para incorporação de prédios que era a atividade da OCF Incorporadora. Tive o meu trabalho reconhecido, tinha verbas à vontade para gastar com o pessoal dos grandes bancos: almoços nos melhores restaurantes, jantares para mais de trinta pessoas numa pizzaria que descobri que fazia sob encomenda um pintado recheado assado. Quando realizamos o jantar o pessoal do banco que morava em Osasco ficou surpreso quando falei do pintado pois o local era conhecido como pizzaria.

Eu tinha recebido a dica de um amigo e falei com a dona e encomendei dois pintados de mais de dez quilos cada um. Os convidados nem imaginavam que poderiam comer peixe num local com tradição de pizzaria. Ganhei muitos pontos com o pessoal do banco por causa dessa história.

Quando o mercado imobiliário teve uma inflexão negativa, deixei a empresa e o Odilon, me deu seis meses de aviso prévio e liberdade para que eu usasse como bem quisesse da minha sala dentro da empresa na Rua Sete Abril, centro de São Paulo.

Tentei engatar uma carreira de corretor mas descobri que não tinha tino para isso: não sabia mentir nem enganar. Como dizia meu amigo Aurimar: “prá ser corretor tem que ser puta” e eu nunca quis me prostituir.

Ao final dos seis meses do guarda chuva financeiro, ele me cedeu sem custo algum um terreno de 2.400 metros no

Morumbi, onde montei um estacionamento e ganhei muita grana por cerca de dez anos. Como se vê, a recompensa por minhas atitudes com a família ou fora dela veio a cavalo: e num PSI: um puro sangue inglês. Quando pediu o terreno para vender à uma incorporadora, me deu uma gratificação de vinte mil reais, isto em 2.004 mais ou menos. Ainda me deu recomendação altamente positiva quando montei outro estacionamento num terreno próximo. Disse textualmente à Dona Cândida, proprietária do imóvel, que relutava em cedê-lo para mim: “Conheço muita gente honesta, mas ninguém mais honesto que o Carlinhos”. Deu para viver mais uns anos da renda do novo estacionamento. Nesse meio de tempo já trabalhava para aprovar o loteamento Jardim Ilha das Flores, aqui em Salto de Pirapora e aí é outra luta e outra história.

Tenho que registrar também que poucas vezes conheci pessoas com o coração do Odilon. Sua gratidão com seus colaboradores se repetiu depois com um advogado que teve um AVC, e ele igualmente assumiu tudo: longa internação numa carésima UTI e todos os demais gastos. Que Deus te recompense Odilon, que você seja muito feliz e muito próspero nos seus negócios. Você, um self made man, que veio de BH, “engenheirinho da Gafisa”, como um diretor ciumento de um grande banco se referiu à você e que começou tentando negociar casarões antigos no bairro chique de Higienópolis, quando era praticamente enxotado dos portões, pelas senhoras da alta burguesia paulistana. Você venceu e chegou a incorporar mais de 8.000 unidades habitacionais em São Paulo, Sorocaba, Guarujá, Porto Alegre etc. etc. Falo do seu sucesso com orgulho, pois além de ter sido meu guru e mestre, sempre foi magnânimo com seus funcionários e outros profissionais que tiveram a sorte de circular na sua órbita.

Na empresa tive a oportunidade de formar pessoas, dando-lhes a oportunidade de aprender e evoluir. O primeiro foi o Haroldo, com idade de uns 14 anos, filho do motorista particular do Odilon, o Alberto. Este pediu para empregar o filho que foi colocado como office boy mas, um dia na volta do correio teve o relógio roubado por um trombadinha do centro, o que o deixou apavorado, voltando chorando para o escritório. O Odilon falou para a Maria do Socorro arrumar alguma coisa para o garoto fazer no escritório, nem que fosse “decorar a lista telefônica”. Pedi para treiná-lo mas impus que queria avaliar a saúde dele primeiro. Era raquítico, dentes estragados na boca e eu achei que ele deveria ter verminose. O Odilon concordou e o mandamos ao médico, fazer exames parasitológicos, dentista e depois foi para uma escola de datilografia. Quando comecei o treinamento coloquei-o no computador para digitar com a novidade da época: o editor de textos word star. Aprendeu rápido e passou para o Excel, planilhas de cálculo. Ainda o orientei para “chupar” os conhecimentos dos técnicos que vinham efetuar reparos nos computadores da empresa. Em pouco tempo ele sabia dez vezes mais do que eu em softwares e cem vezes mais em hardware. Passou a efetuar consertos em todos os enormes computadores. Não havia ainda lap-tops. Tempos depois foi trabalhar em uma das grandes empresas de auditoria. Ou seja: o garotinho tímido e medroso tornou-se um funcionário graduado numa empresa multinacional. Tenho muito orgulho disso.

Na mesma empresa treinei o Ricardinho e o Edson, este último filho da Marina, que era empregada doméstica na residência do Odilon e depois veio também para a empresa como copeira.

Capítulo 2

Histórias de Salto de Pirapora

O Salto na minha época de infância/adolescência (por volta de 1.960) era uma pacata cidadezinha do interior e assim como as demais a distração era muito diferente de hoje. A gente se distraia indo à igreja, ao cinema do Neto ou na folia do Carnaval ou nas quermesses. Estas além do leilão de prendas, venda de comes e bebes sempre tinha a Banda do Antonho Músico tocando dobrados e valsas na praça, as procissões e a “caieira” de São João. Os mais abastados da época como Agenor dos Santos, Vicente de Nhá Cota, seu irmão Luizinho, Lauro Magno César, Lindonor e Osteldo (que era chamado de Oster ou mesmo Ester) e outros do mesmo calibre mandavam carros de lenha carregados de toras para a praça. Seu Agenor já mandava num caminhão Fargo ou Studebaker.



Matriz de São João Batista, no mesmo lugar onde foi inaugurada uma capela em 1907

Esta lenha era empilhada em forma de “caieira” ou seja trançando as toras e se erguendo por 4 ou 5 metros. Na “véspa” do dia de São João Batista, padroeiro da cidade era acesa a caieira e isso tinha um ceremonial todo especial. Vinham o festeiro, o prefeito, o padre, o delegado (que não era de carreira mas um cidadão comum) e o povo que tinha saído da igreja após a missa, mais a molecada e os que vinham prá “sapiá”. Acendiam o fogo e aí começava o “samba” que de samba não tinha nada. Era um improviso de versos mais ou menos em ritmo de cururu. Ia chegando a turma do Lício Camargo, com seus bumbos artesanais feitos de couro curtido de boi. Os cantadores dos quais me lembro vagamente da turma do Lício Camargo eram o Joaquim Furquim e o Pinhé. O Timóteo também andava por ali, pois era onipresente em todas ocasiões sempre ralhando e correndo atrás dos moleques arteiros como eu que jogavam pedregulho na tuba da banda. A cachaça rolava solta, tomada “no gargalo mesmo” e o samba “comia o couro”, madrugada adentro. Eram versinhos já consagrados ou improvisos. Só me lembro de um deles cantado pelo Lício Camargo. Era assim: Sabiá na laranjeira, avô e sentô, avô e sentô, avô e sentô e o surdo marcava firme o ritmo e esta cantilena se repetia infinitamente porque não havia mais versos nesse improviso. Era muito simples mas muito bonito pela pureza e inocência dos improvisadores e das músicas. O litro de cachaça ia passando de mão em mão, e o clima ia esquentando. Varavam a noite cantando e sambando até acabar a cachaça e a fogueira, no sentido

ambíguo da palavra. A pinga não raro era renovada por alguma alma boa que gostava da farra e não queria que parasse.

2.1 O Leilão de Garrotes

Era outra distração. Os fazendeiros mandavam garrotes ou novilhas como prendas, para renda da igreja ou do asilo, e esse gado era leiloado na mangueira do Seu Genor, na Granja em frente ao atual Asilo dos Velhinhos. Os arrematantes se empoleiravam nas tábuas da mangueira para avaliar as “criação”, e o leiloeiro ficava dentro da mangueira à uma distância razoável dos garrotes e ia repetindo os lances. Para esquentar e dar coragem alguém abria uma garrafa de conhaque São João da Barra e ia tentando entusiasmar os “dinherudos” que podiam arrematar algumas cabeças ou mesmo um “lotinho”. Um dos arrematantes sempre presente era o Vicente da Nhá Cota, um dos mais “carçudo” em matéria de dinheiro e o festeiro mandava o “samiadô” de bebida “tacá” conhaque no Vicente. Numa certa altura ele percebendo que queriam “deixá ele bêbido pá morde de abrì a argibêra se virô p’o o bebideiro e falô: Óia, a partir de agora nós semo sócio. O que eu arrematá você tem que pagá a metade”. O bebideiro caiu fora rapidinho percebendo a esperteza do Vicente da Nhá Cota.

2.2 O Boi de Cesto

Nos carnavais de Salto de Pirapora uma figura muito conhecida na época, o Pinhé, fazia um boi de cesto junto c’ o Chico Branco, que cuidava e morava na Caixa d’água, atual Sabesp. O corpo do boi era feito de taquara trançada e colocados uma cabeça e um rabo de boi. Num espaço no meio da armação o Pinhé entrava e saía carregando o boi de cesto. O cortejo de curiosos que sabiam da brincadeira acompanhavam o boi até a praça em frente à Matriz e o boi saía correndo atrás de um passante qualquer ameaçando chifrar e berrando: Móóóóó. Cheguei a ver o boi entrar dentro do bar do Tonico da Mulatinha atrás de um gaiato que fazia “fusquinha” provocando o boi. Isso lá pelos idos dos anos 60. Na minha época já na década de 80 revivi a brincadeira do boi de cesto e o “boi” era o Paulinho Mixirica, forte o bastante para carregar a armação, louco por uma farra, com a cara pintada. O Paulinho adorava se vestir de mulher no carnaval. Então pintar a cara para élé era um verdadeiro deleite. Só que chegava uma hora, de tanto correr e tomndo umas para animar não aguentava mais e passou o boi para o Balaio que também já estava bem “artete”. A molecada para provocar puxava o rabo do boi e o Balaio mole de cachaça: Num puxo o meu rabo, móóóóó.

2.3 As quermesses da Festa de São João

Minha mãe Dona Malvina contava que na época de tais festas ela preparava quitandas para vender na festa. As quitandas eram biscoitos de polvilho, rosquinhas doces, bolo de amendoim, cocada em calda e outras delícias. Tinha o leilão de prendas em frente à igreja. As prendas poderiam ser desde uma réstia de cebola, um frango assado, um delicioso cuscuz de sardinha (me deu água na boca só de lembrar), um frango vivo ou assado, um leitão, um bolo de milho verde e por aí afora. Tinha a banda tocando “uns dobrado e umas vársa”. Mandavam fazer uma “cadeia” de bambu para prender as pessoas. Escolhia umas moças bonitas que pegavam os homens pelo braço e levavam “preso”. Fechava a porta da cadeia e só saía se pagasse a fiança. Eu consegui numa das festas reviver e recriar essas lembranças, que só conheci pelo relato da Mamãe. Infelizmente não pudemos levar a festa até o final por causa das minhas brigas com o Padre Francisco. Eu queria terminar a festa, fazer um balancete apurando o lucro, separar uma parte para fazer um baile e repassar o restante para a Igreja mas, antes disso o padre exigiu o repasse total e imediato da arrecadação.

2.4 Baile de sanfona na casa do Chico Branco

O Chico Branco, aquele do boi de cesto, tio do Merquides, do Dito Fisga e da Cacirdona era o responsável por tomar conta da Caixa dágua, atual Sabesp e gostava de fazer bailes na sala da sua casa. Chamava um sanfoneiro, tirava “os trem” da sala para “abrir espaço” e a coisa esquentava. Eu, na flor dos meus dezoito anos mais ou menos, tava paquerando a filha da Cacirdona, irmã do Fião. Prá facilitar as coisas tirei a Cacirdona prá dançar e ela, dona de portentosa bunda, dançava muito bem. Eu rodopiei a sala com ela mas não resisti quando vi uma fila de garotos enfileirados na parede, uns cinco ou seis só assistindo. Dei uma embalada no ritmo da música e no começo da fila, dei uma virada brusca, e a bunda da Cacilda fez um “strike” na molecada. “Disgrudô” todo mundo da parede. Alguém

se vingou de mim e foi no meu fusca vermelho encostado lá fora e fizeram um “U” nas placas entortando o quanto deu as abas das chapas. Outros bailes famosos na época foram os do “Macuco” e parece que o Áureo da Bertília (eram um casal na época) também fazia bailes mas nesses eu nunca fui.

2.5 O Clubinho no centro

Mais ou menos onde está hoje a loja de móveis Gianini, bem em frente à casa do Zé Martelo, era o nosso clubinho, um salão alugado do seu Agenor dos Santos. Criamos uma pequena associação, a SASP, Sociedade Amigos de Salto de Pirapora e começamos a fazer bailes que marcaram época na região. Nossa turma: Nazírio Caetano, a família toda do Romãozinho, o Eli do Girso, a garotada do seu Olézio, Naile e Sid do João Friage, Sidnei estofadinho (eu apelidei) do Aristide Farrapo, Zé Carlinho do Moacir Padêro, Galo, Mirinho e Cláudio da Ditinha do Mirão, Paulinho e Nenê do Paulo Padeiro, a Jurema e a Lúcia do Seu Antonio Padeiro e da dona Aparecida, o Lino Castellani, Miguel do Paco, Miguel e Seme Hadadd, Levi Seabra, filho do Seu Gênio do Armazém da fonte, Maria Helena e Miguel Mandu, a Ditona e a Preta, irmã do Zé Cadela pai, que moravam no Matarazzo, a Sida e a Nice do João Leandro, a Tereza japonesa, a Mérça do Calico, a Sirley do Dito Coelho, irmã do Zé Carlão, a Noemia do Neguito, neta de dona Virgulina e outros tantos. Um grande entusiasta e com boas idéias para os bailes era o Nilson do Feliciano e da Dona Ordália, que eram donos do atual bar do Cochinha. Depois o Tonico da Mulatinha, irmão do Feliciano comprou esse bar que também foi do Romãozinho, tocado pelo Renê e pelo Tide.. A Marlene fazia inesquecíveis pasteizinhos de carne que quando a gente mordia escorria um caldinho de tomate pelo canto da boca. Irresistíveis. Isto em meados dos anos 70/80.

Na época contratamos os conjuntos Kingstones e Flipers de Sorocaba. No primeiro o guitarrista era o Zé Carlos Benedetti, eterno engenheiro da Prefeitura. Os bailes ficaram famosos em toda a região e os carros estacionados chegavam a tomar a rua inteira do centro. Uma proeza e tanto para a época, pois pouca gente tinha carro próprio. De Pilar vinham o Zé Maria e o Tucha do Genésio da farmácia, o Véia, o Neto, o Ademar Proença, o Nézinho que tomava conhaque e comia chocolate junto. De Sorocaba vinha o Edson “Pinta”. De Sarapuí vinha a Neusa Holtz, com um bando de sobrinhas bonitas, entre elas a Vera Holtz, atriz global que curtiu muito os nossos bailes. Pelo menos uma vez trouxemos também para tocar o Supersom TA e o Biriba Boys do Ciço Benedetti (irmão do Walter Benedetti) muito famoso de São José dos Campos que depois mudou o nome para Tropical Quintet.

2.6 O bando de anús

Para quem não conhece os amús (pus acento para não haver confusão com o homônimo famoso) são pássaros pretos que vivem em volta dos taquaraís ou nas tigueras (soqueiras na região de Cândido Mota) de milho. Adoram fazer ninhos e algazarra nos taquaraís. A nossa turma de Salto de Pirapora, que normalmente alugava a Kombi do Aristide Farrapo, ou do Elia Gêlo para ir aos bailes da região auto apelidou-se de “bando de anú” porquê normalmente vestíamos ternos pretos e andávamos em bando, fazendo algazarra.

2.7 O baile da lama em Piedade

Fomos num baile em Piedade, no clube da Praça, o PFC (Piedade Futebol Club), e na volta com uma chuva torrencial, vindo pela estrada de terra do bairro dos Leites a Kombi encalhou no meio do barreiro numa daquelas subidonás, lisas que nem um sabão. A Kombi empacou, o motorista acelerava e ela “saía de banda”, ameaçando ir prô barranco. O motorista pediu prá todo mundo descer e empurrar. Foi um tal de arrancar as fantasias de anú, formar aquele bando de homens de cuecas, camisas brancas de mangas compridas e alguns de gravata ainda. Pena que não havia celular para registrar a cena. Virou um bando de nús. Hoje seriam nudes.

2.8 O baile do pijama do Seme em Araçoiaba

Outra viagem de Kombi para Araçoiaba. No início os bailes eram num clubinho bem no centro, na praça da Igreja matriz. Um salão com janelões baixos por onde a gente pulava quando saía briga no salão e alguns caras de pau pulavam mesmo para entrar sem pagar. O Seme Hadadd, filho do Zé Turco e da Jovita, tinha comprado um pijama novo, daqueles antigos, listrados de mangas e pernas compridas, típicos dos que só se usavam quando se internava num hospital. Lá pelas três da madrugada, o baile roncando o Seme vai para a Kombi, veste o seu pijama, estalando de novo, e bota o cabeção na janela no intervalo da seleção musical gritando: “Ei turma, vam ‘bora que eu tô cum

sono: quero dormí". Na verdade ele queria era exibir o pijama novo. Tempos depois o clube mudou para o local do antigo cinema, na mesma praça, uns cem metros abaixo na direção do lago. Acontece que o cinema, para permitir uma visão melhor da tela, era em desnível, ou como se dizia: o salão tinha "discaída". Dançando ladeira abaixo era uma maravilha mas ladeira acima era uma dureza.

2.9 Os bailes da região

Nós, os jovens "baileiros" de Salto de Pirapora sempre gostávamos de ir aos bailes de Pilar do Sul, apesar da eterna rivalidade das duas cidades vizinhas. Mas, conosco era diferente: nunca arrumamos brigas, éramos bem recebidos e os recebíamos bem em Salto, nos nossos bailes. Fizemos lá grandes amigos como Zé Maria e Tucha, João Marcolino, o Nézinho (viria a ser cunhado do Júnior da Shirle) que infelizmente morreu novo de tanto beber, o Véia dentista, que morreu velho mas bebendo bastante, e tantos outros. Havia um costume em Pilar do Sul de interromper o baile no meio e fazer um leilão para arrecadar fundos. Num desses bailes estávamos eu, Miguel do Paco (Miguérzinho Espanhór), Miguel e Seme Hadadd, Zé do Lico, Lino Castellani, Galo (Celso irmão do Zé Quito), Mirinho e outros tantos levados provavelmente na Kombi do Elíá Gêlo, ou do Aristide Farrapo ou do Arcide ou ainda a do Nezinho barbeiro. No meio do baile começou o leilão e a certa altura foi leiloado um cuscuz. Prá quem não conhece é feito num cuscuzeiro com massa de farinha de milho com sardinha e ovos cozidos. Quando desenformado e colocado num prato de "ponta cabeça" ficavam aparecendo os ovos cozidos cortados em rodelas destacando o branco e amarelo por fora e as sardinhas enfileiradas inteiras. O leilão estava fraco de interessados e o leiloeiro, muito esperto, resolveu provocar: "20 cruzêro no cuscuz e a turma do Sarto num cóme cuscuz". O Miguel Espanhol já se sentiu provocado: "30 conto e a turma do Sarto vai cumê cuscuz sim. O pilarense: 40 miréis e ôceis num come. O Miguér: 100 conto e nós cóme". Não teve jeito e veio o cuscuz prá nossa mesa feito um troféu. Todo mundo já bem "artete" (bebuns) e naquela altura do campeonato ninguém tinha vontade de comer cuscuz. Um foi lá, tirou um pedaço de ovo, outro uma lasca de sardinha e por aí foi até o cuscuz virar uma verdadeira cratera lunar esburacada. O Miguel Ortiz, muito "beudo" olhou para o cuscuz: Essa bosta me custou cem conto. Botou a mão por baixo do prato e jogou prá cima. Não é que prato e cuscuz deram uma piroeta no ar e voltaram na mesa na mesma posição original?????? Coisa de bêbado mesmo. Num outro baile em Pilar do Sul mesmo, fizeram um leilão de um bezerro, que foi trazido pro salão arrastado pelas orelhas. Assim que adentrou o salão o bezerrinho, assustado e medroso, deu uma "cursada" daquelas do tipo "riscá campo de futebol com cá. Espalhou merda pô salão intéró". Foi uma correria de gente procurando sacos de estopa para limpar a sujeira. E o baile continuou. Com cheiro de mangueira. Também frequentamos muitos outros bailes na região: Recreativo e Sorocaba Clube, ainda no tradicional clube da Praça Coronel Fernando Prestes no centro. Houve uma época que o Recreativo foi comandado pelo Pedrinho Salomão que fez grandes bailes e com decoração do Alcides Guimarães. Grandes conjuntos de baile se apresentaram por ali: Super Som TA, Orquestra de Tupã, Biriba Boys e Modern Tropical Quintet e o Casino de Sevilla, que na época estava no seu melhor esplendor.

2.10 A sacaria do Aristides

O *Aristide*, da grande família dos Mandu: João Mandu, violeiro e compositor, Antonho Mandu, violeiro e mariano da Igreja Católica, Zequinha Mandu etc etc montou uma sacaria, uma pequena empresa praticamente de fundo de quintal, que funcionava nos fundos do Armazém do Zé do Santo. O Aristides comprava sacaria de papel usada, mandava desmanchar os sacos, virava-os do avesso e carimbava com o novo nome, Ou seja, faziam uma reciclagem. Ali trabalhavam o Orlandinho do Iúta, o Waldemar, o Flavinho, o Lagartinho e outros. Todos craques de bola. O Waldemar chegou a se profissionalizar no São Bento de Sorocaba mas não deslanchou apesar de ser um craque de bola. O Aristides era corinthiano roxo, fanático mesmo e essa molecada toda mostrava simpatia ao Corinthians por questão de sobrevivência na firma. Um dia o Aristides prometeu aos moleques, todos simples e de origem humilde que os levaria para ver um jogo do Corinthians no "Paicaimbu" em São Paulo. Promessa feita, promessa cumprida. Lotou sua Kombi sacarieira e partiu para São Paulo, via Raposo Tavares pois ainda nem existia a Castelo Branco. No alto da Serra entre São Roque e Cotia havia o Restaurante do Alto da Serra. Ali serviam um comercial famoso pela fartura. Nada de PF o malfadado prato feito. O Aristides desembarcou os meninos, que foram com muita vergonha e com o melhor de suas roupas simples para a mesa de jantar. O Aristides na cabeceira comandando o festim. Primeiro foi servida a sopa naquelas terrinas fundas, fumegando de quente, acompanhada de pão à vontade. O Flavinho, pediu para encher o prato fundo por umas 3 vezes. Estava acostumado (como todos nós) ao fato de que quando havia sopa em casa era sopa e mais nada. "Bateu" as três pratadas acompanhadas de vários "filãozinho". Novidade também para os garotos acostumados ao pão sovado ou o filão grande, cortado pela mãe na barriga com a faca de serra. Acabou de tomar a sua sopa, cruzou os braços e ficou ali comportadinho esperando e achando a

janta já tinha acabado. Começaram a servir o jantar propriamente dito: pequenas tigelas de feijão, arroz, batatas fritas, fígado de boi, batata doce, carne ensopada, macarrão com carne moída e outros que tais. O pessoal comendo e o Flavinho quietinho de braços cruzados. O chefe ordenou: Coma Flavinho, tire arroz, tire feijão, carne, batatas. E o Flavinho: “Deus que azúde seu Alistide, tô sastifeito”.

2.11 O Time dos Paradinho

Com a fama do time dos Parados, a ser contada adiante, surgiu o time juvenil com o nome de Paradinhos. O treinador era seu Dito Coelho, pai da Cirley e do Zé Carlão. Ali brilhavam os mesmos craques da Sacaria do Aristides: Waldemar, Orlandinho (tio do Waldemar), Lagarto, Flavinho, Rodeirinho, Jaime Vigorelli (tinha esse apelido porquê parecia uma máquina de costura nos dribles). Entrei para os treinos no time e logo fui adotado pelo Flavinho, que adorava “amarciar uma bola no peito” no meio de campo, arredondava e gritava: Corre Carlinho: lançamento perfeito, por cobertura por cima dos beques e eu disparando lá no corner direito: era ponta direita. Aí dominava e tinha que enfrentar os beques-cavalos Dorfão e Zitão. Num desses treinos eu cheguei antes e fiquei brincando ali pelo campo, “petecando bola e escabeceando no gol”. Minha mãe fez prá mim um biki. Era um boné tipo militar com um bico na frente e outro atrás. O Nambu (o pai, Mízael) que adorava judiar dos mais novos arrancou meu biki da cabeça com um tapa e encheu de areia. Segurei prá não chorar. Iria pegar mal. Começou o treino. No time adversário Nambu no gol, Gastão (Dorfão) e Zitão a dupla de beques trogloditas. O Zitão não era cavalo que nem o Dorfão mas duro de passar por ele por ser alto. E o Nambu me provocando do gol: bostinha, boné de viado, “finho da mamãe”. Lá pela metade do primeiro tempo, Flavinho mata a bola no peito, amortece e lança. Eu sozinho na ponta direita, vim fechando para o gol. Primeiro veio o Zitão, dei um corte prá direita e deixei comendo poeira. Na sequência vem o Dorfão com aquele pé de foice, roçando vento perna e o que mais viesse pela frente. Na mesma sequência do primeiro corte, dei o segundo prá esquerda e saí, frente a frente com o Nambu. Eu com aquela sede de vingança. O Nambu veio e se jogou na minha frente para abafar a jogada e tentando me derrubar com bola e tudo. Na maldade mesmo. Dei um toque na bola por baixo do barrigão e a bola foi caminhando lentamente para o fundo das redes. E eu caindo por cima do Nambu. Quando me dei conta de que estava por cima dele, o cotovelo a 5 cm daquela cabeça de bola de capotão não resisti, ergui o cotovelo mais alguns centímetros e desci com tudo. Senti a cabeça dele “pururucar” contra o chão seco do campo do Bumbo, atrás da antiga Prefeitura. Foi o tempo de bater, levantar e..... correr. Prá não apanhar. O bicho bufava. Mas nunca senti um gosto de vingança tão saboroso. Tive que correr dele naquele dia e em muitos outros mais, pois o danado virou juiz de menores e ia no clubinho onde eu comandava os bailes e eu tinha que aturar a “metideza” dele. Exigia entrada e cerveja de graça para ele e ainda tinha o topete de levar puxa sacos agregados para beber de graça. Ainda xingava a molecada que me ajudava no bar do clubinho. Depois passou, viramos amigos e tudo foi esquecido. Hoje sei que luta muito com a saúde e desejo que leve a melhor. Aquilo tudo ficou no passado mas fez parte do folclore da minha vida.

2.12 As festas de Primeiro de Maio do Seu Olézio

Olézio dos Santos trabalhava na Coletoria de Impostos, órgão estadual. Casado com a Dona Zuza, pessoa muito simpática e hospitaleira. O casal gostava de receber pessoas em sua casa mesmo antes de construir a grande residência da Rua Vicente Ferreira dos Santos, onde é hoje o Ciretran. Tinham uma penca de filhos: o Paulo, o Tomáz, o Antonio Marcos e o Pedro Geraldo, e as meninas Ana, Tarsila e Sílvia. Naquela época que poucas casas tinham TV era uma festa assistir um jogo na casa do “Seu Lézio”. Dona Zuza estourava grandes baciadas de pipoca, por repetidas vezes e aquilo se tornava um programa muito legal: assistir os jogos na TV, comendo pipoca e sentado num sofá, coisa rara nas nossas casas. Outra característica da casa era uma mesa redonda com uma roda menor no centro, que girava sobre o próprio eixo, levando os pratos para a outra ponta da mesa com um mínimo de esforço. O Olézio sempre foi polêmico, mas estava sempre brigando do lado dos fracos. Uma vez fez um discurso veemente nas arquibancadas do campo dos Parados. Num chute mais forte a bola do jogo foi parar no quintal do João da Nhá Cota e este não queria devolver devido à velha rincha futebolística e política: Bumbo versus Parados, turma do João Guimarães contra a turma do Genor do Santo. Depois do discurso contra a arrogância bumbense a bola foi devolvida depois de vaias e no final aplausos. Só tinha aquela bola para continuar o jogo.

Muito bem: Seu Olézio organizou uma festa de Primeiro de Maio inédita na cidade e que se tornou depois uma tradição e marcou época entre os poucos eventos da cidade. Convidou várias empresas para que montassem suas equipes para disputar diversas provas: campeonatos de cabo de guerra, de truco, de futebol, gincanas e no final um desfile começando no largo da Fonte e passando pela praça da Matriz, onde se instalou um palanque para as autoridades, os organizadores e as Rainhas de cada equipe. Assim, o Matarazzo, a Incalesa, a Cosipa, o comércio, o

setor rural montaram suas equipes para disputar as diversas provas e somando-se os pontos chegava-se ao campeão. Tinha também a princesa de cada equipe que ao vencer o certame também somava pontos. Vencia quem vendia mais votos. Eu participei pela Matarazzo e venci uma gincana que tinha baliza de estacionamento, acertar uma bola no gol e outras dificuldades. Minha parceira foi a Maria Helena do João Mandú.

No cabo de guerra o Matarazzo tinha o Lazão, o Gustão de Moraes, o Curingão e o Gentirlão da PonteArta, o peso pesado de cerca de 140 quilos que ficava na ponta da corda. O Curingão até hoje mostra com orgulho a medalha que ganhou junto com a sua equipe. Quem também participou, pelo comércio foi o Joel Haddad e o Jobão, um touro de forte, fiel funcionário da turcada por muitas décadas. As que disputaram como Rainhas foram a Elizeth do Genorzinho, a Nice do Correio, a Cirley do Matarazzo, a Noêmia do Neguito, a Celinha e a Regina Mascarenhas, lindíssimas e que vinham de Sorocaba especialmente para competir pelo setor Rural. O Genorzinho, pedreiro e construtor de cortiços se gabava de “ter gastado 5 mil na reforma da fia” prá participar do concurso.

2.13 A turma do “Matarazzio”

O caminhão *pau de arara* que levava os trabalhadores de Salto para a fábrica Cimimar, mais conhecida como Matarazzo, ou *Matarazzio* pro Gustão, pai da Zilda e da Maura que falava de boca cheia: “Eu trabaio no Matarazzio”. Esse caminhão era chamado de pau de arara, talvez numa referência aos paus de arara que traziam nordestinos para São Paulo em busca de trabalho. Era um caminhão de carroceria toda fechada de zinco, inclusive no teto, com uma cortina de encerado na frente para amenizar a poeira na seca e o vento frio no inverno. Atrás tinha uma escada de ferro para facilitar o acesso e na carroceria dois bancos laterais. Eu trabalhava no escritório em horário diferenciado dos operários da fábrica, do forno e outros setores. A turma que fazia parte no horário das 7.30 hs: Jorge Faustino, Antonio Brandini, Toninho Amâncio, Lazinho da Lina da Mulatinha, Laerte, Ditinho Brandini, Ditão do Arcidão, Zé Bode e eu também. Seu Jorge Faustino era um mitômano compulsivo, ou seja viciado numa mentira. Mas as suas mentiras eram floreadas, cheias de charme e o fazia com uma seriedade tão grande que a gente tinha receio de duvidar ou dar risada. Incluía datas e endereços. Por exemplo: “Sabe? (usava muito essa expressão) No ano de 1958 no Rio de Janeiro na Rua Alice número 254 existia um rendez-vous (o popular puteiro) muito chique com lindas mulheres de alta classe onde eu sempre frequentava.....” E ia por aí fora citando nomes e detalhes criados na sua fértil imaginação. Contou uma vez, com grande seriedade e circunspecção que foi pescar num rio muito largo e preparou como isca um belo pedaço de carne. Pescaria de linhada. Virou a linhada em volta do corpo por várias vezes e arremessou com tanta força, mas tanta força que não viu a isca cair dentro do rio. Ficou na espera: de repente começou a puxar forte e pesado. Linhada comprida: mais de 50 metros. Foi puxando, puxando, cada vez mais pesado até que trouxe a presa até a beirada do rio. Qual a surpresa quando viu que tinha fisigado um..... cachorro do mato. A força do lançamento foi tão grande que a linhada atravessou o rio caindo bem em frente ao tal cachorro do mato. “Durma c’uma buia dessas”. E desse risada ou tirasse sarro. Ele repetia toda a história com provas e argumentos mais contundentes ainda. Melhor ficar quieto e engolir em seco. Robatão, encarregado da Mecânica. Sério e circunspecto raramente deixava escapar um sorriso contido, disfarçadinho de lado, ouvindo as “proezas” do Seu Jorge. Luiz Pereira, o Luizinho, era o chefe do escritório e viajava na cabine do pau de arara, junto com a Cirley, funcionária do Posto de Abastecimento. Viajar na cabine era lugar de status na hierarquia Matarazziana. Eu pude viajar ali quando substituí o Luiz Pereira que após quase vinte anos de empresa, foi obrigado pelo Escritório Central em São Paulo (hoje Prefeitura Municipal, no viaduto Anhangabaú) a entrar em férias e eu, o mais novo de idade e de empresa fui encarregado pelo Diretor Engenheiro Wilmos Istvan Toth (o chefão geral) a “tirar férias” do Luizinho, que vinha se recusando a “sair” de férias para não largar o osso do comando do escritório. Tinha mais ciúme do cargo do que da mulher.

O Chiquito Rosa (pai do Mamute e do Chiquitão), o Querubim (nome de anjo, filho do Zé Fredão e irmão da Joilda e do Joelmir) e a Cirley eram funcionários do Posto de Abastecimento, uma espécie de armazém que revendia produtos da própria Matarazzo: sabão em pó, óleo de cozinha, açúcar Amália produzido na fazenda do mesmo nome, bolachas, macarrão etc da marca Petybon e uma infinidade de produtos da própria empresa. Esses produtos só eram vendidos aos funcionários para desconto em folha de pagamento, e isso gerava uma verdadeira caçada dos mesmos por pessoas de Salto que queriam os produtos de qualidade da empresa, não encontrados no comércio local (vendas do Zé do Santo, Zé Turco, Eugenio Seabra). Naquela época não havia supermercados na cidade.

Ditinho Brandini, que trabalhava com Custos, franzininho e que num jogo de futebol no campo dos Parados em que atuava como juiz de futebol levou um tapa na orelha do Balaio. Com medo de apanhar mais o Ditinho se jogou no chão com a mão na orelha, chorando que nem criança. Cena hilária que eu assisti ao vivo da arquibancada.

Lazinho, casado com a Lina da Dona Mulatinha, e o Agenor Teixeira (pai do Joninha) eram os encarregados de tirar Notas Fiscais. Estas notas eram datilografadas e passadas para um rolo de gelatina e depois copiadas num livro enorme de difícil manuseio (no chute: de 80 x 40 cm.). Usava-se no processo um carbono roxo, chamado copiativo,

específico para copiadoras de gelatina, que deixava as mãos todas pintadas de quem as manuseava. Se levava a mão no rosto, a cara ficava toda roxa.

Laerte, responsável pela folha de pagamentos, único filho da Dona Zica e de pai incógnito, criado pela mesma “com todo o leite” como dizia o meu pai, comparando filhos mimados com bezerros de vacas das quais não se tirava o leite e ficava tudo para a cria. Ou seja o Laerte tinha todas as regalias que a gente invejava. Ganhou da mãe uma bela casa no centro e uma das poucas com televisão aonde íamos em bando assistir jogos de futebol e tomar cerveja. O Laerte era meu chefe, bebia muito e tinha uns repentes de mau humor quando ficava dias sem falar com ninguém. Um dia, não sei porquê cargas d’água me passou uma rasteira dentro do pau de arara, todo sujo de lama. Caí de costas e tive que trabalhar com barro da cabeça ao calcanhar. Não tinha como me trocar. Numa das vezes que fomos ver jogo televisionado (um luxo) na casa dele tava o Zé do Lico. Era quem levava correspondência para o escritório central na capital. O Zé tinha tomado várias e dormiu no sofá durante o jogo. Nisso entra uma propaganda da caninha “Yaúca”, quem se lembra?. O Zé do Lico acordou assustado: Quem que é esse tar de Iaiúca que entrô no time do Parmêra???? Outros que não viajavam no nosso pau de arara e que merecem ser lembrados Dorfo Bode, encarregado da pedreira Dolomita. Pai do Dorfinho, Rosalvo etc. etc. etc. Rodolfo foi vereador nos tempos do Izidorinho, Bertinho Marcelo e outros (época pré Dito Pão). Eu era secretário da Câmara e redigia as atas: quietinho num canto, só fazendo anotações e sem direito a dar um pio e muito menos uma risadinha. Nisso começa uma discussão entre o Dorfo Bode e o Izidorinho. Este um homem de baixa estatura mas bem brabinho e fanático por politicagem. Como diria meu pai Pedro Orive: por ser pequeno a brabeza num tinha prá onde ir e ficava concentrada. Já tinha havido discussão numa sessão anterior e ocorreu a seguinte pérola de diálogo. Rodolfo: Na úrtima sessão Vossa Incelênci me chamô de burro!!!!!! Izidorinho: Eu num chamei Vossa Incelênci de burro não!!!!!! Rodolfo: Vossa incelênci chamô *minha* Incelênci de burro sim!!!!!! Só *se rindo*, mas o secretário tinha que ficar de boquinha fechada. Figura constante no pau de arara era o Calixtro, marido da Dona Leonor, pai do Dirceu Sebo, do Dineu Lindóia e da Dircéia do Robatão. O Calixtro era um “hóme brabo”, sempre de cara feia, vestido no estilo boiadeiro e com um indefectível “paiêro” fedidíssimo no canto da boca. Além de tudo estava sempre acompanhado de um cachorro fedorento e mau humorado que gostava de cheirar todo mundo. O Calixtro, como pai do Dirceu Sebo, que era chefe da Vigilância, puxa saco de plantão do Baroni (gerente administrativo) tinha direito a se utilizar do pau de arara quando bem entendesse mesmo sem ser funcionário e ainda por cima abusava dessa posição hierárquica, digamos assim de natureza “puxa-saquista”, por parte do filho Dirceu . Um belo dia o cãozarrão foi cheirar o André, que depois trabalhou na Prefeitura, e este ameaçou chutar o cachorro. O Calixtro enfezou: Porquê tá chutando o meu cachorro. E o André, bem enfezadinho também, devolveu na lata: “Se cherá eu de novo eu chuto o cachorro e chuto o dono também”. Foi a primeira pessoa que vi desafiar o Calixtro. E era um garoto, “de menor” ainda. Na minha vida formei vários garotos, ensinando tudo que sabia inclusive o “pulo do gato”. Na Matarazzo, pedi um auxiliar para o departamento pessoal que comandava sozinho, substituindo o João Machado e o Dineu. Escolhi o Zé Carlinhos, menor de idade que entrou como aprendiz na oficina mecânica mas, que naquele momento fazia valetas no campo de futebol, talvez pela falta de paciência dos mais velhos em lhe ensinar mecânica. Ele veio de macacão, sujo de terra, conversar comigo na janelinha do departamento pessoal e pediu para voltar depois do almoço, de banho tomado e de roupas condignas para entrar no escritório. Como ele tinha feito curso de Datilografia, dei-lhe um método e fiz relembrar a prática da máquina de escrever por uma semana seguida. O dia inteiro batucando na máquina mas quando terminou o treino estava um craque, quase tão bom quanto o mestre que aliás digita até hoje sem olhar para o teclado. Fui então passando todo o serviço para ele que, com muita vontade de trabalhar no escritório e ele e a família orgulhosos pela nova função, aprendeu rápido e quando resolvi deixar a empresa ele ficou no meu lugar e mesmo depois de aposentado continuou trabalhando para as firmas que sucederam a Matarazzo, que infelizmente “virou pó” pela má gestão da famosa terceira geração fazendo juz ao ditado: “Pai rico, filho nobre e neto pobre”. Um verdadeiro império de empresas iniciado pelo fundador Francisco Matarazzo que diziam ter começado vendendo banha de porco de porta em porta em Sorocaba. No auge tinham mais de 300 empresas no ramo de mineração, têxtil, celulose, produtos de limpeza, produtos alimentícios e por aí afora. Na geração de Maria Pia Matarazzo tudo foi por água abaixo, literalmente.

2.14 A política em Salto de Pirapora nessas épocas (sou péssimo em datas)

Como sempre se soube a política em Salto de Pirapora sempre foi dominada pelo Agenor Leme dos Santos, o seu Genor. Um eventual adversário foi o João Guimarães, pai do “Nirto Guimarães” que depois viria a ser um folclórico prefeito, trinta anos depois. Outros de oposição eram a turma dos Marcellos: Bertinho, Zé Carroça, João da Nhá Cota dando suporte mas nunca ameaçaram o reinado do Seu Genor, que era dono de pedreiras, da Incalesa, de

grandes sítios, da Granja em frente ao asilo, o qual foi ele que fundou e construiu. Lutou pela emancipação da cidade que se tornou município e não mais um distrito de Sorocaba. Lutou também pela criação de escolas mas foi sempre o Coronelão Manda Chuva. Tinha o melhor gado da região. Chegou a comprar um nelore puro filho do folclórico “Karvati”, um reproduutor importado da Índia, que de tão famoso foi embalsamado. Pois muito bem, tivemos um reproduutor de alta linhagem em Salto de Pirapora, que infelizmente com a decadência posterior da família, foi vendido a peso para o matadouro.

Depois do domínio do Seu Genor, ele já cansado da política, da politicagem e traírcas mútuas resolveu passar o bastão. Escolheu o seu sobrinho dentista Nivaldo Dias Baptista, pai do Nivaldinho mas este não tinha a política nas veias. Acabou renunciando e criando a famosa “tríplice renúncia”, fato inédito e comentado a nível nacional. Seu vice também não quis assumir e o Presidente da Câmara também abdicou do cargo. Ninguém queria pegar o abacaxi. O suplente Paulo Padeiro assumiu na vacância do renunciante, foi eleito Presidente da Câmara e assumiu o cargo de Prefeito. Foi o primeiro e único prefeito biônico de Salto de Pirapora e talvez do Brasil. Era mais conhecido pelo seu apoio ao time dos Parados mas nunca foi uma liderança e não fazia nenhuma questão de ser simpático.

Depois do Paulo Padeiro veio a era João Turco, prefeito por três vezes, alternando com Newton Guimarães e sem dar chance para o Joel Turco, que já vinha beliscando, correndo por fora. Surgiram também Paulo Marcello, filho do Pedrão Marcello da Colaso mas nunca conseguiu realizar o sonho dos Marcelos de dominar a política.

2.15 Newton Guimarães – o prefeito folclórico

O *Nirto Guimarães*, de quem já relatamos o episódio com o malfadado J. M. Marin foi sem dúvida o prefeito mais folclórico entre tantos alcaides, mestres nesse quesito e vamos relatar alguns fatos. Filho de João Guimarães e *tinha* uma penca de filhos. O pai disputava o mando político da cidade contra o Coronelão Agenor Leme dos Santos. Numa festa de casamento na casa do Pedrão Trinta Dias, que tinha este apelido porque “fabricava” filhos em sequência encontrei com ele na entrada da casa do Pedrão, uma casa simples no bairro Bela Vista, mas de alvenaria. O Newton como bom político já foi cumprimentando todo mundo e disparou: “Vamo turma, vamo entrá no barraco”. Ainda bem que os donos da casa não ouviram. Numa cerimônia de inauguração do busto do seu pai em uma pracinha no Campo Largo, onde estava sendo aguardado para dar início ao salamaleque oficial foi logo dizendo: “Vamo turma, arranque logo a carapuça do bruto” Nessas ocasiões as estátuas são cobertas com um pano preto para ser “descerrado” na abertura da cerimônia. O sentido dúvida da expressão “arrancar a carapuça” torna o fato mais hilário ainda. Em outra ocasião, num comício realizado na praça central, defronte à Matriz, foi solenemente anunciado para subir ao palanque, já com todo o séquito de “otoridades” e puxa sacos locais. Sem a maior cerimônia se dirigiu ao palanque pela parte da frente, ergueu uma perna na altura do tablado, passou o braço no guarda corpo e galgou a plataforma do palanque. Acontece que nesse contorcionalismo o paletó subiu para o meio das costas e só não mostrou a bunda, porquê o paletó era bem comprido. Detalhe: o acesso ao palanque era pela parte de trás, com uma escada com quatro ou cinco degraus mas o Newton na sua simplicidade escalou pela frente mesmo exibindo as partes pudebundas para o público. Ainda bem que cobertas. Num outro comício chamou para o palco o Zelão do Piraporinha, um homem de quase 2 metros de altura que cantava e arranhava um violão tosco para se acompanhar. “E agora pá tocá umas moda pocéis o Zelão do Piraporinha”. Acontece que o palco improvisado era em cima de um caminhão, estacionado ao longo da rua, com acesso pela parte menor da carroceria e as duas guardas eram mantidas fechadas por questão de segurança. O Zelão empunhou o violão, cantou ao microfone e conforme era aplaudido, foi voltando para o fundo do palco e por educação, fazendo medidas de agradecimento de frente para o público e andando “dis costa”. Foi recuando, recuando até chegar na guarda do caminhão que batia no meio da sua canela. Sem perceber que estava no limite e, emocionado com os aplausos arrancados a fórceps, bateu com as pernas na dita grade e “capotou” para fora do caminhão com violão e tudo. Cena hilária que por sorte não lhe trouxe maiores consequências. Apenas o susto. No tradicional desfile das festas de Primeiro de Maio, organizadas pelo *Seu Olézio* havia desfile dos alunos de escola, caminhões da Ramires Diesel (Ramires Dias, na linguagem do Newton) de Sorocaba, tratores Massey Ferguson da Automec, máquinas pesadas da Cosipa e Votoran e por aí afora. O Newton como sempre empoleirado no palanque das “otoridades” tomou o microfone nas mãos e começou a narrar: “Eita turminha boa da escola, tudo de liforme azur desfilando pá nós nesse sórlão quente de rachá mamona. Brigado, brigado. Brigado também para Ramires Dia que mandô esses caminhão Iscanha pô nosso desfile. Brigado Artomec por mandá os extrator MasseFérco na nossa festa” E por aí foi distribuindo agradecimentos como se a festa, as homenagens e as atrações fossem somente para ele e seu séquito. Numa festa no salão do cinema do Neto, atual Banco do Brasil, o cinema já desativado e o salão livre de cadeiras e um palco no fundo, trouxeram umas mulheres quase peladas, tal o tamanho exíguo dos biquínis. Após a apresentação das moças elas ficaram zanzando no meio dos comensais que tomavam suas bebidas e comiam salgados. Um conjunto musical, talvez do Ademar Benedetti: the Princeps, grafado na bateria assim mesmo ao invés de The Princes, atacou uma música e o Newton, mesmo

acompanhado da esposa Marina, tirou uma das moças para dançar. Cena hilária: ele de paletó e a moça quase pelada rebolando a bunda quase totalmente desnuda no salão. Esse era o Newton que gostava de apresentar os membros do seu *staff* assim: “Este é o João (João Beronha), meu fio que nomeiei como deretor de obra. Este é o deretor da Saúde”. E ia por aí afora nomeando todos os seus *deretores*.

Outra história contada pelo próprio é de quando moravam no sítio e dormiam todos os irmãos juntos num só quarto, iluminado por uma lâmpada de querosene. Na hora de dormir havia uma disputa para ver quem apagava a lamparina “com um peido” e o Otacílio conseguiu a proeza. Mas contou o Newton que no dia seguinte a lamparina estava totalmente coberta de merda.

Esta história não tem nada a ver com o nosso mestre do folclore caipira mas vou incluir para não perder a deixa. Não sei a veracidade do fato mas, vamos a ele: Num desses comícios realizados em cima de um caminhão, programado para a noite foi puxada energia emprestada de uma casa vizinha com um pendente cheio de bocais para as respectivas lâmpadas. Ocorre que por economia de lâmpadas metade dos soquetes ficaram vazios. O candidato foi para o palco e bem debaixo do pendente, iniciou sua peroração: “Povo de Monte Belo cú da Juruáia (com o povo da Juruáia, ambas de Minas Gerais), eu quero dizê pocéis que eu quero sê inleito pá mudá o distino dessa cidade. Na minha demenestração eu quero que Monte Belo vá pô futuro, vá pô progresso (neste momento eloquente com o dedo apontado para o alto, acertou o bocal vazio, energizado) Eu quero que Monte Belo vá pá..... PUTA QUE PARIU (exclamação assustada com o choque do soquete vazio).

2.16 Bar do Feliciano e do Tonico

Onde é hoje o bar do Coxinha, era o bar do Feliciano, pai do Nilson, do Bertinho e uma penca de irmãs. O Nilson era muito criativo e anos mais tarde assumiu o bar Andorinha no centro de Sorocaba, onde está o Bamerindus e criou sanduíches espetaculares como o Illinois, que só me lembro que tinha ovo batido no meio de presunto, queijo etc et . Lançou o filé à parmegiana que ninguém conhecia na região (só existia no cardápio dos grandes restaurantes) substituindo o filé mignon pelo patinho bem mastigado naquela máquina amaciadora de bifes, específica dos açougues. Isto para tornar o preço mais acessível. Foi um sucesso. Ninguém sabia o que era um filé à parmegiana (referência à cidade de Parma). O Feliciano vendeu o bar para o irmão Romãozinho e quem tocava eram os filhos Tide e Renê. Os pasteizinhos de carne da Marlene estão na minha memória até hoje.

O bar tinha duas mesas de sinuca nos fundos onde disputamos muitas partidas valendo cerveja e bauru. Quando o João Turco chegava acabava a brincadeira. Passava a mão num taco e entrava no meio da partida (que era disputada em duplas) dava uma tacada em qualquer das bolas e estragava o jogo. Também fazia isso nas nossas partidas de ping pong e buraco no clubinho e acabava com os nossos bailinhos. Ou seja, onde chegava, relaxava e acabava com todas as brincadeiras. O Zé Bode, que sempre andou na cola do concunhado, dava suporte. Nós, mais novos, tínhamos que engolir os dois estraga prazeres. Fazer o quê????? Mas deu no que deu. Relaxaram e estragaram as nossas brincadeiras mas também relaxaram na administração da farta herança que receberam, resultando no desmantelamento de um belo patrimônio que lhes caiu no colo mas, não souberam aproveitar. Por um tempo o bar foi vendido para o Tonico, o mais novo dos filhos da Dona Mulatinha. Nesta época a Nancy e a Martinha eram meninas ainda. Quem não saía do bar era o Zé Pirulito do João da Barra. Era superstar para a Maria mulher do Tonico. O Pirulito tinha desavenças parentescas com o Joel Turco e um dia se pegaram no tapa dentro do bar. Sobrou para o João Friage (pai do Naile, Sidnei, Gilsinho, etc etc.) que levou um copinho na orelha e depois perguntava aos dois brigões: Foi você que deu um tapa na minha orelha Zé? Eu não, ele respondia. Ia para o outro: foi você Joér? Eu não. Ficou sem saber de onde tinha vindo o “telefone”, como era chamado o “tapão no pé do ovido”.

2.17 O restaurante do Otelo Castellani

Esse foi dos meus tempos de moleque e poucos conheciam. Ficava abaixo da padaria do Paulo Padeiro. Seu Otello era o pai do Lino Castellani e do Telinho. Montaram um restaurante, servindo sopa de entrada e depois o comercial completo: arroz feijão, bife, batatinhas, batata doce etc. etc. Uma “chiqueza” para a época. Seu Otello colocou uma TV em preto e branco com papel colorido na frente para dar a ilusão de TV a cores e só podia entrar no salão anexo para assistir televisão quem consumisse alguma coisa no bar. Me lembro do Vitor Hage, filho do Ged e da dona Sufia, entrando no salão virando uma garrafa de soda limonada, no “bico” para demonstrar que estava consumindo e tinha direito à TV. Figura folclórica e onipresente no restaurante era o DIDI, filho do Nhonhô (Etelvino) de Góes e da dona Virgulina. Como morava em Sorocaba ia almoçar no seu Otelo. Pedia só uma sopinha e filava umas misturas dos amigos que ali almoçavam.

2.18 O bar da Ditinha do Paulino.

Este ficava onde está hoje o Alk. Tinha umas mesas nos fundos para jogo de truco e cacheta. Era frequentado pelo Antônio Ribéro, Flavião do Chiquinho Ramo, João Turco, Messias, moleque ainda aprendendo as traquinagens do baralho no qual se tornou mestre com as lições do super mestre Antônio Ribéro. Tinha também o Ney do Araldo e da dona Norma do cartório, viciadíssimo num baralho e outros tantos jogos de azar. Nós, a molecada: eu, Nazário Caetano, Renê, Tide, Zé do Lico, Zé Carlinhos do Moacir Padeiro sofriámos na unha do Nhô Dena e do Getúlio do Praxedes, sempre de fogo e nos intimidando. Numa dessas encrencas o Nazirinho resolveu encarar os dois. Eu, que já vinha saturado daqueles dois estraga prazeres, quando vi o Getúlio de costas para mim, sem pensar e no impulso meti-lhe um chute pelo vão das pernas, achando que na confusão ele não iria saber quem era. Mas ele identificou o agressor na hora, e saiu correndo atrás de mim. Entrei por trás do balcão onde descobri que o mesmo não tinha saída. Não tive dúvidas. Subi na pia e saltei por cima da mureta para ganhar a rua e ir para casa e ficar bem quietinho, enfurnado. E o medo de apanhar daqueles dois cavalos?????? Fiquei sumido da pracinha e dos botechos por mais de uma semana. No correr da vida o conhecido “Nhô Dena” morreu tristemente em um acidente de automóvel no caminho da Ilha Comprida.

2.19 Zé Antonio e amigos importados

Neste tópico vamos abordar amigos que frequentavam a nossa Salto de Pirapora mas que não eram moradores da city. Vinham por intermédio de amigos, acabavam gostando e se enturmando, não raro arrumando namoradinhas e passavam a integrar o nosso pequeno círculo social, curtindo o clubinho, as rodinhas de “fazer hora” jogando conversa fora altas horas da noite, depois da volta do ônibus dos estudantes que chegava por volta de 11.45 hs. Não raro nos juntávamos ao lado da casa do seu Agenor, um pequeno pedaço de rua sem saída, alguém ligava o rádio do fusca na Rádio Mundial do Rio de Janeiro, que só pegava a noite e curtíamos o “Big Boy”, um locutor muito doido e muito animado que abria com o bordão: “Hello Crazy people, Big Boy pela Rádio Mundial AM 860 Rio de Janeiro falando para o mundo.....” e outras tiradas geniais como “Aqui fala Big Boy apresentando a Mundial é show musical e o programa Ritmos de boate” e desfilava músicas fantásticas que só ali conseguíamos ouvir. Detalhe, era AM e não FM. A turma onipresente: Sidney e Naile, Miguel Mandu, Nenê e Paulinho da padaria, Lupírcio (Nilson Fernandes) Chacrinha ou Zug ou Vermelho, Verme para a turma da faculdade de Estatística, que era o Toninho filho da dona Rosa e do Lily, donos do bar que havia sido do Chico Celim, bem no centro, de frente para o atual ponto de táxi, Carlos Alberto do Zézinho Circuito, Sidney do Aristides que tinha uma Kombi táxi, Paulo e Tomaz do seu Olézio, eu claro, e o importado Zé Antonio, que não sei quem fui que apelidou de Verinha, referência à Vera do Wilson Leiteiro, sempre muito magrinha. O Zé era amigo do Tomaz e veio pela primeira vez na casa do seu Olézio e foi gostando e foi ficando. Virou “da turma”. Morava em Sorocaba mas tinha nascido em Votuporanga onde seu pai militava na política tendo sido vereador naquela cidade.



O Zé Antonio filando uma boia na casa do Carlinhos da Marvina

O Zé sempre esteve ligado aos nossos acontecimentos sociais e sempre manteve contato comigo e com o Tomaz principalmente mesmo depois de se casar e morar em Itatiba. Hoje mora em Campinas, casou-se com a Helena, em segundas núpcias e está para se tornar o dono da cidade de Indaiatuba onde está tocando um grande empreendimento na área de loteamentos residenciais. Frequentava nossos encontros anuais, os encontros realizados anualmente pela Nice do Correio com suporte do casal Tomaz e Célia. Do Zé herdei e uso muito a expressão: “Mas eu não brinquei” principalmente quando minha mulher me pergunta se eu vou tomar banho. O Zé conta, que quando era criança, à noitinha a mãe chamava:

-Minino, vem tomá banho pá jantá. Ele na maior cara de pau:

-Mas eu não brinquei.

Ou seja, não precisaria do banho porquê não brincou. Desculpa esfarrapada que não colava com a mamãe severa:

-Já tomá banho vagabundo.

2.20 A kombi do Seu Olézio

A Kombi do Seu Olézio virou quase uma instituição em nossa cidade. Seu Olézio que chegara como funcionário da Coletoria de Impostos, chegou à cidade com numerosa família e certamente em condições financeiras precárias pois um funcionário do Estado não tinha proventos lá muito atraentes. Mas, muito esforçado, estudou, prestou concurso para Fiscal de Rendas do Estado. Ou seja um funcionário mais graduado ganhando pela média da produção dos outros colegas, mesmo depois de aposentado. Meu irmão Delfino também foi Fiscal de Rendas e há mais de vinte anos seu salário variava entre 12 e 15.000,00 reais. Seu Olézio, além de construir uma casa enorme para acomodar a imensa prole, cuja característica marcante e inovadora para nós, era uma já citada mesa redonda com um sobre disco de madeira rotatório, com menor diâmetro, que girava sobre a base da mesa movimentando os pratos sem que

se precisasse levantá-los. Adquiriu também uma Kombi, com lotação para 10 pessoas. Como trabalhava em São Roque, para onde se deslocava todos os dias, criou uma freguesia cativa, que embarcava de carona na Kombi. E ele adorava isso e já ia fazendo paradas onde sabia que alguém precisava de carona. A Maria Elisa do Dito Frango reservou-se o direito de sentar no primeiro banco, na janelinha e ai de quem ousasse querer tomar seu lugar no trono. Dava carona para estudantes, trabalhadores, policiais militares que trabalhavam em Sorocaba ou São Roque e vivia lotado. Ele dirigia cantando, rindo e conversando bastante, animadíssimo com o seu público cativo de quem nunca cobrou ou aceitou um tostão. Adorava fazer aquilo. Essa Kombi também serviu para nossos deslocamentos em bailes pela região e o motorista era o Degas aqui, que era o único que tinha habilitação. Também, os outros da turma eram todos menores de idade. Uma vez fizeram uma viagem a Santos, na casa do Magrão, cunhado do Zé Antonio. Dessa eu não participei. O Hélio do Ditinho Mandu e da Wardomira, meteu a mão no chuveiro e levou um choque 220 V que abriu a mão dele.

2.21 A kombi do Nezinho

O Nezinho era um barbeiro, que tinha um salãozinho mais ou menos onde está o escritório de corretagem da Gizele, irmã do Zeca do Fuade. Pessoa muito simples, meio envergonhado, falava pouco. Contratamos o Nezinho para nos levar para Pilar do Sul, em um daqueles bailinhos. Mas o motorista, por insegurança ou cuidado excessivo com o veículo dirigia muito devagar. No máximo 40/50 km por hora e os gozadores começaram: Mas Pilar é longe não, disse o Cláudio do Mirão. O Paulo do Olézio respondia: É longe mesmo não?. Silêncio. Outro gaiato procovocava de novo: Mas Pilar é longe não? Mas de nada adiantou. A viagem levou mais de duas horas. No caminho ainda paramos para roubar mexericas mas fomos surpreendidos com tiros para o alto.

2.22 O impala do Paulo Padeiro

O Paulo Padeiro, marido da Dona Nena, pai do Paulinho, da Elizete e do Nenê tinha um Chevrolet Impala lindo, “rabo de peixe”, conservadíssimo, carinhosamente chamado de marraconada, pois só dava as caras aos domingos. Mantinha o carro numa garagem nos fundos da casa, anexa à Padaria Nossa Senhora Aparecida. A saída da garagem era pela rua dos fundos, onde ficava a Caixa Econômica Estadual, depois Banco do Brasil, originalmente o cinema do Neto. Os documentos ficavam guardados num bufê na cozinha, dentro de um saco vazio de pó de café São Bento (eita memória boa hein?). Na pracinha começava a operação “Rouba Impala”. O Paulinho entrava na casa e disfarçadamente afanava os documentos. Depois ia pros fundos e destravava o portão para nós entrarmos *na miúda*. O Nenê, apesar de não ter carta, era exímio motorista e tirava o Impala, quase raspando na parede do lado esquerdo. O Paulo, talvez desconfiado de alguma arte, estacionava o carro grudado na parede e saía pelo lado direito. Colávamos na parede, um na frente e outro na traseira orientando o Nenê para tirar o carrão que saía rente com a parede, quase um fio de cabelo da mesma. Operação delicada, pois não podia acelerar para não despertar a atenção lá dentro da casa. O Nenê assumia o volante e íamos *no cacete* prá Pilar ou Araçoiaba. Eu ia na frente, como motorista de plantão. O plano era: se algum comando nos parasse eu desceria *vomitando as tripa* e dizendo que estava passando mal e que o Nenê, menor de idade e sem habilitação iria me levar para o hospital. E a gente acreditava que isso funcionaria. Santa ingenuidade. Tempos depois o Nenê já habilitado deu uma carona prá minha mãe levando-a para Sorocaba. Minha mãe entregou para a Dona Nena: “Ai, que delícia, fui de carona prá Sorocaba com o seu filho: o carro parecia que ia voar”. Dona Nena, brava, pegou o Nenê de jeito: “A Dona Marvina disse que você foi vuando pá Sorocaba, dirigindo que nem lôco”. E o Nenê me contando que minha mãe tinha entregue ele direitinho. Coitada, era apenas força de expressão, pois acho que poucas vezes na vida tinha andado num bólido daqueles.

Numa dessas *roubadas* o Jonas do Vito Moraes, morrendo de ciúmes porquê nunca era chamado a participar virou a cidade, à noite, procurando um cadeado para trancar a garagem e estragar a nossa brincadeirinha que já estava se tornando usual.

O Zé Antonio (Verinha) lembrou que o Paulo comprou um Maverick lindo também, naquela cor entre o verde e o azul, que a Elizete usava para dar infindáveis voltas pelas ruas do centro de Salto, todo domingo depois do almoço. Meu sonho de consumo quando comecei a ganhar uns bons trocados, trabalhando na região de Cascavel, no Paraná, era um carrão desses. Vim de lá com um cheque visado de uns 30 mil cruzados para comprar um Maverickão GT 1.8. E queria branco ainda. Meu irmão Crizólito tirou da minha cabeça e me empurrou um Ompala duas portas, vermelho. Usadão mas imponente. Tinha um toca fitas sem botões: tinha que virar o dial *no pino*. Uma vez saindo de Céu Azul rumo a Foz do Iguaçu, divisa com Paraguai, viagem de 150 km. mais ou menos deu um problema no trambulador e a alavanca de câmbio ficou *boba*. Tive que voltar a Céu Azul, 50 km mais ou menos, na segunda

marcha, a 20 km/hora.

Queria um Maverick zero bala e me empurraram um Opala usado.

2.23 Vito Moraes

O Vito Moraes foi parte intrínseca do folclore de Salto de Pirapora. Era tio do Zé Quito, pai do João do Vito que casou com a Mileide, e do Jonas, Roberto, Ademar etc etc e bota etc nisso. Tinha uma carroça e com seu cavalo catava tudo que é tralha que achava para comprar. Já me chamaram de Vito Moraes pois adoro catar umas tranqueiras usadas nos ferros velhos também. Tudo que você procurasse usado o Vito Moraes ou tinha ou sabia onde encontrar. Homem simples, mas bom de conversa, sabia contar uns causos e com isso ganhava a simpatia de todo o mundo. Certa vez eu procurava arame farpado usado para arrumar umas cercas no sítio da Fazendinha, onde eu brincava de boiadeiro. A quem recorrer? Fui no Vito Morais: “Carlinho, sei de um hóme lá pas banda do bairro dos Barro que dismanchô umas cerca e tem um monte de arame véio pá vende”. Botei o Vito no meu fusca e fomos atrás da mercadaria. O interessante disso tudo foi o diálogo com o dono da mercadaria. O Vito chegou com a prosa macia de quem quer comprar e pagar barato. Logo ofereceram aquele café típico de sítio: bem fraco e bem doce, uma copada e tanto que levei meia hora enrolando prá engolir. Aí começou a prosa: Eh aí nhô Joaquim como é que tá a vida no sítio? Tem lidado c’ás prantação? E o gadinho tá engordando? E os fio como é que tão, são bão poceis? Ói, nhô Vito, o Zezinho, mais véio, tá cum dizenove ano agora. Mais, pense num rapais bão. O Zezinho “num tem artura de bão”. É bão demais da conta. E o João, mais moço, é pareio de bão, é bão pareio”. E nessas conversas, intercaladas por goladas de café fraco, doce e frio a prosa ia desenrolando e o Vito levando a conversa pro lado que nos interessava: pechinchar e comprar barato.

2.24 Sorocaba: a turma do Estadão - primeira fase

Como já contei, fui estudar no Estadão em Sorocaba. O Instituto de Ensino Júlio Prestes de Albuquerque (IEJPA), na Avenida Eugenio Salerno, na mesma avenida do Seminário e da Escola Municipal. Era naquela época, por volta dos anos 60 e durante as décadas seguintes, uma instituição de peso em matéria de ensino em Sorocaba. Para entrar no Ginásio, tinha que prestar um exame de Admissão, dificílimo. Eu, por exemplo, bombei no exame de admissão, apesar de que tinha sofrido um corte no dedo médio da mão direita “brincando de pais” na construção do cinema do Neto. Tinha dificuldade até para escrever mas não é isso que justifica ter “levado pau” no exame seletivo. Fui para a OSE, Organização Sorocabana de Ensino, na rua da Penha perto da Padre Luiz, onde cursei a primeira série. Na segunda série pedi transferência para o Estadão, tendo dessa forma driblado o difícil exame de admissão. Nessa época estudei com o Gilson Luchesi Delgado, filho do dono da banca de jornais da praça Coronel Fernando Prestes, no centro de Sorocaba. O Gilson é hoje um oncologista de renome na cidade. Tinha também os filhos do Carlos Pinto: o César e o Carlos, que tinha um defeito na perna e eu, maldosamente, o apelidei de Manco Capac, um personagem do reino dos incas. Já praticava o bullying sem saber. Mas era de uma forma carinhosa. O Carlos Pinto era advogado do Banco do Brasil e tinha uma belíssima mansão no largo Nove de Julho, perto da Casa das Mães Solteiras e convidado para estudar com os meninos, desfrutei de grandes cafés e almoços. Na turma tinha também um cara muito engraçado, chamado Ernâni, que depois descobri ser meu primo em primeiro grau. As nossas mães, irmãs de sangue, não se davam e a mãe dele recusou seu pedido de me levar na casa deles. O Ernâni, me lembro muito bem tinha o número 18 e na chamada da aula de religião tínhamos que responder Salve Maria. Número 1, Salve Maria, número 2 Salve Maria, número 17 Salve Maria. Número 18 e o Ernâni gritou alto e bom som: “Viva São Pedro”. A classe explodiu, o Ernâni foi expulso e tomou um zero de presente.

Nessa época o Estadão tinha um time de futebol de salão que ganhava todas. O nome do time era: FuraGuerraMoa-ReiNelBron. O goleiro era o Foramiglio, depois o Guerreiro, o Moa, filho do seu Moacir Pires de Melo (este merece um capítulo especial), e da dona Lourdes, irmão da Regina, casada com o José Maria Rosconi, da Helena, da Inês, do Pedrão e do Tadeu. Rei, era o Reinaldo, pai do Reinaldo do RPM, de quem me tornei grande amigo de tênis 40 anos depois. O Nelson e o Brondi completavam o timão de craques. Os campeonatos na quadra do Estadão eram vibrantes tanto em matéria de bola como de espectadores e torcidas.

Famoso nessa época era o Bachir, um turquinho baixinho e briguento. Todo dia ele arrumava uma briga, que era combinada para depois das aulas num campinho em formato de cuscuzeiro, no fundo do vale, mais ou menos na direção dos fundos do clube Ipanema. A gente tinha que descer um barranco, atravessar o valo e subir para o campinho. No intervalo das aulas já começava o buxixo: Vai tê briga, hoje tem briga. O Bachir chamou fulano pro pau. Contendo a expectativa esperávamos “dar o sinal” do fim das aulas e saímos correndo ladeira abaixo para não perder a briga.

Dos professores o mais folclórico era o Professor Eglas, de Geografia, famoso por ser irascível e perdulário na hora de dar notas. Era um tipo assim visionário. Costumava dizer que o brasileiro só pensava em futebol. Que se dessemos uma bola amarrada na ponta de uma vara o brasileiro iria chutando essa bola, atravessar o mundo sem pensar em mais nada. O Eglas tinha uma RomIsetta. Talvez o Romi seria um referência à Roma e Isetta o nome da fábrica, era um veículo para uma só pessoa, em perfeito formato de ovo, sendo que a porta abria para frente, deslocando o volante junto, tipo abertura de uma geladeira e não como a abertura de portas laterais nos veículos convencionais. Seu Eglas era tão odiado pelos alunos que, uma vez alguns se reuniram e levaram para a escola sacos de esterco de vaca e encheram o Kinder Ovo (coisa que se tornou moda mais de vinte anos depois) com: “bosta de vaca”. Contava-se que quando ele abriu a porta, que escancarava para a frente o esterco foi despejado em cima dele. Não vi e não posso provar.

Quem mandava no colégio era dona Dulce Pupo, esposa do Dr Mussi, mãe do futuro arquiteto Mussinho. Mas o diretor era o Seu Roque mas dizia a lenda que dona Dulce ao flagar o Roque com uma funcionária na sala da Diretoria, deu um golpe branco e passou a dirigir a escola com mão de ferro, com o beneplácito do silenciado e culpado Roque. Ouvi dizer que o Roque acabou até assumindo a tal secretaria, cujo nome vou declinar por motivos óbvios. Lembro-me do nome mas só revelo sob tortura. Nunca se sabe.

2.25 O Dito Frango

O Dito Frango foi daquelas figuras folclóricas que marcaram sua onipresença em quase todos os acontecimentos cotidianos de Salto de Pirapora. Tinha esse apelido por ter pernas compridas, como os frangos caipiras. E era bom prá correr. Com mais de cinquenta anos participou de um jogo de futebol no campo dos Parados e quando lançaram uma bola na ponta esquerda, ele saiu em uma “carrêra lôca” que não viu a mureta que cercava os limites do campo. Literalmente voou por cima da mureta e se levantou do outro lado todo faceiro e voltou pro campo. Aos mais de 80 levantava a perna e pulava por cima do sofá, conforme contou o Dito Simprício, que carinhosamente apelidei de Chico Bento. Também se comenta a sua virilidade mesmo com essa idade. Conta o Naile que ao mostrar filmes picantes, o Dito ainda “armava o circo”. O Frango também teve uma prole numerosa: Nego (tocava trombone na banda e nos conjuntinhos carnavalescos), Marilisa, Sid Conde (figuraça) o Canecão (outra figuraça), o Ditinho (uma comédia de loucura), Magali e Adilson Franguinho com quem praticiei muito bullying. Hoje é muito meu amigo e toda essa molecada que nós judiamos parece que perceberam que todas aquelas gozações não eram maldade. De uma certa forma os incluímos nas rodas dos mais velhos mesmo que fosse prá fazer judiação. O Dito Frango sempre marcou presença na praça, porquê morava ali perto e dessa forma estava por dentro de tudo que rolava por ali. Muito me surpreendeu um dia quando, falando com seriedade me disse: “Carlinho, você foi o número um no Sarto pá cuidá da famia”. Eu, entre surpreso e orgulhoso, falei: Mas Dito, como você sabe disso? você não frequenta minha casa, não sabe o que se passa ali. Me respondeu: não precisa, sentado aqui na praça eu vejo você passar de carro levando sua mãe, depois o pai ou o Luiz pros médicos, cuidando sempre deles. Confesso a minha comoção com o seu senso arguto de observação do seu ponto predileto no centro: na soleira da antiga barbearia do Romãozinho, hoje a loja do Bachar. No seu aniversário de oitenta anos lhe dei uma botina de presente que ele exibia todo orgulhoso, no seu posto de observador geral da república de “Sarto de Pirapora”.

2.26 O Paulo e o Elía Turco

A loja dos dois “brimos” era perto da fonte, onde foi o Bradesco por uns tempos e era mais voltada para a moda para cavalheiros e senhoras. Vendiam sapatos, coisa que só se encontrava em Sorocaba na época, roupas e até fogão à gás. Era como se dizia uma loja de armários. O Paulo era “mais bão de lábia” e o Elias mais contido, mais sério. Numa ocasião o Paulo chamou o Galo e anunciou: Trouxe um blusão especialmente de São Paulo, peça única e exclusiva. O Galo, que tinha ganhado esse apelido do Dirceu Sebo, por andar sempre meio empombado, de peito estufado, querendo ser único e exclusivo comprou e saiu desfilando todo garbosamente. Era uma blusa tipo moletom (esse nome ainda não existia) nas cores cinza e branco, muito bonita. O Galo se sentia “o cara” como se diz hoje. Mas qual a surpresa e a decepção ao descobrir que o Zorro que “lombiava” latões de leite para o Wilson Leiteiro também estava usando um igual. O Zorro era um “pinguço” que quando sóbrio fazia esses bicos prá comprar a cachaça. Era um bom homem mas para o Galo usar uma blusa igual à que o Zorro usava era o fim do mundo. A esperteza do Paulo Turco pregou uma peça na pose do Galo. Tiramos muito sarro dele na época.

2.27 A turma do Estadão - segunda fase

Depois de tentar a vida em São Paulo, nessa fase de ginásio, e ser jubilado de um dos melhores colégios estaduais da Capital: o Fernão Dias Pais no bairro de Pinheiros, enfiei a viola no saco e voltei prá vidinha de Salto. Como já contei trabalhando no Matarazzo o chefão Vilmos Toth conseguiu viabilizar o transporte, um jipinho Willys amarelo dos anos 50, e voltei ao velho Estadão da Eugenio Salerno para concluir o ginásio (terceira série em diante) e entrar no Científico. Para estudar à noite em Sorocaba ainda não havia o ônibus dos estudantes. No Estadão tinha uma turma da pesada. O diretor da noite era o Edson Campioni, professor de Matemática e os outros mestres: Hugo Polo de Biologia, Horácio Reis (pai do Júlio Reis Imóveis), um chato que me deu um zero redondíssimo, o Toninho de Física, o Ivan de Química, Nelson Guedes, Rubens Cutter e por aí afora. A turma da pesada: Ilson Alcoleá, Mauro Tadeu Moura, Adilson Segamarchi, o Pintado, Nambuzinho etc. O Mauro teve uma passagem fantástica. Achava que o professor o perseguia. Deixei ele colar uma prova inteirinha minha, de tanto ele me encher o saco, cutucando da carteira de trás: Carlinho mostra a prova, e eu morrendo de medo de sermos pegos e eu tomar zero. Colou tudo que queria. Na hora de ver as notas eu tirei 8,5 e ele ZERO. Ficou louco, queria brigar com o Professor e eu pedindo para esperar para ver as provas. Primeiro o mestre falava as notas, vinham as críticas habituais, normalmente chamando os alunos de burros, o que naquela época podia: ainda não era bullying e só depois entregava as provas. E eu: espera para ver as provas Mauro e ele falando em perseguição: como pode eu copiei a prova todinha, igualzinha a sua? Finalmente recebemos as provas em mãos. Fomos conferir. As questões eram de forças resultantes e no final de cada exercício tinha uma continha tipo: 4 vezes zero, 2 vezes zero etc. E o Mauro colocou os resultados: 4 vezes zero igual a 4, 3 vezes zero igual a 3. Eu disse: Mauro, o zero anula o produto e 4 vezes zero é zero e assim por diante. Porquê você não colou o resultado? E ele: quando vi aquela continha fiquei com vergonha de copiar o resultado e resolvi fazer a conta eu mesmo. Deu no que deu. Passou a vontade de bater no professor. E olha que o Mauro era briguento: encarou caras muito maiores que ele por várias vezes.

2.28 O Suva, meu primo de Sorocaba

O Suva, nascido Salvador, era meu primo. Faleceu há uns dois anos atrás. Filho mais novo de família muito pobre. Meu tio Miro, irmão da minha mãe Marvina, tinha sido ajudante de carreiro de boi do meu pai e segundo ela contava quando passava pela cidade tinha que se proteger em cima do carro de bois pois de tanto jogar pedras nos cachorros da rua, os cães já o conheciam e o perseguiam. Ao completar idade resolveu servir o exército para tentar tomar um rumo, talvez seguir a carreira militar. Mas numas andanças na região de Barra Bonita, conheceu a Tia Lídia na cidade de Igaraçu do Tietê: mocinha nova e muito bonita, na flor dos dezesseis anos e ele se apaixonou perdidamente. Mas já tinha se alistado espontâneamente no exército e foi chamado para servir. Naquela época era obrigado a servir o exército com dezoito anos mas, se ao se apresentar se você se declarasse agricultor era dispensado do serviço militar, como se dizia. Mas ele insistiu em se alistar, se apresentou e depois desistiu de servir e virou um “desertor”. Casou-se com a tia Lídia mas viveu escondido sem nem poder fazer casamento de papel passado e nem registro da pena de filhos que foram nascendo. Poderia a qualquer momento ser preso por ter desertado. Uma espécie de traidor da Pátria. Só foi registrar os filhos depois de grandes, quando a sua deserção caducou ou caiu no esquecimento. Tiveram os filhos João, que virou pescador no rio Tietê, o Milton e o Zé que viraram pedreiros em Sorocaba, as filhas Clair, Benê, Ornélia (homenagem à minha avó Dornélia) e a Verinha que ficou muito conhecida em Sorocaba por ser dona da loja Shoppig Seven na galeria Santa Clara na Padre Luiz e depois no shopping Sorocaba. Por último, a raspa do tacho: o Suva, criado com “todo o leite”, na condição de caçulinha. Nunca estudou e nem trabalhou. Com o sucesso da Verinha que ao comprar a loja de importados do Ary Proença deu como parte do pagamento a casa dos pais, o Suva, talvez por esse motivo ou pela caçulice mesmo se achava no direito de ter tudo sem trabalhar. A Vera comprou um fusca para ele que quando ele veio num baile em Salto caiu a roda. Exigiu toca fitas, o must da época, rodas de tala larga etc até comprar um Dodge Dart branco com o qual participava de rachas com os boyzinhos endinheirados de Sorocaba. Só que quem bancava os estragos dos rachas e cavalos de pau era a irmã. Tentou até montar uma loja de jeans para ele, na própria galeria Santa Clara mas ele nem aparecia para abrir ou tomar conta da loja e ela se desdobrava nas duas. Sempre foi muito trabalhadora e excelente comerciante. Aí resolveu se casar para ver se botava um freio nas investidas do Suva. E se casou com o Luizinho, também metido a boyzinho e igualmente durango. Numa ocasião no bar Balaio pediu a moto do Tomaz emprestada para dar uma volta e levou uma semana para devolver. Ficou curtindo e se exibindo para as gatinhas. Quando conheceu a Vera era vendedor da Móveis Gonçalves, loja muito famosa e que fabricava ótimos móveis dos quais tenho um exemplar. Mas aí, como se dizia em Salto: jogaram o sapo na água. O Luizinho largou a carreira frustrada de vendedor de móveis, tirou o catálogo de móveis de debaixo do braço e assumiu com “A” maiúsculo os negócios da Vera, que por sinal até ali ia muito bem: tinha uma bela casa na Paes de Linhares na Vila Fiori, sempre um bom

carro e uma coleção de sapatos à la Imelda Marcos. Maldade minha: Imelda Marcos mulher de Ferdinando Marcos, ditador deposto das Filipinas devia ter uns 2.000 sapatos, a Vera só uns 200. O Luizinho assumiu os negócios mas não tinha tino nem simpatia e quis inovar entrando no negócio de troca de dólares. Tentou uma sociedade frustrada numa fábrica de tanques com o Alfredo Galán, filho da dona da casa das velas e afins, na rua Padre Luiz vizinha do Mercado Municipal de Sorocaba. Aí a coisa se degringolou de vez e o sucesso da Vera foi virando suco (referência à loja de sucos de frutas na Paulista chamada o Engenheiro que virou suco). Perderam casa, loja e também se separaram. Uma grande lástima pois a Verinha tinha muito tino comercial, sabia cativar. As mulheres mais ricas e poderosas de Sorocaba (muitos homens também) eram clientes fidelíssimos dela. E no meio dessa epopeia toda o Suva, sempre frequentando os melhores locais e companhias de Sorocaba: Kana Kauê, Tribeca, Soft e sempre falando com sotaque muito caipira. Se virava fazendo bicos como vendedor de carros para amigos como Marquinhos da Komida e outros. Chegou até a ser sócio (ou apenas chamariz?) de uma discoteca famosa em Sorocaba há uns dez anos atrás: a Apile. Largou tudo pois me disse que não aguentava varar madrugadas no empreendimento. Na verdade gostava mesmo era de dormir e não ter compromisso com nada. Acabou morrendo sozinho quando estava feliz por ter adquirido uma pequena chácara onde sonhava lidar com as criações de que sempre gostou. Chegou a ter uma avícola nos altos da Nogueira Padilha mas não durou muito tempo. Quando se separou da Ivete a loja teve fim precoce. Mas, marcou época nas noitadas e nas rodas de motociclistas dos riquinhos sorocabanos, mesmo sem sê-lo. Sempre andou no meio de gatinhas e mulheres bonitas. Tinha o seu “charme caipira” e agradava.

2.29 A kombi do Elia Gelo

O “Elia gelo”, na verdade Elias Canalle, tio da Magali Canalle tinha uma Kombi de aluguel, que se soltasse na descida da ponte já ia parar na zona em Sorocaba. Ele próprio era freguez de carteirinha da “terra vermeia”. Levou muito a nossa turma para os bailes das redondezas e era um cara que além de meio louco, era gozador e engracado. Um vez inventou de descer com a Kombi pela rua do centro engatada em primeira e com um tijolo no acelerador: quando chegou perto do bar do Tonico (hoje Cochinha) desceu da Kombi, correu no bar, tomou uma pinga no balcão e voltou prá Kombi que descia engasgando e dando tranquinhos. No Carnaval retirou todas as portas da Kombi que se transformou numa mini jardineira. Acontece que nesse carnaval vieram uns negros fortes do Cafundó, encheram o latão e prá variar arrumaram briga. Chamaram o “Mário Sordado”, pai do Paulinho Mixirica que não tinha medo de entrar no meio de qualquer briga e “descer o cassetete parêo”. Um deles era o Levino, negro forte e encrenqueiro lá da turma do Guaxinduva. Quando viram o Seu Mário entortar o quepe de lado e empunhar o cassetete já foram “mijando pá trás”: “Não Seu Mário, nós arrespeita o sinhor”. Não tinha viatura para levar os briguentos para a delegacia e o Elias, que quando viu a coisa engrossar chamou a polícia, correu buscar a Kombi para fazer o translado. Só que tinha tirado todas as portas para a farra do Carnaval e então os presos eram jogados dentro da Kombi e saiam pelo outro lado e desapareciam. Resumo da operação: ninguém foi preso.

2.30 A turminha da *Via Sacra* e do *Curto*

Galo, Nazírio, Zé Carlinho, o Degas aqui e outros tantos gostávamos de ver a saída do culto da Igreja dos crentes perto da fonte. O Nazirinho falava: “Vamovê a sortada do curto”. Era a saída do pessoal da igreja e a gente queria flertar com as crentinhas. Mas a preparação começava no bar do Feliciano tomando umas geladas e o propósito era beber em todos os bares até chegar no Boqueirão, no começo da estrada do Matadouro. Bebemos no bar do Chico Faca, no do pai do Mosquito, no bar do Izídio, pai do Bolinho e por aí acima. Do lado do Izídio tinha uma igreja crente bem simples, e nós entramos. Eu pedi a palavra, fui lá na frente e fiz um discurso de louvação aos presentes e à minha crença naquela religião que eu nem sabia de qual se tratava. Tudo no embalo da “mardita”. A “procissão” continuou e fomos terminar quase no Campo Largo.

2.31 O barracão do Batista

Esse foi outro lugar em que batí ponto muitas vezes, quando o Batista já meio “caducando” passou o bastão para o Nego. Quem trabalhava ali era o Cissão, o Gordo além do filho do Nego, que desde moleque já bebia bem, tanto que um dia tomou umas pingas na Bertília e foi prá casa tomando uma latinha e mastigando o saldo final de um “baita torresmo”. Deitou de roupa e tudo e dormiu mascando o couro: no dia seguinte acordou com a roupa de cama toda engordurada. Cada um tinha suas histórias peculiares: O Nego tinha um cliente que era a fazenda Frutolândia e o Cissão sempre ia lá buscar ou levar cereais. Um dia chegou pro Nego: “A turma do Frutulano num qué vendê o fejão”. E o Nego: Quem?. O Frutulano. Quem é esse?. “Aqueles hóme da fazenda de fruta”. Era a Frutolândia.

O Gordo era um moreno baixote pesando uns 140 kilos e eu zuava falando que no baile as mulheres não queriam dançar com ele porque não dava prá “abracar”, corruptela de abraçar, devido à circunferência da cintura. Uma vez foi no centro de Sorocaba e ficou preso dentro do elevador que subia e descia, subia e descia e ele não sabia como sair lá de dentro. Quando o Nego mandou o caminhão para buscar umas coisas minhas em São Paulo quem diz que o Gordo entrava no elevador. Subiu 14 andares à pé: “nessa bosta eu num entro”. Quem já andava pelo barracão do Nego era o Telmo, hoje arquiteto da Prefeitura. Tinha uns 9/10 anos, rechonchudinho, calça curta, curioso e louco prá entrar na conversa dos mais velhos. E a gente judiava dele: sai prá lá gordinho curioso, “o que tá querendo escutá”. Ele saia meio sem graça mas logo estava de volta e acabamos incorporando o Gordinho na roda.

2.32 Zé Martim

Pense num “hóminho” chato, “pidonho”, “putanhêro” e entrão. Vendia leite de porta em porta e quando a dona da casa era bonita já ia entrando e ia parar na cozinha. “Óia o leiteeeee” num grito ardido e esganicado que assustava as mulheres, que muitas vezes nem vestidas direito estavam. Uma vez mandei fazer uns cochos de canafistula, uma madeira danada de dura prá aceitar um prego. Era para tratar do gado “no coxo”, por falta de pasto. Ele chegou, coçou a cabeça jogando os poucos cabelos para o lado e mandou: Porquê num dá os coxo prá mim. Mandei ele pastar. Ele morava perto do sítio da Mulatinha, depois Romãozinho e seu vizinho Otacílio, que era irmão do Newton Guimarães, prefeito na época convidou o governador José Maria Marin para um jantar no sítio. O “ladrão de medalhas das Olímpiadas” chegou com o seu séquito de puxa sacos e o Newton respectivamente, entre os quais a linda médica Regina Caramuru, mulher alta, de presença e de um humor fantástico quando recebia cantadas: tirava de letra e deixava os baixinhos como o Ziquinho da Prefeitura desenxabidos quando respondia com altivez e classe: O que você quer Ziquinho, você é casado, é feio e baixinho e ria gostosamente. Desmontava qualquer aventureiro. Acabou se casando com o Ronaldo Moreno, da tradicional família de Sorocaba que tinha a famosa loja de materiais de construção perto da ponte Maurício Delosso, logo depois do largo do Canhão. O Zé Martins foi convidado e vestiu a sua melhor roupa: calça de brim com listras de pijama e camisa xadrez com os botões “tudo fora de lugar”, ou seja pulando as casas. Chegou, a comitiva já toda assentada, deu uma olhada geral e soltou na sua voz estridente: “Aquele brancão que é o hómeeeeeee? Ainda bem que o larápio não ouviu pois estava todo entusiasmado com a Regina Caramuru sentada estratégicamente ao seu lado. O governador acabou de comer e a Marina, mulher do Newton, ou seja a primeira dama saltopiraporense (kkkk): Coma mais “Dotôr”, tire mais um pouco. Não, Dona Marina, muito obrigado estou satisfeito, a comida está deliciosa e todos aqueles salamaleques de político “mais liso do que bagre ensaboadão”. E a Marina emendou: “Coma Dôtor, o que sobrá vai jogá pos porco mêmô”. Consternação geral do bando de puxa sacos. Esse era um ditado comum, uma brincadeira mas a Marina não se deu conta de que não era adequada para a ocasião, se bem que no meu ponto de vista o adequado seria escorraçar o safado com varas de malhar feijão. Para não perder a deixa: José Maria Marin foi jogador de futebol mediano pelo time do São Paulo mas muito esperto se meteu na política e como vice governador na vacância do cargo assumiu o governo do Estado. Conta-se, e disso não há provas, que nas suas militâncias políticas se apropriou da bagatela de 5 milhões de reais que eram destinados á campanha de Jânio Quadros. Passou no doador se dizendo autorizado a recolher a quantia que, dizem, nunca chegou ao destinatário e, fala-se, comprou um chiqueiríssimo apartamento na Alameda Franca no carésimo bairro dos Jardins em São Paulo. O resto da história todo mundo conhece: meter no bolso medalhas de ouro dos medalhados que ficaram sem medalhas e tomar prisão em cárcere de ouro em pleno Rockefeller Center nos States.

2.33 Jogo de bolinhas de gude

Na calçada da Igreja, ponto privilegiado “pá bisoiá” a vida que escorria perguiçosa pela rua do meio se sentavam João Friage, Fonseca, Guíche, Dito Frango, Zé Curinga, tudo “debarde, à toa, tudo coçano o saco”. Já tinham ido “se lavá” e muitos tomado banho de rio no Piraporão, na altura da ponte. Ou então no tradicional “bacião de fôia” com água esquentada no fogão de lenha e despejada de um canecão também “de fôia” (folha de Flandres). Quem fazia era o “Gir bicicretêro”, da Belarmino geralmente com latas de leite condensado e congêneres. O Fonseca vestido com uma camisa amarela do tipo “volta ao mundo”, igual a camisa do Miguel do Paco, que rolou com ela na fogueira. Ia chegando gente e a prosa aumentando. Chegou o Genorzinho contando da aposta que fez de trocar as telhas da Igreja quando (empiricamente) usou o princípio do pêndulo da Física, colocando dois meios tambores amarrados em cada ponta de uma corda e passando por uma roldana no alto do telhado. Enchia o meio tambor de telhas novas aqui embaixo e o de cima com as telhas a serem substituídas e quando o peso deste excedia o outro a carga que descia içava para o alto a de telhas novas. Garanto que nunca tinha ouvido falar de Pitágoras ou Tales

de Mileto mas aplicou direitinho os princípios da Física. Ele no seu português peculiar chamava a operação de “gingorra” (gangorra). O Genorzinho era louco por uma aposta. Apostou uma vez na venda do Martinho (hoje bar do Ademir Pupo) quem acertava quantos postes tinham até a Santa Casa. Um falou vinte, outro trinta e assim por diante. O Genor falou: aposto que dá 26. Casaram a aposta e foram conferir. Batata: 26 postes. O Genor tinha contado os postes antes de provocar a turma na demanda. A prosa foi mudando de rumo. Passou o “Orlando Minêro” do outro lado da rua, na prosa com Romeu Marcelo e o João da Barra. Na base da “meia boca, bem por baxo do quieto”, a turma comentou da briga do Távio Farrapo c’o Orlando Minêro. “É, o Távio arrastô pô Orlando, lavô mio, cavocô de vórtta, sartô de banda”. Tentando segurar o Orlando, homem forte, estavam o “Antonho Árve” e o Izidorinho, pai do Jura Banana: dois homens pequenos que não davam o peso de um braço do Orlando que foi arrastando os dois pelo pedregulho como se estivessem esquiando. O Orlando tinha uma casa grande, do lado da antiga Prefeitura (a primeira ao lado do grupo Afonso Vergueiro), onde tá hoje o Marcos de Barros. Tinha um monte de cachorro veadeiro. Mais de trinta com certeza. Tinha também um monte de filhas bonitas, umas morenas acobreadas e o Degas aqui namorou duas delas, a primeira eu tinha uns 16 anos e a segunda eu já na faixa dos trinta e tantos. Por falar em Romeu Marcelo, quando eu tinha uns 9 anos mais ou menos fui na reza com a Mamãe e como era muito irrequieto dei uma escapada da igreja e fui dar uma olhada no movimento da rua. Bem do local onde depois tinha a banca de revistas do Zé Leite vi o Orácio, irmão do Jair Jacó, no meio da rua com uma espingarda por detrás do corpo. A cena ainda está nítida na minha memória: o Romeu abriu a porta da frente da casa, que na verdade era cortada em duas partes e a parte de cima que servia de porta e janela ao mesmo tempo, estava aberta. O Romeu estendeu o braço para fora para soltar a tranca da parte de baixo da porta e saiu para a rua. Nisso ouvi o tiro desferido pelo Orácio do meio da rua que atingiu as partes baixas do outro. Corri assustado para dentro da Igreja de onde minha mãe já vinha correndo para saber o que estava acontecendo. O Romeu foi levado às pressas para Sorocaba e escapou dessa. Disseram depois que a bucha da espingarda, daquelas de carregar pela boca, entrou junto com a pólvora devido à curta distância que o tiro foi desferido. A causa disseram que foi por adultério. E eram compadres. Vá saber!!!!!!

2.34 O cinema do Neto

A antiga sala de espetáculos, como se gabava o Neto, era no local onde o Júnior, neto do João da nhá Cota, montou a Pousada Santos, prá cima do armazém do “Zé do Santo”. Na verdade o pioneiro do cinema foi o Vidal Marcelo que depois vendeu para o Neto, em parceria com seu tio Zélão da Dorva, da turma da Nhá Cota. Anos depois o Neto construiu uma sala nova onde está hoje o Banco do Brasil. Ali o Carlinho da Marvina, “brincando de pais” ou seja brincadeira de “péga péga” rasgou o dedo médio da mão direita quando pulou de um andaime daqueles feito de pontalete e para não ser pego pulou do andaime, no escuro, e espetou o dedo num “baita prego caibrão”. Guardo a cicatriz até hoje pois naquela época dar pontos nem pensar. Nem Santa Casa tinha. Era curativo na farmácia do Seo Jaime mesmo.

No cinema novo, com tela “palarâmica” como dizia o Jair Pato, passava muita fita do Mazarropi, Zorro, Cavalero Negro, Hopalong Casside muito filme mexicano e como não podia faltar a Paixão de Cristo na Sexta Feira Maior. O Neto convidava prá sessão: “Vou exibir um filmaço hoje em CinemasCope e Technicolor, com o Pedro Armendáriz”. O Neto era dos poucos que falava com ele (e não erre) e usava o plural, pois era professor substituto no Grupo Escolar. Freguês de carterinha dos “firme de farvest” eram o Curingão, o Tocha da Mariquinha e o Jura Bálás de ovos. Chegavam a dar tiros na tela, com os dedos da mão imitando um 38, prá ajudar o mocinho matar os bandidos ou os índios. O Jura Bálás de Óvos tinha esse apelido, porque passava gritando com uma cesta de “páia”: “Balas de óvos, balas de óvos” e como era fanho a molecada imitava escondida atrás do poste ou da parede da igreja e aí, “sêbo nas canela”, porquê se ele pega, nem a banda toca.

Tempos depois “no raiá dos ano setenta”, na plateia do cinema do Néto toda a moçada de Salto presente: Noêmia do Neguito, Ilda do Vadô, Cirley do Dito Coelho, Carlinho da Marvina, Zé Carlinho, a turma do Romãozinho, Zé do lico, Galo, Querubim. O Dérfão tarado foi entrando no escurinho, “só sondano, por báxo do quieto, cum bandideza”. Mas tanto as moças como o Zé Pilar já estavam *de piciné* (pince nez) no taradão, só *de butuca* esperando o que ele iria aprontar. E não é que ele tentou enfiar a mão por baixo da cadeira mas, a moça esperta jogou o corpo prá frente e prendeu o braço dele que teve que assistir quinze minutos de filme, arcado prá frente com o braço preso, doendo e quietinho para não ser pego no flagrante. Dérfão virou sinônimo de tarado em Salto. “Aí, Dérfão, num pode vê muié?, tarado”. O Neto, na verdade, era um cinéfilo só que, economicamente, era inviável ele fazer uma programação de filmes mais culturais, cinema de arte etc. Então muitas vezes ele trazia filmes desse naipe e fazia sessões para convidados, geralmente na quarta-feira, quando o cinema nem abria para o público. Era o Cinema Paradiso do Neto! De Bergman para cima.

2.35 Jogo do time dos Parados nos domingos

Outro programa legal era descer para o “campo de bola” nos domingos à tarde antes no peladão do Bumbo e depois no Estádio Municipal, praticamente exclusivo dos Parados. A terminologia das posições era “gortipa” (goal keeper) o goleiro, centroflôr (center for) era o centro avante, furbéque, (full beck) era o bêque.

2.36 O time dos Parados

Depois veio o time dos Parados.



O imbatível *scratch* do final dos anos 1960

Saiba que são os craques da foto, pela ordem:

Mirto Pêxe - goleiro - era um peixe de agilidade.

Ataliba - o do Armazém e da Igreja - Realizava até cerimônias fúnebres na ausência do padre.

Japão - seu nome era o brasileiríssimo Moacir, mas a cara era de japonês.

Dorfão - ou Gastão, como ele próprio gostava de ser chamado. Filho do Argemirão da Belarmino.

Laurinho - Está vivo ainda. Já contamos que era o *mercenário da bola*.

Cabo Jorge - Também vivo. Pai do Jorginho e marido da Elza. Foi um dos maiores briguentos dos Parados, junto com o Moacir Japão.

Zito - Elesbão Gonçalves, pai do Junick e do Roger.

João Turco - já contamos todo o seu *folklorismo*.

Lagarto - Habil dribleador bem como o irmão Lagartinho.

Butija - meio de campo baixinho que *cruzava* na medida na cabeça do João Turco.

Jaiminho Vigorelli - Era uma máquina de costura para driblar.

O time ganhou esse apelido porque formaram o time com os jogadores que, por não gostarem da sistemática autoritária e impositiva dos dirigentes compostos pelas famílias dos Marcelos, todos ruins de bola e pela família do João da Nhá Cota, igualmente pernas de pau, pararam de jogar e por falta de opção ficaram “parados”. Alguém teve a ideia de juntar esses atletas que no geral eram realmente os “bons de bola” e formar um novo time que por falta de idéia melhor ficou como “time dos Parados” mesmo e foi um sucesso. Extrapolou os estreitos limites do futebol amador da época, tornando-se conhecido e respeitado em Tatuí, Capela do Alto, Piedade e Pilar do Sul e outras tantas cidades da região. Respeitados pelo futebol e por não temerem uma boa briga em campo. O time foi comandado pelo Neguito e pelo Paulo Padeiro. Dos craques que me lembro tinha o Nardo, goleiro, um gigante no gol. O Botija irmão do Peixoto, excelente para fazer cruzamentos e alçar a bola na medida da cabeça do João Turco, o terror dos beques e dos goleiros: subia para escabecear a mais de meio metro da altura dos adversários e ainda os

cutucava, xingava e até passava a mão na bunda, quando o juiz não estava olhando. Os beques eram o Ataliba (o do armazém e da igreja), o Odair e o Furazóio. Meio de campo Cabo Jorge, encrenqueiro e briguento, junto com o Moacir Japão, outro que adorava uma encrenca. O centroavante era o Manezinho, que não era de Salto. Parece que veio do Vau Novo onde o Matarazzo tinha uma unidade. Ponta esquerda Áureo (o próprio, ex Bertilha) e depois o Edson Careca, filho do Zequinha Barbeiro. Outros craques de fora também jogaram pelos Parados: o Fernando de Boituva, funcionário do Bamerindus, o Gão de Sorocaba.

O Áureo não era exatamente um craque da bola. Jogava na ponta esquerda e fazia bons cruzamentos na área sempre buscando a altura do João Turco. O Áureo era mais famoso por ser uma figura folclórica, cheio de maneirismos para falar inventando um vocabulário próprio. O João Turco contava que quando precisou cortar um pedaço do cordão da chuteira que estava incomodando parou o treino e perguntou: “Alguém por acaso tem um caniffs?????”. Ele queria dizer um canivete. Também sempre contado ou inventado pelo João Turco quando o pessoal de Salto foi pela primeira vez para a praia numa excursão montada pelo João do Vito, ao chegar na represa Billings, ou seja a cerca de 50 quilômetros do mar o Áureo desceu do ônibus com uma toalha nas costas cantando: “Esse mal (mar) é meu” crente que já estava na praia: nunca tinha visto o mar e muito menos sabia da existência da represa Billings. O Laurinho dizem que pedia dinheiro prá entrar em campo. Senão, tava com dor de barriga ou com câimbra. Bastava o Paulo Padeiro acenar com uma nota de cinquentinha na moeda da época que ele melhorava rapidinho. Tinha ainda o Cabo Jorge, o Moacir Japão, os dois que não tinham medo de cara feia e partiam prá porrada mesmo. Mais tarde o Japãozinho(Cipriano) e bem mais tarde o Waldemar Picolé, Orlandinho , Flavinho (Deus que azude, tô sastifeito), o Lagarto, grande driblador e o irmão Lagartinho. O Beninha do Leonel, trabalhava na Cosipa e jogava também. Arrumou muita “ingrisia”. Chegou a dar uma cabeçada na boca de um juiz, extraindo dele um dente que voou no gramado e o juiz catou na grama e exibia para mostrar a agressão sofrida. O Beninha depois de ter uma falta marcada tomou a bola nas mãos e se dirigiu ao juiz para, supostamente, entregar a bola para ser colocada na marca da cobrança de falta mas, quando o juiz foi pegar a bola, ele a tirou de lado e desferiu uma certeira cabeçada, fazendo a extração sem anestesia. E olha, que o Beninha era baixinho como eu. Imagine se fosse grande.

Na torcida tinha o Zé Padre, depois Zé Martelo no comando da “xingação” “Vamo insurtá o juiz, esse larápio lazarento, meneghete caiporento, ladrão morfético”. As moças também desciam para o campo dos Parados, mas aí já existiam as arquibancadas de cimento, duras mas tinha pelo menos onde sentar ao contrário do “peladão” do Bumbo, e ainda tinha a grama no campo, novidade alvissareira naqueles tempos.

2.37 O time do Bumbo

O time do Bumbo, acho que tinha esse nome porque sempre apanhava, era dominado pela turma do João da Nhá Cota: Dorival, irmão do Balaio, jogador meia boca como o eram os Marcellos: Zé Carroça e Luiz Marcelo. Eram também do outro lado da política. Mas abrigaram vários craques: O Nê, briguento e bom de bola, o Coio também com as mesmas qualidades e defeitos, o Cridão, de quem o filho Guelo do Trevão herdou as habilidades debaixo dos três paus. O que matava era enxertar os chamados “grossos” enfiados guela abaixos pelos cartolas da época. Mas o Bumbo também marcou época. E também eram donos do campo (se não me engano o terreno era do João de Nhá Cota) e para jogar lá o time dos Parados, via Paulo Padeiro, Marreco, Jair Pato tinha que fazer altas confabulações para poder utilizar o campo. Nessa época os jogos eram tratados. O Paulo Padeiro foi em Pilar tratar um jogo. Normalmente levavam um guarda chuva. Daí a gozação com quem saía de casa com um guarda chuva, mesmo sem sinal de chuva: Eh aí vai tratar jogo? Outros craques do Bumbo foram o Peixoto e o irmão Butija, o Piranha, genro do Orlando Mineiro, o Rodeiro (jogador mediano), irmão do Roderinho que começou nos Paradinhos.

2.38 As Festas Juninas

Festa de São João e Santo Antônio eram programas divertidos também. Armavam uma “caieira” no meio da rua abaixo da Matriz, com lenha trazida de carro de boi, doadas pelo “Seu Gênor” ou algum outro festeiro rico. Vinha a turma do Cafundó e a turma dos Florianos prá cantar um samba. A pinga rolava e o improviso “comia sórto”. Lúcio Camargo, Antônio Furquim, Pinhé eram bons de cantoria, tanto no improviso ou nos versinhos inocentes já decorados. Do Lúcio ficou uma pérola. Um refrão repetitivo e gostoso: “Avoô i sentô, avoô i sentô, no gáio da laranjêra, avoô i sento” e ia repetindo enquanto a inspiração não vinha. O Lúcio Camargo gostava também de cantar A Pombinha Branca. Mais um gole da “marvada, um táio no ingasga gato” que podia ser um conhaque de alcatrão São João da Barra, ou cachaça no mais das vezes e o repente surgia na hora. Tinha o leilão de gado na mangueira do Gênor. Vicente de Nhá Cota, Vadô Mantino, Cascudo, tudo querendo “pegá umas rebarba barata”, João do Nísio, Nestorlão, Calixtro (pai do Dirceu Sebo, do Dineu Lindóia, da Derli, e da Dircéia do Rubatão), Nhô

Norato com o paierão aceso,fumo macaio do bão, o Nhá (Diunísio Leite, pai do Quinzão), o Nhô Vídio (bom de lida prá ajudar na apartação) tudo trepado na última tábua da mangueira olhando os garrotes e as novilhas doados prá festa. No meio um bezerro “náfico de uma perna, ou uma vaca “três teto” ou seja o descarte ia para o leilão. Como “era dado impurrravam as tranquêra”. O litro de conhaque corria solto, “prá morde (autoria do João di Nhá Cota) de isquentá a gargante do leiloeiro i garrá corage nos arrematêro”.

2.39 A Procissão do Senhor Morto na Sexta Feira Maior

Era uma festa que juntava todo o povo: os curiosos para assistir, os da paquera prá ver as moça bonitas. A procissão começava na Matriz, subia pela praça da fonte, ia até a Caixa d’agua onde morava o Chico Branco e voltava. Tinha altar na casa da Dona Áurea do Agenor dos Santos, na casa da Dona Célia do Zé Martelo, na casa da Dona Antonia, mãe do Neguitinho, na casa da Orídia do Dito Pão e assim por diante emulando as estações da peregrinação de Cristo com a Santa Cruz. Numa delas tinha até a Verônica que chorava e enxugava o rosto de Cristo. Eu, coroinha vestido de batina vermelha e um roquete branco(espécie de sobretudo) seguia atrás do Padre Boaventura Manara que puxava a procissão e atrás dele o andor com o Senhor Morto, carregado pelos “marianos”, homens paramentados com roupas iguais e com fitas vermelhas no peito, previamente selecionados pelo Padre. Seria a figura masculina das “filhas de Maria”, que também se paramentavam igualmente, todas de branco e com fitas azuis no peito. Uma beleza. Ainda tinha acompanhamento da banda comandada pelo Antônio Músico, pai da Toninha do Quinzão E o Degas aqui junto com os outros coroinhas levando o sino para a cerimônia nos altares. Na altura do armazém do Eugênio Seabra, pai do nosso amigo Levy, logo depois da fonte este que vos fala, não sei porquê cargas d’água exala um sonoro “peido” que ecoa até nas paredes. O cortejo inteiro entoando: “Os anjos, todos os anjoos louvai a Deus, para sempre Amém” e eu flatulando. Pode??? Tinha uns onze anos mais ou menos. Vermelho que nem um pimentão não consegui disfarçar e me entreguei no ato. Fui expulso da procissão pelo Antônio Mandú, um dos compenetrados e fervorosos marianos. Me “grudou na orelha” e retirou do cortejo. Voltei sozinho para a Igreja, andando pela rua erma, chorando e ainda vestido daquele jeito parecendo um fradinho. Tinha que devolver a roupa na sacristia e decidi abandonar para sempre a carreira de coroinha.

2.40 Voltando ao jogo de bolinha

Fizeram o buque, um buraco aberto na terra com o calcanhar mesmo e colocaram as bolinhas “enfieiradas” e o jogo começou, os craques depenando os patinhos que chegavam, limpando as bolinhas dos outros nas apostas. E olha que era difícil conseguir o dinheiro da mãe para gastar em bolinhas de gude. De repente o Zé Pirú achou que o Zélão do Arcide tava roubando “nos parmo” e mandou ver: ladrão lazarento, num “midiu os cinco parmo direito”. E o Zélão, com seu perfil paquidérmico devolveu: “Tá chamano de larápio. É a vossa mãe”. Já se empacotaram no “pé do oido” e embolaram num monte de cal da reforma da igreja. De repente pararam e os dois, branquinhos de cal, ficaram se encarando. A torcida queria mais briga e o Paulo Mujica provocou: “Eh Zélão, levô uma no pé da oreia que nem a banda toco”. O Mauro Bezero pôs fogo: “Cueiras, quem fô hóme cuspa aqui” com a mão estendida. O Pirú cuspiu, o Bezero tirou a mão e a “catarrada” pegou na fuça do Zélão. Se “empelotaro de novo”. A torcida urrava de prazer. Parecia um bando de “corvo arrodiano a carniça”. Também o que mais tinha para ver na cidade a não ser uma boa briga de rua? Nisso chega o seu Antídio, “a otoridade” e mandou dispersar todo mundo senão vai chamar os pais na delegacia, ameaça. Que medo, se os pais ficassem sabendo era chegar em casa e *tomar uma sova* com certeza.

2.41 Jogo de sinuca no bar do Filiciano

Ponto importante de lazer em Salto. O bar, uma parceria entre os irmãos Feliciano e Romãozinho era tocado pelo Nilson e pelo Tide. Tinha duas mesas de sinuca oficiais e ali eram disputadas ferrenhas partidas da tradicional sinuca (corruptela de snooker) com bolas numeradas de 1 a 7 que tinham que ser “matadas” na ordem com “castigo” para bolas fora da ordem estabelecida. A gente jogava em duplas alternando os jogadores de cada dupla e o grande macete era deixar o adversário “esnucado” ou seja esconder a branca, truncando a batida do adversário na bola da vez, que com isso perdia pontos. Existiam ali grandes jogadores à nível de Salto: Nei do Araldo, João Turco, sempre relaxado, Messias e da nossa turma já num patamar inferior: eu, Mirinho, Zitão, Zé carlinhos e a aposta eram baurus e cervejas. Jogava-se no sistema de 3 partidas em que havendo empate das duas primeiras decidia-se na negra, que era o desempate.

O João Turco, à exemplo de outras diversões de grupos como jogo de buraco ou bailinhos sempre entrava relaxando. No meio de uma disputa ferrenha de sinuca, por exemplo, chegava e queria “dar uma tacada”. Diante das nossas

broncas passava a mão num taco e espalhava as bolas do jogo, estragando totalmente a brincadeira que era por nós levada à sério. Eu nunca entendi que uma pessoa como o João, de quem gosto muito aliás, pudesse chegar ao comando de uma cidade, pois nunca teve disciplina nem na vida pessoal e muito menos na profissional. Enfim, a política não é mesmo para pessoas certinhas. Quando não havia dinheiro para o bauru pedia-se mesmo um para quedas. Era mortadela com queijo e o apelido surgiu porquê a fatia da mortadela colocada na chapa quente estufava formando um para quedas. Quando o Mirinho em Sarapuí pediu um para quedas o dono do bar queria bater nele achando que era gozação pois ele na sua simplicidade falou: Ué, num conhece o para quedas???? Não imaginava que a invenção estava circunscrita à Salto de Pirapora. Acho eu.

2.42 As quermesses

Tinha banda de música, barracas de prendas, procissão. Os festeiros eram o Quinzão, o Quinzinho Mandú, o João Mandú. A Marvina do Pedro Orive fazia doces prá vender numa barraca da quermesse. Tinha leilão. As prendas eram frango assado, frango vivo, cuscuz de sardinha e ovo, até um feixe de cana apareceu, dado pelo Pedro Orive.

2.43 Eleição

Tempo de grande agitação na cidade. As briga entre a turma do Agenor e do João Guimarães, os primeiros fazendo campanha para Carvalho Pinto e Jânio, e os últimos para o Ademar de Barros. Este até esteve no Salto num comício na frente da Igreja. A turma do Genor mandou fazer uma torre quadrada com uns 5 metros de altura e encheu de faixas dizendo o que os políticos contrários tinham feito por Salto: Nada, nada, nada. O Adhemar queria por fogo no monumento de desacato e a coisa quase desanda. O Izidorinho e outros cupinchas do Agenor estavam todos armados. Tudo fancaria. Como diz um ditado dos Estados Unidos: Se as pessoas soubessem de que são feitas as salsichas e os políticos, nunca comeriam as primeiras e nunca votariam nestes últimos. Nunca vi uma verdade tão verdadeira, com o perdão do pleunasmo.

2.44 Os velórios

Um velório ou um dia de Finados, no fundo, no fundo não deixa de ser um acontecimento social. Pessoas que não se viam há muito tempo se reencontram pela obrigação de comparecer às cerimônias. Tirando a hora da presença do padre o pessoal gostava mesmo era de ficar lá fora, contando causos e piadas e esperando o café com sanduíche de mortadela. Velório e sanduiche de mortadela são coisas indissociáveis. Os mais assíduos frequentadores de velório para comer de graça em Salto foram o Zé Quito e o Batatão. Este, meio fora de centro, chegava a comer meia dúzia de sanduiches, regados a taubaina ou café fraco mesmo. Flavião e a mãe Alzira eram figurinhas carimbadas nos velórios. Ele, caçador, jogador de baralho, pescador, bom de tiro com espingarda sempre contando causos e peripécias suas entremeadas de mentiras bem elaboradas. Aliás nessa família, a mentira era coisa inerente às pessoas: Romãozinho e seus filhos foram grandes contadores de mentiras e nós nos deleitávamos com isso. Eu cheguei a gravar as do Romãozinho num passeio de carro que fizemos com ele. A melhor de todas era da caçada de ratos no paiol de milho do sítio dele. Contou que um dia à noite ouviu um barulhão no dito paiol e se levantou pensando que fosse assombração. Que nada. Eram os ratos brincando de guerra com as espigas de milho servindo de armas. Começou matando ratos com “setra”, o conhecido estilingue. Fazia pelotas de barro cozido no seu olaria e numa errava uma “setrada”. Cansou porquê a população de ratos era muito grande. Fez uma armadilha na cumieira colocando duas chapinhas de ferro ligadas na eletricidade: positivo e negativo. O rato vinha correndo e ao passar pelos polos era eletrocutado. Eu, para apimentar a história argumentei que os ratos são muito ligeiros e que poderiam passar ilesos pela armadilha em virtude da sua velocidade. Ele rebateu dizendo que passava uma graxa na madeira, o rato escorregava na hora da descarga e empacotava. Como argumentar com o homem? O Flavião gostava de atirar com espingarda de chumbinho e uma vez, só de malvadeza mesmo deu um tiro na direção do caminhão de leite do Irso Leiteiro e acertou a testa do Mirinho. Veja só que brincadeira. O Mirinho também tinha histórias folclóricas. Uma vez fomos na zona com a Kombi do Aristides e o Mirinho, após o seu encontro sexual sentou no banco da perua com um lenço na mão, ensanguentado choramingando: “rebentô meu cabaço, rebentô meu cabaço”. Ele queria dizer cabresto. Outra vez na praia Cibratel, em Itanhaém, perguntou no restaurante do prédio: Vocês aqui servem malmita? Assim mesmo, com él. O Mirinho foi cobrador de ônibus do Alcidino França de São Miguel Arcanjo quando o motorista era o Dito Frango. Depois entrou para o banco Bamerindus onde trabalhou por muito tempo. Por falar em Mirinho, no funeral do Mirão, a dona Ditinha saiu de dentro da casa para pedir silêncio e respeito pois nós “varamos a noite” contando piadas. Eu e o Flavião disputávamos quem contava mais.

2.45 A turma da Igreja: as Carolas e os Marianos

Além da Dona Olga, do restaurante Rainha, xerifona da igreja e suas irmãs, Ditinha do Mirão, Nair do Genésio e ainda tinha o Lióne que estava em tudo que era “réza”: de terno branco e pé no chão. Famoso por ter sido levado numa viagem prá São Paulo na Kombi do Seme e quando convidado para comer um rodízio numa churrascaria em São Paulo respondeu: “Bão, já que oceis tá insistino vô exprimê cumê esse tar de Frodísio”. Esse na verdade era o nome do irmão do Flavião, boa praça e bom vivant sempre presente nas rodinhas de papo ou de truco nos bares do centro. Quando o dito cujo soube da história pulou fora: “Tá loco, o Lióne tem um baita pé de mesa, parece até um descanso de carroça, tô fora”. Outra história famosa do Lióne (deveria ser Leonidas mas o que pegou foi a corruptela) foi quando ele levou a Miana no pasto do Agenor e mandou brasa. A negra era esperta e como sabia da fama do negro o enganou deixando a estrovenga no vão das pernas. Acontece que o pasto era cheio de bôsta de vaca e no escuro ele penetrou a “rodilha de merda”, quente ainda e depois que recolheu o dito cujo, todo verde, exclamou assustado: “nossa, furei o fato (bucho)da comadre Miana”.

2.46 A turma da Rua Belarmino

A Rua Belarmino Cerqueira César, homenagem a um dos fundadores da cidade, era conhecida antigamente como a “Rua da Páia” porquê as casas eram cobertas de palha e não de telhas. Ou seja, a rua dos pobres, fora do centro. Hoje uma das ruas mais centrais da cidade, onde eu praticamente nasci. Ali meu pai montou uma bela chácara com um pomar exuberante. Aliás posso dizer que meu pai foi também um dos fundadores da cidade que teve sua primeira missa rezada em 1.903 e meu pai nasceu em 1.896. Mas o mote é falar dos moradores: Tinha a turma do Abílio e das lambretas. A alcunha lambreta, uma novidade italiana, marcou a família inteira do Abilinho e como a maior parte das filhas levava a dita “vida fácil”, o apelido veio de uma “puta velha” da década de 50: A Margarida ou Margaridão ou Guidão. Guidão deu margem à outra interpretação: segurar o guidão emulando o ato sexual. Guidão de moto, a velha e por consequência as moças mais novas e mais modernas ganharam o apelido de lambreta, começando pela Maria Lambreta, depois a Diva Lambreta e por aí afora.

Tinha os bares do Garapa, do Zurmírio e do Vadozinho, marido da Dasdores, pais do Carlito Ribeiro, Dôra e Joãozinho. Tinha o Genor indalecio que alugava casa do meu pai. Tinha a Cacirdona, mãe do Jáia, que para desespero do meu irmão Crizólito quando vinha de São Paulo, costumava tocar discos na vitrola em volume altíssimo achando que a rua toda estava adorando suas modas de viola e cururus. A nossa chácara e a do Lauro Magno César, mais conhecido como Lauro Barrigudo, eram conhecidas pelos pés de fruta: bananeiras, mangueiras, goiabeiras, laranjeiras e mexeriqueiras, abacateiros, pereiras e enfim pomares cobiçadíssimos na vizinhança. Afinal na Belarmino quem não roubou manga no “quintár do Pedro Orive?” pergunto aos sobreviventes moradores da rua que confirmam o que era considerado uma proeza na época pois meu pai costumava cutucar o rabo dos ladrões de manga com uma taquara comprida. Não havia muros na época e era só “vará a cerca” e cair no paraíso frutífero até que o Pedro Orive corresse atrás. Meu pai plantou 3 pés de manga juntos e à uma distância de uns 3 metros outros 3 e mais uma vez. Conforme as mangueiras foram crescendo ele foi trançando umas nas outras e amarrando até que adultas formaram frondosas mangueiras em conjunto de três cada uma. Agora repeti a experiência e vou seguir a receita do meu pai. Teve a venda do Valentim, o bar do Martinho na esquina onde tá o Ademir Pupo hoje. O Pupo nasceu na Belarmino também: filho do “Dorivar” que trabalhava no Matarazzo e da “Arzira”. A irmandade era a Alzira, que se casou com o Elia Gelo, a Enedi que casou com o “Craudião Vermeio”, e o Paulinho Bocuba, que gostava de cantar moda de viola imitando o Dalvan da dupla Duduca e Dalvan, de olhos fechados, com a mão tampando a orelha. Se achava o próprio. Mais abaixo tinha o predinho do Genorzinho, talvez o pioneiro de Salto, com uma escada por fora e mais abaixo o curtiço do Genor também, onde morava o Miliano e o Dito Fonseca. O Miliano era pai do Lauro que numa discussão no bar do Martinho acabou matando o Tó, filho do João Candú, tio do Niquimba que morava na Maximiano Fidélis numa chácara também, irmão da Joana e do Bena. Dizem que a briga do Tó com o Lauro começou por causa do Bena do Zé Candú que tinha levado um “carreirão” do Lauro. O Tó foi tirar satisfação e deu no que deu. Levou uma facada mortal na barriga, dentro do bar. O Genorzinho era o rei das casinhas de aluguel: tinha sobrado, tinha curtiço, tinha predinho. Contava o próprio, mentiroso criativo e engraçado e se gabava de que era tão “ligêro na cuié” que um dia ergueu um cômodo e ficou preso dentro: levantou as paredes muito depressa e acabou esquecendo de “distacá” a porta e a janela e “careceu tirá eu guinchado na corda da rordana de lá de drento”. Outros moradores da Belarmino foram o Paulo Turco, o Argemirão, o Ezequiel pai do Ataíde despachante e uma “renca” de irmãos. Tinha ainda o João Brasílio e o Didico, carpinteiros famosos e muito competentes. Tinha ainda o Gir “bicicretero” e o João Freita da Duvirge, o Diogão bigodudo, pai do Guino e do Toninho cabeça de bola, vô do Boizinho que tem um mercado na Vila do Sápo. Sem esquecer da turma do João Buneca, pai do “Nôr Bárðão”, do Zé, do Osmar Peludo e bota mais “fiarada nisso”. João Buneca era o vice rei dos “curticinho e dos puxadinho” da

Belarmino. O rei era o irmão Genorzinho.

Mais abaixo tinha o Nhô Quim Leite, pai do Nir. Consertava bicicleta e curava bicho de boi com reza. Mostrava os dentes semi destruídos dizendo que estavam estragados de tanto “derrubá bicho de boi no dente”. Outro que também curava na “força da réza” era o “Véio Satiro”.

Ah, ainda tinha o “Arvilino Franguêro” pai do “Vardemir e do Graxinha” Este famoso por suas brigas dando cabeçadas de surpresa nos contendores. Numa das brigas levou facada na cara que teve que ser costurada de alto a baixo. . Tinha também o Dito Minuto com caminhão de frete, pai do Paulinho Minuto, este pai do “Rátá”. Tinha ainda a chácara do Dôrfo Bóde, pai do Dorfinho, Rosalvo, Macaco e uma “baita penca de fio”. Do lado do Dôrfo Bóde o Lazão, a figura mais popular e conhecida da Belarmino. O Genôr tirava um sarro dele dizendo que quando era moleque no Cafundó, nunca tinha visto avião e quando um teco teco passou “in riba” da mataria o Lazão e os negrinho correram “si iscondê” dentro do forno de barro, gritando. “Bamo corrê, negadinha, ta vino o guarupiano”(aeroplano).

O Genôr era danado, pegava os negrinhos que vinham da Fazendinha, montados nas mulas magrelas e pedía prá ler a mão deles dizendo que sabia adivinhar e mandava: aqui tá escrito que você parou a mula embaixo daquele pé de cambará, “incostô a mula no cupim e barranquiô” Mais abaixo ainda, já perto do asilo tinha a turma do “Nhô Luá” (Zaloar Manoel Machado), pai da Marina que casou com o Nilton Guimarães, do Boquinha, bêbado inveterado que tomava o dinheirinho da aposentadoria da mãe prá tomar pinga.

2.47 A demanda do Adamastor contra o Genor do Santo

Esta briga correu na década de 50. O Adamastor, irmão do Altamiro, pai do Clair(Euclair), dizia que o “seu Genôr” tinha tomado as terras da família deles e a coisa foi parar no jornal Cruzeiro do Sul de Sorocaba. Cada um desfiava seus argumentos e mandava publicar. No quente da demanda o “Genôr” rebateu a acusação do “Damastor” disse que a Lua, brilhando lá no alto do céu, nunca iria se preocupar com os latidos de um cão sarnento uivando para ela aqui embaixo . Ou seja, ignorou e se colocou na posição suprema de astro do universo. Eu tinha menos de dez anos quando o Lili, pai do nosso amigo Chacrinha, mostrou as reportagens para mim. Muito tempo depois ouvi histórias que o Adamastor tinha razão mas como não tinha dinheiro para sustentar demandas jurídicas e direito de resposta em caras publicações, a coisa acabou caindo no esquecimento. Me ocorreu que o Lili tinha algum parentesco com a turma do Adamastor mas, não conseguia estabelecer a relação. Procurei e descobri que eram irmãos.

2.48 Outros personagens de Salto e suas histórias

2.48.1 O Lili, pai do Chacrinha

Era uma figuração: divertido, sarrista, boêmio, tocador de violão e seresteiro. Nunca me esqueço dele fazendo serenata para o casal Romãozinho e Iracema nas suas bodas de prata, nos idos dos anos de sessenta. Empunhou o violão e, de surpresa, acordou o casal entoando uma melodia que ficou na minha cabeça para sempre:

Eu sonhei que tu estavas tão linda
Numa festa de raro esplendor
Teu vestido de baile lembro ainda
Era branco, todo branco, meu amor
A orquestra tocou uma valsa dolente

Tomei-te aos braços
Fomos dançando
Ambos silentes
E os pares que rodeavam entre nós
Diziam coisas
Trocavam juras
A meia voz

Violinos enchiam o ar de emoções
E de desejos uma centena de corações
Pra despertar teu ciúme
Tentei flertar alguém

Mas tu não flertaste ninguém

Olhavas só para mim
Vitória de amor cantei
Mas foi tudo um sonho
Acordei!

Hoje, pesquisando vi que a composição, Eu sonhei que tu estavas tão linda, é de Lamartine Babo e fez sucesso na voz de Carlos Galhardo na década de 50. Foi assim um momento mágico: nunca tinha presenciado uma serenata e nunca tinha ouvido a música e o danado do Lili cantava muito bem e com bastante emoção. Ele se casou com a Dona Rosa, que tocava com mão de ferro o bar que tinha sido do Chico Celim, acredo que antes do Chico Faca. Tinha que ter mão de ferro mesmo e domou o boêmio, farrista inveterado, e tiveram um único filho: o Chacrinha, também apelidado de Zug, e depois na faculdade de Vermelho, talvez pela cor da pele. Ele pode estar lendo este relato do seu pai e poderá acrescentar outras histórias se quiser, que nós iremos inserir com prazer. Me lembro do Lili, com muitas saudades. Era um gozador nato: só de palhaçada contava que quando era moleque inventou de “dar o rabo” mas teve um azar danado pois escolheu o Newton Guimarães, o prefeito folclórico e que segundo ele tinha uma fama de ser muito bem dotado no quesito “manguaça”. Ele contava e ia florindo até surgir a inevitável pergunta: “Mais Lili, você disse que era muleque. Que idade você tinha?” Ele respondia na maior cara de pau: “Era mesmo, tinha só dezenove anos” e ria gostosamente.

Umas das tristezas do Lili, talvez tenha sido não conseguir ensinar o filho tocar violão ou qualquer outro instrumento. Introduziu muita gente na arte do dedilhado: amigos, filhos de amigos, vários sobrinhos, mas o filho só aprendeu a gostar de música brasileira!

Uma curiosidade das aulas que ele dava era mostrar ao aluno que o que interessava era, ao cantar, manter o tom e a melodia corretos. A letra era acessório. Então ele passava a cantar lindos clássicos da MBP trocando a letra por uma série de palavrões. Método Lili “Freire” de ensino musical!

2.48.2 A turma do João do Nísio

Originalmente formada pelo Pracídio (in memorian), o Gordo (i.m.), Luizão, Zelão, Glória e Fernando. O João do Nísio ganhou esse “apodo” no nome porquê o pai era o Nhô Nísio, que não conheci mas, segundo os netos era “bem danado” também. Numa ocasião perguntou à Mariquinha, que tinha a tal pensão quase atrás da Igreja: “Nhô Mariquinha, mecê usa de dá?” Veio a resposta marota por causa da insinuação também marota e ele na maior “cara de pau”. “Óia inhá, Mecê é que tá cum malícia, eu perguntei se usa dedá de custurá, pá num cutucá o dedo”. O Pracídio usava o tratamento “cabocro” prá todo mundo. “ih aí cabocro, tá bom?” Me contou a história da sua ida à São Paulo que quase me matou de rir: “Ói cabocro, fui atravessá a avenida cheia de carro e parei no meio, veio um quase pega na ponta do dedo do pé, joguei a bunda pá tráis e ôtro tirô fina do meu suan” e foi por aí afora. O Fernando gosta de contar a história do “chapo”. Um homem simples de Salto, ao saber que a filha poderia ter perdido a virgindade ao depor na delegacia, rebateu o argumento do acusado que não tinha cometido o ato, respondeu: “Num adianta falá, eu quero vê é ali no chapo”. Ele queria que tirasse uma chapa, ou seja uma radiografia da genitália da filha para ter a prova que estava intocada.

2.48.3 A turma do Nestorlão

Nestor Soares. Esse foi um homem que marcou a história de Salto. Famoso pela sua fama de emprestar dinheiro a juros escorchantes e também pelo feio hábito de “coçar a bunda e depois cheirar o dedo” teve a prole: Rubens, Carlito e Tucano. Levou um tiro no peito do pai de uma moça, que teria sido desvirginada por um de seus filhos, mas tinha tantas promissórias e cheques pré datados no bolso além de documentos e outros papéis que o tiro ricocheteou na papelada livrando-o de maiores consequências, como talvez a morte. Conta-se que nos negócios “logrou até a mãe, trocando uma égua nafca por uma vaca boa de leite” pois a mãe não enxergava mais. O animal dito “nafco” tem um defeito que o impossibilita para a “lida”, ou seja imprestável. Procurei o termo no Google mas nada encontrei. Teve um final de vida triste, “enfiado numa cama e prisioneiro do quarto” devido à uma forte depressão. Tentei ajudar através do Tucano, indicando a fluoxetina mas, não sei se foram atrás do medicamento. O “Rube do Nestor” ao citar as pessoas não falava a letra “U”. Era o “Tocano”. O “Cebalena” e o “Tozú” O Carlitão era o mais terrível de todos: aprontava poucas e boas e acabou tendo um fim triste, que nem vale a pena lembrar. O Tucano (não sei o nome) era o mais tranquilo e teve ainda jovem um derrame facial que o deixou com a boca torta por muito tempo.

2.48.4 Seu Ernesto açougueiro

Homem que metia medo nos garotos como eu, que as mães pediam para ir buscar algum tipo de carne na sua velha açougue com uma cepa enorme feita de tora bem no centro e o homem empunhando aquele cutelo enorme na mão e perguntando: “O que você qué, minino? “ Eu até tremia com a imagem do carniceiro. Um dia chegou uma mulher e perguntou se ele tinha sebo. Ele disse que ia ver e voltou cum uns pedaços do sebo de boi, colocou na balança e disse para a mulher: “Deu um quilo, no pau do véio”. A expressão de dupla conotação, era de uso comum no linguajar regional mas assustou a pobre da mulher, atônita sem saber se havia malícia na afirmação. Seu açougue tempos depois pertenceu ao João do Nísio, e ficava ao lado da hoje pizzaria dos Martelos.

2.48.5 A turma do Zé Martelo

A casa do Zé Martelo continua quase intacta, ao lado da pizzaria dos filhos. Era casado com a Célia, filha da Mariquinha, aquela do dedá e teve os filhos Pedro Henrique, Marcos Martelo, Beto Martelo, Carlos Martelo e Flávio e as meninas Ângela que se casou com o Quito do Chico Americano e a Maria Efigênia (ela odeia), a Nênia que se casou com o Vicente do Restaurante Rainha. O Zé Martelo era uma figura folclórica da cidade. Sempre andando pelo centro da cidade, conhecida e era conhecido por todo mundo e famoso por soltar “solenes flatos” em alto e bom som, estivesse onde estivesse: na frente da barbearia do Româozinho ou do bar do Tonico. Passava sorrateiramente e “abria a buzina” e saía dando sonoras gargalhadas. Costumava entrar na barbearia do Româozinho e na hora dos “disparos” punha a bunda na porta, de costas para a rua e descarregava logo uma saraivada. Numa dessas uma mulher veio lhe perguntar pelo seu Agenor e descarregou a bateria quase em cima da mulher. Saiu sem graça e andando rápido, sem olhar para a mulher, respondendo que não sabia do “Seo Genor” Figura onipresente na praça e nos bancos ao lado da Igreja Matriz e mesmo já em avançada idade se provocado ainda soltava boas tiradas e contava causos engraçados, geralmente na companhia do Dito Frango e do Zé Castanha. Este, o taxista mais velho da praça. Provocativo, achando que sabe de detalhes escabrosos da vida de cada um que passa pelo seu raio de visão, provoca sorrateiramente o seu alvo, dando pequenas indiretas para deleite dos companheiros a quem ele já deu detalhes da história do personagem. É o famoso “dá o tapa e esconde a mão”. Mas, a sua estratégia já está muito “manjada” e não raro é desmascarado, como eu mesmo tive a oportunidade de fazê-lo.

Outra figura notória no mesmo ponto é o taxista “João Mentiroso”, que já trouxe a alcunha de Sorocaba, onde já trabalhava com táxi. Mitômano compulsivo, com performance comparável ao Româozinho e ao Jorge Faustino, conta histórias mirabolantes com fé inabalável e uma convicção à prova de qualquer desmascaramento. Outro dia “puxei pela sua boca” já sabendo do que vinha pela frente. Me contou que teve nove bares em Sorocaba e eu, maldosamente perguntei se não eram sete ao que respondeu que “sete é conta de mentiroso”. Dei corda, pois adoro ouvir mentiras e ele disse que em um dos bares vendia oito (não sete) caixas de cachaça por dia. Perguntei quantas garrafas tinha cada caixa e respondeu que eram doze. Rapidamente fiz as contas: 8 vezes 12 são 96 garrafas e investigando os convededores da “mardita” descobri que cada garrafa dá cerca de 12 doses. São portanto 1.150 doses por dia ou seja mesmo que estivesse na Doutor Braguinha, no centro de Sorocaba, e distribuísse cachaça grátis não conseguiria servir tantas doses. Estaria sofrendo de LER (Lesão do esforço repetitivo) de tanto servir cachaça. O legal é a autoridade e a segurança com que conta as mentiras mais deslavadas do mundo. Dizem que este é um traço comum aos mentirosos: de tanto repetir suas mentiras acabam acreditando que são fatos reais. Eu, como diria uma figura de quem não me lembro: “se me divirto com as histórias”.

2.48.6 A turma do Zé Turco

Este era outro que metia medo na gente. Tinha um armazém mais ou menos ao lado do antigo Mercadão Ouro Branco. Casado com a Jovita, teve os filhos Miguel, Seme e Eduardão e as filhas Suria, que se casou e se separou do Joel Turco, o prefeito e a Terezinha que casou com um sobrinho do seu Olézio e nunca mais apareceu por estas bandas. Do Miguel e do Seme já contamos as histórias no capítulo dos bailinhos do clubinho. O Eduardo que é o único ainda vivo dos irmãos teve várias histórias pitorescas mas melhor nem relatar pois é de um humor imprevisível. O Zé Turco também teve um triste fim, assassinado por golpes de enxada pelo Vicente Mono, um rapaz desequilibrado, que num acesso de fúria quando foi xingado, atacou o comerciante pelas costas, sem chances de defesa.

2.48.7 O Chico Faca do bar

No local onde foi o bar do Chico Celim, da Dona Rosa do Lili e por último do Jú Castanho, teve sua marcante passagem por ali o notório *Chico Faca* que ganhou essa honraria no nome porquê sabia “enfiar a faca” nos clientes.

Bom de lábia, agradava e bajulava chamando as pessoas sempre pelo diminutivo, de uma forma perigosamente carinhosa. Eu já sabia por relatos do meu pai da sua fama de espertalhão. Me contou que quando ele vendia milho, carregava os jacás que iam na cangalha dos burros com lindas e reluzentes espigas por fora mas, na parte de dentro enfiava os “rastolhos”, que eram milhos falhados com sabugos quase sem grãos. O Chico tem uma história muito peculiar e que me foi confirmada por um dos seus filhos. Como homem de sítio sempre gostou de ter animais e depois de já ter se aposentado do comércio, tratava de um cavalo no quintal e um dia, ao oferecer uma espiga de milho ao muar, distraído e de costas, ocupado talvez com outra tarefa, o equino arrancou metade do seu dedo junto com a mordida da espiga. Apesar de trágica a cena é muito hilária e ao escrever não consigo conter o riso. O filho ainda me contou que conseguiu recuperar a ponta do dedo no meio da palhada do milho e conseguiram fazer o reimplantamento. O hilário é também pelo fato de um homem tão “interesseiro” e ávido por lucros pouco republicanos, ofereceu o dedo ao cavalo como no famoso ditado: *vão-se os dedos mas ficam os anéis*. Ainda estou *se me mijando de dar risada*.

2.48.8 Batista, pai do Nego, Joãozinho, Izabel etc.

Este tem um elenco de histórias sensacionais:

Era um homem meio desligado, com seu indefectível par de óculos, que abaixava no nariz e olhava por cima, um hábito bem característico seu. Tinha um chiqueiro ali na *vila do Batista* e descia todos os dias levar *lavagem* para os seus porcos. Numa dessas deparou, segundo me contaram, com o Rafael do Chiquinho Ramos e da *Arzira trocando cesto* com o Mário do Dito Pão. Este estava de calças arriadas e o outro, muito esperto, percebeu que o Nhô Batista vinha chegando e caiu fora: levantou as calças e *sumiu na capoeira*. O Batista se aproximou do Mário, quase de quatro, abaixou os óculos no nariz e abaixou o corpo olhando para o manjar branco do Mário: O que é isso minino? Este se virou prá trás e disse: “Tamém, num peço mais bença po Senhor, padrinho”.

Foi dono de uma padaria na cidade na época da guerra em que havia racionamento de farinha de trigo, que era artigo raro e vendido no mercado negro, à noite. Minha mãe contou que ele recebia as cargas durante a madrugada para burlar a fiscalização.

Fez uma plantação de algodão e contratava gente para a colheita e o mote na época em Salto era: “Bamo panhá gordão po Nhô Batista?”

Depois começou a comprar milho e feijão nas roças das redondezas, que limpava, selecionava e acomodava em sacas de 60 kilos. Depois os caminhões saiam de madrugada, por causa da fiscalização, levando os cereais para a Bolsinha de Cereais, em São Paulo, que ficava no bairro da Luz. O feijão vinha da roça ainda sujo e com impurezas, era descarregado numa moega, no seu barracão na Vila Santa Izabel (nome de sua filha casada com o Odíl Ortiz) e ali era limpo por um processo de sopro e canalizado para um elevador de canecas que conduzia para a boca dos sacos, que depois de pesados eram costurados com barbante com uma agulha torta de uns 10 cm mais ou menos. O Batista, e mais tarde o Nego seu filho, saíam para as roças onde sabiam que estava sendo colhido o feijão, à cata de colheitas para comprar. Numa dessas, o Batista no seu velho fusquinha, amarelo se não me engano andava por uma estrada vicinal e encontrou com um trator no sentido contrário carregado de feijão, acabado de colher. Mandou parar o trator. Era meio autoritário para falar com as pessoas, meio seco. Desceu do fusca munido do furador de sacaria que era um objeto do tamanho de uma chave de fenda grande com uma espécie de funil na ponta, que penetrava no saco e retirava as amostras do produto. Subiu em cima da carga, aliás bem alta, jogou um saco no chão, fez a calagem, analisou a amostra e mandou: Pago 50 conto o saco. O dono do feijão respondeu que não venderia por aquele preço. O Batista se voltou para o fusca, meio bravo, fazendo menção de ir embora. O outro mandou que ele recolocasse o saco do lugar que havia retirado, sem pedir licença. O Batista estava com mais de 60 anos e não teria condições de erguer um peso de cerca de 60 kg numa carga a mais de 2,5 metros do chão. O outro jogou o saco em cima e ainda tripudiou: “É para o senhor aprender a lidar com mais educação e não colocar a mão nas coisas dos outros sem pedir ordem”. Passou um “carão”.

Eu, como plantador de feijão e milho frequentei muito o barracão do Nego, que a esta altura já tinha assumido os negócios. Ficava por lá “tirando uns dois dedos de prosa” com o Nego, seus empregados que eram o Cissão, filho do Pernambuco, e o Gordo, além do Marcão, filho do Nego. O Batista chegava e sem falar ao menos Bom Dia, levava a mão no bolso da camisa dos fumantes, pegava o maço na mão, retirava um cigarro e ainda brandia: “Dá o fogo, acenda prá mim”. Eu que era achacado no *serrote de cigarros* já vinha *matutando* uma pequena vingança. Quando fiz uma viagem para Termas do Gravatal, Tubarão-SC comprei alguns objetos para *aprontar na viagem*: máscaras de borracha horrorosas de monstro de um olho só, moedas com espoleta para deixar no chão e explodir quando alguém a pegava no chão, copo furado para escorrer bebida no pescoço dos desavisados e também um maço de cigarros explosivos. Cheguei no barracão já esperando o habitual ataque no maço de cigarros. Ele, como sempre, levou a mão no bolso da minha camisa, retirou um cigarro, bateu duas vezes para assentar o fumo como era de costume e *pediu fogo*. Prontamente saquei do meu isqueiro Ronson, americano e *ateei fogo* no cigarro dele. Ele deu uma tragada, duas, três, quatro e na quarta: pááááá’. O cigarro explodiu decepando a ponta e ele ficou com o toco na mão,

empurrou os óculos para baixo do nariz e soltou um *uééé*, prolongado, com a mesma expressão que deve ter mirado a bunda branca do Mário, sem entender o que tinha acontecido. Nunca mais assaltou o meu maço de cigarros.

2.48.9 João Caipira

Lendário fazendeiro ricaço da região quando instado a pagar o café que tinha convidado o amigo para tomar, abria a carteira e mostrava apenas uma nota de 50, pedindo ao convidado que pagasse o café. Não queria gastar o único 50 que era para deixar de *indeis* na carteira para que botassem outras notas na sua carteira. Este cara merece uma pequena biografia. Rico de propriedades, veículos, gado etc. etc. era o senhor *sovina*, *pão duro*, *biscoito de sordado* como diria dona Malvina. Nos tempos da inflação galopante chegava a comprar quatro caminhões e guardar para ganhar na alta de preços. Chegou a financiar uma escavadeira no banco e enterrá-la, isso mesmo abrir um buraco e cobrir de terra e alegar ao banco que a máquina tinha sido roubada. Teve um fim triste: morreu aprisionado dentro da camionete que dirigia, que se incendiou numa colisão. Conta-se que o homem de quase 2 metros de altura se reduziu a “um toco” de apenas meio metro. Outra história famosa dele quando convidou um amigo para ir a São Paulo e pediu-lhe que pagasse o pedágio. Como ambos estavam “desprevenidos”, ficaram esperando alguém conhecido passar para emprestar o dinheiro do pedágio. Tinha tanto e vivia mendingando favores dos conhecidos. Lembrei mais uma. Paquerava uma garota e a convidava, no seu forte sotaque *caipirêns* para tomar uma Coca na lanchonete Balaio na praça Nove de Julho, em Sorocaba. Se ela topava ele abria o porta malas do seu Dodge Dart ou Galaxy e retirava uma garrafa do refrigerante, comprado de caixa porque era mais barato, entrava no Balaio e pedia para trocar por uma gelada. Apenas uma, para os dois. Pode?????????

2.49 Os apelidos em Salto de Pirapora

Cidades pequenas são pródigas em apelidos. Existe quase um orgulho de quem “botou o apelido” e ainda mais quando ele pega mesmo e passa a fazer parte intrínseca e indissociável daquela pessoa. A nossa cidade também tem a sua galeria de apelidos que vou aproveitar da oportunidade para deixar aqui registrados. Só vou descrever quando sei algum detalhe sobre a causa ou a origem do apelido.

ZÉ BODE – Provavelmente ganhou a alcunha porquê a filosofia popular diz que o bode gosta mais da farra do que da cobertura das cabras.

ZÉ PINGUINHA - Tocava na banda e nos carnavales do clubinho e foi candidato a vereador em Pilar do Sul. No palanque fez aquele gesto feio e como não sabia o que falar disse: “Ói turma, nessa inleição nós tem que ó nos tar porquê senão os tár ó ni nós”.

ZÉ MULA MANCA – O Zé Leite da manCa de revistas ao lado da Igreja que tinha um defeito congênito na perna e mancava mais que “corrida de aleijado”. Ainda se metia a ser goleiro no segundo quadro do time dos Paradinhos.

ZÉ ISTRELA – Era um neguinho cujos olhos pareciam estrelas de tanto que brilhavam na cara redonda. Também era goleiro, dos ruins como o Zé Leite, no times mais inferiores.

ZÉ LÍNGUA – O nosso amigo Zé Quito, que sempre soube da vida de todo mundo na cidade e ainda nos seus relatos acrescentava detalhes picantes, hilários e pitorescos nas histórias, por sua conta.

ZÉ CRI-CRI – Era muito chato, daí veio o apelido naturalmente.

JOÃO PIQUENO – Pai do Coroné Agenor dos Santos

DITO GÉI - Figura folclórica que transitava pelo centro e como sempre estava bêbado e era gago tinha histórias engraçadas como a vez que dormiu na beirada do forno de cal do Aníbal para se esquentar. Ele próprio narrava a cena: “Fiquei de croque na berada do forno aproveitano o calor e quando cochilei, óóóó dei uma pendida e vortei na posição, mais uma cochilada: óóóóó’ e tornei vortá. Lá pela terceira cuchilada: óóóóó’ e plum, despenquei do paredão do forno e caí no meio do monte de cár.” O negro ficou branco inteirinho. O Géi vem de Tigéi, que acho que é corruptela de tigela.

DITO FRANGO – Tinha canelas finas, compridas e corria igual frango caipira e já mereceu destaque especial nos nossos relatos.

MÁRIO FUMO – Era um negrinho muito simpático e risonho que morava perto do campo do Bumbo. Era da turma “dos chororó” e acho que essa alcunha vem do pássaro: “o nambú chitã e o chororó”. Fazia bicos como servente de pedreiro e outros pequenos biscates e soube agora pelo Castanha do Táxi que era muito trabalhador. Uma vez no posto do Walter Benedetti, chamei-o para tirar uma foto comigo pois estávamos “batendo fotografias”. Naquele tempo a expressão era essa mesmo e depois ainda tinha que levar o filme para revelar. Trouxe uma cópia em 7x5 para o Mário Fumo que tempos depois me contou que tinha colocado na cabeceira da cama. O apodo fumo no nome deve ser porquê era preto que nem um rolo de fumo em corda. “Viajou antes do combinado”. Morreu com menos

de 40 anos e pena que não fiquei sabendo pois tinha provado que gostava muito de mim, para colocar a foto na cabeceira para que eu assistisse suas noites “fazendo amor”, segundo sua própria versão. Kkkkkk

VICENTE MONO – Já contamos a história do personagem mas o Castanha acrescentou mais uma curiosidade dele. Alguém pediu para ele fazer um *aceiro* numa cerca mais ou menos na altura do antigo *matador* (ninguém falava matadouro), na beira da estrada. O aceiro é uma faixa de cerca de 1,20 metro de largura que deve ser carpida ao lado da cerca de arame farpado, que se fosse boa tinha cinco fios de arame farpado Elefante, grossura 13,5 e palanques de cambará, que duram praticamente uma eternidade. Isto para evitar que as queimadas destruam as cercas. Muito bem: puseram o Vicente para fazer o trabalho e esqueceram ou não tiveram tempo de ir lá conferir, só aparecendo uma semana depois. Como ele tinha um certo *retardo* fez o aceiro da cerca contratada e continuou em frente, indo bater no bairro dos Leites, já quase em Piedade. Mais de 8 quilômetros do ponto inicial. Tirando um certo exagero do Castanha achei a história muito interessante. Esse era bom para trabalhar mesmo.

ARI BUNDA - Era um sujeito problemático criado pelo casal Benedita e Seu Ovídio.

TONHONA JARDINÉRA – Era uma mulher de reputação duvidosa que trabalhava na pensão da Mariquinha, lugar de reputação para lá de duvidosa. Acredito que a idéia era de que todo mundo tomava a jardineira, ou seja era usada por muitos. Será que acertei na dedução.

SANHAÇO – Garoto que morava na Rua Maximiano Fidelis.

BURTÉRIO – Nem imagino a origem desse nome mas virou sinônimo de cara “breganhista, que vive fazendo breganhas”. Com certeza o termo vem de barganha e o tal Burtério vivia “barganhando” relógios, instrumentos musicais e o que mais se possa imaginar. Em Salto se dizia para alguém que queria trocar alguma coisa por outra: “Eita Burtério véio, querendo lográ eu?”

PÉ DE LÃ – O Degas aqui já foi chamado muitas vezes de *Pé de Valsa* pelas incomensuráveis habilidades dançarinhas, mas quando fui chamado de *Pé de lã* gostei muito. Senti meu *ego bailarino* acariciado profundamente.

A lista de apelidos curiosos é infindável - ZÉ LIÃO, ZÉ CADELA, ZÉ FEDÔ, ZÉ RUELA, ZÉ DA NÁLIA, ZÉ DO LICO, ZÉ URUTÁGUA, ZÉ PIRULITO, ZÉ CURINGA, ZÉ DA TUDE, ZÉ PIRU, ZÉZINHO CIRCUITO, GUSTO PORRETE (IRMÃO DO ZORRO), CHICÃO LAVADEIRA (TOPÓGRAFO DA PREFEITURA), NHÔ PEIDO (ESSE NÃO REVELO NEM SOB TORTURA), GLÓRIA (O ORIGINAL QUE CHORAVA QUANDO ERA CHAMADO ASSIM), GLÓRIA (IRMÃO DO PRACÍDIO E DO GORDO QUE HERDOU O APELIDO DE TANTO MEXER COM O VELHINHO A MANDO DOS IRMÃOS), JOÃO DA NHÁ COTA, JOÃO CANOA, JOÃO RIO ABAIXO, JOÃO RIO ACIMA, JOÃO SARGADO, JOÃO TURCO, JOÃO BERONHA, JOÃO DO BROCO (EM SALTO) OU JOÃO DO BRINCO (EM PILAR), JOÃO PARMITÊRO, JOÃO LEITÊRO, JOÃO DA NHÁ PAULA, JOÃO DO NÍSIO, , DITO MINUTO, DITO FOICE, DITO CABRA, DITO COÊIO, DITO SÊBO, DITO PÃO, DITINHO DO FRANGO, DITO PORCO, JOAQUIM GARAPA, JOAQUIM DO BRIZIO, QUIM BÔA, QUIM BAITACA (FALAVA IGUAL BAITACA), NHÔ QUIM, QUINZÃO, IRMÃO DO NHÔ DENA...

2.50 A turma do “Forno de Cá” do Aníba de Góes.

Tinha o Dito Géi, o Craudião Vermeio, O Mirinho corcundinha e o irmão Paulo Mujica, o Guéi, eterno motorista do Aníbal. Em Salto se dizia que o Aníbal tinha tanto dinheiro que os bancos não aceitavam mais o seu dinheiro. Imagine só, banco recusar dinheiro. Construiu aquele conjunto comercial no início da General Carneiro, defronte ao Cordeiro e o Posto do Zéquinha em Sorocaba. Um empreendimento inovador na época: comércio em baixo e apartamentos residenciais no primeiro andar. Naquele tempo ninguém falava em morar em apartamento. O Cal São Pedro, produzido nos fornos do Aníbal, dizem que era a melhor cal do Brasil. Dizem que até o Pelé que teria uma casa de material de construção em Santos, comprava dele. O homem, de pouca instrução e que falava errado, construiu um gigantesco império que foi desmantelado e literalmente virou pó. Seu filho Toninho fez muitas loucuras, jogou muito dinheiro fora e depois se envolveu numa briga figadal com o cunhado Dr. Anésio, este sim grande negociante que por sua vez construiu outro império. Era o único fornecedor de bois para abate ao Instituto Zoológico no bairro do Itinga. O Toninho por sua vez bebia muito, vivia em pescarias e na esbórnia. Teve o azar de matar pessoas em acidentes de carro. Atropelou a mulher do João Leiteiro, da granja do seu Agenor em frente ao cemitério velho e depois uma lambreta com o Zé Machado e uma mulher que ia na sua garupa, bem na reta do Itinga. O Toninho terminou seus dias morando em um quartinho de empregados, sem banheiro junto com o Baiano da Estefânia, um antigo empregado que tinha ganho o direito de morar na empresa. Por uns tempos morou na casa do João da Barra, no centro mas este se queixou a mim que o Toninho se pendurava no seu telefone em intermináveis ligações interurbanas.

2.51 O Correio da *Dita Malêra*

Era ela o próprio Correio e ganhou o apelido por causa da mala do correio que chegava diariamente trazendo e levando a correspondência. Ficava na sua própria casa mais ou menos onde está a Lotérica hoje, e tempos idos a Caixa Estadual. Sua filha, auxiliar do Correio era a Ilza casada com o Lalau, enfermeiro que acabou dando cabo à vida com uma dose de veneno, dentro da Santa Casa. Diziam que era por causa de uma gravidez indesejada de uma enfermeira e parteira da mesma Santa Casa. Se é verdade não sabemos. O filho era o Zezinho Circuito que tocava na banda do “Antônio Músico” e trabalhou nas empresas da Matarazzo em Salto de Pirapora e no Vau Novo. O Zezinho tinha esse apelido porquê tinha um tique nervoso que o fazia estalar a boca o tempo todo e tinha uma fama de não gostar de enfiar a mão no bolso: tinha escorpião amarelo lá dentro e ele nunca vinha para o planalto: ficava só na serra. Serrote era sinônimo de quem gostava de comer ou beber na cola dos outros. O Manzoni, gerente da Matarazzo Salto de Pirapora contava uma história dele lá do Vau Novo, que ilustrava o seu famoso pão duríssimo. Lá tinha um espanhol chamado Paco que patrocinava grandes cervejadas no cair da tarde e o Zezinho ia tomando, tomando e nunca pedia uma por sua conta. Acontece que a mulher, Maria era rigorosa nos horários e “botava a janta na mesa” religiosamente às 7 da noite. Quando “ia dando a hora de ir embora” o dito cujo tomava grandes goles da cerveja e alegando não poder se atrasar “saía de fininho por baixo do quiéto”. O Paco, apesar de perceber a esperteza foi deixando correr até que um dia resolveu ir à forra: O Zé Circuito chegou e ninguém estava tomando cerveja. Estranhou mas não pediu nenhuma pois a turma era grande e foi ficando na esperança do começo da rodada. E nada, a hora passando e o Paco puxava mil assuntos mas nada de pedir a gelada. E o tempo correndo, a hora fatídica se aproximando e o “serrote iscumano a boca que nem sapo” de vontade de tomar uma. Quando faltavam cinco minutos para as sete e o Zezinho ameaçando ir, com dor no coração o Paco gritou para o dono do bar: “Desce una dúzia de cerveza i bamo a tomar porque hoy és todo por mi cuenta”. E o Zezinho foi prá casa “salivano de vontade” mas não podia chegar atrasado “prá janta ou o côro cumia”.

2.52 As Jardinêra que levava as turma pá cidade

Na Salto de Pirapora daqueles tempos só tinha ônibus da Viação Pessutti prá Sorocaba às 8 da manhã, meio dia e 4 da tarde. O motorista era o Porfírio, irmão do Dito Frango. Às 9:15 passava o ônibus que vinha de São Miguel Arcanjo, da empresa do Alcidino França. Esse ônibus fazia ponto no bar do Chico Celim, em frente o casão do Agenor, perto do chafariz. Era famoso o pastel e a almôndega (falava-se *harmônica* de carne do bar do Chico, acompanhados de taubáína, uma gasosa (soda limonada) ou Crush, refrigerante artificial de laranja. Eram famosos os sorvetes do bar do Chico, feitos da maneira artesanal e antiga: as formas ficavam dentro de uma geladeira enorme, imersas na salmoura. Sorvetes de groselha, coco branco e o meu preferido côco queimado com uma faixa mais escura na parte inferior. O ponto final em Sorocaba era em frente ao Mercado Municipal, onde o pessoal matava a fome com o “bolinho de péxe” feito de sardinha. Quando alguém falava que ia prá Sorocaba já perguntavam: “Vai pá cidade cumê bolinho de péxe”?

Já que lembramos do Crush, tem uma historinha do Gordo, irmão do Pracídio. Uma vez ele *apiô* do cavalo (o Gordo sempre andava a cavalo pela cidade) em frente ao bar do Áureo, no canto da pracinha (que depois virou uma loja de um dos turcos) e pediu uma garrafinha de Crush. A garrafa era bem característica: marrom bem escuro, formada como se fosse um conjunto de anéis de vidro. Não dava para ver o que tinha dentro. O Gordo abriu a garrafinha e levou direto à boca, morto de sede. Surpresa: tinha um charuto dentro da Crush. Ele maldisse todas as gerações.... Ficou por isso mesmo. Se fosse hoje ele poderia ganhar uma boa grana do fabricante!!!

2.53 Caminhão do Írso Leitêro

Este era outro meio de transporte de favor para Sorocaba. Muitas pessoas pegavam carona com o caminhão de leite do Írso Leiteiro que fazia a viagem diariamente coletando o leite dos produtores da região e levando em grandes latões de 200 litros (tenho dois) para a Colaso (Cooperativa de Laticínios de Sorocaba). De vez em quando o motorista era o Bértão Lôco, irmão do Chico Americano, que tinha apelido por ser descendente de americanos, sobrenome Daniel. O Bértão fazia juz ao apelido. Aprontou poucas e boas. O caminhão do leite fazia uma parada no Itinga, na venda do Gentirlão, onde os cereais eram vendidos na concha (tenho duas) retirados de enormes barricas. O Bértão adorava soltar bombas de alto teor explosivo e numa dessas acendeu uma bem “taluda” e escondeu no meio da barrica de feijão e saiu disfarçadamente. A explosão literalmente espalhou feijão pela estrada de Salto por uns duzentos metros. Em Araçoiaba da Serra numa sexta feira da Paixão, levou um bode na praça central, amarrou uma corda no grão do bode e amarrou no sino da igreja. À meia noite cada uma das doze badaladas era seguida de um berro do bode, que sentia a fisgada da corda esticada naquele lugar muito sensível e soltava o berro

formando uma sinfonia: blém, béeéé, blém, béeéé. Quem contava essa história era o Nuna, filho do Chico Americano e portanto sobrinho do Bertão. Eu sinceramente duvido da veracidade dessa história mas de qualquer forma é muito engraçado. Imaginem Alvarenga e Ranchinho narrando uma história dessas com toda aquela picardia. Os ajudantes do caminhão de leite eram o Guracy e o Zorro, negro folclórico, consumidor diário de hectolitros de cachaça, irmão do Narciso e do Gusto Porrete. A família morava no número zero da futura Avenida Pedro Pires de Melo, na época um areal imenso, tão pesado que não dava para atravessar pedalando uma bicicleta. O Guaracy era igualmente bem locão e quando pegavam um carona como o Toninho do Itinga, judiavam do coitado a viagem inteira. O Guaracy, com o caminhão em movimento, descia pelo paralamas e viajava abraçado ao farol do Chevrolet Brasil até Sorocaba. Caminhões na época: os importados Chevrolet, Ford, Fargo, Studebaker, De Soto e o pioneiro nacional: o Fenemê (FNM – Fábrica Nacional de Motores), um cara chata famoso até hoje.

2.54 *Chupá fruita (Jabuticaba) no fruitá do Jair Bueno*

Na época de jabuticaba, que chamavam de *fruita*, era alugado um caminhão com bancos de madeira enganchados na carroceria, sem toldo. O caminhão podia ser do Dito Minuto ou do Rube da Dasdores, minha tia e mãe do Zé do Santo. Aconteciam as excursões para ir no Jair, lá pelos lados do Cafundó, perto da fazenda do Roque de Barros e hoje dos portos de areia dos Romanhas. Eu, garoto fui uma vez com a minha mãe e quando a gente chegava lá perguntava pro Jair, um sitiante simplório que falava como se estivesse com uma batata quente na boca: Quanto é Jair? Ele: “Pá chupá é deiz, pá trepá é quinze”. Só chupar, não podia trepar na jabuticabeira, o que era mais caro. O Jair Bueno tinha muitas histórias: uma vez fez uma rifa de uma sanfona e a rifa nunca que corria. Um dia perguntaram quem tinha ganho a rifa e respondeu: “Óia, deu uma confusão na hora de sortiá e saiu prá mim mêmô”. Quando vinha prá Salto vender milho verde num carrinho de mão, de casa em casa saiu uma mulher, pegou uma espiga e afastou as palhas para conferir o estado dos grãos do milho e o Jair chiou: “Ói dona, num arreganha que senão endurece”. Ou seja se cada um que quisesse conferir e não levasse aquela espiga, iria secar os grãos e endurecer. Mas ele falava na mais pura inocência, sem malícia. Nessa época também tinha uma mulher que vinha lá do bairro dos “Arve” (Alves) vender alho e gritava na rua: “Óia o áio, óia o áio”. Pronto, apelidaram a mulher de Áio. Se não me engano era a Inhana Alves.

2.55 O telefone

A comunicação era muito precária na época. Havia uma central telefônica daquelas bem antigas com fios pretos enormes com um pino na ponta que era conectado nos respectivos furos para completar as ligações. Onde se falava era um bocal fixo e no ouvido ia um aparelho preto mais ou menos no formato de um copo de cerveja. Uma ligação para Sorocaba podia demorar 2 a 3 horas ou então nem se completar no dia. Quando chovia então piorava tudo. A Central era mais ou menos ao lado da Oficina do Plínio, abaixo de onde está hoje a Papelaria Real. As telefonistas eram a Neide do Vadô, a Noêmia do Neguito e da Dona Dirce, a Alcinda que chegou a namorar e a Lucília de Sorocaba. No bairro do Campo Largo o telefone serviu de alcunha à uma família inteira. O único telefone do bairro era na casa do Dito Telefone que recebia as ligações, passava os recados ou em caso de urgência mandava chamar a pessoa. A sua família toda ganhou o apelido: Cleuza Telefone, Terezinha Telefone, Deusa Telefone (sogra do famoso campeão de rodeios de Pilar do Sul: o Silvaninho). Esse rapaz, dizem, comprou um belo rancho na América e levou a família toda para assistir uma de suas exibições. Em Salto já correu o boato: “Foi tudo a telefonaiada p’os Estado Zunido”.

2.56 Posto de gasolina

O único posto de gasolina era na frente da mangueira do Genor dos Santos, e também de frente para onde está hoje o asilo. Era do Neguito, pai da Noêmia e da Márcia. Seu Agenor tinha um fusca marron e branco, com pneu de faixa branca. Era importado da Alemanha e carro naquele tempo era chamado de máquina. Motos só tinha a do Dico Matheus e do Padre Ângelo Suffia da marca Índia. Bicicletas também importadas das marcas Gorick, Hércules e Philips. Caminhões De Soto, Studebaker, Chevrolet Brasil e muito depois surgiram os fenemês (FNM Fábrica Nacional de Motores) o famoso cara chata

2.57 Os precursores dos bailinhos de Salto

Nos anos 60 a turma dos bailes no clubinho eram o João da Nhá Idalina, irmão do Figueira, Narciso Martelo, João Turco, Mário Pirú, Sida e Tomires, irmãs da Zelia da Lindora, que também namorei depois. Eni do Orlando Mineiro, Helena e Áurea, irmãs do João Turco Maria Inês que se casou com o Djalma, Dineu do Calistro e o João do Vito que adorava Bienvenido Granda e Gregório Barrios e as músicas eram La Barca, Perídia, Aqueles olhos verdes e Relógio. Os boleros eram o gênero mais tocado em bailes nessa época. Eu, ainda garoto, apenas assistia mas já morrendo de vontade de mexer os pés no salão. Já nos anos 70 começou a geração do “Miguér Turco, Miguér do Paco, Seme, Lino Castellani, Levi do Gênio, Pedro do Zé Martelo, Jurema, Lúcia, Renê, Tide, Galo. João do Vito, mais velho já era titular do salão e o Carlinho da Marvina já deslizando os pés pelo salão”. Criou a SASP – Sociedade Amigos de Salto de Pirapora e retomou o clubinho que havia sido esquecido. Inaugurou uma época de grandes bailes com Kingstones, Flipers etc. Começava a despontar a geração mais nova do Paulinho e o Nenê da padaria, Zé Quito e Jonas do Vito (o libuno), Carlos Alberto do Zé Circuito, Paulo, Tomaz e Ana do seu Olézio, Naile e Sidiney, Sidiney estofadinho do Aristides da Kombi e da Cinira, Marcos e Célia do Zé martelo, Lupírcio, neto do Pedro Belo e as irmãs e tias: Zélia, Zelinda e Leda, o Zug e a Elizete, irmã do Pulinho e do Nenê. Me lembro que antes dos bailes espalhávamos fubá pelo salão e os pés deslizavam com incrível facilidade. O gelo para o bar era trazido do Ceasa de Sorocaba em barras de 1,5 metro de comprimento. Vem nova turma lá pelos idos de 80/85: Zeca do Fuade, Carlinhos do Elias, Dioguinho que dançava c’o sabuguinho no “bôrso”, Franguinho, Ataíde, Glória e o Carlinho da Marvina sempre no meio da turminha mais nova: um solteirão convicto, que foi se renovando com as gerações que vieram sucedendo à sua.

2.58 As histórias do Genorzinho

Ele contava que uma vez foi ver um serviço de construção de casa no bairro do Itinga, vestido com seu macacão largo de usar nas obras e tomou a jardineira que naquele tempo só tinha a porta da frente e o ônibus foi lotando de gente e o cobrador: um passinho prá trás por favor e o Genor foi indo para o fundo até que ficou atrás de uma mulher bem fornida e aproveitou para encostar. De repente a mulher se invocou e começou a olhar enfezada para ele, que obviamente se aproveitava da situação. Na terceira encarada ele tentou se justificar: “desculpe dona, é o metro”. Ela virou e respondeu: “Num tô preguntando o tamanho”. Ele com certeza inventava essas e outras histórias mas eram muito engracadas, ainda mais narradas pelo próprio no seu jeito divertido e ainda ria mais do que a gente das próprias histórias. Também contava que no bar do Martinho, atual bar do Pupo tinha uma turma que adorava fazer apostas. Ele chegou e provocou: “Quantos poste será que tem daqui até a Santa Casa?”. Um falou vinte, outro trinta e assim por diante. “Vamo apostá? Eu digo que tem 22 poste”. Apostaram e foram conferir. Quem ganhou? O Genor, claro pois tinha ido contar os postes antes de apostar. Tinha um compadre que trabalhava de pedreiro para ele chamado Tarquínio e que era daqueles crentes empedernidos. Um dia ele contou: “Genor, ontem fomo passiá em Paulo, passamo por André, Bernardo e Caetano do Sur vê os parente”. O Genor: “Ué, porquê você não fala São Paulo, Santo André, São Bernardo e São Caetano?” E o Tarquínio: “É que eu só crente e num falo nome de santo”. Muito bem, o Genorzinho deixou a conversa rolar e retrucou. “Semana passada fomo viajá tamém” Onde? “Fomo pá Uritiba” “Ué, num é Curitiba”. “É mais eu só católico e num falo nome de cù”. Só se rindo como diria a dupla Alvarenga e Ranchinho. O Genor foi candidato a vereador numa eleição de Salto. Cunhou o seu mote: “Vóte no Gênor que ele põe no seu tambor. Vóte no Genorzinho que ele cárcá no seu cúzinho”. Falava na mais pura gozação e era puro deleite ouvir e rir de suas mentiras e invencionices.

2.59 As histórias do Lauzão

Laudelino Xavier, o Lauzão, estradéro, trechêro, caminhonêro, chegou em Salto lá pelo final dos anos 1.960 e início dos anos 1970 na esteira da construção da estrada de asfalto entre Salto e Pilar do Sul, junto com a empreiteira Almeida. O Lauzão entre altos e baixos se transformou num homem forte dos transportes. Mexeu com frete de escória da Fazenda Ipanema, teve até caminhões Tereks, um fora de estrada, muito mais caros do que os convencionais e exclusivos para trabalhar dentro das pedreiras. Casou-se com a Maria Inês da Pracídia e do Arfredo (que ficava louco de bravo quando passava e remedavam o barulho de peido). O Lauzão fincou raiz na cidade. Virou folclore na cidade tanto pelo desapêgo ao dinheiro quanto pelas mentiras escabrosas que contava: fazia mesadas, bancava despesas de bar, de restaurante e do que viesse na frente: tirava maços de notas graúdas do bolso que desfiava como num baralho. Perto dele ninguém punha a mão no bolso. Contava muitas histórias mirabolantes. Uma das mais famosas era quando viajando de carreta pelo Mato Grosso parou o caminhão na beira de uma lagoa, *pá puxá uma páia*. Acordou de madrugada com o balanço da jamanta como se tivesse sendo erguida num *baita* macaco chicão. Esfregou os olhos, bateu uma água na cara prá acordar, acendeu um lampião de carbureto e foi *campiá* o motivo da

chacoalhada da carreta. Descobriu embaixo da carreta um baita sapo, que de acordo com a sua teoria, só existia no Mato Grosso. Quando o sapo untanho estufava a garganta levantava a jamanta carregada com mais de 20 toneladas. Era uma terra de sapo grande mesmo.

Tinha umas terras no Paraná, em Campo Tenente. Voltou contando: “mandei fazê um vivêro pá inchê de passarinho: Vivêro pá dexá o Quinzinho de Barro no chinelo”. Quantos metros tem o viveiro, Lauzão? Tem vinte metro. Mais, vinte metros nem é assim um viveiro tão grande, Lauzão. “Num é, rapaiz. Vinte metro de frente por quinhentos” de fundo. Falava tão sério, à la Jorge Faustino, que você não tinha jeito de dar risada e muito menos duvidar.

O Lauzão só teve filhos: o Alfredinho, tristemente desaparecido por causa de uma briga de bar, o Xande, o Ísio e o Ade. O Alfredinho chegou a lutar Box na Academia Atética em São Paulo. Uma vez fomos ver a luta dele no CMTC Clube em São Paulo. Na quentura da luta o Tide do Romãozinho gritava: Vai Arfedo, sórta o muque. A turma de São Paulo só olhava, estranhando o sotaque carregado.

2.60 Excursão prá Santos

O João do Vito fretou um ônibus da Fioravante e organizou uma excursão prá Santos. Foi oferecendo as passagens e a coisa virou febre: Ih aí, vai dá uma sárgada no mar in Santos? Era assim que o pessoal se referia ao banho de mar. Chegado o dia, saída marcada prás 5 da madrugada, teve gente que nem foi dormir, já amanheceu bebendo na espera da hora da “sôrtada” prá praia. Onibuzão lotado, Ari Bunda “cum cubertô xadrez pá num passá frio no caminho”, que usou prá fazer chauzinho da janela: num tinha lenço, abanou o cobertozão xadres mesmo. Tudo mundo sentado, o primeiro que arriscou passar no corredor já foi levando “sargada” no rabo (passada de mão): “vamo sargá pá num fedê”. Escuridão no corredor o Bidú (Eduil do Jequinha Barbêro) passou correndo do fundo prá frente: só négo sargando e tirando a mão depressa: ele passo sem calça nem cuéca(se bem que naquele tempo ninguém usava cueca, só calção de cadarço mesmo). No começo da Castelo Branco, aquela bagunça no ônibus o João do Vito, chefe da excursão, levantou e gritou: “Turma, pare c’á argazarra que ta chegano o pedage”. O Carlinho da Marvina já tirou o sarro: Pedage, pedage ká ká ká. é pedágio. O João: “pare o ônibus: o Carlinho vai decê aqui”. Puta confusão. Descer na escuridão da Castelo, no meio do nada. Nem pensar. Fiquei bem quietinho.

2.61 A fogueira de São João no sítio do Romãozinho

O sítio do Romãozinho na estrada da Ponte Alta já perto do Matarazzo era nossa área de lazer nos anos 60 mais ou menos. Tinha um rincão de águas cristalinas, com pedras aparecendo no fundo e uma charmosa pontinha de madeira. Ideal para brincar na água e seguro por ser razinho. Muitas vezes reuníamos um bando de jovens pois a Dona Iracema, esposa do Romão era uma mulher que gostava muito do pessoal jovem e tanto os recebia bem no salão da barbearia, como acompanhava as moças nos bailes. Como tinha moços e moças em casa sempre aglutinava os bandos que se formavam ou na barbearia da família ou mesmo em sua casa, onde vinham moças de Piedade, Sarapuí, Ibiuna para “posar” na sua casa e enfeitar nossos bailes. O casal tinha uma “renca” de filhos: Renê, Tide, Fábio e Sérgio, a Wanda e a caçula Marlene. Então fazíamos verdadeiros convescotes no gostoso sitinho deles e numa dessas vezes fomos comemorar o dia de São João, uma fogueira no páteo, quentão, pipoca, batata doce e outros que tais. Resolveram pular a fogueira, alguns até andando pelas brasas vivas pois se dizia que quem tinha fé não queimava a sola dos pés. Eu hein????? Nessa algazarra de pular a fogueira, cada um querendo fazer mais bonito para impressionar as moças presentes, O Miguelzinho do Paco desobedeceu a fila do pula pula e veio pelo lado contrário dando de encontro com o Zé do Lico. Caíram os dois no meio da pequena fogueira e o Miguel levou a pior, tendo sua camisa “Volta ao Mundo” chamuscada que grudou na sua pele e ao ser arrancada “despelou” costas e braços dele. Conforme puxavam os fragmentos da camisa queimada vinham pedaços de couro juntos: cheirou torresmo. Acontece que essa camisa bem como as de “ban-lon” ou calças de tergal ou de nycron eram feitas de material sintético, acredito até que derivados de petróleo. Ou seja, eram inflamáveis e derretiam com o calor, o que quase resulta no “escalpo” do Miguér Espanhór. As moças que vinham na casa da Dona Iracema: a Lidinha de Piedade, linda com pezinhos tão mimosos que eu me apaixonei por eles. A Neusa Holtz de Sarapuí que vinha com um bando de sobrinhas inclusive a hoje global Vera Holtz, moças de Sorocaba como as sobrinhas do seu Olézio e outras que namoravam ou queriam namorar os filhos da dona Iracema ou a nós que éramos onipresentes por ali. Sabíamos que nos bailes ou Carnaval tinha que “arrodilar” a casa deles ou do Genorzinho que para mim foi um celeiro de namoradinhas.

2.62 Outras histórias de Salto de Pirapora

Primeiro uma foto com alguns representantes da galera:



Carlos Alberto, Laerte, Cláudio, Naile, Tânia e Carlinhos da Marvina

Claro que olhando para a foto e conhecendo seus componentes fica óbvio que existia alguma sacanagem por trás (ou pela frente mesmo!). Afinal, o Carlinhos não é muito grande, mas aí devia estar ajoelhado. E como todos sabemos, ajoelhou tem que rezar!

A Tânia está, lindamente, representando as meninas da turma.

A lembrança triste revelada pela foto é a de que nosso amigo Carlos Alberto já partiu. Deve estar rindo de alguma coisa por aí....

Num baile em Pilar do Sul, o Dineu do Calixtro “arrodiô” o salão inteiro tirando as moças prá dançar e levando não. Chegou num canto, desenxavido e comentou com os colegas de baile: Narciso Martelo, Mário Pirú, Toninho Moreira: *Puta merda, vou levá um caminhão carregado de tábua po Sarto.* Levar tábua era o supremo da humilhação: você atravessa o salão ansioso para dançar com aquela menina bonita e leva tábua: um sonoro não na cara. O duro é atravessar o salão de volta com os olhares maldosos: tomou outra tábua.

O Zé do Lico trabalhava na ensacadeira de cal no forno do Aníbal de Góes e quando arranjou uma namorada num baile em Sorocaba, falou prá moça que trabalhava numa fábrica de talco (caprichando no ele) em Salto de Pirapora. A mãe da moça tinha parentes por aqui e foi procurar o pretenso futuro genro: mostraram o Zé do Lico na boca da ensacadeira c’um pano tampando a boca por causa do “puêrão” da cal. Fim do namoro.

O Naile conversando com uma moça num baile do Sorocaba Club, “ingatô” uma prosa sobre estudo. A moça perguntou o que ele estava estudando. Inventou que tava fazendo a quarta série no Estadão (Colégio Estadual Júlio Prestes de Albuquerque, na Av. Eugênio Salerno). A moça perguntou que matérias ele tinha mais dificuldade.

Respondeu na bucha: Aritimética e Linguage. Noutra oportunidade, lembrando de alguém que falou num curso de Edificações no Liceu, tascou na lata da moça: Tô fazendo um curso de....., de..... (í num vinha a mardita da palavra): Um curso de Especificações.

Outra vez num consultório na Avenida Paulista, onde tinha ido consultar sobre a necessidade de uma cirurgia de fimose ficou com vergonha de falar para a moça bonita da recepção o motivo da consulta, pergunta necessária para a ficha médica e respondeu: Quero falar com o doutor. A moça insistiu e ele mandou: É uma operação íntima. Também numa rara ida a um restaurante, meteu o palito nas bolotas de manteiga pensando que era queijo. Disse que a boca ficou “iscumano” que nem sapo, tentando disfarçar até fazer escorregar prá dentro as bolinhas ensebadas de manteiga. A grande vantagem do Naile é que ele mesmo nos contava essas histórias e nunca procurou esconder as bolas fora.

O Sidnei, irmão do Naile, foi na churrascaria do Marques, na avenida São Paulo, em Sorocaba, e no lavatório ficou esfregando a mão no vidro da bunda da saboneteira: não percebeu que tinha que virar o vasilho de ponta cabeça prá sair o sabão.

O Laertinho na praia disse prá mina que era carioca, todo cheio de sotaque carioquês: Ih aí mina, qual o teu nome? Ela respondeu: Morgana. E o Laerte: viu Morrrrrgâna carregando no érre, bem sartopiraporês. A moça sacou no ato que a conversa era pura cascata.

Outros bailinhos de Salto tinham como damas a Ditona, a Maura do Gustão (Viação Corneta), a Mileide do Mírto Pêxe, Jurema e Lúcia da dona Aparecida, Noêmia, Iracema, a Cirley e as moças do Pedro Belo: as irmãs Leda e Zelinda além da sobrinha Zélia e tantas outras.

O pessoal de Salto de Pirapora quando falava que ia a Sorocaba o pessoal perguntava: vai comê bolinho de pêxe no mercado. Era um bolinho de sardinha do Mercado Municipal onde ficava o ponto de ônibus de Salto.

Sorocabano então quando ia a São Paulo sempre levava o indefectível guarda chuva pois se dizia que em São Paulo chovia direto. Você chegava em São Paulo e falava que era de Sorocaba e ouvia: Trouxe o guarda chuva? E a fama não era descabida não: vi muita gente usando até galochas na capital. Uma espécie de luva de borracha impermeável que se vestia sobre o calçado. Além do guarda chuva e a capinha de chuva dobrada, pronta para ser acionada.

Uma vez fomos num baile em Sarapuí, acho que lotando a perua do Seu Olézio, dirigida pelo Paulo. Lá pelas tantas, depois de muita coca cola, o Zug foi ao banheiro... feminino. Quando saiu da casinha onde estava o vaso, deu de cara com duas meninas. Sem o que fazer, soltou: que moderno, o banheiro é unisex!!!

2.63 Saltopiraporices: gírias e expressões próprias e da região

Procurei fazer um registro das gírias e maneirismos que ouvi na convivência com pessoas de hábitos antigos e também de gírias criadas ao acaso, muitas vezes até sem muito sentido mas, que pela repetição e propagação no boca a boca passaram a fazer parte intrínseca do palavreado diário e coloquial: Plagiei o título de *Sorocabanices*.

GÍRIAS PARA

- **DIZER QUE ESTÁ TUDO BEM:** Num tem mosquito. Conosco num tem enroscos. Conosco ninguém podosco. Tudo chove's love's positivo.
- **PAQUERA:** Frestiá: A muié deu uma frestiada, eu entrei cum tudo.
- **DINHEIRO:** – arame, grana, farpa, carvão (essas são do Tim Maia, usadas no Rio de Janeiro). Shintolo: Gede, vô do Rogério e companhia usava essa expressão. Orombongue (do dialeto do Cafundó, tinha gente capaz de conversas inteiras nesse dialeto. Lembro do Sérginho Martelo que era craque nessa língua)
- **SEM DINHEIRO:** Duro. Liso. Orombongue nâni(dialeto do Cafundó).
- **QUEM TÁ LIMPANDO O NARIZ:** Vai tê baile? Tá limpano o salão?
- **CARA CHATO:** Minhoca fedida (horrorosa). Sór quente (quem aguenta ficar mais de 10 minutos no sol quente. Essa é de Sorocaba)
- **FLATOS MAL CHEIROSOS:** Faquiáro o bode. Cachitende (cupópia do Cafundó). Cagáro no mundo. Solto um foguetinho. Pisô no sapo (pelo barulho, ou buia).
- **QUEM MORREU:** Esticô as canela. Apitô na curva. Bateu as bota. Viajô fora do combinado (Rolando Boldrin). Foi p' o andar de cima.

- **DESIGNAR QUE ENQUADROU O SUJEITO:** Foi no figo (Mauro Bezerro), Foi no suan. Foi no miolo.
- **DESIGNAR LOUCOS:** Tantã. Cachorro lôco. Sujeito variado das idéia. Doido de pedra. Maluco das idéia. Meio treze.(Curiosidade: No Rio de Janeiro maluco é 22)
- **DESIGNAR IDIOTAS:** Pateta. Bocó de mola. Tonto. Lelé da cuca. Ruim das idéia. Varzeano. Por fora.
- **DESIGNAR QUEM SE DEU MAL:** Saiu com uma quente e duas fervendo. Saiu rasgano. Saiu fedeno. Sartei de banda.
- **QUEM SE DEU MAL NA VIDA, OU NAS BREGANHA (ESCAMBO, TROCA):** Deu o peido que o cú não aguenta. Deu o passo maior que a perna. Caiu do cavalo. Tomô na peida. Tomô no fiantã. Tomô no chipuco. Tomô no sessenta fôia. Virô um chapéu véio. Quebrado: adjetivo que se fala com um certo prazer. Sim, há prazer de ver as pessoas quebrarem. Mais do que ver o sucesso.
- **DESIGNAR MULHER GOSTOSA:** Que baita chipucão. Que cachorrão. Que baita quadrado. Boa de carcaça. Que baita carroceria. Nhô Juca: Que baita muiérão, se fosse uma porca dava 8 lata de banha. Maderaima (Pedro Orive). Tem uma bela comissão de frente. Tem uma baita testa. Nos dias de chuva usa uma sombrinha para cobrir a cabeça e um enceradinho para cobrir a carga.
- **SUJEITO QUE NÃO PRESTA:** Sujeito tráia. Trelento. Tranquêra. Curva de rio. Inrosco. Num vale déstão de mér cuado. Sê trocá por merda, ainda sai no lucro. Num vale o prato que come. Num vale uma bôsta. Tranquêra.
- **SUJEITO METIDO:** Come mortadela e arrota perú. Empombado. Metido a sebo. Seboso. Caga sebo. Tá c'ó cú que é só bosta(Pedro Orive).
- **CARAS ENJOADOS E FRESCOS:** Finório. Almofadinha. Nójento. Fresco. Viadinho. Bichola.
- **QUEM SE ARREPENDE:** Tocô sanfona. Mijô pá tráis que nem égua. Deu pá tráis. Correu da ráia. Peidô, paga um cançã.
- **DISTRATAR UMA PESSOA:** Tirô manã de fulano. Fez pôco caso. Sortô cobras e lagartos em cima de fulano. Você num vale deiz tostão de mér coado. Num vale a cumida que come.
- **PARA PESSOAS QUE GOSTAM DE COMER OU BEBER DE GRAÇA:** Serróte.
- **CORTE NO DEDO:** Deu um táio (aí pode usar pó pá tapá taio). Passa peida fogo (merthiolate). Feiz uma buceta no dedo. Arrancô a tampa do dedão. Ralô o dedo. Deu uma esfolada.
- **ANIMAIS:** Boi tucura. Pé duro(gado sem raça). Cavalo gázio(ruim de zóio). Cavalo náfco(manco). Égua ruzia. Égua baia. Cavalo sarmeado (pintado). Vaca cabana (chifres baixos). Vaca varadêra (serve para mulher infiel também). Cavalo pampa. O cavalo tá arrastano os quarto. Mula manca. Égua barranquêra. Cavalo bão de andadura. Boi bão de caxa (carcaça).
- **PESSOA PÃO DURA:** Biscoito de sordado(Dona Malvina). Munheca. Sovina. Mão fechada. Mão de vaca (no Rio de Janeiro se diz mão de porco!). Num pága nem a luiz pá dormí.
- **MULHER OFERECIDA:** Lambisgóia. Biscate. Muié de vida fácil. Muié de rua. Mulher alpinista: trepa prá subir na vida. Guidão (deriva de Margaridão e do ato de segurar o guidão da moto emulando o ato sexual). Lambreta (corruptela da Guidão que era puta véia e as lambreta as puta nova).
- **ZONA DO MERETRÍCIO:** Putêro, Inferninho, zona, Casa de Tolerância. Bordé. Currutela(Mato Grosso). Casa das quenga. Casa das rapariga(nordeste). Rendez-vous (casas de encontros em São Paulo e Rio de Janeiro).
- **GÍRIAS DIVERSAS:** Só por muída.Só por bufo. Mais num machucô? Disguiô na carrera (perdeu o bonde da história). Só por bufo: Vamo lá vê a briga, só por bufo?
- **DIZER QUE NÃO QUER PROSA COM O OUTRO/OUTRA:** Pode erguê a tanga. Pode erguê as trapêra. Pode erguê o nangs.
- **SUJEITO MAL CUIDADO:** Burro de viúva: Quando o marido morre a viúva deixa de cuidar do animal que fica crinudo, sem casquiá (cuidar dos cascos). Már ajambrado. Már acabado. Torto no cabo. Gadeiuda (Dona Malvina). Ruim de tipo. Mindigo. Cuberto de trapo.
- **APAIXONADOS:** Virô a cabeça por causa de fulana. Tá cuzido. Mandô um élis (L de lembrança). Tá de arrasto. Tá de quatro. Tá chorano as pitanga.
- **BÊBADOS:** Tá cercano frango. Tá cum trimilique. Tá trupicano. Levô um trupicão. Chamô Jesus de Genésio. Enfiô o pé na jaca (o correto seria enfiar o pé no jacá que é quando o sujeito sai da roça com o milho carregado nos jacás no lombo do burro e depois de apurar o dinheiro da venda, toma em cachaça na venda, e volta prá roça com os pés dentro dos jacás vazios, dormindo em cima do lombo do burro). Vê que cai, deite. Verga, mais num cai.

- **DIZER QUE VAI CHOVER:** Tá clamariano (calmariando:parando o vento). Se jeito regula, vai chovê. Tá cum revolução de chuva. Tá trovejano. São Pedro tá mudando os móveis no céu. Mira, Diós está fotografando nuestra tierra (Argentinos metidos). Tá vazano gente p' o ladrão.
- **DESIGNAR EFERVESÇÊNCIA:** Tá fervido(Sorocabanice). Tá bombano. Tá bombaninho.
- **A MARDITA DA ERVA:** Dar um tapa na cara da onça. Empinar pipa na laje. Suave na nave.
- **COISA RUIM:** Cosaruim - assim mesmo tudo emendado e pronunciado rapidamente. Designa criança malvada ou sujeito ruim mesmo.
- **SUJEITO DE MÁ ÍNDOLE:** Ruim de fio. Foice, enxada, maxado ou outra ferramenta que não está bem afiada está *ruim de fio*.*o fio* é a lâmina cortante de uma ferramenta.
- **INDEIS:** Quando a galinha botava no mato ou na capoeira e quando se achava o ninho não era prudente retirar todos os ovos pois ela mudaria o local do ninho, dando uma “trabalheira” para localizar o novo ninho. Retiravam-se os ovos, deixando apenas um que era chamado de “indeis”, na verdade uma corruptela de “um deles”. Descobri agora no fantástico Google. Outra grafia possível: indez.
- **RESSALTAR QUALIDADE:** O TUFO DE BÃO – Esse foi um *maneirismo saltopiraporês* que nunca ouvi fora daqui. Exemplos: Esse carro é o tufo de bão. Esse cavalo é o tufo de bão na lida.

EXPRESSÕES SALTOPIRAPORENCES

- **FOGO DE PÁIA:** Muito usada para quem começa uma tarefa com muito embalo e desiste logo em seguida. O fogo de palha é fugaz e não tão duradouro e constante quanto o de lenhas grossas ou toras.
- **RODÔ:** Perdeu a hora: Hoje *rodei* e perdi a condução.
- **DISGUIÔ NA CARRÊRA:** Se perdeu no caminho. A “carrêra” é uma aposta de corrida de cavalos ou mesmo de pedestrianismo. Também significa falta de persistência na tarefa que se propôs a fazer.
- **REVOLUÇÃO DE CHUVA:** Quando o tempo *vira* ou quando está *carmariano* como já explicamos.
- **SANGRIA DISATADA:** “Num percisa saí correno, num é sangria disatada”. A sangria é um ferimento que levou uma atadura de pano e se desatada pode levar à hemorragia. Ou seja precisa sair correndo para estancar o sangue, ou a sangria.
- **NUM É ZÓIO DE SANTO:** Não precisa buscar a perfeição. Conta-se que antigamente um dos esconderijos para o dinheiro era dentro das estátuas sacras e esses valores eram introduzidos pelos olhos do santo. Assim sendo, tinham que ter um acabamento perfeito para não despertar desconfiança de que continham valores escondidos.
- **A CONVERSA AINDA NÃO CHEGOU NA COZINHA:** Quando alguém dava um *pitaco* na conversa, que não era de sua alçada se respondia assim emulando que a conversa da sala de estar estava restrita à mesma e não deveria vazar para a cozinha, leia-se para os serviçais.

MARVINICES

Dona Marvina também tinha seus “ditos” e expressões peculiares!!

- **MEIO AÉREO:** Quando se referia à uma pessoa meio desligada, meio *por fora*.
- **BISCOITO DE SORDADO:** Para designar, delicadamente, o sujeito *pão duro*. O soldado ia para a guerra e para se garantir guardava uns biscoitos no seu farnel. Com o tempo esses biscoitos ficavam muito duros e secos, daí a analogia com o pão duro.
- **BOA BISCA:** Aquele sujeito não é boa bisca.
- **ISPICULA MACHO:** Para meninos que viviam fazendo perguntas o tempo todo. Imagino que o ispicula

venha de especular, indagar, pergunta.

- **MEIO AÉREO:** Para sujeito desligado, por fora, ou seja que vive voando baixo.
- **MIJÔ FORA DA PICHORRA:** Deu pá tráis, deu bola fora, não sustentou o que tinha dito.
- **NÃO DÁ PARA TIRAR LEITE DE PEDRA:** Não dá para fazer milagres. O dinheiro acabou, não tem como fabricar.

PEDRO ORIVICES:

O vocabulário do Pedro Orives era bem característico, peculiar e criativo!

- **CAIPIRA DO RABO GROSSO:**
- **TÁ ENGANADO COM A COR DA CHITA:**
- **QUEM ABAIXA DEMAIS MOSTRA A BUNDA:**
- **TÁ INGANADO C'A COR DA CHITA:**
- **FEIO É ROBÁ E NUM PODÊ CARREGÁ:**
- **SAIU C'UMA QUENTE E DUAS FERVENO:**
- **COMEU GATO POR LEBRE:**
- **BOBO ERA 7, MORREU 8:** Sujeito ladino.
- **O BOI DISGUARITÔ P'O MATO:**
- **SE JEITO REGULA, VAI CHOVÊ:**
- **PAU DE VIRÁ TRIPA:** Suleito muito magro.
- **FEIO É PINTO QUE NASCE PELADO:**
- **FEIO É ROBÁ I NUM PODÊ CARREGÁ:**
- **O BOBO RALEIA, MAIS NUM FÁIA:**
- **NUM SOCÓ SÓ:** Pedro Orive usava essa expressão quando ia movimentar um pau pesado com 3 ou mais pessoas e a expressão era no sentido de todo mundo fazer força, ou *forcejar* no mesmo momento e ritmo.
- **REGATÊRA:** Ih, essa égua tá muito regatêra hoje. Quando o animal não deixava pegar no pasto ou quando *refugava* na lida com o gado.
- **BOA SIBÉRIA:** Não sei de onde meu pai tirou essa. Quando alguém ia viajar ou alguém “de casa” estava saindo ele usava essa saudação. Talvez nem tivesse causa ou explicação.
- **RANRULLE:** Quando ele foi para São Paulo, na estação de trem tinha um vendedor de jornais que anunciava em altos brados o nome do jornal italiano “FANFULLA” da seguinte forma: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo horizonte: *FANFULLA* e prosseguia para a Europa: Lisboa, Madri, Londres: *FANFULLA*. Anunciava que o vespertino trazia notícias do Brasil e do mundo inteiro e meu pai imitava o vendedor com a palavra que ele assimilou: *RANRULLE*.
- **PORCA CABANA:** meu irmão Crizólito levou o papai passear no Rio de Janeiro e ele voltou todo garboso contando dos lugares que ele conheceu inclusive a praia de *PORCA CABANA*, no seu registro pessoal para

COPACABANA. E contava isso na barbearia e nas conversas e eu tive que aguentar muita gozação por conta disso mas, depois passei a achar muito engraçado a sua criatividade. Cabano ou cabana seria um boi ou vaca sem chifres então mais ainda que o sentido se complica.

- **O VIRADO DE OVO:** o Pedro Orive era muito guloso e nas suas andanças nos sertões de Piedade e Ibiuna, a cavalo com seu ponche, chapéu, revolver Colt Cavalinho (ah como eu queria tê-lo guardado pois é arma de coleção) *pediu poso* num conhecido na beira da estrada. Foi bem recebido e no dia seguinte, logo cedo foi convidado a se sentar à mesa para usufruir de um lauto café da manhã. No centro da mesa uma travessa transbordando de “virado de ovo”. Para quem nunca comeu são ovos estalados com queijo branco e farinha de milho. Iguaria caipira inesquecível. Ele adorava e puxou a travessa e lotou um prato fundo já salivando a boca para atacar a apetitosa e fumegante comida. Quando deu a primeira colherada veio a surpresa: faziam o virado com açúcar e não com sal como ele estava acostumado. Com vergonha de devolver, teve que ir engolindo devagar sorvendo “canecadas de café para fazer rodar o virado prá dentro do bucho”. Dona Marvina tripudiava depois: “Tá vendo hóme guloso, tinha que inchê o prato: Bem feito”. E ele soltava sonoras gargalhadas.
- **A SALA INCLINADA:** Num outro *pôso* viajando com o meu irmão Salvador arrumaram colchões no chão para que eles dormissem na sala. Só que a mesma era em desnível e eles rolavam para o canto mais baixo da sala. Tudo virou *causo* e risadas depois.
- **DISCADERADO, C'UM DOR NOS QUARTO:** Quando ele sentia dores nas costas usava essas expressões. Era comum dizer que “estava com dor nas cadeiras” ou “com dor nos quarto” que na verdade denomina as costas do boi que tem o quarto dianteiro e o quarto traseiro.

Capítulo 3

Viagens Marcantes

3.1 O Casttel Saint Andrews (SA)

Localizado dentro do Condomínio Vale do Bosque, a cerca de 1 quilômetro do centro de Gramado. Ou seja, privacidade total. Gramado por si só é uma cidade pacatíssima onde você pode caminhar tranquilamente à qualquer hora da noite. O hotel, dentro de um condomínio oferece mais segurança e tranquilidade ainda. O condomínio Vale do Bosque é ocupado por lindas residências, muitas no estilo *enxaimel*, de origem bávara, com janelões do tipo *bay window*. Muito vidro, muita treliça, muito branco. Tudo no meio de um bosque de árvores altaneiras que sombreiam praticamente todas as suas charmosas alamedas. Existe uma outra pousada dentro do Condomínio, com o mesmo nome que tentei conhecer hoje, andando de bike pelo suntuoso bairro, mas estava fechada, devido à época de baixíssima temporada. Tenho dito aos amigos que estou aprendendo a viajar depois de velho (motor 7.3 ou seja 73 aninhos, mas com este *corpitcho* de 72, kkkkk). Para aproveitar lugares como o SA só mesmo na baixíssima temporada. A diária normal na alta temporada varia numa faixa de 3.400 a 6 mil reais. Então não é para um simples mortal como eu. Nesta época do ano, considerada baixíssima temporada esses valores diminuem cerca de 70%. Ou seja, considerando o custo/benefício do hotel, este valor passa a ser interessantíssimo. E haja benefícios: troca de roupas de banho duas até três vezes por dia bem como a arrumação da suíte quantas vezes se fizer necessário, com mordomo de plantão 24 horas. Brinde de chegada com espumante Dumanis Brut e um comitê de recepção com gerente, mordomo, *chauffeur*, chefe de cozinha além dos *maitres*, garçons e o pessoal da recepção. No dia de ontem, Dia da Mulher, distribuíram rosas com uma mensagem escrita à mão, personalíssima, e lógico o espumante Brut. Eu tomo o cuidado de usar o termo espumante porquê ouvi dizer que *Champagne* só deve ser usado para o espumante produzido na região francesa de *Champagne* mesmo. Seria talvez uma marca própria, ou uma grife de domínio da região francesa, um *DOC* denominação, ou domínio de origem controlada?.. O serviço de *transfer* é feito em um Land Rover branco, conduzido por um chauffeur educadíssimo, de vasta cultura que só conversa com o hóspede se for instado a falar. Claro que bebi dos seus conhecimentos descrevendo as cidades por onde fomos passando no trajeto de cerca de uma hora e quarenta minutos desde o aeroporto Salgado Filho em Porto Alegre até o SA. Passamos pela região calçadista de São Leopoldo e por pequenas cidades que vivem dos curtumes que preparam os couros para os finos calçados, bolsas, botas e afins produzidos na região. Pelo percurso vários *outlets* com vasta oferta dos produtos locais, com preços diferenciados do comércio de Gramado e Canela.

O idealizador do SA, Sr. Guilherme de Jesus Paulus, dono da CVC comprou há cerca de 10 anos a propriedade no Vale do Bosque, que nada mais era do que uma residência particular edificada no formato de um castelo e a transformou no suntuoso CASTTLE SAINT ANDREWS. São onze suítes e 33 funcionários. Três funcionários por suíte ou praticamente um funcionário para cada hóspede. As suítes têm os nomes de Safira, Turquesa etc e a decoração segue a cor sugerida pelo nome. E as suítes são muito preciosas. Iguais às pedras que lhes dão a designação. Posteriormente adquiriu uma pousada no terreno contíguo e ali instalou outra ala do hotel conhecida por Mountain. A que estamos é o *Castle*. Este tem decoração clássica: móveis de Sierra aqui de Gramado em imbuia ou outra madeira de lei, pés de bronze pata de leão, lustres tchecoslovacos, escrivaninhas que acredito serem réplicas dos famosos móveis *Chippendale* ingleses. Cortinas e brocados usando tecidos com motivos de inspiração italiana, tules finíssimos com delicados desenhos e fechando tudo por dentro as cortinas tipo *black-out* que proporcionam aquele escurinho delicioso para adormecer. Nenhum fio de luz penetra por essas cortinas. Nesta suíte a TV tem uma moldura larga idêntica à dos quadros de arte, com um aparador que pode ser de mármore, acredito que italiano.

O design foi inspirado em algum castelo ao redor do mundo. Ou seja: foi chamado um designer de móveis que viajou e coletou modelos de móveis de época, por isso falei nos *Chippendale* ingleses, desenhou e trouxe o projeto para ser executado pela Sierra. Olhando os móveis espetaculares você percebe as linhas clássicas da mobilaria italiana, francesa, inglesa etc. mas na verdade foram fabricados aqui mesmo em Gramado, obedecendo aos ditames dos designers originais dos móveis de época. A iluminação dentro da suíte é feérica e os botões regulam a intensidade da luz. No seu ponto máximo resplandecem melhor ainda a majestade e a beleza dos lustres e dos objetos de adorno. Alguns tem componentes de cerâmica, com delicados desenhos pintados a mão. Uns mais imponentes que os outros. Nas suítes existe sempre uma escrivaninha cheia de estilo, confortável, daquelas de tampa dobrável cheia de escaninhos, com papéis, envelopes e pastas estilizadas e uma caneta com o logo do SA. O que convida a trabalhar e a escrever um pouco. O bar do SA tem uma coleção incrível de uísques, conhaques, *brandies*, *xerez*, licores etc. : Os preços das cartas de bebidas são de embasbacar qualquer simples mortal, à exemplo dos preços dos conhaques do gazebo da charutaria: um vinho do Porto *Warre's Quinta da Cavadinha 1996* custa 200 a dose. Um *Marsala Marco de Bartoli Vecchio Samperi Ventennale Fortificado* branco seco por módicos 270 a dose (sempre de 50 ml). Um *Johnnie Walker Blue Label Ghost* a 200 e, acredite um *Johnnie Walker Sons & Odyssey* a 900 a dose.

Os preços em hotéis dessa categoria podem assustar mas há que se levar em consideração todo o conjunto da obra como o atendimento especial do bar tender, o seu profundo conhecimento das bebidas e drinques que serve, o ambiente em que é servido e claro os copos *finérrimos* além do requintado mobiliário que ornamenta o local, seja no próprio bar, na biblioteca ou mesmo no *lobby* do hotel, ali chamado de *conciergerie*. O mobiliário é todo especial com largos sofás muito aconchegantes, daqueles que nos abraçam quando sentamos. Aparadores estilosos estão à disposição para que você apoie sua bebida onde melhor lhe aprouver. Sopeiras antigas de porcelana, lustres tchecos, quadros de arte em belíssimas molduras, abajures e outros itens do mobiliário, sempre com design exclusivo, inspirado em algum castelo da Europa completam o clima dos ambientes sempre descortinando para o vastíssimo Vale do Quilombo, que convida a flutuar pelo amplo espaço de domínio do vale. Os escoceses e americanos *Macallan*, *Glenfiddish*, *Johny Walker* série especial, licores os mais variados drinques e digestivos e uma curiosidade espetacular: uma máquina que faz cubos de gelos..... redondos. Ela tem uma prensa côncava e outra convexa e transforma o gelo quadrado em redondo. Pode?

10/03/2020 – 13:14 h. Estou escrevendo de outro ponto privilegiado, agora dentro da suíte Danúbio numa mesa redonda com cadeiras tipo marquesa tendo à frente uma *terrine* de frutas frescas que foram trazidas há pouco pelo mordomo. Maçãs de duas cores, morangos vermelhíssimos, kiwi, ameixa e uvas Niágara de um néctar incomparável, que só tinha provado nas frutas chilenas, que descreverei oportunamente. Nunca degustei uma Niágara tão doce e saborosa. Tanto a grafia Niágara como Niagara são aceitas segundo o professor Google.

3.1.1 O café da manhã do SA

Como já falamos o café da manhã é servido *à la carte* e não um buffet enorme com mil coisas. O serviço segue um protocolo impresso descrito em um cartão e previamente definido para cada dia, podendo ser modificado ao bel prazer do hóspede. Começa com um suco de frutas, fazendo mesclas totalmente inusitadas como suco de morango com couve e hortelã, depois vem frutas já picadas servidas ao seu gosto juntamente com um finíssimo iogurte com *corn flakes* ou algum tipo de semente como a de alpiste e uma pequena bandeja de queijos e frios variados. Destaca-se o queijo *Cabranca*, branco e levíssimo, ou seja pouca gordura, feito logicamente de leite de cabra e os frios: presunto italiano *San Danielle*, ou *jamon serrano* e ainda o sensacional *culatello*, acompanhando ainda uma torta doce. Depois o *ovo perfeito* com uma fatia de jamon e sempre enfeitado com brotinhos de alpiste ou alfafa. Uma cesta de pães variados com brioches, pão da colônia, croissants doces e salgados e outros que tais. Pode-se pedir um chá para acompanhar ou então um expresso curto meticulosamente tirado em uma máquina italiana completado com leite ao gosto do hóspede. Para fechar ainda tem uma sobremesa que tanto pode ser uma torta de frutas ou a rabanada com vinho do Porto, açúcar e canela. Um senhor *breakfast*.

O culatello da região da Emilia Romagna na Itália é feito a partir da carne da parte traseira da perna do porco preto originário da região da Lombardia, vizinha da Emilia Romagna. Ele é mantido numa cama de sal grosso por uma quarentena dentro da bexiga do próprio porco. Após é retirado, lavado cuidadosamente e depois de adicionados os temperos, volta ao interior da bexiga do porco imerso em vinho branco também típico da região e ali fica por..... hum ano. A bexiga é pendurada em um varal, no tempo, sem defumação, e toma o formato de uma pera. Nessa região da Itália um clima único, exclusivo da região, provoca uma cerração enfumaçada que auxilia na cura do embutido. O sabor é semelhante ao do jamon, mas traz o perfume e o sabor do vinho nele impregnado tornando-se mais magro e mais enxuto que o primo jamon. O Carlinhos de Salto de Pirapora, amante dessas iguarias já conhecia o embutido na região do Mercadão da Cantareira em São Paulo, onde sempre foi assíduo frequentador levado pelo pai,

o Elias Turco que sempre procurou bons produtos no famoso mercado paulistano, meca de produtos de excelência provindo das mais diversas regiões daqui ou do exterior. O Carlinhos me relatou que encontrou o culatello mas que o mesmo só era vendido em peças inteiras a R\$ 900,00 o quilo.

O *Ovo Perfeito* é um ovo com gema mole e clara praticamente em neve de tão macia. Este ovo é preparado em uma máquina especial, cujo vídeo vamos anexar, de forma peculiar: ‘São imersos vários ovos com casca dentro de uma meia de mulher para facilitar a retirada e imersos em uma máquina que vai cozinhá-los por duas horas à uma temperatura mantida cravada nos 62.7 graus e o tempo nunca pode ser inferior a isso ou não vai estar finalizado corretamente. É chamado ovo perfeito porquê esta máquina faz um cozimento por igual, ou seja cozido perfeitamente por igual. Daí o nome. Após o cozimento é quebrado em uma travessinha de fundo redondo e adornado com presunto San Danielle, umas folhinhas de broto de alpiste, verdes e delicadas para dar o toque final. O resultado, para variar, é simplesmente fantástico. Um ovo de gema mole para ser comido com aquele naco de pão da colonia mergulhado na gema e uma clara em neve, levíssima. O serviço é impecável e os garçons, se não soubessem te dar a informação vão à cozinha e voltam com os detalhes, que são tantos que resolvi gravar vídeos com os próprios narrando o cuidadoso preparo de cada item servido no café da manhã.

Saindo do café duas bikes nos convidam a uma pedalada pelas dependências do hotel e pelo condomínio anexo, um exercício para as pernas e para a vista pois casas suntuosas tornam o passeio mais agradável ainda.

3.2 Suíte Topázio do Hotel Casttel Saint Andrews - SA - em Gramado – 5/3/2020

Escrevo da janela da minha suíte Turquesa no segundo andar do *charmosíssimo* Castle Saint Andrews, com vista para a fonte jorrando no meio do lago, um ombrelone com uma sombra refrescante e sofás aconchegantes, convidando para uma uma boa espreguiçada. O lago é adornado por um caminho de lajotas de pedra e sombreado por um bosque de chorões, plátanos, pinheiros altaneiros, araucárias, palmeiras com folhas em leque e outras espécies exóticas como a *Liquidambar*, uma árvore fina e longa de uns 3 metros de altura, quase sem copa e plantada por inspiração dos castelos da região italiana da Toscana. Por baixo gramados entremeados de pedras irregulares com bordaduras formadas pelas coloridíssimas subpatiens: tem roxas, vermelhas, brancas e amarelas. A *subpatiens*, uma parente da *impatiens*, de rara beleza. À minha direita um gazebo com portas de vidro arredondadas entremeadas por treliças, tudo branco, angelicalmente branco. Dentro abriga uma charutaria, com aconchegantes sofás, livros mostrando locais e pessoas interessantes, tais como o criador da Localiza, da Boticário e outras histórias de gente de sucesso. Haja sucesso. Revistas tipo Gentle & Quality ou seja sempre o *quem é quem*. Não vou discorrer sobre charutos porquê não sou *connoisseur* do assunto. Para acompanhar os *puros* cubanos uma adega com conhaques mundialmente famosos e caros tais como: Henessy XO (R\$ 148,00 a dose), Remy Martin Louis XIII (1.500,00/dose) e ainda calvados, um destilado feito de maçã na região da Borgonha francesa e os reposados, tequilas exclusivíssimas daquelas que o nosso amigo Ernesto Alarcon tem na sua adega.

Ao fundo músicas clássicas num volume educadíssimo que permite tanto uma conversa tranquila como uma imersão solitária no mundo dos conhaques, do charuto e das boas revistas que mostram desde os novos Aston Martin que são vendidos agora em combos: apenas em duos, gêmeos pela bagatela de 5 milhões de libras esterlinas. Não é exclusivo. É exclusivíssimo. Outra revista mostra a Bruna Lombardi, mais linda que nunca, seu marido Carlos Alberto Ricelli, bonitão e charmoso e seu filho Kim, já moço. Os três trabalham juntos em projetos diversos como de merchandising, filmes, peças de teatro e afins. Muito bonito ver a família que se mantém unida acredo que por mais de 30 anos, trabalhando coesa, no mesmo seguimento e muito felizes com isso. Outra revista conta a trajetória de Pedro Lima que comanda o café Três Corações. Dali pincei a seguinte frase dele: “O sentido da vida é criar laços legítimos e duradouros com todas as pessoas. E o mais importante é ser simples, o que é diferente de ser simplório. E ser simples não é fácil, pois é a essência da sofisticação”. Simples assim, né?

Olhando para a esquerda outro gazebo idêntico, igualmente charmoso que abriga um forno para pizzas, mesas e cadeiras confortáveis para saborear as redondas praticamente ao ar livre, com o lago à frente. Tudo isso fora do corpo do castelo do hotel. Agora que escrevo para vocês estou dentro da suíte turquesa, sentado em uma mesa redonda, pequena, com duas cadeiras do tipo marquesa, um aparador de porcelana e anjos de bronze sustentando o prato onde são colocadas diariamente as frutas frescas e à noite o chá do sabor eleito para cada noite, numa térmica pequena de prata, acompanhado por um pratinho com petit fours: docinhos ou biscoitinhos para antes do adormecer. Chique né? O som que vem da TV agora mescla jazz e blues, uma paixão minha. A suíte é suntuosa com uma cama de casal super king que mais parece um quadra de futebol de salão e uma profusão imensa de travesseiros

de fazer inveja ao Luciano Pavarotti que quando veio ao Brasil e se apresentou no estádio do Pacaembu, exigiu um camarote com mais de cento e cinquenta travesseiros e igual número de toalhas além de uma cozinha montada dentro do camarim para que ele próprio pudesse elaborar suas *pastas al burro ou ao molho pesto*, uma quantidade incalculável de pomodori e claro um elenco estelar de azeites, parmesãos e azeitonas, incluindo as negras *azapas* chilenas gigantescas.

3.3 Chile, suas frutas e seus vinhos

Fiz duas viagens ao Chile, uma com a Eulália e outra com o Carlinhos do seu Elias, daqui de Salto. Em ambas vi uma Santiago limpa e moderna, com bairros residenciais esplendorosos e o que mais me marcou na primeira viagem foi conhecer as frutas chilenas. Ao provar um simples morango achei que nunca tinha provado a fruta antes. Extremamente doce bem como as ameixas e as *brevas*, pequenos figos muito doces também, além dos pêssegos e nectarinas. As cerejas, em duas colorações, então nem se fala. Essas frutas podiam ser compradas em bancas pequenas em plena rua. A explicação da qualidade é relativamente muito simples: a água, escassa e retirada de poços artesianos, é dosada na medida certa na irrigação para apenas garantir a sobrevivência da planta. Então o açúcar se concentra e resulta numa fruta muito doce e diferente das nossas, que muitas vezes são aguadas, por excesso de chuvas. Por isso disse que tive a impressão de nunca ter comido morango antes na vida. Outro fator é que essas frutas são colhidas de madrugada no Vale dos Vinhedos nos arredores de Santiago e chegam de manhãzinha fresquinhas nas bancas e no comércio. Nós aqui no Brasil estamos comendo bananas e outras frutas provenientes de estufas e não diretamente da lavoura. As bananas, por exemplo, são colhidas totalmente verdes e armazenadas nas estufas que utilizam um gás que acelera ou retarda o amadurecimento da fruta conforme a conveniência mercadológica. Ainda criaram o neologismo *frutas climatizadas* para dourar a pílula. Outras frutas de aspecto brilhante são imersas no espalhante que é um produto químico usado para outra finalidade e neste caso apenas para dar aparência bonita. No feijão vem sendo usado o glifosato (Roundup e outros) que é na verdade um herbicida potente, o popular *mata-mato*. Ou seja, o agricultor quando percebe que tem condições climáticas favoráveis para colher o feijão antecipa a sua colheita aplicando o tal *mata-mato* para derrubar suas folhas e forçar o seu amadurecimento, quimicamente. Acontece que o glifosato é sistêmico, ou seja ele percorre todo o sistema da seiva da planta, desde as raízes até os grãos de feijão, que vão receber uma parte desse agrotóxico, que acaba indo parar no nosso prato.

Mas voltando ao Chile, é um país muito bonito e muito interessante. Não tem chuvas de setembro a março e daí a necessidade da irrigação, com água pura tirada do subsolo e fornecida na medida certa para a planta, nem mais nem menos. O corolário dessa prática é a docura das frutas. O famoso Vale Nevado, que domina o horizonte, nessa época é chamado de Vale Empoeirado, tal a secura. No centro de Santiago tem um restaurante giratório na cobertura de um prédio antigo. Você tem uma vista magnífica de 360 graus de toda a cidade e seu entorno. Programa imperdível.

Outra visita muito interessante foi com o Carlinhos do Elias, meu xará daqui de Salto, nos vinhedos da *Concha y Toro*. É um tour monitorado dando todas as explicações sobre as vindimas e o processo de produção dos vinhos. Começa mostrando o Palácio Concha y toro, do século XVII, lindíssimo. Ao contrário do que imaginamos a variedade da uva usada para produzir o vinho é bem pequena, semelhante à Izabel, muito cultivada na região de São Roque mas de qualidade muito inferior. Portanto a semelhança é apenas no tamanho. A uva ali cultivada, como se sabe produz um dos melhores vinhos do mundo. O *grand finale* do passeio é dentro da adega e é então apresentado um teatrinho contando a origem do nome *Casillero del Diablo*, marca mais conhecida da cava *Concha y Toro*. A tradução é Armário do Diabo e conta a lenda que Don Melchor de Concha y Toro espalhou o boato de que o próprio diabo era o guardião da adega particular. Os rumores tinham a finalidade de preservar as preciosas garrafas, que eram furtadas com frequência, por seu alto valor comercial. A apresentação se dá com luzes apagadas e um som estrondoso quando surge o diabo, vestido de vermelho e brandindo um forcado. Depois fomos almoçar no restaurante Concha y Toro Wine Bar, local discreto com poucas mesas, serviço muito bom e comidas idem. O Carlinhos ainda lembra das nossas escolhas: eu pedi paleta de cordeiro na cerveja preta e ele pediu um filé mignon à Tornedor, no estilo do filé à Chateaubriand do Morais, na Praça Júlio Prestes na região da Luz, em São Paulo: alto e mal passado. No Morais, tradicional reduto boêmio da capital paulista era acompanhado de salada de agrião, mas um agrião especial com talos bem grossos, quase da grossura do meu dedo mindinho. Escolhemos os vinhos ícones da longa carta de vinhos exibida pela casa: branco para mim e tinto para o Carlinhos. Depois o Carlinhos enrolou a língua com umas turistas, num *castelhanês saltopiraporê*. Tinha inclusive uma india, e *unas otras catitas* que foram fazer curso de espanhol em Santiago. Ou seja, interagimos internacionalmente. Quando digo que o meu xará enrolou a língua é porquê no embalo de *hablar* espanhol ele colocava a língua no céu da boca e pronunciava como se tivesse uma batata quente na boca. Adorava falar o nome de uma das estações de metrô: *Tobalaba* mas falava de uma forma tão engraçada que se tornou o nosso repetitivo mote na viagem.

3.4 Buenos Aires: Réveillon de 2008

3.4.1 Hotel St Martin

Na Av. St. Martin, perto da Calle Florida e Avenida Nove de Julho com 11 faixas. Na verdade mais uma esperteza portenha: foram desapropriando imóveis e juntando ruas para poder ostentar a avenida mais larga do mundo. Será????

3.4.2 Avenida Alvear

Comércio das lojas e das grifes de luxo e ainda Galeria e Hotel de mesmo nome onde se hospedou o Príncipe Charles, com uma magnífica porta giratória de vidro *bisotée*.

3.4.3 Café Tortoni

Um bar formidável com casa de shows de tango nos fundos. Na entrada uma extensa fila para ocupar suas mesas disputadíssimas.

3.4.3.1 Chá de Las Violetas

Perto da Rivadávia, já numa zona afastada do centro e mais perigosa. Um casa de chá de mais de cinquenta anos com doces tentadores exibidos em balcões de vidro bisotê, num ambiente nostálgico. Nesse lugar me marcou uma cena: um homem com terno surrado, barba por fazer, cabisbaixo, ensimesmado, tomando um café e fumando totalmente absorto em seus pensamentos, talvez angústias. A imagem típica do argentino que perdeu a ilusão com o seu país que chegou a ser a terceira economia do mundo, um dos maiores produtores de carne e trigo. Por conta do endémico problema político, o país foi esfoliado por Perons, Menens, Kirchners, Macris sem contar a desastrosa ditadura militar. Observei o mesmo semblante desse senhor num motorista de táxi. Você sente no ar a desilusão do povo. Que pena: um país tão bonito e de cultura tão rica chegar no fundo do poço por conta da abjeta política.

3.4.4 Puerto Madero

Um antigo espaço de armazéns abandonados, decadentes, sujos e outrora habitado por ratos e desocupados. Enfim uma zona perigosa que foi transformada num bairro com mais de cem restaurantes de excelente qualidade, seguro, limpo e que acabou transformando também todo o seu entorno. Passei o réveillon ali, numa farra memorável quando a rua interna, marginal ao pequeno rio que corta o bairro, inclusive com uma miniponte estaiada, fica tomada pelos frequentadores de todos os restaurantes, que tocam a mesma música, distribuem apitos, buzinas, bonés e outros brinquedos e dessa forma integram todo mundo numa alegre brincadeira saudando o desabrochar do Ano Novo.

3.4.5 Cemitério da Recoleta

Mostra nitidamente a decadência do país: grandes mausoléus, verdadeiras residências com portas de bronze, puxadores dourados, vidros bisotês mas tudo num estado de conservação lastimável, o que denota a decadência financeira dessas famílias que exibiam seu poderio em seus túmulos, mas provavelmente não tiveram mais recursos para fazer a manutenção desses majestosos monumentos fúnebres.

3.4.6 Piazolla

Um antigo teatro com frisas e balcões transformado numa casa de exibição de tango com shows muito bonitos, bons vinhos e comida.

3.5 Gramado: 29/2/2009

Saída de S. Paulo pela BR 116, com pernoite em Curitiba, no Hotel Pestana e jantar no Velho Madalosso: rodízio de radicchio com bacon e vinho, polenta, galete, fígados de frango ao vinho, spaghetti, canelone, frango atropelado, asinhas e coxas de frango fritas, ravioli de mandioquinha, tudo repetido até satisfação plena da gula . Descida para Gramado passando por Caxias do Sul, e depois a brava serrinha (à noite) até Gramado, com estrada estreita, cheia de curvas com os carros *encochando* a gente como disse a bela gaúcha de olhos azuis da loja de agasalhos no Hotel Laje de Pedra. Eu e a Eulália nos hospedamos no encantador Vila Bella Hotel

3.5.1 Vila Bella Hotel

Na Rua Villa Bella, 125, com vista deslumbrante para o Vale do Quilombo, piscina aquecida, lareira deliciosa, quartos com calefação, café da manhã muito farto.

3.5.2 Galetto Al Primo Canto

Restaurante bem perto do hotel na rodovia que liga Gramado a Canela: *Farturoso* rodízio com costelinha de porco, polenta brussolada, salada de almeirão com bacon, etc. etc e o carro-chefe: o maravilhoso galetinho Al Primo Canto.

3.5.3 Restaurante Avenida 31

R. Madre Verônica, 31. Esta é a famosa rua coberta de Gramado, uma ruela de uns 50 metros de comprimento totalmente coberta, abrigada da garoa e do frio. Na última viagem que fiz em março de 2020 conheci a parte nova dessa rua, abaixo da avenida, ao lado da Catedral.

3.5.4 São Francisco De Paula

Galpão crioulo com uma valeta para preparar o churrasco, gaúchos bem *pilchados*, tocadores de gaita, roda de chimarrão. A visita vale mais pelo caráter folclórico, do que pela comida. Para quem não conhece os termos: PILCHADO – é o peão vestido a caráter: poncho, chapéu, pala, pantalonas e duas adagas colocadas bem na linha da bunda. CUSCO – Cachorro. Quando está muito frio se diz: *Tá um frio de rengueá cusco*. RENGUEÁ: Arcar, fazer o cachorro encolher de frio. PECHADA: batida de carro LANTERNEIRO: funileiro BERGAMOTA: mexerica ALPERCATA: uma espécie de sapatilha com elásticos laterais, muito confortável. Comprei uma dessas na última viagem e também *uma calça de farra*. CHIMIA: qualquer tipo de geleia

3.5.5 Hotel Rita Hopner

Maravilhoso Chá Colonial com góndolas de salgados e doces, bolos, chás, chocolate, wafers para forrar com chimias caseiras, tarteletes de morango etc. etc. Ambiente muito bem decorado, com música ambiente na linha de Frank Sinatra mas infelizmente uma chata viciada em celulares (dois ao mesmo tempo) falando alto de negócios (julgava-se uma empresária), tirou grande parte do encanto do local. Me arrependo até hoje de não ter mandado calar a boca.

3.5.6 Passeios

Cascata do Caracol, Museu de Carros Antigos, museu Mundo a vapor, Igreja de pedra em Canela e o Pequeno Mundo anexo ao Hotel Rita que já descrevemos na última viagem à Gramado.

3.5.7 Fábrica de Vidros

Vimos o processo de sopragem de vidros. Passeio bonito com preços das peças assombrosamente caros.

3.5.8 Viagem de Volta

Passamos ao lado de São Francisco de Paula, almoçamos em Campina Grande do Sul, visando alcançar a *Rota do Sol* ou seja a volta por outro caminho diferente da descida. Passamos ao lado dos *Canyons do Itaimbezinho*, e tomamos a BR 277, rumo a Joinville onde pernoitamos e no dia seguinte a volta para casa, em São Paulo.

3.6 Chile – Réveillon de 2009 – Hotel Providence – Bairro da Província

Esta foi a primeira viagem ao Chile com a Eulália. A segunda foi com o Carlinhos do seu Elias. Foi o primeiro réveillon que passei à luz do dia. O jantar por volta de 21.30 horas o sol ainda deitava seus raios sobre as janelas do restaurante do hotel. Destaque para as frutas que já descrevemos.

3.6.1 Passeios

Viña del Mar e Valparaíso passando por belíssimos vales, vinícolas, plantações de uva etc., Cerro de Santa Lucía e Cerro de San Cristobal.

3.6.2 Shopping Parque Arauco

No restaurante Benihana um show do mestre cozinheiro batucando suas espátulas, picando e jogando cebolas para o alto, quebrando ovo na espátula e outros malabarismos fantásticos, preparando a comida numa chapa quente integrada à mesa para 8 comensais.

3.6.3 Shopping Alto de Las Leonas

Shopping chiquérrimo com restaurante (Utópico Spa) com vista espetacular para a Cordilheira dos Andes.

3.6.4 Restaurante Giratório

No topo de um prédio no centro de Santiago, as mesas vão girando lentamente enquanto a cozinha, no centro da circunferência se mantém no mesmo local. Além da comida a atração é a vista panorâmica da cidade, sempre com a cordilheira agora realçada pela iluminação das ruas e uma vista fantástica que vai se descontornando aos poucos, lentamente, no ritmo do giro do restaurante carrossel.

3.6.5 Hotel Sheratton

No final da Avenida da Providência, margeando o rio fica o imponente e suntuoso Sheratton onde acontecia uma festa de Réveillon mas, mal pude *olhar pela fresta* da porta pois o convite individual para o evento custava na época 500 dólares.

3.7 Viagem à Europa - 07/10/2014

Esta viagem foi com os amigos do clube de campo Sorocaba: os casais Robeni e Roseli, Morais e Giane e a irmã da Giane

3.7.1 Museu do Vaticano

09/10/2014 - Primeiro dia de passeio em Roma. Fizemos uma visita guiada pelo MUSEI VATICANI.

3.7.2 Siena

12/10/2014 - Chegamos em Siena vindo de Roma em uma SUV gigantesca para acomodar as gigantescas malas das mulheres. Cidade muralhada e quando chegamos estava interditada devido a um jogo de futebol. À noite as alegres comemorações das equipes que disputarão o *El Pálio*. Esta corrida de cavalos acontece no centro de Siena, quando a praça central é fechada e no seu entorno é montada uma pista de 3 metros de largura, coberta de areia e onde as escuderias vão disputar o torneio. Lindíssimas escuderias uniformizadas, com belas moças e rapazes se esmerando nas roupas coloridíssimas. A disputa propriamente dita é em outra data mas pudemos assistir a uma espécie de convenção para inscrição das escuderias e o acontecimento toma conta da cidade numa festa colorida e muito alegre: bares e restaurantes lotados pelas escuderias e seus fiéis torcedores.

3.7.3 Museo Teatrale Alla Scala

18/10/2014 – Eu e o Robeni visitamos o *Museo Teatrale Alla Scala* na *Piazza Scala Largo Ghiringhelli 1* em Roma.

3.7.4 Verona

Em Verona, depois de andarmos de Ferrari em Módena visitamos a Piazza Citadela e a Via Mazzini, rua das lojas de grandes grifes. Um casaquinho curto de chinchila tinha o preço de 3.900 euros. Não vamos nos esquecer que Verona é a terra de Romeu e Julieta!

3.7.5 Toscana

San Gimignano, Pozzibongi, Certaldo (terra do filme Cinema Paradiso) e Gambarazzo são alguns pequenos povoados que vimos na belíssima região da Toscana. Em Florença, na Via Larga recolhi esta frase, exposta numa lousa de uma loja de rua: *Las chicas son belas, hermosas, charmosas e olorosas* como una rosa pero com muchas spinas. Na Itália e a frase em espanhol. Gostei e registrei.

Por falar em *coperto* lembrei de outra história na mesma viagem. Em Florença depois da visita à Catedral de Santa Maria del Fiore, a quinta maior do mundo, obra dos arquitetos Brunelleschi e Giotto onde galgamos mais de quatrocentos e cinquenta degraus, a 114 metros do solo para alcançar o Duomo e desfrutar da vista fantástica em 360 graus que se descontina para a cidade toda, a joia italiana da Toscana. Depois do passeio na praça de mesmo nome fomos até a Galeria Victorio Emanuelle II, uma imponente edificação de pé direito altíssimo e cobertura em forma de abóbada com vitrais multicoloridos e multifacetados filtrando a luz solar e projetando raios coloridos nas suas chiqueiríssimas galerias. Lojas como Prada, Luiz Vitton e outras que tais marcam presença no templo da moda e da gastança. Cafés, restaurantes e gelaterias dão o suporte gastronômico ao charmoso local. No chão do hall central um touro desenhado em alto relevo e a tradição é que tem que pisar e rodar o pé no..... saco do touro para dar sorte. Tradição idêntica em *Wall Street* onde se tem que pegar nas bolas do touro mesmo. Dizem que dá sorte. As pessoas flanavam por ali espiando as *carésimas e chiqueiríssimas* vitrines com um *gelatto* na mão que custava cerca de 5 euros. Resolvi que queria tomar o mesmo sorvete porém em grande estilo e fomos sentar na mesma sorveteria porém na sua parte interna, em uma mesa servida por um *ragazzo* de pouca simpatia. Pedimos *due gelatti*, que vieram em finas taças e colher de prata e uma água mineral. A conta foi de cerca de 40 euros. Surpreso corri os olhos pela mesma e constatei que o mesmo sorvete de 5 euros ali dentro custava o triplo e além da água igualmente cara apresentava o ítem *coperto* de 3,50 euros. Perguntei, com meu perfeito domínio do italiano: *Questo, coperto que es?* O antipático garçom levantou a ponta da toalha sacudindo vigorosamente e quase jogando a louça no chão, gritando: *Questo, questo, questo* numa finesse digna de um elefante evacuando na loja de cristais Leipizg (hoje só existe Swarovsky) na Rua do Arouche em São Paulo. Ou seja, cobra-se até a toalha e realmente constatamos nas praças as mesas dos bares: de um lado com o caro *coperto* e do outro sem o dito cujo e portanto com contas mais baratas.

3.7.6 Barcelona

Ainda fomos a Barcelona e o tradicional *Paseo de La Rambla*, e voltando a Madri fomos almoçar no *El sobrino de Botín*, restaurante que serve o famoso *cochinillo*. Data de 1935 e é o restaurante mais antigo do mundo. O *cochinillo* é um leitãozinho de leite, com uma cabecinha de não mais do que uns 8 centímetros e costelinhas de mais ou menos meio centímetro (a conferir) e conheci o tradicional prato espanhol ainda em São Paulo, na Avenida Santo Amaro, perto do Esporte Clube Banespa, isto há uns quinze anos atrás. O leitão assado inteiro e recheado vai ás mesas inteiro e vai sendo dividido em partes com um prato de sobremesa, tal a maciez e da textura nem se fala. O restaurante tinha o mesmo nome do porquinho mas não existe mais. Como acompanhamento era servido um viradinho de pinhões e *pinoli*. Algumas palavras e expressões: Melocotones – pêssegos enormes e carnudos, muito saborosos. Nas frutarias o dono não deixa ninguém colocar as mãos nas frutas. Tem que apontar a escolhida porquê ele avisa: *No ponga las manos, jo voy a recorrir para usted*. No nosso país as pessoas escolhem as frutas com as mãos apertando 5 ou 6 e colocando uma na cesta. Imagino a perda no fim do dia com frutas amassadas de tanto aperto. Uma atitude desprovida de qualquer valia, pois não dá para saber a qualidade e muito menos a doçura da fruta pelo toque. Fassoletto – lenço de bolso ou panuelo, Hallowbeer – festa do Halloween com cerveja – Adorei a junção.

3.8 Viagem a Foz de Iguaçu em 18/4/2014 com o Sidnei Friage

Saímos de carro de Salto de Pirapora de manhãzinha e fomos tomar café em Angatuba. Passamos por Cascavel, bairro Boa Vista em Céu Azul, onde morei, Matelândia, Medianeira, São Miguel do Iguaçu e Santa Terezinha. Hospedagem no hotel meia estrela a 35 por cabeça (alegria intensa do viajante importador). Visita noturna aos bares Capitão Bar e Raphain. Ficamos no primeiro com música ao vivo, paquera da garçonete que não deu em nada e absoluto fracasso na paquera geral. No domingo café da manhã na bela padaria Famiglia Maran: o dono é filho do Levi Maran, que foi gerente do Banestado em Céu Azul, onde fui cliente. Compras com o importador na Ciudad del Leste, aquela 25 de março piorada, com gente mal educada dando travo na gente, congestionamento na rua, nas lojas, caos no trânsito além da fila incrível para atravessar a ponte da Amizade. Vans paraguaias fazendo loucuras, furando a fila, atolando nos gramados para cortar caminho ou retornar. Na volta a minha grande aventura de moto táxi: vans, motos e carros *tirando fina do suá* da gente como diria o saudoso Mauro Bezerro. Verdadeiro

programa de índio. Abandonei o importador sozinho e fui para as Cataratas do Iguaçu, que já conhecia de longa data mas uma atração totalmente remodelada desde a estrada que passa ao largo do Parque Nacional do Iguaçu e nem sinal do Hotel Naipi, que gerenciei nos tempos de Ramon, Iracema e a filha Estela, minha namorada. Estacionei o carro num bolsão e ali tomei um ônibus panorâmico tipo sightseeing com o piso de cima todo aberto para melhor apreciar a beleza do exuberante Parque Nacional do Iguaçu. Já com a vista das cataratas, quatis passeavam pelas escadarias tentando conseguir alguma comida e até invadindo sacolas de turistas distraídos. O almoço foi no deck do Restaurante Porto Canoas onde a moqueca baiana de surubim e a tilápia grelhada estavam fantásticas além da picanha ao molho de madeira e sobremesas. Vista das Cataratas, lado brasileiro, mostrando as fantásticas cortinas de água entremeadas pelos raios do arco íris num espetáculo de encher os olhos. Na volta almoçamos em Juranda num rodízio muito bom: O Sidney adorou o preço de 35 pila. Pernoitamos em Londrina no Hotel Igapó, após intensa e acirrada discussão sobre dormir em Londrina ou voltar direto pro marasmo* de Salto de Pirapora. Convencimento e muita persuasão para concordar com o preço da hospedagem. Depois gostou, inclusive da sacada para poder pitá à vontade e do café da manhã do dia seguinte. Visitamos os gostosos e animados barzinhos da Rua Cândido de Oliveira: o da Silva e outros três, um de samba onde não tivemos coragem de encarar a criolada. Acabamos indo para um bar enorme, aberto, com MPB ao vivo onde a paquera com a morena da mesa seguinte ficou só na vontade. O saldo da viagem foi bom, o moço é motorista responsável e cauteloso e bem catequizado, como duvidavam que eu o fizesse foi excelente companhia. Reclamou do som dos meus pen drives de jazz, blues e música instrumental mas vendo que o rádio não pegava nenhuma estação na estrada, acabou se conformando. Por isso insisti de ir com meu carro pois aí quem mandava na viagem era eu.*

3.9 Viagem ao Leste Europeu – 12/9/2010 - Com a Eulália

3.9.1 Madri

Em 12 de setembro de 2010 aterrissamos no gigantesco aeroporto de Barajas em Madri. Eu e a Eulália, viajando sozinhos sem bovinos grupos de excursão. Tomamos o metrô que apenas para sair dos limites do aeroporto tinha quatro estações. No dia da chegada conhecemos El Jardim Brugal, Casa América, o Palácio do Marquês de Salamanca, um lindo palacete com uma escadaria triunfal logo na entrada, salões no estilo persa, com pinturas formando teias parecidas com tapetes daquele país, profusão de lâmpadas francesas provocando uma feérica iluminação. Ambientes lindíssimos: Salão de baile, capela, salão do comedor principal, quarto do Marquês e da Marquesa que como não eram casados oficialmente ocupavam quartos distintos ou seja, tinham um romance dissimulado mascarando a situação. A Casa das Munhecas, ou casa das bonecas, um mini palacete com tudo em miniatura, constituindo uma réplica charmosíssima em tamanho pequeno do próprio palacete. Depois o Paseo del Ricoleto e o Paseo del Prado, com o famoso museu de mesmo nome, numa alameda arborizada, fresca e agradável. Os Paseos começam na florida Praça de Cibeles, ao final da Avenida Gran Vía e nessa região, segundo a guia do palacete, começou a florescer a classe média madrilena. Almoçamos no El Pavillion de Los Espejos, um gazebo formando como que um coreto com belíssimos azulejos, espelhos bisotées, madeiras nobres e mesas ao ar livre com aquela vista deslumbrante do Prado se esparramando aos nossos olhos.

3.9.2 Berlim

No dia 12/9/2010 chegamos em Berlim e nos hospedamos no hotel Movenpick. No dia seguinte visitamos as ruínas e partes do que sobrou do Muro de Berlim que ruiu em 1989. As ruínas foram mantidas propositalmente, decoradas com grafites e fotos inclusive a famosa foto do beijo entre Brejnev e Adenauer. Do muro sobraram apenas marcas no chão e pelas ruas simulações de barricadas, tanques e guardas armados fingindo uma batalha e posando para as fotos dos turistas, devidamente remuneradas a 2 euros. Almoçamos no Vaca Verde (supermercados Marché) e depois visitamos a Igreja da Memória, mantida propositalmente semi destruída, com apenas uma parte do teto, justamente para mostrar os efeitos nefastos dos bombardeios. Um belíssimo museu com paredes pintadas no estilo persa por influência da construção de mesquitas muçulmanas, do tempo da dominação árabe e que depois se transformariam em Igrejas católicas. No passeio pela cidade visitamos o Reichstag, a Porta de Brandenburgo e a Alexander Platz, a praça de Alexandre. Fomos a Potsdam a uma hora de Berlim visitar os Castelos de Neues Palais que fazem parte do complexo de Sans Souci. Portentosas construções do século XVIII com janelões duplos, cerca de 200, todos brancos num imponente castelo formado por igualmente duzentos aposentos. Visitamos alguns desses aposentos, ricamente decorados, pisos de madeira formando incríveis desenhos geométricos, espelhos, brocados, pinturas nas abóbadas, afrescos, riquíssimos vestuários de época, tudo incrivelmente bem conservado numa exposição que retrata o estilo faustoso de vida do Rei Frederico, o Grande que ali viveu sozinho pois assim que se casou deixou a esposa em Berlim

e construiu o seu castelo. Ali foi viver longe da esposa e paira no ar a suspeita de um romance homossexual.

O acabamento do imponente Castelo é em arenito e a uns 100 metros de distância outra enorme construção para acomodação dos criados e a parte da cozinha, separadamente da construção principal. Pela distância entre as construções dá para deduzir que os nobres gostavam de tomar a sopa fria. No conjunto todo forma um enorme parque que abriga pequenas propriedades com características peculiares de cada país como por exemplo com jardins e carpintaria italiana, outra apenas para armazenamento de água, outra com moinhos de trigo com suas imensas pás, lembrando Dom Quixote de La Mancha, ou seja diversas pequenas quintas como se diz em Portugal, destinadas a servir o melhor de seus países de origem ao Castelo. Visitamos os majestosos jardins no estilo francês, com um belíssimo trabalho de topiaria (esculturas vivas em árvores) e impressiona o conjunto de estufas em diversos níveis do chão. Vamos descendo as escadas e avistando alamedas de estufas para manter mudas e exemplares de vegetais do mundo inteiro. As estufas são nichos com 2,50 metros de altura e profundidade de 1,5 metros com portas de vidro, onde são mantidos pés de figo, de uvas, limão, laranja em grandes vasos.: são 50 a 60 estufas de cada lado da escada com mais de 30 níveis. Ou seja perto de 4.000 estufas para proteger as plantas do rigoroso inverno, com muita neve.

A visão do conjunto todo é impressionante. Uma curiosidade: ao lado do túmulo de Frederico IV, com portentosa lápide estão pequenas lápides onde foram sepultados seus fiéis cães de caça, galgos de estimativa e dizem que o monarca preferia a companhia dos cães à dos seres humanos. Sans Souci significa sem preocupação e diziam que este rei era mais afeito às companhias masculinas do que de mulheres.

3.9.3 Dresden

No dia 14.9 fomos a Dresden, a Florença do Elba e nos hospedamos no Hotel Maritim. Esta cidade foi intensamente bombardeada na noite de 13 de fevereiro de 1945, num raide aéreo que matou cerca de cem mil pessoas. Dizem que foi uma vingança dos Aliados pois a guerra já estava praticamente definida.

A cidade foi dizimada totalmente e perfeitamente reconstruída. Os prédios tem um aspecto escurecido devido às pedras de granito, com ferro na sua composição. Nota-se pela construção da igreja com pedras de várias tonalidades, algumas mais claras já polidas e restauradas O centro histórico da cidade é formado por um belíssimo conjunto de igrejas. A Igreja da Memória tem esse nome para lembrar a herança nefasta da guerra. Foi mantida sem as torres, cúpulas e teto. Dentro um museu belíssimo com teto rebaixado de vidro, mostrando o céu aberto pela ausência total do teto original, ou seja as paredes se erguem para o vazio. Na construção sempre a influência persa com destaque para o conjunto barroco Zwinger, Ópera Semper e um impressionante painel de mosaicos de porcelana de Meissen *A Procissão dos Duques*.

3.9.4 Polônia

Em 15 de outubro já na Polônia na cidade Wroclaw o imponente edifício da *Ópera* e ao seu lado um museu fantástico exibindo obras do holandês Veermer, além de Rubens, Rembrandt e outros pintores da época do Renascimento. Uma joia da arquitetura contemporânea com interior ricamente decorado com colunas de mármore negro, afrescos e pinturas esplendorosas no teto.

3.9.5 Cracóvia

Em 16/10/10 estávamos na Cracóvia, na Polônia, fazendo uma visita a pé pelo patrimônio da humanidade, o bairro onde foi filmada grande parte da *Lista de Schindler*, o Monte Wavel com o Castelo Real e visita ao interior da Catedral onde foi bispo Carol Wojtila, o papa João Paulo II, a Praça do Mercado com suas inúmeras esplanadas e bancas de floristas e de artesanato. Depois excursão às minas de Sal de Wieliczka, Patrimônio da Humanidade. Uma cidade subterrânea feita de sal onde a gente desce a 160 metros de profundidade por escadas de madeira em zigue-zague.

No seu interior belíssimas esculturas de sal. Como apenas uma parte da rocha é de sal as figuras tem aspecto de esculturas de pedra mesmo. Nas profundezas da mina uma imensa *catedral* com pontes levadiças e espelhos de água e impressiona quando ecoa pelo imenso salão a divina sinfonia de Beethoven criando um efeito mágico e inebriante e você entra numa catarse pelo fato de saber estar tão abaixo da terra e aquela música forte, marcante que flui pelas esculturas, escadarias e salões da imensa Catedral..... de sal.

3.9.6 Auschwitz

Em 17/9/2010 visitamos o campo de concentração de Auschwitz na Polônia, um tenebroso documento da história onde milhões de judeus foram exterminados.

Lá vimos as celas dos judeus encarcerados, as câmaras de extermínio, as claraboias por onde era jogado o gás, exposição de cabelos, roupas, malas e até dentaduras. Achei que seria um verdadeiro programa de índio mas é história, no mais puro sentido da palavra e ali senti que tinha que conhecer aquele tenebroso local para condenar com mais veemência ainda os gestos tresloucados de um homem que manipulou como bem entendeu países inteiros pois muita gente embarcou na sua paranoíta. O pior é que vemos a continuidade desses malucos degenerados, manipuladores de massas, enganadores, alquimistas que literalmente transformam merda em ouro, e o povo ali, bovinamente, pagando o alto preço dessas aventuras tresloucadas. Pudemos entender a história *in loco* vendo fotos e documentos da chegada dos judeus, sendo espoliados de todos os seus bens logo na chegada: bocas examinadas em busca de dentes de ouro, malas e roupas tomadas à força para depois vender e até cabelos cortados para trançarem cordas. Celas apertadíssimas com doze ou mais pessoas que tinham que dormir em pé pois não havia espaço nem para se sentarem.

À tarde visitamos o santuário de Czestochowa, a Virgem Negra, o maior centro de peregrinações deste país profundamente católico.

3.9.7 Parque Choppin

Pernoitamos no Hotel Radisson Blue Centrum em Varsóvia e pela manhã fomos visitar o parque de Choppin com seu busto em tamanho real, com os cabelos revoltos, seu piano original e bancos de jardim que executam melodias do compositor a um simples toque. Nesse parque ele gostava de se inspirar, sentindo o vento e viajando por suas notas musicais.

Na cidade vimos o gueto onde houve o levante dos judeus em 1944. À tarde visitamos o museu da igreja de Santa Ana com ricas pinturas e muito ouro.

À noite jantar típico polonês numa espécie de celeiro em uma propriedade rural com mobiliário de época, grades e arados de madeira toscos e artesanais, inclusive um espremedor de laranja datado do ano de 1700. O cardápio: peru com molho de cereja. Depois exibição de folclore com roupas coloridíssimas. Dançamos juntos com os bailarinos e ainda ganhei o prêmio de *Grande Chicoteador* ao mostrar habilidade na arte de estalar o chicote.

3.9.8 Hungria – Budapeste

No dia 19/9/2010 chegamos a Budapeste e nos hospedamos no Novotel Congress. Dia seguinte, tour pelo centro da *Princesa do Danúbio*. Na verdade são duas cidades: Buda e Peste, a primeira a cidade das águas termais, nas colinas e a segunda Peste, que significa pão e fica na planície ambas cortadas ao meio pelo Rio Danúbio onde almoçamos a bordo de um barco com música e animação.

O passeio de barco mostra a ponte branca de Sissi. Alguém da minha faixa se lembrará dos maravilhosos filmes de Sissi, a Imperatriz estrelados pela estonteante Romy Schneider. Ainda A Ponte das Correntes, o Parlamento, o morro de São Gerardo com a estátua da Liberdade (deles).

Depois visita ao Parque e Castelo do Conde Drácula. Os húngaros são também chamados de magiares, em memória dos povos primitivos e guerreiros. É a terra de Franz Lizt e Bela Bárök, grandes compositores clássicos.

Tokay 6 é o vinho típico do país. A catedral tem um telhado de cerâmica majólica formando um imenso painel como a trama de um tapete persa. Sempre a influência persa. Para despedida um café completo na Rua Vassy, a mais elegante e charmosa da cidade.

3.9.9 Áustria

Em 22/9/2010 chegamos na Áustria com hospedagem no Hotel Arcotel Wimberger. Jantar no Restaurante Callas na chiqueiríssima Rua Andrassy, ao lado do Prédio da Ópera. Pianistas brasileiros como Arthur Moreira Lima e João Carlos Martins se apresentaram ali. Restaurante em estilo grego com orquestra e um violino mavioso homenageando os turistas das mais diversas partes do mundo e uma versão pessoal do músico para Ave Maria, simplesmente emocionante e lógico Aquarela do Brasil.

3.9.10 Eslováquia

Em 23/9/2010 viagem para Bratislava na Eslováquia. Percorrendo imensas e longas planícies a estrada e os arredores parecem imensas mesas de sinuca, pela *planura* com muitas torres de captação eólica. São *fazendas* produtoras de energia. Cada uma delas concentra lotes de cerca de 50 torres e respectivas turbinas ao pequeno custo de 5 milhões de euros cada uma.

O governo financia o equipamento para pagamento em prazos que podem chegar até 50 anos e compra a energia a 60 centavos de euro e a revende a 10 centavos e isto ainda fica muito mais barato do que construir termelétricas. Os países não tem abundância de rios como nós e as hidrelétricas são raridades. Daí a iniciativa de bancar as torres e arcar com os subsídios. Pelos campos se veem enormes fardos de forrageiras envelopados em bobinas recobertas por plástico para fazer frente ao rigoroso inverno. Ficam no relento mesmo pois estão impermeáveis.

Em Bratislava, uma linda cidadezinha da Eslováquia se veem pelas ruas as curiosas estátuas dos espiões parcialmente escondidos nos bueiros, ou nas esquinas espionando as pessoas para lembrar os tempos duros sob a cortina de ferro soviética. Sempre a mesma história da dominação opressora.

3.9.11 Praga

Em 24/10/2010 chegamos à Praga na capital tcheca e nos hospedamos no hotel Diplomat e no dia seguinte visita à *Cidade das Cem Torres* com destaque para a célebre ponte Carlos, autêntica galeria ao ar livre que evoca a figura do mais dileto filho da cidade, o Imperador Carlos IV. Esta ponte cruza o Rio Moldávia e ostenta figuras em ferro fundido que estavam sendo restauradas com o maior esmero: belas moças com máscaras, pinceis e cintzéis faziam a recuperação das marcas do tempo e se podia fazer a comparação entre o antes e o depois do restauro. Um belo trabalho. Passeio pela Cidade Velha com encantadoras praças e ruelas calçadas por pedras irregulares, terminando na Praça Velha, a mais famosa da cidade com o relógio astronômico, na verdade uma torre com mais de 10 metros de diâmetro e mais de 20 metros de altura onde nas horas cheias guardiões anunciam as horas entoando seus clarins, vindos do interior e assomando nas quatro janelas na direção dos quatro pontos cardinais. Espetáculo ansiosamente aguardado pela multidão que vai ali se aglomerando e aguardando bebendo ou tomando lanches. Destaque para os fotógrafos para documentar o casamento das noivas em carros antigos, aproveitando o cenário da praça e da igreja.

Maravilhosas carroagens com cavalos robustos de um tamanho impressionante cruzam as ruas levando turistas extasiados. A pedra típica da cidade é o âmbar e passando pela cidade havia uma importante rota de comércio chamada Caminho de Ambar, desde o tempo dos romanos. Jantamos em Praga num restaurante onde era o antigo Parlamento, um local belíssimo com vitrais, muita madeira e música típica apresentada por um casal: ele com acordeon e ela com baixo de pau, daqueles enormes, entoando canções dos países dos visitantes. Depois fomos ver o teatro negro de Praga, que eu já tinha visto em São Paulo. Os atores se vestem de negro e aparecem aos poucos ou nem aparecem. Assim velas e castiçais dançam sozinhos pelo palco e figuras voam no espaço, literalmente. Seres gigantescos se projetam sobre o público como se fossem uma assombração ou um monstro com um efeito surreal e impressionante. São atores que não aparecem e içados por cabos e guindastes criando um efeito surreal, num espetáculo simplesmente deslumbrante.

3.9.12 Karlo Vivary

Em 25/9/2010 fomos a Karlo Vivary, a maior e mais famosa cidade balneária tcheca. Charmosa cidadezinha com águas de qualidade terapêutica com fontes que joram água a 45 graus ou mais, que o rei Karlos mandou construir após uma caçada de veados. Um dos caçadores sofria de artrose e obteve a cura após o contato com essas águas termais que saltam da terra como gêiseres e temos que tomar cuidado para não sofrer queimaduras com o seu vapor. Belíssimas lojas de grifes, joalherias com muito âmbar, jade e outras num comércio para lá de inacessível devido aos preços nas nuvens. Belíssimos hotéis e num deles, o Grande Hotel Richmond foi filmado Cassino Royale, um dos filmes da serie James Bond apesar de no filme aparecer a história como se fosse em Monterey. O lugar foi eleito pela alta nobreza da Europa: artistas (Maddona, Sylester Stallone, Cristiano Ronaldo) e outros milionários como o balneário das elites. Nas auto estradas observamos longas barreiras de aço com cerca de 3 metros de altura terminando em formato de concha para o alto e a explicação foi de que é para conter o furor das nevaskas que invadem as estradas.

Final da viagem e retornamos a Madrid onde no jantar procuramos desesperadamente por um bife ou churrasco porquê não aguentávamos mais comer carne cozida. No cardápio constava boeuf au carbon e perguntamos ao garçom

se era mesmo churrasco. Ele respondeu: *si, em la brasa. Quase me ajoelhei para comer sem acreditar que estava enfim matando a vontade de comer um bom churrasco.

3.10 Casamento em Assunção

Lá pelos anos 80 eu morava em Céu Azul, cidadezinha menor que Salto de Pirapora, na região oeste do Paraná, entre Cascavel (100 km.) e Foz do Iguaçu (150 km.). Tinha ido para lá para gerenciar a parte comercial de uma fazenda de 1.200 alqueires com produção de sementes de soja e trigo e com uma agricultura muito desenvolvida em moldes de modernidade que eu nunca tinha ouvido falar por aqui: plantio em curvas de nível, correção de solo com calcário, sementes plantadas com inoculantes, armazém com capacidade para mais de 200 mil sacas e outros avanços tecnológicos agrícolas como plantadeiras de 8 linhas, bateria de colheitadeiras John Deere, moegas e elevadores de caneca, separando as impurezas dos cereais pela técnica de túneis de ventilação. A fazenda, do grupo Carambeí, comandada por Carlos Pereira Paschoal, um *self made man* que prosperou no ramo de tecidos e paralelamente migrou para a agropecuária de ponta, praticada na região oeste do Paraná. Abri e comandei uma pequena empresa, a Sementes Carpas (Carlos Paschoal) que era na verdade o braço comercial da fazenda que além de soja, milho e trigo, ainda tinha gado de corte e produção de carvão vegetal. Uma curiosidade: na colheita da soja que se estendia noite adentro a colheitadeira trabalhava em um quadro imaginário e ia *fechando o quadro* que ia se estreitando por igual. As codornas e perdizes, assustadas com o barulho das máquinas iam se refugiando na parte mais alta da lavoura até que na última passada, o operador descia da máquina e pegava as aves, cegas pelos potentes faróis, com seu boné, pois sabia que se avançasse sobre elas sairiam num voo cego que poderia inclusive atingi-lo na cabine ou quebrar os faróis da colheitadeira.

Carlos Paschoal, um homem visionário, sem medo de riscos e de contrair empréstimos bancários em grande escala, resolveu expandir seu negócios para o Paraguai. Adquiriu uma fazenda muito maior, cerca de 10 mil alqueires, no país vizinho, com terras de excelente qualidade, apenas comparáveis ao fértil solo da Ucrânia, considerado o melhor do mundo. Terra roxa encaroçada de melhor qualidade ainda do que a região de Cascavel. Fui mandado para Assunção para cuidar da parte comercial. Alugamos uma verdadeira mansão na avenida Mariscal Lopes, endereço chiqueíssimo da capital paraguaia. Ali me hospedava no Hotel Guarany, um dos melhores do país ao lado do Casino Hotel Itá Enramada. Logo que cheguei, representando um grupo forte com promessas de grandes investimentos fui cercado pelos bajuladores de plantão, querendo cair nas boas graças do Carlos Paschoal, *the boss* e até então tido como o *homem do dinheiro*. Fui levado para os melhores restaurantes, Confiteria Caracol, uma discoteca fantástica, cujos sofás tomavam o formato de caracóis, com as suas linhas brancas realçadas pela luz negra, tão em voga na época no país vizinho, porém já fora de moda no nosso país. Ali conheci as novidades da culinária local: sopa paraguaia, que de sopa nada tinha, era uma espécie de torta salgada, *jamon com melon* inspirado na culinária espanhola e as *chipas guazu* que também comprávamos na estrada e que eram na verdade uma espécie de biscoito de polvilho ou pão de queijo. O Carlos Paschoal dizia que as *chipas* eram excepcionalmente saborosas por que eram enroladas nas coxas das gordas índias sentadas ao longo da rodovia Foz-Assunção, oferecendo seu produto em cestas trançadas em vime. E mais: que essas mulheres não depilavam as pernas escondidas por baixo de grossas e longas vestes. Muito bem: logo nos primeiros dias das minhas incursões pelas noites paraguaias Don Osvaldo Barchini, um dos puxa sacos de plantão, me carreou para bons restaurantes para *mangiare una bela pasta* ou então para visitas sociais. Conheci o *modus vivendi* paraguaios na intimidade familiar de almoços aos domingos, e uma preguiça contagiante depois das refeições, quando as famílias se juntavam nos quintais, sombreados por frondosas árvores centenárias. Redes e espreguiçadeiras espalhadas, a conversa correndo solta regada a Campari ou Carpano Punt & Mes, importados da Itália, com um *bouquet* muito superior aos nossos nacionais. De visitas familiares, fui sendo enroncado também nas festas da alta sociedade local, culminando com um convite para um casamento de gala, que teria, talvez a presença do próprio Alfredo Stroessner.

Osvaldo Barchini me aplicava o verdadeiro *cerca Lourenço* para cair nas graças do manda chuva Carlos Paschoal. À essa altura eu até desconfiava que a história da presença do poderoso presidente não seria mais uma balela para granjejar a minha simpatia e por tabela a oportunidade de realizar bons negócios com o *poderoso grupo brasileño*. Se eu pedisse uma cotação para compra de pequenos aviões para uso do Seu Carlos ou para nossos deslocamentos entre as fazendas além fronteira em menos de 24 horas eu tinha os orçamentos em mãos, na varanda do Hotel Guarany, ou então no seu secreto sub solo, onde se negociavam Mercedes-Benz, remessas ou câmbio de valores e desconfio que *muchas otras cositas más* das quais procurei tomar distância. Tinha um leão de chácara que batia ponto no Guarany, oferecendo de um tudo para os clientes estrangeiros: *Lo que quieres, mujeres, comprar una linda Mercedita?* De que necessitas agora, mi patron? Valiente estava sempre onipresente onde farejasse alguma possibilidade de ganho. Vivia de bicos, seja como cafetão ou indicando quem poderia nos vender alguma coisa, desde que ele tirasse a sua

casquinha. Tempos depois provou ser um escroque perigoso mas isso fica para depois.

Avisado do casamento perguntei como deveria me vestir para a ocasião: qual o costume local? Fui informado que terno e gravata seriam imprescindíveis. Não estava preparado e fui procurar no fraco comércio de *trajes para se alquilar* e não encontrei nenhum terno. Aluguei um *summer* amarelo pois nem ao menos um smoking preto tinha disponível. Fui para a cerimônia realizada ao entardecer, num amplo clube frequentado pela *high society* da metrópole paraguaia, ao ar livre. Um amplo espaço do tamanho de uma quadra de futebol de salão, com piso de ladrilhos hidráulicos daqueles que só tinha visto na igreja católica de Salto de Pirapora, quando era coroinha.

As mesas dispostas nas laterais formando um quadrilátero vago no meio. Árvores centenárias iluminadas por debaixo das copas por luzes fluorescentes verdes. O calor da noite de Assunção, tempo seco sem ameaça de chuva e nós instalados em uma mesa na primeira fila, localização privilegiada. Enquanto o serviço de bebidas ia esquentando as conversas naquele entardecer dourado, com o sol deitando seus últimos raios, os noivos adentraram para o centro do quadrilátero, acompanhados por quatro duplas de violinos, que executaram uma valsa vienense, daquelas tradicionais em cerimônias de bodas.

Os noivos iniciaram a dança ladeados pelos violinistas, também valsando no seu entorno, com os arcos apontando para o firmamento em perfeita sincronia e com a música envolvente sublimando a dança apaixonada dos nubentes. Um ambiente de sonho: tarde calorenta, luzes verdes tornando ainda mais verdes as copas das frondosas árvores, música celestial e violinos com arcos apontando para os céus: um deslumbrante para este caipira que nunca tinha visto nada igual. Mas, o melhor ainda estava por vir. Fomos convidados a adentrar um amplo salão com mesas e cadeiras *vestidas* de branco. Começou o serviço de bufê, servido na mesa por garçons vestindo *smokings* negros. Ainda bem que eu trajava um *summer*, um primo do smoking, e ainda num tom bege mais para o amarelo senão poderia ter sido confundido com um garçom e instado a servir uma mesa.

Cascatas de camarões pistola, frios e salgados os mais variados, acompanhados de vinho branco, destilados e fermentados. Um bolo daqueles de 3 andares no centro do salão, com o tradicional casal de noivinhos no topo e fitas brancas pendendo harmoniosamente distribuídas, com delicados embrulhos nas suas pontas. De repente uma dama muito bem vestida percorre o salão todo bradando: *El anillo, el anillo* e as moças casadoiras se levantando alvoroçadamente das mesas e correndo para o entorno do bolo, formando uma roda de moças muito bonitas. Da típica beleza indígena feminina paraguaia: cabelos negros, pele acobreada e um sotaque delicioso: *Vamos mi amor, para lo ceremonial del anillo*. Levantei-me com os demais para assistir um ritual também desconhecido para mim. As lindas moças tomaram os pequenos embrulhos em suas mãos, esticando as fitas e formando um carrossel todo branco, pois as moças acompanhavam o tom do magnífico vestido da noiva, com cauda longa etc. etc. .

Completada a formação, a mesma dama que conclamou as moças para o evento, com discotecagem vibrante ao fundo, deu a ordem: *Ahora* e as moças puxaram os pequenos embrulhos, destacando-os das fitas e uma delas irrompeu em gritos saltitantes: *El anillo, el anillo* e todas à sua volta a cumprimentaram numa profusão de beijos e abraços. À moda do buquê jogado para trás nas nossas festas de casamento, e de acordo com a tradição local, a moça que foi agraciada com o *anillo* seria a próxima a se casar, entre as demais que participaram da brincadeira. Mais uma vez este caipira deslumbrado teve que segurar o queixo.

O Valiente nos deu trabalho, tempos depois quando levamos todo o pessoal de um grande banco, agência de Sorocaba para conhecer as delícias de Assunção. Meses depois dessa caravana de alegria e festa para fazer uma média com o pessoal do banco e o Carlos Paschoal era bom nisso, recebemos um telefonema de Sorocaba, de um funcionário graduado do banco, dizendo que o Valiente, o escroque cafetão, lhe pedia um depósito de dez mil dólares pois tinha em mãos elementos que poderiam comprometê-lo junto à sua família. Esse pedido foi feito no meio da madrugada, o cara dormindo com a esposa e se viu apavorado.

Foi escalado o Carlos Roberto, diretor do grupo em Céu Azul, para resolver o *imbróglie* e marcou um encontro com o chantagista em Puerto Stroessner, divisa com Foz do Iguaçu para dar-lhe um *cala boca* e liquidar o assunto. Carlos Roberto Anizelli, um dedicado funcionário que cuidava das fazendas como se fossem dele, vestia a camisa do time com muita competência e fizemos uma dupla que funcionou muito bem: eu cuidava da parte comercial, financeira e administrativa do complexo agropecuário e o Carlos Roberto se ocupava inteiramente da parte operacional da fazenda: plantio, tratos culturais, colheita, armazenamento e toda a parte técnica de um complexo respeitável que incluía várias colheitadeiras, tratores e um sem número de empregados. A colheita se estendia até de madrugada quando o tempo estava propício. Eu cuidava da parte comercial. Conseguí romper meu acanhamento comercial pois não tinha experiência em vendas.

O primeiro grande cliente, irmãos Puhl de Santa Terezinha levi uma semana para tomar coragem de entrar e oferecer

as sementes de soja que eram produzidas na fazenda e por uma dezena de agricultores cooperados que entregavam sua produção de soja comercial, que era selecionada e preparada pela Fazenda Carpas, para se transformarem em sementes que serviriam para o plantio da próxima safra. Superado o *cagaço* inicial virei um *picareta* de respeito. Vendedor na região era chamado de picareta. Conseguí apenas em uma cooperativa de Palotina-PR comercializar metade da safra de 150.000 sacas de 60 kg. Para se ter uma ideia da dimensão e quilate do negócio agropecuário na região oeste do Paraná (Cascavel era uma espécie de capital regional) a CooperVale, de Palotina, tinha um armazém inflável da Sansuy, dotado de ar condicionado, apenas para armazenar as sementes para o plantio da próxima safra, fosse soja ou trigo. Na entressafra, quando este armazém não estava sendo utilizado, foi realizada uma assembleia dos cooperados para distribuição de lucros e outros assuntos.

Foram colocados dentro desse armazém cerca 2.500 pessoas sentadas nas respectivas cadeiras. Há que ressaltar ainda que as cerca de 70.000 sacas de sementes que lhes vendi, era apenas uma parte do estoque de sementes armazenadas, talvez uns 30% do total. Nunca vou me esquecer que em uma reunião na Fazenda Carpas em Vera Cruz d’Oeste com churrasco que se estendia pra lá da meia noite e o Carlos Paschoal mamava uma garrafa inteira de vodka, se discutiam vários assuntos do cotidiano da fazenda, inclusive qual era o meu paradeiro nos finais de semana, o *poderoso chefão* me inquiriu: Antunes, e a comercialização da safra como está? Literalmente, joguei na mesa o pedido, pois estava puto da vida porquê o cara queria controlar até a minha vida pessoal e saber por onde eu andava nas horas de folga. Quando ele viu o tamanho da duplicata que iríamos sacar, tomou o pedido nas mãos e bateu na mesa ainda mais forte do que eu: Isto é que me interessa, vendas e faturamento o resto dos problemas vocês se virem e resolvam. A partir daí comecei a ser respeitado e inclusive paquerado pelos diretores das outras empresas do grupo, como a mãe de todas, a Carambeí de São Roque. O Zé Maria Pinheiro, diretor financeiro me ligava para Céu Azul, onde eu tinha assento e perguntava: Antunes, tem dinheiro para emprestar para nós, preciso pagar a folha. Eu consultava o Carlos Paschoal e repassava somas vultosas, à título de empréstimo que nunca retornavam, tanto à Carambeí como às outras empresas do grupo. Era o *Mister Grana* do grupo. O Carlos Paschoal era uma cara visionário, peitudo, corajoso mas não era muito correto na hora da recompensa. Como eu, além do salário da folha de pagamentos, tinha a promessa de gratificações por safra que nunca eram sequer estipuladas, resolvi por conta própria fazer valer as tais promessas que para outros como o engenheiro agrônomo Kanda, nunca se concretizaram. Comecei a sacar valores do caixa, deixando no controle um recibo de adiantamento. Saques nos valores de hoje de dez, vinte mil reais.

Numa auditoria interna fui questionado do porquê de tais saques e simplesmente respondi que eram por conta dos acertos de gratificações de safras que nunca houveram. Inquirido pelo chefão respondi que não tinha deixado, família, faculdade e noiva para trás para ir fazer turismo a mil quilômetros de casa. Discutimos por causa da liberação do meu FGTS, que ele estava segurando e saí batendo a porta. Ele ainda me disse que eu voltaria implorando e rastejando, com o rabo entre as pernas, no seu costumeiro linguajar chulo e provocativo. Respondi: se Deus quiser isso não vai acontecer e não aconteceu mesmo. Ao contrário do que ele imaginava sobrevivi sem a sua *caridade* exploradora. Para se ter uma ideia do seu linguajar, uma vez ao telefone, ele na sede em São Roque e eu em Céu Azul, me questionando sobre algum assunto gritou na frente de vários diretores: Antunes, tira o cu da cadeira e vai à luta. Naquele momento tive que respeitar a hierarquia profissional mas depois fui à forra e me orgulho até hoje da minha impertinência. O Carlos Paschoal era péssimo na hora de pagar mas afiadíssimo na hora de receber. Quando uma empresa de Céu Azul, a Oleolar do grupo Alfredo Ruaro, ameaçou nos dar o cano o Seu Carlos virou um bicho. Me fez protestar o documento, apanhar o Oficial de Justiça e levar à casa de um diretor da empresa para ser citado.

A partir da citação consegui um mandado judicial autorizando a retirar o gado de propriedade dos Ruaro, para garantia do pagamento da dívida. Foram arrombados os cadeados das porteiras e retirado o gado nelore, bravo e chucro que foi conduzido até à nossa fazenda, tocado por mais de dez cavaleiros, a maioria armados e prontos para qualquer entrevero. Acontece que como a região não tinha tradição pecuária e sim agrícola não haviam cercas lindeiras nas propriedades e se esse gado estragasse uma roça de milho ou soja, teríamos que pagar os prejuízos. Foi uma verdadeira *operação de guerra*, arquitetada pelo Carlos Paschoal e executada pelo Carlos Roberto, o gerente bom de sela e de gatilho, que comandou o *sequestro* do gado que foi conduzido sem acidentes de percurso e permaneceu na fazenda de Vera Cruz do Oeste, até que a dívida fosse saldada. E o foi, direitinho, com juros e tudo. Para receber o Seu Carlos era muito bom mesmo. Já, na hora de pagar *necas de pitibiriba*.

Aliás, vivi essas situações por várias vezes em minha vida profissional como todos vocês, em algum momento de suas vidas tiveram que engolir em seco esse tipo de humilhação. Foi assim na Matarazzo em Salto de Pirapora e na Bátaro em São Roque onde saí do escritório fechando as gavetas da escrivaninha *no chute* depois de uma discussão com o tchecoslovaco Stephan Báthory, neurótico de guerra que contava ter comido grama cozida, quando foi recrutado e

feito prisioneiro pelos nazistas para fazer parte de uma equipe de engenheiros que trabalhavam no setor de armas bélicas, para aquele que foi o maior louco varrido da humanidade: Adolph Hitler. Mas finalmente a vida me sorriu, no âmbito profissional e conheci um cara fantástico chamado Odilon Castriota, de uma incorporadora imobiliária em São Paulo. E isto é mote para outra história que será contada.

3.11 Las Vegas City, alone

Isso mesmo, fui sozinho para Las Vegas. Nem tentei encontrar amigos pois sabia da dificuldade de encontrar companheiros de viagem: a maior parte dos amigos casados e os eventuais solteiros nem pensar. Pensei: ou vou sozinho mesmo ou não vou conhecer a *capital do pecado*. Reservei o pacote na esperança de que me enturmaria em algum grupo ou com alguma pessoa que fosse para o mesmo hotel e as estadias coincidissem. Me hospedei no Stratosphere em um de seus 105 andares numa suíte gigantesca com uma *baita* cama de casal, que dava para jogar futebol, e outra de solteiro de *lambuga*. Sempre critiquei viajar em grupo devido ao espírito de rebanho e os costumeiros atrasos de alguns dos participantes na hora de sair para os passeios. Mas desta vez, queria ter de quem reclamar mas não tinha mesmo. Acabei me adaptando e como sempre aproveitei muito bem a estadia. O hotel com seu restaurante giratório na cobertura, a mais de 300 metros do solo descontina uma vista deslumbrante da cidade que não dorme com sua iluminação feérica e o giro do restaurante em 360 graus acentua ainda mais a beleza desse espetáculo. Ainda havia na cobertura a opção de saltar de *boogie jump* ou despencar no vazio de uma espécie de trem que se projeta no ar e te coloca literalmente de *cabeça para baixo* mas, abdiquei dos dois.

Como não fui a Las Vegas para nenhuma das três hipóteses que todos imaginam que a gente vá procurar, me delicioi com os shows, o espetáculo *Nature* do *Cirque de Soleil* em que os artistas se apresentam pelados e me diverti mesmo no *Piano Duets* que vou contar em detalhes mais adiante. Mas vamos às três perguntas mais frequentes a alguém que vai a L. V.:

1) Foi para jogar, se divertir nos cassinos? Não, nem encostei em uma máquina caça-níquel sequer. Não tenho queda por jogos de azar, acho solitário demais ficar dialogando com uma máquina e o pior: lhe dando grana, que nem um trouxa.

2) Então foi para *pegar mulheres*? Aquelas sereias que aparecem nas revistas masculinas ou nos *santinhos* distribuídos fartamente nas ruas, até para casais? Também não. Outro programa para trouxas, o custo daquelas *máquinas de fazer amor* é exorbitante para o meu parco orçamento. Cerca de 700/800 dólares o que hoje passa dos cinco mil reais. Programa de índio porquê você mal vai conseguir dialogar, bater um papo ou trocar ideias pela absoluta falta de traquejo no idioma. O inglês falado pelos americanos, muita gíria, *nik names* em abundância, muitos maneirismos além da velocidade ultrassônica não permite qualquer tipo de diálogo. Seria um encontro com duração máxima de 30/40 minutos. Ou seja exatos R\$ 125,00 por minuto de sexo absolutamente profissional. O que você acha da relação custo/benefício? Péssima, né?

3) Então foi para fazer compras nos grandes magazins?

Absolutamente não: péssimo destino para compras, lugar de turistas onde tudo é muito mais caro. Se fosse para comprar iria a Miami ou Nova Iorque. Além dos passeios pela Strip, a avenida central que corta a metrópole do luxo ao meio, as visitas aos magníficos hotéis como o Venetia, o Paris, o Bellagio, Circus e tantos outros onde rolam muitas atrações, o point de observação que criei no lugar mais movimentado da rua central me permitia dar boas risadas e saborear gostosamente minha cervejinha de U\$ 8, a long neck.

Ponto alto cotidiano foi o *Piano Duets*, duelos de piano num dos bares do hotel Paris. Você entra e se depara com um palco oval com dois pianos de cauda, com as respectivas pianistas muito bem vestidas, shortinhos curtos e belas pernas à mostra atendendo pedidos ao piano. Você senta numa espécie de balcão também ovalado e recebe *vouchers* para fazer a escolha musical. Em cima de cada piano tem um vaso enorme de acrílico onde o pedido, junto com a gorjeta logicamente, é depositado e as pianistas vão atendendo os pedidos. Ali, rola de tudo. Clientes que sabem cantar sobem ao palco e nos surpreendem com apresentações absolutamente informais e..... competentes. Outra sobe e executa uma dança sexy e voluptuosa no palco. Até um pedido de casamento presenciei. O rapaz pediu uma música, subiu ao palco, chamou a noiva, que absolutamente surpreendida pelo inusitado, recebeu a aliança e o pedido do noivo ajoelhado à sua frente. Lágrimas e aplausos. Uma negra estonteante, no estilo J.Lo. (Jenifer Lopes) subiu ao palco e desfiou uma linda música aos passos de uma dança sensual. Depois da apresentação eu a segui avidamente com o olhar mas no outro balcão do bar tinha um negro de quase 2 metros de altura de braços abertos para lhe dar os parabéns e um beijo..... na boca.

O fugaz apaixonado aqui, desviou até o olhar..... de ciúmes. Aí aconteceu uma paquera accidental. A americana ao meu lado, ao ver minha alegria e vibração, pediu uma cerveja para ela e outra para mim, sem ao menos termos

trocado sequer um olhar. Brindei, agradeci e logo estávamos dançando.

Voltando aos lugares tentei engatar um papo: na verdade foi uma comédia.

No meu fluente inglês ginásiano: The book is on the table, umbrela etc. mandei a pergunta:

-What's your name?

-Elizabeth, and you?

-Charles, little Charles. Pleasure, pleasure.

Até aí a coisa foi bem e entusiasmado mandei a pergunta seguinte:

-Where are you from?

E ela:

-Iachintan.

-What's? Iachintan. Please, I don't understand.

-Iacintan.

-Sorry, my English is very bad. What's? Iachintan.

Somente na quinta tentativa consegui descobrir que era de Whashington e aí desisti de continuar o pouco prolífico diálogo. Optei pela dança, modéstia à parte, o meu forte. Mas, descobri que a moça gostava mesmo era de beber e chegou um ponto que tive que *correr da raia*, pois o termômetro etílico da moça já estava ameaçando jogar o mercúrio para fora da cápsula.

Além disso tudo o desfile de tipos, malabares, artistas de ruas, prostitutas de luxo em suas Audis conversíveis com as belas pernas à mostra na Strip eram uma delícia.

Ainda tinham os shows das fontes e dos vulcões, um deles no Bellagio. Depois que vim embora descobri que alguns hotéis fazem animadas matinês à beira da piscina com intensa paquera e turistas locais ou não ávidas por beber, se divertir e arrumar companhia. Mas aí já era tarde.

Detalhe pitoresco depois da viagem foi a argumentação do Naile, em Salto de Pirapora, discutindo acirradamente as distâncias comigo e querendo fazer apostas. Ele é um viajante contumaz..... pela internet. Disse que da cabeceira da pista do aeroporto até o centro da cidade davam exatos quatrocentos metros. Eu argumentei que não pois tinha gasto 40 dólares de táxi para chegar ao hotel, o que é uma fortuna para os parâmetros de lá. Garantiu, com extrema segurança que, do hotel onde eu estava até o centro a distância seria de no máximo um quilômetro e argumentei que não pois o *shuttle* que usava diariamente fazia cerca de 7/8 paradas para chegar ao coração da cidade: Hotel Belagio ou Paris. E que a distância entre as paradas equivalia às das estações de metrô, resultando numa distância de cerca de 6/7 quilômetros. Bateu o pé argumentando que o *Google* é preciso e desafiou para uma aposta: 140 reais. Para liquidar a conversa inócuia, respondi que toparia a aposta mas nos meus termos:

Viajámos para Las Vegas em primeira classe, hospedagem em hotel *five stars*, munidos de uma trena de 50 metros e um giz para fazer as marcações no chão e então apurámos a distância correta, ao vivo e a cores, e o perdedor..... pagaria todas as despesas da viagem.

Pulou fora argumentando ainda que eu estava *apelando*. Dei a cartada final e definitiva: Você tem tanta certeza na precisão do Google, então vamos apostar e você ganha uma linda viagem, totalmente de graça.

Não precisa contar o resto né?

Outra história curiosa em que paguei um *tremendo mico* que por sorte não tinha ninguém para presenciar foi quando, depois da escala em Charleston, desci do avião já em Las Vegas e, parando para apanhar um café com leite na Starbucks, perdi o cortejo que se dirigia para a ala de desembarque e retirada de bagagens.

Entrei no primeiro trenzinho interno que vi e fui parar no Terminal 2 e ao tentar obter informações ouvia sempre a mesma resposta: gate 47. Fui até o portão 47 mas não havia absolutamente nada no local e o aeroporto totalmente deserto. Conseguir falar com um *cucaracha* e na base do *portunhol* descobri que o ônibus interno fazia parada no gate 47 para levar ao Terminal 1. Andei mais de 30 minutos de ônibus para chegar finalmente ao local de retirada de bagagens, já entrando em desespero. Lá chegando, depois de tanto tempo, as bagagens não retiradas já haviam sido recolhidas e foi outra maratona para descobrir como recuperar as malas. Coisas de viajante solitário.

Capítulo 4

Música: Jazz , Blues, MPB etc

Uma das minhas paixões na música além da MPB, do Sertanejo Raiz e por alguns clássicos é pelo blues e jazz. Tive na vida algumas surpresas musicais que muito me marcaram.

4.1 Música internacional

4.1.1 Ray Charles no Brasil

Nos idos dos ano 60, com idade aproximada de 18 anos fui visitar meu irmão Salvador que morava em São Paulo no bairro da Liberdade imediações da Av. Conselheiro Furtado e Rua Sinimbu numa pensão. Nessa época eu trabalhava na empresa Matarazzo em Salto de Pirapora e separava algum dinheiro todos os meses para curtir as férias em São Paulo. O Salvador dizia que ele não conhecia a maioria dos lugares e eventos que aconteciam na cidade e só passou a conhecer quando eu ia para lá e literalmente o arrastava para tais eventos: O famoso inferninho Atlântico num sub solo da Avenida Ipiranga com seu balcão comprido ovalado, Salão do Automóvel e Fenit no Parque Anhembi, Chá Vienense na Barão de Itapetininga, o próprio Teatro Municipal ali perto. Sozinho ele não despertava sua atenção para tanta coisa boa acontecendo em São Paulo e eu já chegava tendo lido e planejado tudo que queria conhecer e explorar. Muito bem: chegando à pensão da Dona Nezinha onde o Salvador morava, ele tinha acabado de jantar e se preparava para ir ao banheiro escovar os dentes. Nesse meio tempo abri o jornal Diário da Noite e dei de cara com a manchete: RAY CHARLES NO BRASIL.

Corri os olhos rapidamente e descobri que o show aconteceria no Teatro Record na Avenida Brigadeiro Luiz Antonio dentro de uns 20 minutos. Não deixei que ele fosse fazer o seu toalete pós jantar. Arrastei-o literalmente para a rua: Vamos sair correndo para não perder a raríssima apresentação com a qual nem sonhávamos. Ele quase saiu correndo para a rua com a escova de dentes na mão. Apanhamos um táxi, um luxo na época: um Chevrolet preto cupê e debandamos para o Teatro. Lá chegando, eu procurava avidamente a bilheteria perguntando com sofreguidão como e onde adquirir os ingressos. Um funcionário apontou para a direita. Era uma porta enorme descortinando para a plateia do teatro. Ou seja: adentramos no local e nem ingressos pagamos. Já nos acomodando vejo no palco aquele negro enorme, sendo guiado para o seu órgão Hammond (depois vou discorrer sobre esse instrumento, prometo) balançando os longos braços de forma descompassada e dando abraços desconexos no ar. Jeito bem típico dele de iniciar uma apresentação e a falta de coordenação era devido à sua total cegueira. No canto do palco *The Realets*: quatro negras lindas vestidas de azul perfiladas em um ângulo de 45°, uma deveria ter 1,90 de altura iniciando o coral em uníssono: I can't stop loving you. Ray Charles sentou-se na banqueta à frente do órgão, soltou o corpo na vertical descrevendo um arco corporal a uns 40 centímetros do piso. Voltou à posição normal iniciando os acordes do seu diferente e sonoro órgão Hammond, no exato momento em que a orquestra abaixou os acordes para que RC abrisse a sua performance. Eu, ainda extasiado de surpresa, encantado com a beleza do conjunto todo: artista, *backing vocal* com as lindas negras, uma orquestra creio que da própria Record me deliciava.

Na abertura RC interrompeu a orquestra aos brados de: *No, no, no* e fez com que começassem tudo de novo. Estava fora do tom. Que ouvido musical!!!!!! Mais de trinta anos depois descobri o DVD desse show na fantástica Livraria Cultura no Conjunto Nacional da Avenida Paulista. O show tinha o patrocínio comercial da Erontex e da Wallita e uma das moças era a Neide Alexandre. Ou seja, nem houve venda de ingressos. Foi uma das emoções musicais mais sensacionais que já vivenciei. Pela sinopse desse DVD vejo agora que o show foi em 1.963 produzido por Ricardo

Amaral e RC na véspera tinha completado 33 anos. O nome do show era *The Genius* e mais de 40 anos depois foi lançado um CD chamado *The Genius loves Company* onde ele faz duetos memoráveis com B. B. King, Willie Nelson, Norah Jones, Natalie Cole, Bonnie Raitt, Gladys Knight e até Johnny Mathis mais um monte de gente muito boa.

Além de Georgia oh my mind, um clássico, destaco o dueto com Willie Nelson na música *It was a very good year* também gravada por Frank Sinatra. A letra conta uma história na primeira pessoa de quando o personagem tinha dezessete anos e passeava pelas ruas arborizadas da pequena cidade, depois com 27 e assim por diante até narrar os passeios de limusine com belas garotas. Willie Nelson com sua voz rouca, chapéu de vaqueiro e aquele violão velho e esburacado faz o contraponto perfeito à voz gutural de RC.

Estou agora ouvindo o CD do show de 1963 para descobrir e relembrar detalhes que vai completar quase sessenta anos. Também para ver se por acaso a câmara não passeou por nós e registrou uma imagem de quando eu tinha 17 anos, como na música que acabei de descrever.

4.1.2 O Órgão Hammond

Foi criado por Laurens Hammond, um engenheiro e inventor americano em 1.934. Era vendido originalmente para igrejas devido ao seu baixo custo e tamanho comparados aos enormes e caríssimos órgãos de tubos das igrejas. Segundo o professor Google é dotado de um conjunto de rodas fônicas que giram a grande velocidade produzindo uma variação do campo magnético que é captada por sensores eletromagnéticos e convertidos em sons. Ele provoca um efeito interessante que é o vibrato *chorus*. Resumindo: tem um som absolutamente inconfundível e por isso acabou migrando para o jazz, blues e gospel, tendo sido adotado pelos blueseiros negros que procuravam inovações para a sua música tão peculiar. Na década de 80 a companhia Hammond foi comprada pela japonesa Suzuki em virtude da sua tecnologia de *tonewheel* digital que foi aproveitada nos aparelhos portáteis e mais leves para um transporte mais fácil. O original é um instrumento pesado comparado aos órgãos comuns e era alojado em um móvel quadradão do tamanho de um piano. Imagine deslocar esse monstro peloas estradas trilhadas pelos jazzistas. Estas características são importantes para a história de Lonnie Smith que vamos aproveitar o gancho para contar.

Lonnie Liston Smith nascido em 1942 conhecido como Dr. Lonnie Smith era um organista de jazz americano Hammond B3 que foi membro do quarteto de George Benson e gravou álbuns com o saxofonista Lou Donaldson para o selo Blue Note. Um dos seus sucessos mais conhecidos é Spinning Wheel de 1970. Ouça e você vai sentir o que é a sonoridade Hammond B3. Muito bem: conta a história do jazz e blues que Lonnie Smith, já tirando seus acordes em instrumentos de amigos ou de casas noturnas flanava pelas ruas quando deparou em um antiquário com o enorme órgão que o dono não conseguiu recolher devido ao tamanho e por falta de espaço no seu estabelecimento. Era um Hammond B3 e Lonnie perguntou pelo preço, apenas por curiosidade. O dono, avaliando aquele negro pobre e mal vestido, sabendo que não teria condições de adquirir qualquer instrumento de sua loja e querendo livrar-se daquela *estroverse* fez troça: Se você conseguir carregar esse trambolho para longe daqui pode ficar com ele para você. Não se sabe como mas Lonnie conseguiu a proeza de carregar aquele monstro e se tornou seu dono. Depois se tornaria um dos maiores organistas do B3 quase tão famoso quanto Ray Charles na categoria de organista mas não na de cantor.

4.1.3 Nat King Cole

Outra história saborosa sobre grandes astros negros que vieram ao Brasil se apresentar em turnês foi a de Nat King Cole que ouvi no Bourbon Street, em Moema-SP, narrada pelo organista e compositor César Camargo Mariano, marido de ninguém menos do que Elis Regina e pai de Maria Rita. Nesta época, que Nat fez talvez sua primeira turnê no país, a televisão no Brasil era muito precária: não tinha por exemplo o recurso do vídeo tape que seria muito usado depois na edição de programas musicais e novelas.

A turnê de Nat King Cole estava programada e a emissora sem o recurso do vídeo tape precisava divulgar chamadas durante a grade da sua programação. Um diretor da emissora que frequentava a casa do pai de César Camargo Mariano, à época com cerca de doze anos e que já arranhava o piano de casa, comprado especialmente para ele pois mostrava grande habilidade nos teclados e jeito para o instrumento. Vendo o desembaraço do garoto propôs ao pai de Cesinha, apesar de sua pouquíssima idade, que ele fosse à emissora para participar da divulgação da turnê de Nat King Cole. Pintaram os braços de César de preto até acima dos cotovelos e o colocaram sentado ao piano, filmando apenas os seus braços executando um dos famosos sucessos de Nat: *Monalisa*. A filmagem focava apenas os braços de César que emulavam os do famoso pianista e cantor e vinha a chamada: Nat King Cole no Brasil. Cada *take* ia ao ar de quinze em quinze minutos e sem o recurso do vídeo tape Cesinha ia ao piano nesses intervalos, passando-se pelo astro e diga-se de passagem executando habilmente os acordes, sem que ninguém desse conta de quem realmente

estava nos teclados pois se avistava apenas os negros braços. Naquela época a câmara, pesadíssima, se deslocava por uma espécie de trilho aproximando-se do piano para fazer o close. Assim Cesinha teve que ficar o dia todo no estúdio, simulando as performances do grande artista e ninguém se deu conta do engodo. Se fosse nos dias de hoje com as leis trabalhistas protetivas dos menores isto seria impossível.

E aí vem outra curiosidade sobre o estilosso e charmoso Nat King Cole com seus cabelos alisados à custa de muita brilhantina. Dizem as más línguas que até graxa de sapato era usada. NKC não era cantor mas apenas pianista de uma boate americana, ou seja não cantava pois isto não era sua expertise. Apenas executava as canções pedidas ao piano. Um cliente rico, frequentador assíduo da boate pediu-lhe um dia que cantasse para ele uma determinada canção que muito apreciava e NKC declinou do convite justificando-se como apenas um pianista e não um cantor. O cliente, um esbanjador contumaz, muito lucrativo para a casa e já com o índice etílico bem elevado bateu o pé exigindo a interpretação da sua melodia favorita com voz e instrumento. NKC também bateu o pé mas o proprietário temendo perder o cliente ricaço insistiu na exigência para não decepcionar o seu cliente especial. NKC capitulou pois emprego de músico de boate era naquela época bico muito valioso para aqueles que suavam na noite para tirar o sustento da família e levar o leitinho para casa.

Assim nasceu um cantor, que queria ser apenas pianista e nada mais. E que cantor: uma voz de veludo, *timing* perfeito, simbiose absoluta de voz e piano. Sem falar no estilo classudo: um negro bonito, com cabelos sempre perfeitamente assentados, pose aristocrática, ternos muito bem cortados e uma impressionante presença de palco.

Assim, num acontecimento absolutamente casual nascia um dos maiores cantores americanos que marcou época e que mesmo depois de passar para o andar de cima, fez duetos memoráveis com a não menos espetacular Natalie Cole, que já brincava de cantar no colo do pai com 9 ou 10 anos de idade. É famosa a sua performance, com longas tranças negras, corpinho esquálido mas já despontando o maravilhoso som gutural que brota da garganta dos negros. É o soul em estado puro. Depois de lapidada transformou-se em uma das grandes divas da RB (Rhythm and Blues) ao lado de Whitney Houston, Chaka Khan, Etta James, e claro a majestosa Nina Simone e tantas outras. Uma constelação e tanto.

4.1.4 Expressões do Jazz

4.1.4.1 JAM

Os músicos quando se reúnem para tocar informalmente dizem que vão *fazer uma jam*. Descobri que tem dois significados. Pode ser J.A.M de Jazz After Midnight. Esses músicos geniais principalmente os instrumentistas do jazz depois de suas jornadas noturnas nos bares e inferninhos da vida costumavam se reunir em algum *point* combinado, normalmente um bar que tinha instrumentos e começavam a brincar e improvisar e isso ocorre normalmente depois da meia noite. Daí o nome. A outra seria a tradução literal de jam: geleia. Os músicos misturam ritmos, fazem brincadeiras, deixam soltar a inspiração formando uma geleia, uma mistureba, uma maçaroca.

4.1.4.2 Dar uma canja

A expressão remete obviamente à canja de galinha mas não tem nada a ver com a galinha. Havia em São Paulo o Club dos AMigos do JAZZ - CAMJA e à exemplo de JAM, os jazzistas que passavam por lá faziam algum improviso ou mostravam um acorde novo. A expressão pegou. A tradução seria aproximadamente: dar uma pequena mostra.

4.1.4.3 Dar uma palhinha

A expressão, muito usada no meio musical, vem da palavra pala, que seria uma dica, uma amostra, e é usada como dar uma palinha, uma corruptela da palavra original palhinha.

4.1.5 Bourbon Street, Tom Jazz, Tom Brasil etc.

Mudando um pouco para outros gêneros gosto de me lembrar de que, morando em São Paulo por mais de 30 anos, pude desfrutar de grandes shows, ver grandes artistas ao vivo: Bourbon Street de Moema, Tom Jazz, Tom Brasil, Via Funchal e outras tantos templos maravilhosos de shows inesquecíveis. Pude ver Willie Nelson, Ray Charles, Charles Aznavour, B. B. King, Buddy Guy, Tony Bennett que abriu o show com sua filha Antonia e que vi cantar à capela no Tom Brasil.

Os microfones foram desligados e a plateia começou a chiar mas eu percebi que Tony começava a pronunciar alguma coisa e cheguei a gritar: vai ser à capela. E ele, quando cessou a balbúrdia, pronunciou alto e bom som, sem

microfone, sem sonoplastia: Brasil, eu amo vocês. A casa veio abaixo.

Buddy Guy veio para o meio da plateia com suas roupas deliciosamente espalhafatosas: ternos pretos de bolinhas brancas e vice versa, guitarras coloridíssimas com vermelhos vibrantes, cinzas metálicos. Uma parafernália de cores e ele tocando e cantando como nunca com sua voz gutural, no meio da plateia, recebido com entusiasmo, sem ser agarrado ou assediado. Nesse dia eu que já tinha voltado a morar em Salto de Pirapora, fui a São Paulo pela Cometa (*Viação Corneta* como dizia o Gustão daqui de Salto), como sempre faço quando vou visitar meu neto na capital. Após vê-lo fui para o show marcado para 21 horas. Mas uma sucessão de excelentes apresentações levaram o início do show de Buddy para 23:30h mais ou menos. O último Cometa de São Paulo para Sorocaba partia do terminal Barra Funda à meia noite. Nunca perdi um ônibus, com tanta alegria. Foi sensacional. A diferença entre ver um vídeo e uma apresentação ao vivo é abissal. A vibração, a magia das luzes no palco, a relativa proximidade com o artista, tudo isso cria uma atmosfera única e eu sou daqueles bem empolgados em shows. Acompanho as performances mexendo com o corpo e se tiver chance me levanto e puxo alguém para dançar. Depois de perder o ônibus tive que *pidi pôso* para a minha filha no seu apartamento perto do metrô Ana Rosa.

No Bourbon Street, na Rua dos Chanes, em Moema próximo ao Shopping Ibirapuera fomos ver um show de um cara totalmente desconhecido para mim: Tony Gordon. Só fui pelo sobrenome pois já tinha dançado ouvindo Dave Gordon interpretando grandes standards de Frank Sinatra e Tony Bennett na magnífica casa noturna Stardust da rua Franz Schubert no Itaim, onde imperou na década de 80 e 90 ao lado da Limelight e do Kremlin. Dave, pai de Tony e Izzy Gordon, nascido na Guiana Francesa, quase 2 metros de altura, negro esbelto, elegante, casado com Denise Duran, irmã de Dolores Duran tinha uma voz de veludo à la Nat King Cole e se fechássemos os olhos a sensação que se tinha é que Frank, Bennett e Cole estavam presentes, cantando para nós, na gostosa pista de dança do Stardust.

Fui então ao Bourbon Street atraído mais pela fama do sobrenome. Reservei uma mesa no mezanino, um pouco distante do palco que estava montado no piso inferior, nos fundos da casa. Eu vestia uma camisa social novinha em folha e tive azar de sentar perto da mesa de um bêbado, que num brinde exagerado com a companheira jogou vinho na minha camisa recém inaugurada. Fiquei puto da vida, queria discutir, mas contido pela Eulália, minha primeira mulher, pedimos ao garçom para trocar de mesa. Saí xingando e o garçom para me agradar nos colocou numa mesa onde o mezanino fazia uma curva à direita, literalmente debruçado sobre o palco. A banda, na clássica formação de trio de piano, bateria e contrabaixo abria o show esquentando a plateia. Ouvimos na entrada da casa uma voz perdida no meio da plateia cantando: “Japanese, japanese...” no ritmo da banda e em inglês para brincar com uma *japinha* presente entre o público. Era o Tony entrando pelos fundos, misturado aos espectadores e mexendo com as pessoas. Veio para o palco cantando e brincando com negras, brancas, magras e gordas num ritmo empolgante, até chegar no palco. Quando ele subiu ao palco, sempre cantando, eu já estava praticamente pendurado no guarda corpo do mezanino, com os braços abertos, dançando freneticamente ao ritmo daquela música contagiosa. Tony que estava a menos de 5 metros de distância, olhou para mim, apontou-me o dedo e falou, sem perder o ritmo da música: Cara, eu vou aí te dar um abraço. E desceu do palco, atravessou no meio das mesas da parte inferior, galgou os degraus da majestosa escada de madeira torneada ao estilo New Orleans, como tudo o mais na casa, e foi à minha mesa. Sempre no ritmo da música me deu um forte abraço e me disse: Cara, você não sabe o quanto a sua empolgação contagia o artista no palco. Muito obrigado. Também agradeci e ele iniciou o percurso de volta ao palco onde cantou canções maravilhosas como I've Got You Under My Skin entre outras, com uma força interpretativa que o fazia até se ajoelhar no palco, com o microfone empunhado com as duas mãos, passando uma descomunal carga de emoção. Depois vi o Tony no Madalena, um casa noturna pequena na vila de mesmo nome. Desta vez vinha acompanhado da irmã Izzy Gordon, igualmente fantástica. Conversamos no intervalo, lembrei do episódio do Bourbon, ele disse que se lembrou de mim mas não acreditei muito. Afinal de conta, um artista não vai decepcionar um fã.

Coisas da vida: um artista desse naipes e com vasta experiência profissional, para ser reconhecido na mídia teve que participar e vencer o programa The Voice Brasil, na TV Globo, no final de 2019!!

4.1.6 Festival de New Orleans no Bourbon Street

O Bourbon Street, também promovia um festival anual que trazia os músicos da cidade americana para emular aqui o *Madri Gras*, carnaval de rua animadíssimo de New Orleans que se transferia para o bairro de Moema, com um palco montado na Rua dos Chanés, endereço da casa. A rua ficava tomada por mais de dez mil pessoas e era impossível chegar perto do palco. As pessoas iam se acotovelando e quando você se dava conta, estava espremido quase sem ar no meio daquele *povaréu*. O festival se estendia para outros locais como o Parque Ibirapuera onde era mais confortável. Ali no parque pude curtir a festa sem o risco de ser esmagado no meio da massa. Os cantores no palco tinham a seus pés caixas de colares coloridos: brancos, azuis, vermelhos escarlates e à medida que música e público atingiam aquela interação extasiante, o *crooner*, descalço, pescava com os dedos do pé os colares coloridos

que iam sendo lançados em direção à plateia e avidamente disputados. Pelo meio do povo desfilavam figuras com enormes pernas de pau, com grande habilidade, que apoiados em apenas uma perna de 2 metros de altura passava a outra por cima das nossas cabeças. Uma farra animadíssima. A banda com poderosos instrumentos de sopro inclusive uma tuba gigantesca entrava no palco desordenadamente fazendo piruetas e literalmente bagunçando o coreto. O da tuba enquanto tocava enfiava a enorme boca do instrumento na cabeça de outro músico mais baixo e o transformava num músico sem cabeça. E a coisa transcorria nesse clima de muita alegria, descontração e irreverência. Apresentavam um ritmo chamado *zideco* que era executado por um músico que era um verdadeiro malabarista. Ele empunhava uma pequena sanfona, tipo 8 baixos, e entrava correndo para o meio do palco tirando um som vibrante do pequeno instrumento e dando rodopios e piruetas no ar.

A parte triste dessa história foi quando houve aquele rompimento do dique em New Orleans e esses músicos estavam jantando perto do prédio onde eu morava. A pizzaria, maravilhosa se chamava La Gloria e ficava na Rua Macuco entre a Arapanés e a Avenida Ibirapuera. O Carlinhos do Elias daqui de Salto esteve lá comigo uma noite e adorou o local. Logo na entrada tinha um forno enorme com pães gigantescos de vários sabores dispostos em uma prateleira em volta do forno. Tinha um mezanino onde também serviam as redondas. No meio charmosas tendas cobrindo aconchegantes sofás e as mesas. E o mais surpreendente, toda a construção com um teto retrátil que nas noites quentes ficava aberto. Eu morava na Arapanés, no décimo quarto andar e da minha janela podia enxergar todo o interior da pizzaria, a correria dos garçons e a efervescência da clientela. O pessoal de New Orleans no meio do jantar recebeu a notícia que o seu voo marcado para a manhã do dia seguinte havia sido cancelado pois não havia mais aeroporto nem cidade, tudo coberto pela água. Sem ter o que fazer os músicos vararam madrugada adentro cantando e bebendo e eu na janela, algumas dezenas de metros acima do piso da pizzaria, ouvi a algazarra a noite toda e me arrependo até hoje por não ter tirado o pijama e descido para participar da festa. Os músicos só foram saber no dia seguinte a extensão da desgraça que se abatia sobre a sua terra naquele momento.

4.1.7 Concierto de Aranjues no Museu do Prado em Madri

Surpresa musical, inusitada e muito gratificante em Madri. Andava pelo Paseo del Prado para ir ao museu de mesmo nome quando ouço vindo de um banco do parque o som de uma guitarra, tocada por um músico de rua, executando o Concierto de Aranjues. Claro que ali me detive até terminar a execução e pingar a gorjeta na mão do músico. Fazia mais de vinte anos que não ouvia a peça e até já havia me esquecido dela. Melodia maviosa mas a história dela é muito triste. Um nobre que vivia num palácio em Aranjuez tinha uma esposa muito doente que vivia fechada na mansão sem poder acompanhar o marido em suas viagens mundo afora. Ele então mandou compor essa peça linda para alegrar a esposa doente.

Na Europa toda os músicos estão em todos os cantos: bancos de praça, um cantinho numa estação do metrô, rondando as mesas dos bares ao ar livre. Quando menos se espera você é surpreendido por um músico ao seu lado tocando algo significativo do seu país de origem ou canções mundialmente consagradas.

Em Nova York cheguei a dançar dentro do vagão do metrô pois eles entram numa estação munidos de um amplificador portátil e quebram a rotina monótona de um ambiente normalmente sisudo em que as pessoas mal se olham. Ainda na mesma cidade na Gran Central Station, estação que conjuga paradas de trens e metrô, considerada a maior do mundo e que abriga o relógio igualmente mais famoso do mundo na cabine de informações, avaliado em nada menos do que 40 milhões de reais. Ainda tem uma curiosidade: a galeria do sussurro. Você fala para uma parede e o som é conduzido pelas colunas podendo ser ouvido a 30/40 metros de distância. Eu estava com um grupo de amigos do Clube de Campo de Sorocaba, Robeni e Morais da Ideal Seguros e famílias e ao atravessar a estação me deparei com um grupo de negros fazendo um som maravilhoso num cantinho da enorme estação. Parei, ouvi a música, aplaudi freneticamente, gratifiquei e pedi a minha clássica preferida: Oh mio bambino caro (Oh meu papai querido) de Puccini. Pior que toda vez que ouço..... choro. Esta peça clássica que faz parte da ópera Gianni Schicchi já foi interpretada por Maria Callas, Montserrat Caballé e pela soberba soprano neo zelandesa Kiri Te Kanawa e até por Sarah Brightman. Conta a história de uma moça infeliz que têm uma paixão avassaladora proibida pelo pai. Na música ela diz ao pai que iria até a Ponte Vecchio de Florença e se jogaria no rio Arno. Que preferia morrer a se casar com outro. Aqui em Salto de Pirapora, minha amiga Marcinha interpreta a peça com talento de soprano e quando me vê na plateia sempre canta essa música, acho que só para me ver chorar. Kkkkk. Inclusive a Márcia ganhou o torneio do antigo 566 da Washington Luiz com uma interpretação magnífica.

4.1.8 San Gigminiano na Toscana Italiana

Outra surpreendente lembrança musical. A cidade é minúscula, talvez caiba dentro do CIC sorocabano. Como as demais cidadelas italianas é toda muralhada e você tem meia hora para entrar com o seu carro, descarregar a mala no hotel e sair para estacionar nos bolsões, fora da cidade. E voltar à pé, logicamente. Os hotéis são casarões seculares sem elevador e você tem que arrastar malas escada acima até o seu andar. Estava casado com a Eulália e saímos à noite para jantar e depois tomar o melhor sorvete do mundo na *Piazza de la Cisterna*. Este largo mantém ainda o poço ou cisterna que abastecia a vila há séculos. Fila de 40 minutos para degustar o *gelatto* premiado por três vezes como o melhor do mundo: a *Gelateria Dondoli*. Após o sorvete, uma volta pelo centrinho já na certeza que teríamos que dormir cedo. Andando pelas ruelas com uma luz bruxuleante projetando sombras das 14 altíssimas torres (eram 70 no total), num ambiente místico de magia e assombro pela arquitetura medieval, chegamos ao largo da Matriz, menos de 50 metros do hotel. Uma praça enorme cheia de cadeiras enfileiradas e a imponente igreja ao fundo, no alto da praça. Perguntando com o meu conhecimento profundo do idioma *italianês* descobri que a cidade tinha ganho a primeira e única ambulância. Meu vasto repertório italiano consta das seguintes palavras: *dopo qui e prego*. Nada mais. Um palco montado em uma pequena cobertura no extremo da praça e do lado direito um outro pequeno *coperto* abrigava os *capi de tutti capo* da cidade falando alto e gesticulando como bons italianos e até um pouco inconvenientes e arrogantes. Um coral de Florença, com uma soprano excelente, desfiou melodias dos irmãos Ira e George Gershwin como *Rhapsody in Blue*, Um americano em Paris e a sublime *Summertime*. Uma delícia de surpresa pra quem achou que não tinha mais nada para fazer. Em San Gigminiano conheci o *jamon de cingiali*: presunto italiano de javali a ainda trouxe uma azeiteira verde em formato de bule que repousa na minha cristaleira quase centenária neste escritório da minha casa em Salto, onde escrevo agora às 00:46h da madrugada.

4.1.9 Karen Souza

Como estou sempre buscando novidades no fantástico YouTube, hoje me deparei com uma cantora argentina simplesmente fabulosa: Karen Souza, uma mulher de 36 anos, com uma elegância madura e presença de palco impressionante, um fraseado musical muito bem colocado e muito bem acompanhada por um trio no Jazz San Javier Festival. Desfia deliciosas canções standards, clássicos que fizeram sucesso nas vozes de Bing Crosby, Frank Sinatra, Tonny Benett e Nat King Cole. Na minha apressada avaliação classifiquei como um “Tony Benett de saias”. Uma bela coroa com dicção perfeita, presença de palco intimista com uma deliciosa pronúncia mesclada de *inglês acastelhanado*. Enfim, uma delícia de cantora com uma sensualidade natural e madura. Esbanja charme em “Whicket game”, “Don´t you forget about me” e “I’m not in love secundada por um trio de altíssima competência. Piano, bateira, guitarra e baixo completam o perfeito cardápio musical servido no palco do Jazz San Javier. O festival, criado em 1.998, é realizado anualmente no mês de julho na região de Múrcia, na Espanha, e canaliza as mais diversas vertentes do jazz internacional revelando verdadeiras pérolas como Karen Souza. A apresentação é no auditório municipal do Parque Almansa, um anfiteatro com capacidade para 2.000 pessoas com uma estrutura espacial semelhante à um teatro romano. Deve ser lindo. Já estou com brotoejas pelo corpo de vontade de conhecer. Há sempre craques da nossa música brasileira participando.

4.1.10 Ron Carter, Hank Jones e Wynton Marsalis

O show foi em 1966 em Kobe, no Japão. Num cenário de abertura mostrando uma fantástica cidade futurista, com riquíssima arquitetura, os dois artistas se apresentam impecavelmente bem vestidos com seus ternos pretos e suas gravatas borboleta. Hank Jones desliza suavemente os dedos pelo teclado, com classe, elegância e competência. Muita competência. Ron Carter, que já descrevi no filme Kansas City de Robert Altman e que considero o maior baixista que já conheci.

Numa apresentação memorável, desfiam grandes sucessos do jazz internacional. Abrem com Round About Midnight, tema do filme homônimo que mostra a vida louca de músicos de jazz americanos e franceses, e a alusão por volta de meia noite descreve as aventuras sempre noturnas, as paixões, as bebedeiras, a escalada nas drogas e tudo o mais que permeia o mundo musical e artístico. Este filme realiza a proeza de reunir um elenco formado por músicos profissionais do cenário musical da época inclusive Dexter Gordon. O som foi gravado no sistema “em direto” e não provindo de uma trilha sonora. Foi criado um ambiente e uma atmosfera especialmente propícios à reprodução do som de qualidade. Os personagens do filme falam através de suas músicas. Voltando ao show em Kobe, os músicos continuam passeando por Blue Monk. A night in Tunisia, Speak low What’s new?, a clássica Sattin Doll e a especialíssima Take the A train, creio que de Dave Brubeck, que ao lado de Take Five e Cantaloup Island, de Herbie Hancock que não constam do repertório do show, mas que constituem para mim a nata da cena musical jazzística: “la crème de la crème”.

Os solos de Ron Carter neste show, à exemplo de outros, são memoráveis. Seus dedos passeiam habilmente pelas cordas do enorme “baixo de pau”. Com igual competência faz o acompanhamento perfeito para o suave piano de Hank Jones e são secundados por competentes músicos na *percussion* e nos *drums* e ainda nos brindam com um vocal de Shigeko Suzuki, em *It's allright with me*. Uma japonesa elegante e bonita, dentro de um tubinho preto decotado na medida para, aliado a um curto e exótico corte de cabelo, desnudar seu deslumbrante colo. Uma “graça de jatinha” e extremamente competente. O interessante que depois de sua participação vocal, ela se mantém em pé, imóvel no centro do palco, como uma verdadeira estátua, até o fim do show, apenas ouvindo e curtindo a habilidade dos músicos, como se ali tivesse permanecido para enfeitar e compor o quadro no palco. O show inteiro, com mais de uma hora e meia, pode ser visto aqui.

Aproveito a deixa para lembrar de Wynton Marsalis, que também participou da trilha sonora de Kansas City, e que comanda o departamento de jazz do fabuloso “Lincoln Jazz Center” em Nova Iorque, em frente à estação do metrô Columbus Circle e em cujo bar da Coca Cola, vimos uma apresentação jazzística de gala, com a vista se descortinando para o Central Parque. Foi na viagem que fiz com o Robeni e o Morais do Clube de Campo Sorocaba. Wynton Marsallis, que pude ver ao vivo no parque Ibirapuera, em São Paulo é de uma família de veia jazzística e ao lado de irmãos e primos se apresenta com a “Família Marsallis”, de quem tenho um DVD muito especial.

4.1.11 Je t'aime, . . . moi non plus . . .

Essa música marcou muito a minha juventude pois na época foi como o estopim de uma revolução sexual que já se desenhava nos anos 60. A música foi proibida em diversos países inclusive o Brasil, por “exalar” uma forte conotação sexual onde os intérpretes Serge Gainsbourg e Jane Birkin simulam um ato sexual e Jane simulava um orgasmo. Mesmo proibida eu tinha mandado preparar uma fita cassete que entre F.... come femme, A primeira noite de um homem, Everybody's Talkin do cantor americano Nilson também trazia Je t'aime e nos nossos bailinhos do clubinho no centro, arriscávamos e a colocávamos para tocar. Delírio e êxtase para os pares de namorados ou dos que simplesmente gostavam mesmo de um bom amasso. Nunca soube ou entendi o significado pleno da música mas o Je t'aime era conhecido por todos, mesmo que nem de longe arranhassem o francês. Agora fiz uma pesquisa no Professor Google e vou transcrever as descobertas, já revelando a minha fonte, ou seja sem querer abraçar os méritos do conhecimento. Vamos lá:

O título da canção foi inspirado em uma citação de Salvador Dali, o genial pintor espanhol que quebrou enormes tabus com a sua arte surrealista. Serge Gainsbourg escreveu a música em 1.967 e a dedicou inicialmente a Brigitte Bardot, com quem Serge teve um breve namoro. Mas, La Bardot estava casada com o bilionário alemão Gunther Sachs. Chegou a gravar a música com Serge mas mudou de ideia temendo problemas no seu casamento e também com a Igreja, como já havia acontecido anteriormente. Por outro lado os empresários de B. B. temiam que sua imagem fosse arranhada devido ao forte conteúdo e clima sensual e sexual contidos na música. Um trecho traduzido diz assim: “Como uma onda irresoluta eu vou, eu vou e venho por sua cintura, eu vou, eu vou e venho por sua cintura e eu me detenho. Você é a onda eu a ilha nua, você vai e vem por minha cintura e eu me junto a você”. Não precisa muita perspicácia para perceber que esse eu vou e venho emula o ato sexual e a cintura tem sentido totalmente figurado.

Em 1.969 quando Serge já namorava Jane Birkin, gravou novamente a canção que alcançou sucesso mundial e foi banida de diversos países conservadores na época. Causou enorme polêmica pois até então nenhuma outra canção havia representado o sexo de forma tão explícita e a vigília incessante da Igreja, assim como aconteceu com o filme e a peça “Jesus Cristo Super Star” era de um vigor persecutório extremo. A música virou filme que não chegou a causar tanta celeuma, repercussão e sucesso como a música.

4.1.12 Buena Vista Social Club

Ry Cooder e não Ray Coder, como grafei outras vezes. Foi à Cuba em 1.996 para gravar um CD e em 98 participou do maravilhoso filme, Buena Vista Social Club, dirigido por Wim Wenders. Aqui vai um *trailer* mais longo, de 11 minutos, do Buena Vista Social Club. Ry Cooder participou de outro filme incrível do Wim Wenders: Paris, Texas. Extraído do Google: O Buena Vista Social Club foi um clube de dança e atividades musicais de Havana, onde músicos se encontravam e tocavam na década de 1.940. Alguns dos artistas frequentadores:

Manuel “Puntillita” Licea;

Compay Segundo, cantor e *tresero*. Tresero era o tocador de Tres. O Tres era um cordofone com a forma aproximada de uma guitarra, com apenas três cordas duplas usado na seção rítmica dos grupos cubanos;

Eliades Ochoa, violonista;

Orlando “Cachaito” López;

Manuel Guajiro;

Rubén Gonzalez, pianista que legou a Gonzalo Rubalcaba seus maravilhosos dons;
 Ibrahim Ferrer, cantor;
 Barbarito Torres, alaúde cubano;
 Pio Leyva;
 Anga Diaz;
 Omara Portuondo – esta gravou um CD com Maria Bethânia.

4.2 Música Brasileira

4.2.1 O furacão Elis (livro de Regina Echerrevia)

César Camargo Mariano, grande músico e arranjador foi ao estúdio para gravar com Elis Regina o grande sucesso de sua carreira: Atrás da porta. Elis, apesar de grandes sucessos musicais, não tinha a mesma sorte na vida amorosa. Já tinha tido uma separação calamitosa com Ronaldo Bôscoli, quando ao enxotá-lo de sua casa jogou pela janela do sobrado, as malas, cuecas, e a coleção inteira de discos de jazz de Ronaldo, gritando escabrosos palavrões, soltando cobras e lagartos ao apavorado Ronaldo que no meio da rua tentava se desvencilhar dos cacarecos lançados sobre sua cabeça e da vergonha dos passantes. Elis foi para o estúdio com toda aquela *entourage* de músicos, cinegrafistas, iluminadores etc. etc. e não conseguia se concentrar e achar a inspiração e o tom certo para a interpretação de praticamente uma peça teatral contando o fim de uma história de amor doída, sofrida e angustiante. Não era dor de cotovelo, era fratura exposta. A letra falava de uma mulher abandonada no meio da noite, se arrastando de joelhos para fora da cama e implorando atrás da porta para que o seu amado não a abandonasse. Música de autoria de Chico Buarque e Francis Hime, de letra pungente que exigia da intérprete uma entrega total, uma interpretação de *cantriz*, simbiose de cantora e atriz. Elis que dias antes havia convidado César para uma sessão de cinema na sua casa branca da Avenida Niemeyer no Rio de Janeiro e no meio do filme tinha lhe passado um torpedo amoroso que ele, apesar de já apaixonado por ela e temendo por isso com relação ao seu gênio saiu correndo e desapareceu por uma semana até que voltou a se encontrar com Elis no dia marcado para a gravação. Ela não conseguia o tom dramático para passar uma interpretação perfeita para tal obra de arte. No seu estilo explosivo e intempestivo, que lhe valeu o carinhoso apelido de *Pimentinha* deixou o microfone de lado e gritou em altos brados, entremeados de sonoros palavrões, que não conseguia o *timing* perfeito. César, um músico de grande sensibilidade, que mudou totalmente os rumos da carreira de Elis, com seus arranjos maravilhosos, à exemplo de Nelson Riddle que resgatou a carreira de Frank Sinatra, botou pra fora do estúdio todo o corpo técnico: músicos, sonoplastas, iluminadores e qualquer pobre diabo que lhe surgisse à frente e decretou: Agora é só piano e voz. Trancaram-se lá dentro e deram à luz uma das músicas mais marcantes da carreira da cantora que, no mais profundo e autêntico estilo Elis concebeu uma obra de arte que até hoje assusta pelo vigor da interpretação, pela entrega total de uma artista que provavelmente extravasou ali todas as suas mágoas de amor. Nem Lupicínio Rodrigues, o rei da dor de cotovelo com todos seus intérpretes fenomenais conseguiria tal proeza. Elis se separaria de César, mais por motivos de ego e auto afirmação do que por outra coisa. César era muito tranquilo mas a sua excelência musical ofuscava um pouco os holofotes de Elis. Engatou um namoro com Samuel Mc Dowel ficando com ele até sua tumultuada partida num dia infeliz em que exagerou no consumo daquela que seria a sua perdição: *the cocaine*. Performática, talentosa, com uma força interpretativa teve uma carreira tumultuada, galopante que atropelou e tomou de assalto a luz da ribalta da MPB numa época de tantos talentos: Maria Bethânia, Gal Costa, Nara Leão, Maria Odete, Nana Caymmi e tantos outros talentos. Ainda mais: em época de predomínio da bossa nova, da Tropicália e da música de protesto gestada no Teatro Opinião.

A *Hélice Regina* ou *Eliscóptero*, que explodiu com Jair Rodrigues num festival da Record, quando adotou o estilo de braços em hélice, um cabelo em formato de bolo de noiva, possuía uma energia de contagiar até um cego, surdo e tetraplégico ao mesmo tempo. Dizem que Frank Sinatra já tinha usado o recurso. Elis que não gostava da bossa nova por ser música para ser cantada em sussurros, estilo banquinho e violão marcada pelo fio de voz de João Gilberto. Eu particularmente nunca fui fã do dito cujo por não gostar nem do estilo sussurrado nem das suas idiossincrasias: reclamar do som, do vento da janela aberta e o supra sumo das suas exigências.

Ao se apresentar no Carnegie Hall em Nova York em 21.11.1962 com todo o excelente time brasileiro exigiu que o vinco da sua calça estivesse passado, repassado e *trepassado* a ferro senão não entraria no palco. O Carnegie Hall inaugurado em 1.891 é um conjunto de três salas de concerto localizado na Sétima Avenida em Nova York. O maior auditório tem 2.804 lugares e foi nessa enorme sala que se apresentaram os músicos brasileiros. Quem notaria que o vinco da calça do excêntrico JG não estava perfeito? Ocorre que no hotel onde estavam hospedados (Waldorf Astoria se não me engano) a camareira já tinha ido embora. Ninguém menos que a embaixatriz do Brasil, Regina

Arco e Flexa teve que pedir o ferro de passar do hotel e fazer o vinco da sua calça.

Outro episódio famoso dele foi relacionado ao *luthier* que afinava seu violão. Somente esse rapaz era aceito pelo exigente e extravagante músico e quando ele ia devolver o violão nunca via a cara do João. Subia o elevador, tocava a campainha mas o músico nunca vinha abrir a porta. Colocava o violão no chão, ao lado da porta, esperava por alguns minutos, desistia e ia embora, sem nunca ter visto a cara do cliente. Um dia cismou de querer vê-lo a qualquer preço. Manteve a rotina: deixou o violão na porta e se escondeu num vão do corredor achando que iria surpreender JG. Esperou por vários minutos escondido e nada dele aparecer. Desistiu, saiu do esconderijo, chamou o elevador e quando ia começar a descer viu pela janelinha, uma mão que abriu a porta do apartamento, retirou o violão e fechou a porta rapidamente. Viu apenas a mão do maluco. Não me perguntem como era feito o pagamento do serviço, pois é conhecida a fama do músico de não gostar de pagar contas.

Muito antes disso, JG tinha vindo da Bahia, morado na casa de uma irmã onde ficava por 6/7 horas dentro do banheiro tirando acordes do violão porquê o ambiente pequeno do banheiro, todo azulejado, constitúia a caixa de ressonância ideal para reverberar o som do instrumento. Ninguém podia usar o banheiro da casa. Ou então passava a mão no telefone e ficava outras tantas horas em conversas intermináveis. Como conta Ruy Castro no seu livro *Chega de Saudade* chegou a ficar onze horas ao telefone, interrompendo a ligação para ir ao banheiro e pedindo que o interlocutor aguardasse na linha. Escorraçado da casa pela irmã foi morar com outros músicos num bairro do Rio de Janeiro, entre eles Ronaldo Bôscoli. Dormia até altas horas sem se importar em perturbar a rotina da casa. Até que um dia os companheiros se encheram, e o escorraçaram para a rua. Acontece que ele, como sempre, dormia profundamente. Cataram JG e cama e arrastaram para a calçada, perto do meio fio. O que aconteceu? Ele continuou dormindo na rua, como se nada tivesse acontecido.

Voltando à Elis Regina, cujo nome recebeu Regina por exigência do cartório porque havia uma lei que nomes que poderiam servir tanto a meninos quanto a meninas deveriam ser compostos para não deixar dúvidas quanto ao sexo da criança. Pois bem: Elis, com Regina a tiracolo, explodiu e ganhou o mundo chegando ao Teatro Olympia em Paris com direito ao seu nome no cartaz ao lado de ninguém menos que Yves Montand, Sylvie Vartan, Adamo e Gilbert Bécaud entre outros. Só não teve mais destaque por ter dito que odiava os franceses. Ela era assim mesmo: não tinha papas na língua. Elis foi muito criticada pela esquerda pensante da época por ter se apresentado nas Olimpíadas do Exército Brasileiro cantando o Hino Nacional, regendo vestida com uniforme militar. A esquerda pensante de plantão, aninhada principalmente no Pasquim caiu de pau e Henfil, o grande cartunista irmão do Betinho, a quem a ditadura queria eliminar não perdoou. Fez o seu enterro duas vezes nas tirinhas do *Caboco Mamadô*, personagem mítico criado por Henfil que sugava o cérebro das mentes mais brilhantes da época, inclusive de Carlos Drummond de Andrade. Acontece que depois se soube que Elis foi obrigada pelo governo da ditadura a se apresentar no tal evento. Ou ia ou seria conduzida *debaixo de vara* para o evento cívico *auto elogiativo* das Forças Armadas. Tudo isto porquê ao se apresentar na Holanda, declarou que o Brasil era governado por gorilas. Como sempre, corajosa, totalmente o contrário do que os militantes da esquerda pensavam dela, e olha que a esquerda daquela época era muito mais autêntica do que essa *esquerda caviar* que conhecemos anos atrás. O troco veio na exigência de se apresentar endossando a ditadura militar. O que ninguém sabia na época, a exemplo do que aconteceu com Milton Nascimento em outro episódio, era que ou se apresentava, avalizando o regime ditatorial ou iria presa. A esquerda caiu de pau e depois teve que se desculpar por não saber em que condições Elis foi obrigada a se apresentar. A ironia da história é que quando estourou o sucesso O Bêbado e a Equilibrista do grande Aldir Blanc, falecido semana passada (04/05/2020), um dos personagens principais da música era justamente o Henfil.

Milton Nascimento, o mineirinho simples e humilde que explodiu com Travessia, Milagre dos Peixes e Estrelada, da qual tanto gosto que vou descrever um pedaço da letra: “És menina do astro sol, és rainha do mundo mar, Teu luzeiro me faz cantar. Terra, terra és tão estrelada. O teu manto azul comanda. Respirar toda a criação e depois que a chuva molha Arco-íris vem coroar. A floresta é teu vestido e as nuvens teu colar, és tão linda ó minha terra consagrada em teu girar. Navegante das solidões no espaço a nos levar. Nave mãe é o nosso lar. Terra, terra és tão delicada. Os teus homens não tem juízo, esqueceram tão grande amor. Ofereces os teus tesouros mas ninguém dá o teu valor. Terra, terra eu sou teu filho como as plantas e os animais. Só ao teu chão eu me entrego, com amor firma a tua paz”. Milton teve um caso amoroso com uma mulher chamada Caritas, de classe média abastada em São Paulo. Milton, sozinho, jogado na selva da cidade grande, em busca dos rumos para sua carreira, viveu por uns tempos com essa mulher. Ela tinha um filho chamado Pablo, que Milton amava como se fosse seu filho. Mas, começou a receber telefonemas ameaçando sequestrar e desaparecer o garoto Pablo, claro que por conta dos censores que viam ameaças ao regime em qualquer letra de música, mesmo nas mais inocentes. Não visavam a censura da música em si mas atingir o autor que desagradava o regime. Milton colocou o menino em lugar escondido mas continuou recebendo telefonemas ameaçadores, mostrando que seus algozes sabiam de todos os seus passos e reafirmando que

se continuasse a visitar Pablo, cumpririam a sua ameaça.

Os militares enxergavam fantasmas em todo o cenário artístico nacional. Sinceramente nunca identifiquei nas letras brilhantes de MN qualquer menção mesmo que subliminar de crítica ao regime. Vejam essa letra que não resisti a colocar inteira e ouçam a interpretação no CD Angelus. Quem escreveu tão bela elegia à mãe Terra nunca poderia ser acusado de subversivo. Talvez o perseguissem pelo meio em que vivia, o engajamento com Chico e Caetano, que corajosamente arrostavam e desafiavam o poder militar. Eram os negros tempos da ditadura que matava e fazia desaparecer as *personas non gratas* ao regime. Milton guardou esse segredo por mais de vinte anos e numa apresentação no Tom Brasil, depois de esfriados os anos de chumbo, revelou a história como se tivesse ocorrido com um amigo seu, tudo na terceira pessoa. Caritas e Pablo estavam na plateia e ficaram muito surpresos com a revelação. Acredito que Milton não aguentava mais guardar somente para si o segredo que atormentou sua vida por longos anos. Assim era no tempo da ditadura que escorraçou Caetano, Gil e Chico para a Europa, após prendê-los nas masmorras do Exército e exigir o seu auto exílio e por consequência a imediata saída da cena artística brasileira. Rita Lee foi presa por portar maconha, mas isso era apenas uma desculpa para intimidá-la por conta da sua irreverência e petulância nas suas letras e apresentações.

Aliás, o episódio da prisão de Rita Lee serve para mostrar que Elis Regina, apesar de ser chamada de pimentinha e ter suas famosas explosões de humor, era um poço de solidariedade e justiça. Ela, como já dissemos, não gostava da bossa nova e, também, não gostava do rock e era contra a guitarra elétrica. Portanto não era amiga da Rita Lee, não tinha nenhum tipo de relacionamento com ela. Porém, quando ocorreu a prisão ela foi a única pessoa que foi até a cadeia, enfrentou os policiais e exigiu ver a prisioneira e prestar sua solidariedade. A partir daí tornaram-se amigas. Rita diz que era chamada por Elis de Maria Rita e, mostrando quanto ela gostava da amiga, colocou esse nome na sua única filha mulher. Maria Rita, filha de Elis com Cesar Camargo Mariano, é, também, uma grande cantora. Essa história pode ser vista, contada em detalhes pela própria Rita, no vídeo da entrevista dada à jornalista Astrid Fontenelle.

4.2.2 Maria Bethânia

Maria Bethânia foi outro caso de explosão espontânea e inesperada. Menininha tímida de Santo Amaro da Purificação, começando a acompanhar Caetano nos bailinhos e showzinhos na cidade natal, de repente se vê convidada a participar nada mais nada menos do que no espetáculo *Roda Viva* no teatro Opinião em São Paulo. Este musical, com coreografia do genial americano Lenie Dale, vinha arrasando quarteirões em São Paulo, tanto pela qualidade de seus músicos e músicas como pela sua valentia e coragem em enfrentar desafiadoramente uma ditadura militar *censorial* que se imiscuía no conteúdo das letras e nas atitudes dos artistas, mostrando o seu flanco mais vulnerável ao procurar provocações onde na maior parte das vezes havia apenas arte e criatividade, como já enfatizamos. Nara Leão, a titular do show Opinião teve algum contratempo com a voz e a solução foi buscar Bethânia na longínqua Bahia. Dona Canô e o marido, temerosos pela pouca idade e falta de experiência da filha na cidade grande, um horror de perdição na ótica conservadora da tradicional família Santo-amarense, tipicamente interiorana, escalaram o irmão Caetano para acompanhá-la e cuidar da sua virgindade na capital mais moderna, pecaminosa e luxuriosa do país.

Deu no que deu: Bethânia explodiu cantando o Carcará de João do Valle *que pega, matá e come* os borregos da caatinga. Os borregos eram os bezerrinhos que nasciam e serviam de antepasto aos carcarás que não tinham outra saída: devorar os recém nascidos ou morrer de fome. Pois só havia restos de vegetação esturricada e queimada pelo sol inclemente no agreste nordestino. Um libelo forte, doído e dolorido contra as agruras da seca, um retrato da terra incandescente e arrasada de um nordeste castigado pelas secas e sugado pelos políticos inescrupulosos. Secas estas que consumiram tantas verbas governamentais para combatê-las e que acabaram por se perder nos meandros burocráticos da corrupção. Quem se lembra da Sudene que recebia incentivos das nossas deduções do Imposto de Renda para aplicar no Nordeste. Quem se lembra de José Inocêncio, presidente da Câmara, aquele safado que usou verbas governamentais para mandar construir poços artesianos em suas propriedades? Será que esses carcarás não seriam os homens do governo se refestelando com as verbas desviadas de finalidade e engordando suas despesas e suas contas bancárias?????? Quando tentaram censurar tais obras, na verdade vestiram a carapuça. Mas, isso é outra história.

Maria Bethânia explodiu, Caetano faturou o festival com sua Alegria, Alegria e na esteira vieram Gilberto Gil, Gal Costa, a Gracinha de Salvador e tantos outros. Criaram o movimento Tropicália e fizeram história. As alegres tarde de domingo juntando Roberto Carlos, Erasmo, Wanderléa, Demétrius e até Sérgio Reis cantando baladinhas nunca foram tão alegres.

Na época do show Opinião vieram as músicas de protesto ou de denúncias contra as misérias da seca do Nordeste.

Um compositor corajosamente gravado por Nara Leão, além de Zé Keti, foi João do Valle e seus grandes sucessos foram Pisa na Fulô, o Canto da Ema e Carcará interpretada com grande vigor por Maria Bethânia no show Opinião. Rolando Boldrin, um apresentador a quem muito respeito pelo registro e resgate que faz de verdadeiros músicos esquecidos e ignorados pela grande mídia como Saulo Laranjeira, Elomar, Juraíldes da Cruz, Xangai, Luiz Vieira, Antonio Nóbrega e tanta gente boa que existe e a gente sendo obrigado a ouvir *breganejo* e *sertanejo* seja nos bares, peixarias e outros tantos locais. Só porcaria. Boldrin conta, com grande competência, um *cuso* do João do Valle: Veio do nordeste um coronel rico que contratou João do Valle para fazer um show na sua terra natal no interior de uma cidadezinha do Ceará. Foi um rebuliço: o maranhense João do Valle, alçado à categoria de compositor predileto da esquerda corajosa da MPB, viria para aquele fim de mundo onde nunca acontecia nada, muito menos shows musicais. Montaram um palco na praça da Matriz, foi juntando gente vinda de longe, atraída pela fama de João. Este chegou no vilarejo, foi recebido com pompas e foguetório e finalmente subiu ao palco. Deu o tom aos músicos e começou a cantar: *Pisa na fulô, pisa na fulô, pisa na fulô mais num machuca o meu amô* e assim por diante.

O povo vibrando e aplaudindo. Repetiu a música novamente e novamente e novamente. Pisa na fulô, pisa na fulô e continuava a mesma cantilena e o povo gostando. O Coronelão se encheu daquela repetição e mandou o recado: *Chega de pisa na fulô, manda tocá ôtra coisa, num gastei um dinherão pá fica escutando essa ladainha de repitição*. João do Valle começou então uma canção triste falando da vida dura do sertanejo, explorado pelos grandes proprietários dando terras para meação em condições nada generosas, fazendo-os comprar em seus armazéns que vendiam até cereais carunchados e ficar devendo eternamente aos grandes latifundiários. Numa dependência eterna travestida de escravidão. Além do ânimo da plateia arrefecer o coronel não gostou do conteúdo das letras. Sentiu que a carapuça lhe vestia perfeitamente e deu a ordem: *Manda pará, toca pisa na fulô mêmô i pode repití quantas veiz quisé*. Saboreie a história contada pelo Rolando Boldrin no seu programa, finalizando com O Canto da Ema, outro sucesso de João, cantada por Kelly Rosa. As canções de protesto lhe fizeram sentir o tapa de luva de arame farpado que João desferia na cara dos grandes coronéis, latifundiários e eternos exploradores da pobreza. Durante anos João do Valle manteve na Rua do Catete, no bairro do mesmo nome no Rio de Janeiro, o Forró Forrado, onde se podia dançar e ouvir, toda semana, a autêntica música do Nordeste.

4.2.3 Rolandro Boldrin

O programa de Rolando Boldrin, como mencionamos faz um resgate espetacular de cantores, músicos, *performers*, poetas do agreste e tantos outros que este Brasil tão rico em todos os sentidos, faz questão de esquecer e só valorizar os modismos idiotas e sem sentido que proliferam nas rádios, emissoras de TV etc. etc. Que sentido tem uma letra de um *rap* e mesmo dos *funks* grosseiros e escatológicos? Mas não é disso que queremos falar e sim dos grandes artistas, deletados pela mídia comercial e de ocasião, que só dá chance a novidades insossas às quais nem daremos o prazer de citar. Nulidades que infestam os meios de comunicação, contribuindo isto sim, para nivelar por baixo o nível da cultura nacional. Sucessos temporários criados à fórceps pela gravadora Som Livre, que com a muleta da Globo faz acontecer pela repetição dos comerciais. Rolando Boldrin, ele próprio cantor, compositor, exímio declamador e até violeiro bissexto resgata algumas preciosidades esquecidas dos mais remotos rincões interioranos do nosso país a exemplo de Elomar, Vital Farias, Xangai, Juraíldes da Cruz, Canarinho o pequeno comediantes negro de enorme talento e hoje esquecido e tantos outros.

4.2.4 Elomar

Cantor, poeta, considerado por Vinícius de Moraes um menestrel do sertão que uniu a tradição trovadoresca da música medieval e a poesia do agreste. Compositor de músicas lindas como Campo Branco gravada por Elba Ramalho e Diana Pequeno, que canta as agruras de um sertão escasso de chuva e a mudança do campo branco, todo florido, que seca e muda de cor à espera da abençoada chuva, usando um vocabulário autenticamente sertanejo. Compôs também óperas rurais que contam de maneira singela porém não menos poética desde uma festa de casamento rural até uma simples visita a uma feira da cidade grande como na música O Pidido gravada por Elomar e também por Carmina Juarez, de excelente formação musical, filha do maestro campineiro Benito Juarez e de uma cantora lírica. Elomar Figueira Mello, recusa-se a ingressar no chamado circuito comercial e vive em uma pequena propriedade perto de Vitória da Conquista no interior da Bahia, *pás banda* da cabeceira do Rio Gavião e de lá só sai para raríssimas incursões musicais nas grandes capitais. Reclama quando tem que deixar a sua criação de bodes mas, quando desfia seu repertório, com sua figura de sertanejo, barba por fazer, chapéu de couro de vaqueiro, calçando botinas e calça surrada de gabardine, mostra uma sensibilidade que jamais poderíamos imaginar ao depararmos com sua figura no palco.

4.2.5 Saulo Laranjeira e Outros tesouros descobertos

Mais conhecido como humorista da Praça da Alegria, herdada por Carlos Alberto da Nóbrega do pai Manoel de Nóbrega, o homem que inventou o Baú da Felicidade e depois vendeu sua parte ao espertíssimo Sílvio Santos. Saulo, além de excelente humorista, criador de personagens riquíssimos e que se transforma em tipos e caretas memoráveis é um cantor de grande sensibilidade e também autor de músicas lindas. Sua interpretação de Tocando em Frente de Almir Sater é marcante e profunda, pungente na interpretação e de uma pureza incrível assim como o foram de extrema pureza Pena Branca e Xavantinho, Tonico e Tinoco, sem falar nos excepcionais e até hoje insuperáveis Alvarenga e Ranchinho. Pelo autêntico Som Brasil, também já desfilaram Cascatinha e Inhana, dupla caipira pura de raiz com uma afinação de Inhana que me impressiona cada vez que volto a ouvir. Cascatinha que ganhou esse apelido por ser da cor de uma cerveja escura carioca famosa na época no Rio de Janeiro, se apresentava em circos mambembes pelo interior e na cidade de Araras-SP, viu do palco a mulata brejeira e bonita que o comia com os olhos na primeira fila de cadeiras do circo. Terminado o espetáculo, engatou o namoro e já a *roubou* e levou para acompanhá-lo nos espetáculos circenses formando uma dupla que encantou o Brasil. Entre outros sucessos: Colcha de Retalhos, Cafetal em flor e Índia.

Outros resgates de Boldrin no Sr. Brasil:

- Vander Lee, um mineiro simples autor de canções lindíssimas como Esperando Aviões e Céu de Santo Amaro, gravada também por Caetano Veloso.
- Xangai, cantor e menestrel, parceiro de Elomar.

4.2.6 Fernando Faro

Também fez um grande trabalho de resgate. Carinhosamente chamado de Baixo, no seu programa Ensaio na TV Cultura, tinha um estilo de apresentação totalmente peculiar focando apenas o entrevistado e suas respostas, omitindo as perguntas do entrevistador. Faro adotou esse estilo quando era repórter policial e conseguiu entrevistar o famoso assaltante de residências de São Paulo, Meneghetti, termo que virou sinônimo de gatuno. O meliante foi preso em uma delegacia no bairro de Pinheiros, na capital e FF num grande furo jornalístico conseguiu entrevistá-lo pela janela da cela, passando-lhe um microfone e fazendo as perguntas do lado de fora. Com um único microfone foram gravadas apenas as respostas do bandido. Ou seja: pelas respostas dadas você adivinha o que foi perguntado. Adotou esse estilo com grande competência no programa Ensaio, que foi apelidado popularmente de feijoada, pois a câmera fixava a boca do artista, o nariz, as mãos e o gestual com raras filmagens em plano aberto. Fez disso sua marca registrada. Ficaram gravados testemunhos memoráveis.

Tenho praticamente toda a coleção de CDs e livros do programa, lançados pelo SESC. São oito caixas com cerca de 13 CDs em cada uma. Cheguei a gravar alguns programas no tempo das enormes fitas VHS mas a qualidade não ficava boa e acabei descartando-as mas sempre fui fã dos programas do Baixo. Como se vê sou um apaixonado pelos trabalhos de resgate dessa nossa riquíssima cultura.

4.2.7 Zé Keti

Composer que fez grandes sucesso na época do show Opinião, também trazido à ribalta por Nara Leão. A sua Máscara Negra foi praticamente incorporada ao Carnaval brasileiro. Sempre tocava e era uma delícia porquê entre as barulhentas marchinhas de letras bobinhas, uma Máscara Negra permitia uma dança de rosto colado (e corpo também). Era a chave mágica para se aproximar, ou melhor se encostar, naquela gatinha que você arrastou para o salão e estava tentando conquistar e tirar uma casquinha de carnaval. Coisa deliciosa. Dançar tipo *fazendo compras no supermercado* era uma coisa muito boa. A *mina* era o carrinho de compras e a gente ia empurrando pelo salão grudado na cinturinha e vamos ser frances: na bundinha também. *Tempo bão, num vórtex mais*, como cantava o Lilico, batendo um bumbo. Outra figura folclórica de passagem efêmera pelo cenário televisivo e radialístico. Outra música *cochadeira* boa para o Carnaval era da Gal Costa: *Não se esqueça de mim, Não se perca de mim, Não desapareça, A chuva tá caindo, E quando a chuva começo, Eu acabo de perder a cabeça, Não saia do meu lado, Segure no meu pierrô molhado.....* Essa era praticamente um convite para aquele agarramento no salão quando as letras e a brincadeira ainda eram bobinhas apesar da gostosa malícia quase infantil. Nada parecido com os bailes funk de sexo explícito de hoje. *Tempo bão, num vórtex mais*. Viva o Lilico. De novo.

4.2.8 Paulinho da Viola

O *Príncipe do Samba*, é realmente uma majestade, do alto da sua simplicidade, elegância e modéstia brilha no universo da MPB com letras lindíssimas, sambas antológicos como Foi um rio que passou na minha vida(gravação incrível no sítio do Zeca Pagodinho, com um montão de bambas da MPB), Coisas do mundo minha nega, Coração leviano, Timoneiro que eu adoro e já incluí nos meus textos e a magistral Sinal Fechado, um retrato perfeito do cotidiano da vida louca das grandes cidades, do desamor, da dor da separação, da frustração profissional e do consolo no apoio de um amigo, numa conversa fugaz enquanto o sinal de trânsito não abre. Além de tudo resgata verdadeiros tesouros como Nova Ilusão, de Claudionor Cruz e Pedro Caetano que em seus versos lindos fala:

“É dos seus olhos a luz, que ilumina e conduz a minha Nova Ilusão
 É nos teus olhos que eu vejo o amor, o desejo do meu coração
 És um poema na terra, uma estrela no céu, um tesouro no mar
 És tanta felicidade que nem a metade consigo exaltar
 Se um beija flor descobrisse a ternura e a meiguice que seus lábios tem
 Jamais roçaria as asas brejeiras em jardins de ninguém
 Oh dona dos sonhos, ilusão concebida
 Surpresa que a vida me fez das mulheres
 Há no meu coração uma flor em botão que abrirás se quiseres”

Paulo César de Farias, nascido na vertente do samba, filho de Paulo de Farias, exímio violonista e que participou do conjunto Época de Ouro, tem que fazer parte da Enciclopédia do Samba, se ela existir ou for criada. Calmo e tranquilo, leva uma vida simples e nunca ostentou ares ou maneirismos de artista. Compra carros抗igos e os mantém em sua garagem declarando com toda a calma do mundo, que um dia irá recuperá-los mas que não há pressa. Que tem todo tempo do mundo.

4.2.9 Tim Maia

Falar em Tim Maia é contar histórias, pois este tem muitas. Era chegado numa maconha e *otras cositas más* tanto que falava: Não bebo, não fumo e não cheiro mas às vezes minto um pouquinho. Tempos de ditadura no Brasil e ele inventou, sem explicar o porquê, o termo *garrastazu* para designar um lugarzinho escondido e sossegado para puxar o seu fuminho. *Dar um tapa na cara da onça*, como dizia Luiz Melodia. Num fechamento de contrato enquanto os executivos discutiam detalhes numa sala de reuniões ele pediu licença para ir ao banheiro e chamou o Renato Piau dizendo que tinha descoberto um *garrastazu legal para dar um tapa*. Entrou por um corredor estreito que ia dar num *bequinho* escondido no próprio prédio e deu suas puxadas gostosas. O que ele não sabia era que estava exatamente no ponto de entrada e saída dos aparelhos de ar condicionado e os aparelhos mandaram para dentro da sala toda a fumaça da maconha do *garrastazu*. Renato Piau é um exímio violonista que acompanhava Luiz Melodia e quando chegou ao Rio, vindo do Maranhão foi se abrigar no *cafofo* de Tim Maia. Um apartamento coração de mãe que já abrigava uns dez artistas, ou seja quartos e camas ocupados. Tim, no seu estilo despojado decretou: O Renato, vai pro dromedário então. Era um sofá velho num canto da sala com uma mola saltada como a corcunda de um camelo.

Tim estava tão acostumado a ser pego pelo guarda de trânsito sem documentação do carro, com carta vencida que tinha até feito amizade com o policial. Um dia, sem um puto no bolso, parou no guarda e pediu dinheiro emprestado. E foi atendido. Tim, aliás Sebastião, ainda garoto já mostrava sua esperteza. Entregava marmitas que a mãe preparava e no caminho, roubava uma almôndega de cada marmita para comer, e como era apenas uma ninguém dava pela falta. Quando foi para a América, sem lenço e sem documento entrava nos supermercados com um casaco enorme e escondia frangos assados inteiros nos enormes bolsos. Participou de um assalto à uma residência com amigos e assumiu a bronca: puxou cana e foi mandado de volta para o Brasil. Sempre foi totalmente desorganizado e nunca ligou nem para a higiene pessoal. Nos últimos dias de sua turbulenta vida a sala do seu apartamento tinha dezenas de sacolas de supermercado com restos de comida, garrafas e latinhas jogadas pelo chão. Uma festa para ratos e baratas. Mas, na seara musical esbanjava talento. Estou vendo um show dele agora e faz percussão num tamborim com grande competência. Voz gutural de negro, cujo sangue corria em suas veias, *timing* perfeito, balanço e um ouvido agudíssimo capaz de parar a sua banda Vitória Régia no meio de uma performance para corrigir uma nota errada. À exemplo do que fez Ray Charles no show que vi em São Paulo. Dizia sofrer de *cornitude existencial*

e levou chifres mesmo, o que o levou a compor lindas canções como Me dê motivo e Vale Tudo. Criou a expressão *O Síndico* para designar um cara mandão e foi até homenageado por Jorge Bem na música W/Brasil.

4.2.10 Bossa Nova

O cupim do boi é chamado de bossa e ele se movimenta conforme o andar bovino e isso dá um *balanço cadenciado*, então a tradução literal seria um balanço novo. Na verdade a palavra bossa acabou tomando o sentido de moda ou modismo mas a sua origem vem do cupim do boi mesmo. Voltando ao *O Beco das Garrafas*: Ali a geração de Tom Jobim costumava se encontrar para tomar a saideira, bater papo e brincar descompromissadamente tirando sons e muitas vezes criando *batidas novas*, ou fundindo ritmos. Era na verdade o ponto para a suas *jams*. Durval Ferreira, um bossa-novista da *gênese do gênero*, com perdão do cacofato, compôs Batida Diferente evidenciando justamente essa *coisa nova*, que pontificada por João Gilberto, veio a desaguar na tão cultuada e propalada *Bossa Nova*.

Passando para o Beco das Garrafas que na verdade foi batizado como Beco das Garrafadas, e por praticidade ou preguiça virou o Beco das Garrafas. Isto devido à algazarra dos boêmios, altas horas da noite e o pessoal dos prédios vizinhos que queria dormir, atirava garrafas no meio da rua que dividia os prédios e que nos fundos abrigava o Beco. Leny Andrade debutou ali com 15, 16 anos. Entrou escondida por ser *de menor* e foi colocada em cima do piano, pois era muito baixinha. Cantou divinamente e alguém lhe perguntou se tinha a inspiração em Sarah Vaughan. Ouvindo a pronúncia em inglês Sara Voan, perguntou quem voava. Não tinha a menor ideia de quem era a grande diva da soul music. Desta geração participaram Durval Ferreira, grande músico, arranjador e produtor de discos, já citado, João Donato e Johny Alf, entre muitos outros. Aliás Johny Alf perdeu o bonde da bossa nova. Esteve no famoso show do Carnegie Hall e acabou ficando por Nova York, tocando em barzinhos para poder se manter por ali mas, nessa época a nossa música era *esnobada* pelos americanos, que achavam que só tínhamos samba, que andávamos pelados e que só comíamos bananas. Quando voltou ao Brasil, a bossa nova já tinha explodido e a música brasileira começava a ganhar respeito internacional. Tanto que houve o famoso encontro de Tom Jobim com Frank Sinatra.

Aliás esse acontecimento foi muito curioso. Tom bebia com os amigos no bar Veloso, tradicional point de Ipanema de onde assistia o desfile de Helô Pinheiro, musa inspiradora da canção mais tocada do mundo: Garota de Ipanema, de Tom e Vinícius de Moraes. O sucesso foi tanto que o bar mudou de nome para bar Garota de Ipanema e a rua, que se chamava Montenegro, passou a se chamar Rua Vinícius de Moraes! Os cariocas mais antigos, para demonstrar que são cariocas *da gema* ainda chamam a rua de Montenegro e o bar de Veloso. Chatos há em toda parte! Voltando ao Tom, ele estava lá com seu choppinho, tocou o velho telefone preto do bar e o garçom se dirige à mesa dos confrades chamando pelo Tom: Ligação de Nova Iorque para você Tom, o Frank Sinatra está na linha. Tom, desconfiado de algum trote, alguma *aprontação* dos amigos levantou-se dando risada e preparado para a brincadeira. Mas não era zoeira não. Era o próprio Sinatra convidando para gravar nos States. O que se viu depois todo mundo sabe. Tom aparecendo na famosa revista Bill Board com Garota de Ipanema, Águas de Março e outras tantas que explodiram como as canções mais executadas do mundo. Cultuado pelo próprio Sinatra e por Dina Shore que quando o recebeu em sua casa se atirou ao chão, dizendo que queria beijar os pés do maior compositor de música popular do mundo. Os convidados da festa: Henry Fonda, Milton Berle e outros da constelação hollywoodiana. Frank Sinatra em apresentação no Carnegie Hall, sabendo da presença de Tom na plateia interrompeu a canção no meio, pediu para jogar a luz no ilustre espectador, pois queria agradecer a presença do *maior compositor de MPB* que já tinha conhecido.

Outro bar famoso da região foi o Antonio's, no Leblon, que, infelizmente, encerrou suas atividades em 1997. Pontuavam por ali, além do Tom, Vinícius de Moraes, Otto Lara Rezende, Nelsinho Motta, quase imberbe ainda, Ruy Guerra, Chico Buarque, Ferreira Gullar, Hugo Carvana e o encrenqueiro Roniquito, cujas histórias desfiaremos depois, ou seja a nata da nata da intelectualidade carioca em todos os segmentos: música, teatro, cinema, dramaturgia e por aí vai.

Jobim trabalhava na noite como pianista e suava para levar o dinheirinho para casa. Pulava literalmente, de galho em galho fazendo malabarismos pianísticos para manter a família. Quando explodiu a bossa nova e houve a gravação do long play a Noite do Meu Bem com a fabulosa Elizeth Cardoso os ventos começaram a mudar de direção. Vinícius fez uma letra em forma de carta, Carta ao Tom 74, para uma música do Tom contando a história da gravação do LP. A canção fala: *Rua Nascimento e Silva, 107, você ensinando pra Elizeth as canções do amor demais...*, que era onde Jobim morava. Elizeth, aos dezesseis anos, foi descoberta quando convidada por Jacob do Bandolim para um programa de calouros da Rádio Nacional. Trabalhou como *táxi girl* no famoso Dancing Avenida, na Av. Rio Branco, no Rio de Janeiro, e há até insinuações de que *fazia a vida*. Conhecida como *A Divina*, apelido dado por Haroldo Costa, também era chamada de *Machado de Assis da Seresta, Lady do Samba, A Magnífica*, por Mister Eco,

e *Enluarada* por Hermínio Belo de Carvalho. Aliás tem uma música gravada por ela que curto há mais de 50 anos mas que nunca se ouve nas rádios e por achá-la tão linda vou transcrever todinha:

TUDO É MAGNÍFICO – Elizeth Cardoso e Moacyr Silva

“Magnífica é aquela tragada puxada depois do café;

Magnífica é a escola de bola de um homem chamado Pelé;

Magnífico é o papo da tarde na roda de amigos no bar;

Magnífico é o barco voltando depois dos castigos do mar;

Magnífica é a lágrima calma que tantos segredos contém;

Magnífico é o homem do espaço que voa num céu de ninguém

Formidável sou eu que abraço no espaço a saudade de alguém;

Formidável sou eu esperando, sabendo que você não vem”

Talvez por essa música, Elizeth ganhou o apelido de Magnífica.

4.2.11 Leny Andrade

Neste momento puxei no youtube um show da fabulosa Leny Andrade com o fantástico Miéle como mestre de cerimônias. Num show da ABL com produção de Ricardo Cravo Albin, com repertório de Jobim. Miéle declama o Urubu de Jobim, fazendo piada que nunca tinha visto uma homenagem tão linda a um bicho tão feio. O cara tinha presença de espírito, de palco, elegância de sobra e fez um dueto maravilhoso com a baixinha na música Ela é Carioca, cantada aqui por Caetano Veloso em homenagem à Leny. Vale a pena baixar. Hoje se usa muito o termo MC: MC Guimê e outros que tais mas eu acho muita presunção. MC mesmo era Miéle, o resto é apenas modismo da mídia mercantilista.

Miéle, além de produtor, fez dupla como compositor com Ronaldo Bôscoli, era excelente apresentador e até cantor bissexto. Era também um grande contador de histórias e por meio dele soube da existência de Roniquito, um boêmio e bebedor inveterado, presença constante nos bares da moda. Era de tradicional família carioca com sobrenome pomposo: Ronald Russel Wallace de Chevalier mas na verdade era um *aprontão*, enrenqueiro, criador de casos e briguento, não necessariamente nessa ordem. Miéle, com toda sua picardia conta que Roniquito, estava num desses bares, talvez o Vilarinho, ou o Lamas, Zepellin ou Jangadeiro, os bares da moda na época jobiniana e já tinha tomado todas e mais algumas quando entra uma senhora super bem vestida, *elegantíssima*, com seu lorgnon, echarpe, saltos altos e carregada de jóias. Roniquito, irreverente e já com a voz pastosa exclama:

-Mas quanta elegância minha senhora. De onde vem com tamanha classe à esta hora da noite?

-Meu senhor, eu venho do Teatro Municipal.

Roniquito, um crítico ferrenho da sociedade de consumo:

-Do Municipal, aquele antro decadente da aristocracia podre, hipócrita?

-Meu senhor eu fui ver Bejart. O senhor não gosta de Bejár?

-Não minha senhora, eu prefiro *fudê*.

-Que insolente, que falta de respeito: eu estou falando de Maurice Bejart, o grande coreógrafo francês, supra sumo do balé moderno.

E Roniquito, do alto da sua cultura erudita, mesmo que alcoolizado:

-E eu estou falando de Pierre Foudet. Outro grande coreógrafo.

Obviamente que só a vasta cultura do boêmio tinha conhecimento desse tal coreógrafo..

Esse era o Roniquito que para se vingar de amigos, que não o convidaram para uma grande festa na beira da piscina, lotou um caminhão de Sonrisal e mandou jogar na dita piscina para estragar a brincadeira. Fez fervor a festa, literalmente. Roniquito terminou seus dias em decadência tendo sido até atropelado numa avenida movimentada do Rio. Era irmão da atriz Scarlet Moon que escreveu um livro sobre a vida dele. Leitura muito interessante pois traz um relato das alegres e movimentadas noites da boemia carioca.

Mais uma curiosidade: Roniquito foi quem cunhou a expressão *Aspone*, assessor de porra nenhuma. Descobri agora no PG (Professor Google).

Miéle conta outra história, esta de Jorge Veiga. Eram os tempos de programas de auditório e Jorge Veiga, grande sambista, estava ao microfone da Rádio Nacional na Praça Mauá, ao lado do cais do porto prestes a iniciar uma

gravação e com dificuldade para pegar o tom da música. No exato momento em que estava acertando, um navio de partida do estaleiro Mauá, acionou aquele apito prolongado com sonoridade máxima: Piúúúúúúúúúúú. E o Jorge Veiga no mesmo tom do apito, e no compasso da música (ainda vou lembrar dela) emenda: Eu quero que o naviuuuuuuuuu vai pá puta que pariuuuuuuuuuuuuu. Conta também a história do ditado: *Não quero saber se a mula é manca, eu quero é rosetá*. Eu sempre pensei que era um ditado chulo e que rosetá seria a famosa encostada no cupim da égua *barranquera* mas não tem nada a ver. Existe uma versão para o fato que não consegui confirmar: Houve uma distribuição de prêmios em Paris e os agraciados ganhavam uma roseta de ouro, após um nhoque servido no jantar. A organização não contava com um público tão grande e acabou o nhoque e também as rosetas de ouro. Quando alguém anunciou: La moule manque, a comida acabou segundo essa versão, Jorge Veiga teria dito: que me importa que a mula manque, o que eu quero é rosetá, ou seja levar uma roseta de ouro para casa. Bem, não achei o termo *le manc* em Francês, mas *le moule* significa *a mula*.

4.2.12 Cauby Peixoto

Confesso que não gostava do cantor e não era por pruridos homofóbicos mas por seus trejeitos exagerados e pelos seus excessos nas improvisações guturais que eu achava exibicionista mas, quando o vi num palco, ao vivo, mudei totalmente o meu conceito e também acho que as imposições mercadológicas das gravadoras o obrigavam a representar aquele estereótipo que provocava *frisson* nas moçoilas com ímpetos de rasgar e até mesmo arrancar suas roupas. E nessa apresentação, Cauby já estava com a saúde debilitada, e até com dificuldade de locomoção. A apresentação foi no bingo do Adilson Monteiro Alves, ex dirigente do Corinthians, na Avenida Ibirapuera. Normalmente as apresentações ali eram num pequeno palco na altura do mezanino, onde eu assistia os shows na mesa do próprio Adilson, quando ele não estava presente. Mas Cauby se apresentou num palco improvisado ao rés do chão porque simplesmente não conseguia galgar os degraus do palco elevado. Mesmo nesse palco improvisado, para vencer um simples degrau teve que ser amparado e alcado pelos seguranças ao nível de mais ou menos trinta centímetros. Mas, quando empunhou o microfone e desfiou seu repertório foi um assombro. O microfone era mantido na altura do baixo ventre pois acreditava que se o levasse ao nível da boca daria microfonia, tal a potência do vozeirão. Ou seja, cantava com o microfone a mais de 40 centímetros da boca e mesmo assim a voz que brotava era muito potente. Confesso que nunca vi nada igual. Sua interpretação de Bastidores de autoria de Chico Buarque é incomparável, além da versatilidade para cantar New York New York à altura de Frank Sinatra, e outros gêneros com interpretação personalíssima. Era de uma família de músicos e pude ver seus irmãos tocando: Moacyr Peixoto, competente pianista da noite e Araken Peixoto, um pistonista maravilhoso que ouvi e conversei no Maksoud Plaza, como já contei ou contarei mais adiante pois confesso que fiz tamanha barafunda no script que estou totalmente perdido.

4.2.13 Mestres Marçal, pai e filho, e Bide

Garimpando os fantásticos programas de Fernando Faro na TV Cultura, o ENSAIO, me deparei com Mestre Marçal (Nilton Delfino Marçal), de quem já tinha ouvido falar superficialmente pois sabia que é do time da Velha Guarda da Portela, Nelson Sargento, Wilson das Neves, Clementina de Jesus e tantos outros contemporâneos, felizmente trazidos à luz por pessoas como Hermínio Bello de Carvalho e a fabulosa Marisa Monte que fez um filme documentário onde vai “escarafunchar” a casa do Cartola, se não me engano, e descobre preciosidades como um velho caderno cheio de composições inéditas, que nunca vieram à luz.

Muito bem, mestre Marçal que foi figura de proa em várias escolas de samba cariocas é filho de Marçal, que foi parceiro de Bide com quem compôs muita coisa boa. Mestre Marçal, o filho, conta que Bide foi o inventor do surdo, que é parte intrínseca dos blocos, dos bons grupos de samba e das boas formações de grupos musicais. Para mim o surdo faz o mesmo papel do baixo nos trios musicais: marca e preenche o fundo musical com a mesma imprescindível função do baixo, seja elétrico ou de pau. Bide queria um instrumento de percussão poderoso e com seus raros recursos e fértil imaginação pegou uma lata de manteiga de 20 kg, umedeceu e torceu sacos vazios de cimento, secou-os no fogo e construiu um instrumento que hoje não pode faltar nos conjuntos de samba, à exemplo do tamborim e da timba. Aliás, Mestre Marçal acha que o tamborim também foi uma invenção do criativo Bide. Fernando Faro também fez um programa Ensaio com Bide e Marçal que pretendo rever, agora com outros olhos, dada a importância que Bide passou a ter para mim depois de descobrir seus inventos. A lata de manteiga de 20 kg foi uma novidade para mim, não sabia que era comercializada nessa quantidade enorme para um produto como manteiga. Mas me lembro vagamente que nos tempos de infância ouvia pessoas falarem que iriam comprar uma ou duas libras de manteiga e acho que essas pequenas quantidades, fracionadas, eram vendidas embrulhadas em papel, talvez daí a denominação do papel manteiga. Vou pesquisar. Bide, ou melhor Alcebíades Maia Barcelos (1.902-1.975) e Armando Vieira Marçal (1.902-1947) fundaram por volta de 1.930 junto com Ismael Silva o bloco carnavalesco Deixa Falar, já com formato de escola, pela qualidade dos compositores e daí, provavelmente, deriva o conceito de Escola

de Samba, termo até então inexistente. A dupla foi muito prolífica nas composições e abasteceu Carmen Miranda e Francisco Alves. A primeira composição da dupla Agora é Cinzas (aqui na voz de Mário Reis com regional) foi eleita em 1.970 como o samba mais bonito de todos os tempos. “Você partiu, saudades me deixou. Eu chorei, saudades me deixou, eu chorei O nosso amor foi uma chama que o sopro do passado desfaz, Agora é cinzas, tudo acabado e nada mais.”

4.2.14 Mestre Ambrósio

Conheci o grupo ocasionalmente em uma série chamada *RUMOS Que o Itaú Cultural apresentou na virada do século*. Comandados por Siba, empunhando um violino, é acompanhado por músicos altamente performáticos. O zabumbeiro com uma cabeleira de uns 2 kg saracoteia e faz malabarismos com sua pesada zabumba que gira no ar, quase raspa no chão numa coreografia mista de capoeira mesclando os passos do “cavalo marinho”, “caboclinho” além do chote e do maracatu. Aliás o propósito do grupo é resgatar esses ritmos peculiares do nordeste, que além de alegres e graciosos convidam à dança. Impossível ficar parado naquela apresentação do Mestre Ambrósio. Pulei da cadeira e saracotiei com gosto, muito embalado pela presença de uma estonteante morena brejeira que também dançava na plateia com muita graça e leveza. No final descobri que era a mulher do Siba, o *band leader*. Pena que o grupo teve breve duração, como explica Siba a Fernando Faro, no Ensaio, por incompatibilidades de liderança e também financeiras devido aos custos para manter um grupo razoavelmente numeroso. O ritmo é contagiente, a alegria performática dos músicos no palco e a sua intensa movimentação, chegando até a se jogar e a se deitar no palco transbordam para a plateia, que como eu, não consegue permanecer apenas sentada. Música síntese do grupo, Fuá na Casa de Cabral é uma deliciosa e engracada versão da descoberta do nosso país pelo português famoso. O humor picante vem numa frase de Cabral que diz mais ou menos o seguinte: se soubesse o que iria descobrir no Brasil, mandava cobrir de novo. Picardia, malícia, ritmo empolgante, performance estonteante. Tudo junto cria um clima de festa alegre, debochada e altamente contagiente.

4.2.15 Cartola

Este programa levado ao ar em 1.974 ainda não era chamado de ENSAIO e sim de MPB ESPECIAL e nos traz Cartola, na companhia da Dona Zica, sua segunda mulher. Faro não pergunta mas a origem do apelido Cartola, sei por outras fontes que teve a seguinte história: Angenor de Oliveira, o Cartola, nascido em 1.908 e falecido em 1.980 era calceteiro, ou seja trabalhava de assentar pedras no solo e devido ao sol escaldante usava um chapéu coco diferente dos usuais chapéus de palha com abas largas para proteger a cabeça e o rosto. Em função do adereço diferente usado na cabeça ganhou dos colegas de trabalho o apelido de Cartola, que carregou para o resto da vida. Foi fundador, deu nome e escolheu as cores para a Estação Primeira de Mangueira. Sambista nato, compositor sensível que fez O Mundo é um Moinho, cantando aqui ao lado do pai, para a filha que deixava a casa para enfrentar o mundo:

Ainda é cedo amor.
 Mal começaste a conhecer a vida,
 já anuncias a hora da partida,
 sem saber mesmo o rumo que irás tomar.
 Preste atenção querida.
 Embora eu saiba que estás resolvida.
 Em cada esquina cai um pouco a tua vida.
 Em pouco tempo não serás mais o que és.
 Ouça-me bem amor,
 preste atenção, o mundo é um moinho,
 vai triturar teus sonhos tão mesquinhos,
 vai reduzir as ilusões à pó.
 Preste atenção querida.
 Em cada amor tu herdarás só o cinismo.
 Quando notares estás à beira do abismo.
 Abismo que cavaste com teu pé.

De uma sutileza incrível para um simples calceteiro, não acha? Pois a inspiração para a música não procura doutos ou cultos. Ela brota espontaneamente num homem simples como Cartola e num diamante bruto como Tim Maia, este com um ouvido musical aguçadíssimo. Voltando ao programa Cartola conta inclusive que, em 1.940, chegou a tocar para Leopoldo Stokovsky com a orquestra juvenil americana em um concerto a bordo do navio Uruguai, junto

com Pixinguinha e outros bambas. Formou um terno de cabrochas e foi se apresentar ao grande maestro. Boêmio e farrista inveterado, foi expulso das escolas onde tentou estudar, inclusive o Rodrigues Alves e ainda expulso de casa depois de perder a mãe. Passou a perambular pela Mangueira quando chegou o cantor Mário Reis querendo comprar um samba seu. Nunca tinha ouvido falar em vender uma música e relutou bastante. Resolveu pedir 50 contos de réis pela letra mas o intermediador sugeriu que pedisse quinhentos contos. Retrucou que era loucura, que ninguém pagaria mais de 50 contos por um samba. Com a insistência do amigo, pediu os 500 e acabou levando 300. Vendeu sambas depois inclusive para Francisco Alves e por isso nunca recebeu direitos autorais de tais composições. Dentre as suas magníficas composições vale ressaltar aqui a beleza e a sutileza de As rosas não falam:

Bate outra vez,
com esperanças o meu coração
pois já vai terminando o verão, enfim.
Volto ao jardim,
com a certeza que devo chorar,
pois bem sei que não queres voltar, para mim.
Queixo-me às rosas.
Que bobagem. As rosas não falam.
Simplesmente as rosas exalam
o perfume que roubam de ti.
Devias vir
para ver os meus olhos tristonhos
e quem sabe sonhavas meus sonhos, enfim".

Fica difícil até de descrever tanta beleza, tanta inspiração sem cair nos adjetivos repetitivos. Basta dizer apenas que é uma “obra prima”, como um quadro de Michelangelo, de Renoir ou a beleza arrebatadora de um Caravaggio. Uma inspiração divina, sem grandes explicações ou razões de ser. Apenas belos. Como um leigo, como descrever a beleza de tais obras primas? Basta apenas contemplar, admirar e aplaudir.

4.2.16 Juca Chaves

Jurandyr Czaczkes Chaves, ou Juca Chaves, nascido em 22.10.1938 é filho do judeu Josef Czaczkes e de Clarita Wainstein, filha de um judeu lituano.

Com formação em música erudita começou a compor ainda na infância. Iniciou a carreira profissional no fim da década de 50 tocando modinhas e trovas num estilo suave. Montou um circo de nome esdríxulo perto da lagoa Rodrigo de Freitas onde apresentava o seu show “Menestrel Maldito”. Deu ao circo o nome de SDRUWS que contava ser um acróstico. S de “snob”, D de “divino Denner”, R de “ralé”, U de “uanderful”, W de “watercloset” e S “de Sdruws mesmo”. Como havia uma favela ao lado e Juca havia convidado políticos, empresários e a alta sociedade carioca foi negociar com a líder da favela, perguntando: “Como vai ficar o negócio do roubo?” Ela respondeu prontamente: “Pode ficar sossegado seu Juca, que nós já pedimos proteção policial”. Com sua picardia característica contava essa história “se lixando” para as ditas “otoridades”. Crítico ferrenho do regime militar, da grande imprensa e do mercado fonográfico, não necessariamente nessa ordem foi exilado em Portugal, na década de 70, os anos de chumbo. Mas com suas sátiras demolitoras ao regime igualmente ditatorial, teve que deixar Portugal e se bandear para a Itália.

Em 1.980 lançou sua gravadora SDRUWS Records. Seu bordão preferido era “Vá ao meu show e ajude o Juquinha a comprar seu caviar”. Até aqui usei a pesquisa do Google mas daqui pra frente é por minha conta. Apresentava-se descalço e com calças de pescador, pelo meio das canelas e entrava no palco sempre com um banjo nas costas. Numa de suas apresentações trouxe duas meninas negras lindas, com 9 ou 10 anos, que contou que as havia adotado. Seus sucessos foram “Caixinha obrigado”, “Menina”, “Que saudade”, “Por quem sonha Ana Maria?” “Presidente Bossa Nova” e apesar de não constar no Wikipédia, a sátira sobre o porta aviões comprado pelo Brasil. Cético, irônico e irreverente são adjetivos que não traduzem fielmente a sua identidade crítica e sarcástica. Contudo tem composições maravilhosas como “A Cúmplice”, que dediquei à minha mulher quando a conheci e com a qual conquistei seu coração. Vamos à ela:

Eu quero uma mulher que seja diferente de todas que eu já tive,
todas tão iguais
Que seja minha amiga, amante e confidente,
a cúmplice de tudo que eu fizer a mais;
No corpo tenha o sol, no coração a lua,

a pele cor de sonho as formas de maçãs;
 A fina transparência, uma elegância nua
 Um mágico fascínio, o cheiro das manhãs.
 Eu quero uma mulher de coloridos modos
 Que morda os lábios sempre que for me abraçar
 Que o seu falar provoque o silenciar de todos
 Que o seu silêncio obrigue a me fazer sonhar
 Que saiba receber, que saiba ser bem-vinda
 e possa dar jeitinho em tudo que fizer.
 E que ao sorrir provoque uma covinha linda
 De dia uma menina, de noite uma mulher"

E ainda termina a música com um enigmático: *He, he.*

4.2.17 Gilberto Gil

Concerto de Cordas & Máquinas de Ritmo. Gravado Em 28.5.2012 No Theatro Municipal Do Rio De Janeiro, com a chancela do Selo *Biscoito Fino*, dirigido pelo cineasta Andrucha Waddington e produzido por Flora Gil.

A célebre frase de Oswald de Andrade: "Biscoito fino para as massas" inspirou o nome deste selo que é sinônimo de qualidade suprema. Qualquer show com este selo, seja Maria Bethânia, João Bosco, o próprio Gil e outros será garantia de excelência nos quesitos de som, qualidade notável dos músicos, iluminação, apresentação do palco e nos mais mínimos detalhes que você possa imaginar. Note o tapete vermelho sobre o qual Gil toma assento. Vamos ao show:

Gilberto Gil é o baiano genial, que foi funcionário da multinacional Gessy Lever. Criador junto com Caetano, Gal e outros do movimento Tropicália, que veio na sequência do movimento Jovem Guarda, comandado por Roberto Carlos com a "mãozinha" de Carlos Imperial e que imperou com alegria nas *Alegres Tardes de Domingo*. Gil, um compositor de altíssima competência alia uma característica sui gêneris às suas composições: escolhe palavras musicalmente sonoras ou seja palavras que por si só ecoam musicalidade. Observe isso na música Drão, aqui acompanhado pelo companheiro de sempre Caetano Veloso, por exemplo. A música que fez para a mulher que ele chamava de Sandrão na intimidade:

Drão
 O amor da gente é como um grão
 Uma semente de ilusão
 Tem que morrer pra germinar
 Plantar nalgum lugar
 Ressuscitar no chão
 Nossa semeadura
 Quem poderá fazer
 Aquele amor morrer!
 Nossa caminhadura
 Dura caminhada
 Pela estrada escura
 Drão
 Não pense na separação
 Não despedace o coração
 O verdadeiro amor é vã
 Estende-se, infinito
 Imenso monolito
 Nossa arquitetura
 Quem poderá fazer
 Aquele amor morrer!
 Nossa caminha dura
 Cama de tatame
 Pela vida afora
 Drão
 Os meninos são todos sãos
 Os pecados são todos meus

Deus sabe a minha confissão
 Não há o que perdoar
 Por isso mesmo é que há
 De haver mais compaixão
 Quem poderá fazer
 Aquele amor morrer
 Se o amor é como um grão!
 Morre nasce, trigo
 Vive morre, pão
 Drão

Repare que as rimas musicais propiciam a sonoridade mediante um jogo de palavras propositalmente escolhidas tanto para a finalidade da rima como a dita sonoridade. A letra de Procissão nos faz enxergar do alto uma cobra se arrastando pelo chão, como tão bem descreve a cerimônia religiosa. Já em Domingo no parque, o ritmo do berimbau e da percussão evoca o clímax da briga, da facada mortal, além da analogia perfeita da rosa e o sorvete de morango, vermelhos como o sangue que brota do ciúme doentio de um apaixonado desesperançado. A gravação original com Gil e Os Mutantes é inigualável! Na música Estrela, aqui no vídeo do show que estamos comentando, cria a imagem perfeita de uma estrela nascendo no céu cada vez que a amada sorri e a imagem da estrela cadente quando a amada chorar. Joga habilmente com as palavras em rimas e imagens perfeitas aliando ainda a sonoridade natural das palavras, como o faz em Realce e Andar com fé, novamente na companhia do *irmão* Caetano.

Além de músico competentíssimo a sonoridade do seu violão, á exemplo de João Bosco pode comandar um show solo sem nenhum acompanhamento pois o violão de ambos é altamente percussivo e faz baixo, harmonia e percussão em uníssono e ao mesmo tempo. Na apresentação GG mostra um “didatismo” especial ao descrever as “gerações musicais” que vão secundá-lo na apresentação. Faz uma admirável peroração sobre essas gerações musicais ali presentes: a velha geração dos naipes de metais, cordas e sopros, a moderna geração da guitarra e a mais nova geração, que usa os recursos tecnológicos modernos como a discotecagem e os pick-ups. As chamadas máquinas de fabricar sons de todas as gerações.

Neste show Gil se faz acompanhar de músicos de altíssima competência:

Jaques Morelembaum – maestro competente que executa magnificamente um “cello” de onde extraí notas maviosas e um som que classifico de celestial. Já vi performances suas tocando até o Hino Nacional, de uma forma como jamais imaginava ouvir o nosso excelsa Hino, de letra forte, ufanista e pungente de Joaquim Osório Duque Estrada e melodia sublime de Francisco Manuel da Silva em 1.831. A execução de “Jaqinho” como era carinhosamente chamado por ninguém menos do que Antonio Carlos Jobim além de inovadora é sublime. Ao lado de Paula Morelembaum, Elizabeth Jobim e Ana Lontra Jobim, esposa do músico, Danilo Caimy, Paulo Jobim e Tião Neto fazia parte da Banda Nova, que acompanhou Jobim durante os últimos dez anos de suas apresentações. Os solos de Jaquinho nas músicas deste show são uma atração à parte.

Nicolas KrassikK – violinista comanda o naipe de cordas da Sinfônica com acordes precisos e marcantes. Esse francês que veio morar no Brasil e começou a perambular pelo bairro boêmio da Lapa carioca, se apaixonou pelo Brasil de uma forma tão intensa que nunca mais quis ir embora para o seu país. Ficou morando aqui, graças a Deus, e emprestou seu violino para executar verdadeiras obras de arte gravando nossos chorinhos e pérolas da nossa MPB. Seu CD com músicas brasileiras é digno de registro e visita.

Orquestra Petrobras Sinfônica - Comandada pelo jovem e elegante regente da Orquestra Sinfônica da Bahia, CARLOS PRAZERES, que conduz com, muita segurança, o seu corpo técnico apresentando um riquíssimo fundo musical, o que chamo de a “turma da cozinha”, regendo os naipes de metais, de cordas, de sopros e de percussão com extrema competência. Além dos talentos da orquestra ainda rege um berimbau que dá a “baianidade” característica às músicas de Gil. E ainda tem o competente violão de 6 cordas de BEM GIL, filho do artista. Vou destacar algumas letras porquê acho que a beleza delas merece um registro e uma atenção especial dos prováveis leitores dos meus textos.

4.3 Casas noturnas de Sorocaba

Anos depois, eu já tendo voltado a morar em Salto fui ao show de Tony Gordon no Kaptain’s Bar, uma casa noturna fantástica inaugurada pelo empresário Lee, chinês radicado há muito tempo e muito conhecido em Sorocaba. Esta casa ficava ao lado do Expresso Sorocabano, que bombava na época. As duas casas, do próprio Lee, eram separadas por uma divisória de madeira, altura de um metro mais ou menos. Eu já estava no Kaptain com a Carol, uma negra

bonita, fã ardorosa de tudo que eu gostava: amava B. B. King e adorava dançar.



Carol, uma exímia dançarina!

A casa começava a lotar e saímos para o fumódromo do bar, uma sacada a céu aberto, com meia dúzia de mesas, fazendo frente para a Barão de Tatuí e a praça onde reinava o bar Berlin. Ao olharmos para a direita vimos do outro lado da divisória o Tony, com um copo de vinho na mão, na companhia do Lee que mostrava a casa ao artista. Nos aproximamos e ele virou-se para mim e gritou com grande entusiasmo: Cara, o que você tá fazendo aqui, veio pra me ver? Já estou indo aí te dar um abraço. Desta vez sim, acreditei que ele se lembrara de mim. Outra vez um *showzaço*. A partir daí eu era convidado de honra do Kaptain e recebia telefonemas me convidando e ainda com direito a levar quantos amigos quisesse, sem pagar o *couver*, cerca de R\$ 80 por cabeça na época. Cheguei a levar 8, 10 pessoas convidadas para os shows da casa, pagando apenas o consumo.

Numa delas convidei o Ronaldo Chagas, figurinha carimbada do Club de Campo Sorocaba. Levei-o ao camarim e o Tony nos recebeu com grande efusividade mas tive que conter o Ronaldo com suas longas perorações sobre assuntos musicais. Eu não queria chatear o artista, no seu momento de concentração pré show. Trocamos abraços, sempre a Carol junto, e fomos para nossos lugares ver o show mas, eu não fiquei sentado um minuto. A Carol dançava muito bem e não tinha vergonha de me acompanhar dançando em qualquer lugar: no meio das mesas, num espaço da entrada, onde houvesse um espacinho para rodar o corpo. Chegamos a dançar na Fundec da Rua Brigadeiro Tobias, na frente do palco quando o maestro Ostergrein da Sinfônica da Fundec incitou o público a dançar. No Kaptain's já éramos conhecidos de garçons, funcionários e dos habitués da casa: a ex mulher do Lee, o ex dono da CVC Sorocaba, que se tornou sócio do Lee. Infelizmente as coisas boas do interior tem curta duração e a casa, por falta de público, transformou-se na hoje Casa do Barão com direito a sertanejo e tudo o mais. Essa maldita invasão que tomou conta de quase todas as casas: se não tiver sertanejo não faz sucesso. Um dos poucos que resiste em Sorocaba é o Bar do Antenor, pelas bandas do shopping Olga. Felizmente. O Lee, que dizem ser chinês, foi criado em Sorocaba. A família enricou no ramo das pastelarias do centro. A deles, se não me engano era perto da Igreja Matriz, na Coronel Benedito Pires. Só fui conhecer o Lee na época do Expresso há cinco ou seis anos mas sei das suas histórias como empresário da noite. Foi dono do Frango que Ri e do Calamares. O Expresso bombou e dominou a cena por muito tempo em Sorocaba. Quando o Lee quis reformar a casa e mudar um pouco de público, que aliás vinha se deteriorando bastante, o fechamento por cerca de 6 meses matou a casa.

4.4 Outros points em Sorocaba

4.4.1 O Bar do Sogro

Lugar conhecidíssimo da noite sorocabana não exatamente por seus predicados e virtudes mas por simbolizar o chamado *fim de noite*. Apelidei de UTI – a última tentativa do indivíduo. Quando saímos *pastorear* a noite (referência à Jorge Amado: Os pastores da noite) formando o trio os *Três Mosqueteiros*, eu, Robinho e Zé Pereira, os 3 *apartados* egressos do Clube de Campo Sorocaba e soltos na noite começávamos procurando diversão nos bares melhores da região do Vergueiro e Jardim Faculdade e fazendo a ronda noturna. Não encontrando nada interessante acabávamos *desabando* para o Bar do Sogro. Lugar de frequência mista: mistureba de tipos incluindo *pistoleiras* atirando a esmo na noite para agarrar incautos para pagar a sua cerveja ou algo mais. Eram duas alegrias: na hora de entrar e na hora de sair. Mas, boêmio é boêmio e para não perder a noite encara qualquer empreitada.

4.4.2 Bares Passarinho, Andorinha, Pizzaria Ricieri

Esse trio, do centrão de Sorocaba, tem que merecer o seu devido registro. O primeiro marcou época, bem abaixo dos Correios, na Rua São Bento. Tinha dois pavimentos e na década de 60 era o point mais frequentado da cidade. Não consigo me lembrar o que se comia ou bebia, só me lembro que fervia de gente. O Andorinha era um bar com 5 ou 6 mesas de sinuca, frequentado por malandros e jogadores em busca de um *pato para depenar*. Mas mudou a cara e a frequência quando o Nilson, de quem já falamos, assumiu o bar e incluiu novidades no cardápio. Ficava abaixo do cine São José *sala nova*, onde é hoje o banco Bamerindus. Na esquina oposta ao São José, hoje prédio do Bradesco, ficava a Pizzaria e Bar do Ricieri que também dominou o reino das redondas ombreando-se com o Pizza na Pedra, na rua Barão do Rio Branco, quase ao lado da antiga CRTB (Companhia Rede Telefônica Brasileira) depois Telesp e hoje Telefônica. Falando em Cine São José não se pode deixar de citar o bar do Pastel, na Nogueira Martins, bem ao lado da saída do cinema e era impossível resistir ao cheiro dos deliciosos pastéis fritos na hora.

4.4.3 Peixaria Faculdade

Era uma peixaria mesmo e começou suas atividades na esquina da Nogueira Martins com a Santa Cruz onde você escolhia o peixe vivo num tanque de cimento, que era retirado e limpo na hora. Migrou depois para a avenida da Rodoviária perto da Faculdade de Medicina e talvez devido à frequência desse pessoal virou moda e point de badalação. Servia um pintado assado em cubos com molho bechamel digno de menção. Era tocado pelo folclórico, charmoso e grande *prosiador* Sabugo. Chegou até montar uma pista de boliche com entrada pela lateral. Reinou na noite sorocabana como um dos melhores points de paquera, comida boa e cerveja bem gelada. Acabou decaindo e caindo no ostracismo, talvez com a saída do Sabugo, que se diz à boca pequena que contraiu muitas dívidas na época, por conta de hábitos *pouco republicanos*, para não entrar em detalhes.

Muitos anos depois o Sabugo voltou a Sorocaba e abriu o fantástico *Praia do Sabugo* na rua Padre Madureira, quase em frente à Villares. À *boca pequena* se diz que um grupo de *endinheirados* sorocabano, saudoso do seu bar, bancou a sua volta e a abertura da nova casa. O diferencial das casas do Sabugo sempre foi a excelência da cozinha. Nesta última, desde uma lula frita, um frango à passarinho, um espeto de camarão pistola recheado com catupiry, uma pizza, um espaguethi com zucchini (abobrinha italiana), um abadejo à belle meunière, uma caldeirada e fosse o prato que fosse tinha gosto, tinha tempero e tinha qualidade tanto nos ingredientes como no preparo. Eu cheguei à fazer uma comparação com o Le Coq Hardy, templo da gastronomia francesa nos Jardins em São Paulo. Estive lá num dia dos Namorados com outros casais e a Eulália reclamou que não tinha gosto no prato que pediu. O meu também não tinha nada de excepcional. Mas na hora da conta descobri o que é *vender grife*. Apelidei o dito cujo de *Le Coq Hardido* pois a conta doevo no bolso, sem a qualidade proporcional. A minha comparação é no sentido que se come, ainda hoje depois da partida do Sabugo para o andar superior, muito bem com um custo benefício excepcional.

A casa hoje é tocada pela filha e o genro Douglas, ex garçom ao lado do Paraná e do Oliveira. Rapaz simpático que costumava me ligar quando trazia produtos especiais como bacalhau e linguado e eu *conclamava* a turma do Clube de Campo para degustar o prato especial que fazia para nós. Pouco antes da partida do Sabugo, tive o prazer de ter a sua companhia à mesa, após almoçarmos. Bom papo, conchedor de todos os personagens sorocabanos desde o Dero Metidieri à Gualberto Moreira e Sérgio Reze, seus colegas de Tiro de Guerra. Me contou toda a história do nascimento da Carambeí, grupo do antológico Carlos Pereira Paschoal com quem trabalhei em São Roque e na região de Cascavel - PR. Conhecia a fundo personagens e histórias. Saborosíssimas, aliás. Lamentei não ter desfrutado da sua companhia, antes dessa única vez.

4.4.4 Bonnel

Ficava na rua do GEPACI, Jardim Faculdade, chegava a fechar a rua quando o Salada Samba tocava ali. O Renê, *band leader* do grupo, um negão estilo Tony Tornado, descansava o trombone, empunhava o microfone e vinha pro meio da rua, que já estava naturalmente fechada para o trânsito tal a aglomeração de gente. Ia cantando e fazendo as pessoas cantarem. Também durou pouco. Marcou época e sobrevive até hoje o Depois Bar, criado pelo meu amigo Simonetti na rua Amazonas e que depois migrou para a Jesuíno Barbosa, atrás da rodoviária.

Ali dancei muito forró com o trio Macaíba liderado pelo Cléber Almeida, de quem me tornei amigo e que mora num dos loteamentos no bairro do Itinga, estrada de Salto de Pirapora. O Cléber é um dos músicos mais profícios de Sorocaba. Tocou com a famosa Banda Mantiqueira liderada pelo Nailor Azevedo, o Proveta, e eu sem nunca ter ouvido falar da banda soube que foi indicada ao Grammy Latino. Coisas de Brasil: o sertanejo toma conta e uma banda daquele quilate era pouquíssimo conhecida. Conheci a Mantiqueira no Supremo, um pequeno bar nos Jardins, esquina de Oscar Freire com Haddock Lobo. Na verdade um porão na parte baixa de um sobrado que dava para o nível da rua na Haddock, e cuja parte inferior dava entrada pela Oscar Freire. Fui sozinho ver o show e me colocaram numa mesinha pequena encostada ao palco. O Daniel Alcântara, que por não caber no apertado palco, pediu para se sentar comigo para afinar o instrumento tirando tons no diapasão. Batemos um longo papo nesse interregno antes do show começar.

Quando começaram a tocar fiquei maluco. Mais ou menos 13 músicos, uma verdadeira Big Band, praticamente a única do Brasil ao lado da SambaSonics. Proveta, que chegou garoto da cidade de Leme, ganhou esse apelido porquê quando fez um teste num dos bares da noite na região do Bexiga impressionou tanto os contratantes que foi apelidado de bebê de proveta pela pouca idade e pelo talento. Na banda músicos fantásticos: Daniel Alcântara, Ocimar Versolato, Almir Gil no píston, um trombonista de nome François, que o Proveta chama de Francês, que fez solos fantásticos para os sensacionais CDs de Djavan ao Vivo I e II. François e Almir Gil vieram da banda militar de São Paulo. Músicos com gênese nas verdadeiras bandas. Ainda tinha o baterista Prince, muito talentoso que depois recebeu a companhia do Cléber Almeida, um sorocabano, para nosso orgulho. Cléber toca zabumba no trio

forrozeiro Macaíba, toca viola caipira e faz percussão na Mantiqueira, além de ter participado do grupo e do filme de ninguém menos do que o bailarino, *performer*, cantor e músico Antônio Nóbrega que faz um grande trabalho de resgate e manutenção das raízes da música nordestina. Junto com a mulher e a filha, e soube agora por uma entrevista, com apoio de Ariano Suassuna.

Nóbrega e família são exímios bailarinos e o resgate vai do carimbó ao cavalo marinho, das óperas sertanejas às emboladas e mantém vivas as ricas tradições musicais dançantes do Nordeste.

Muito bem: Cléber é o nosso orgulho sorocabano ao lado de Marcos Boi, guitarrista que passeia de Robert Johnson a B. B. King e Eric Clapton com grande maestria. Robert Johnson significa o marco inicial do blues no Delta do Mississípi. A tradução de blues é azul mas na acepção dos negros a palavra define um estado de espírito de tristeza. O negro que trabalhou o dia todo na colheita do algodão, levou chicotadas dos feitores chega na senzala e depois de comer o paupéríssimo angu de farinha de milho, olha da janela para o firmamento e não enxerga um horizonte melhor para a sua existência e, muito triste, começa a entoar um canto que vem da alma, por isso o nome *soul music*, inspirado nos mantras das igrejas, já com um toque gospel, sem o saber. Esse murmurório, na verdade um lamento carregado de tristeza, jorra de sua alma como uma forma de minorar seu sofrimento. Nesse estado o negro dizia que estava *blue* e daí veio o batismo do gênero musical, que é uma das minhas grandes paixões, como já disse e repito. Como disse o guitarrista Stanley Jordan, que pude ver ao vivo em São Paulo, quando ele tira uma nota aguda e prolongada da sua guitarra, essa nota bate no seu coração.

Como músicos da região ainda temos o grande baixista Sizão Machado, natural da nossa vizinha Piedade e que passeou pela noite sorocabana, galgando os degraus de fama e respeito ao acompanhar grandes artistas da noite fulgurante de São Paulo, como Elis Regina, Djavan e Milton Nascimento e até Chet Baker e Dionne Warwick. Há, também, o compositor e guitarrista Crispin del Cistia, sorocabano, que tocou com o grupo de César Camargo Mariano e teve músicas de sua composição gravadas por eles, além de ter acompanhado Elis Regina em muitos shows, como o histórico Falso Brilhante, e gravações. Temos ainda um baterista de classe média alta de Sorocaba que faz fama no meio da música instrumental em São Paulo. Sérgio Reze, baterista que tocou com Mônica Salmaso, Dominginhos, Zélia Duncan, João Bosco e tantos outros. Não tenho certeza mas parece que é filho do Sérgio Reze dono da Abrão Reze e presidente do sindicato da classe. Mas, vamos voltar às grandes surpresas musicais.

Capítulo 5

A Vida Noturna e Gastronômica de São Paulo

Hoje, 25.3.2020, trocando mensagens com meu grupo de whatsapp *VELHOS DE GUERRA*, formado pelo Zé Antonio de Campinas, que morou em Sorocaba e conviveu com a nossa turma de Salto de Pirapora, aqui trazido pelo Tomás do Sr. Olézio, mais o Nelsinho Pazetti, o Joãozinho, relojoeiro desde garoto e depois instrumentador, que faz funcionar meus relógios antigos, o Ernesto, Edson e Darci Alarcon, o Ico Alcoléa. Trocamos figurinhas diariamente e o Nelsinho comentou do Restaurante Fuentes em São Paulo e isso me fez lembrar do roteiro gastronômico e boêmio da Capital paulista. Vamos lá.

5.1 Restaurante Fuentes

Na pequena Rua do Seminário, que começa na rua Antônia de Godoy, imediações do Largo Paissandu, do largo Santa Ifigênia e da Polícia Federal e termina no Vale do Anhangabaú. “Ruica pititica”, como diria a Maju, famosa pelas suas lojas de chapéus e que no seu finalzinho abrigava o famoso restaurante espanhol, com sua Galinhada Caipira, uma variante do nosso tão conhecido arroz com frango. Mas a sua vocação era mesmo a cozinha espanhola: puchero, paella e o Arroz de Marajá com frutos do mar e um gigantesco camarão espetado no topo da montanha de arroz: O supra sumo das paellas. Este lugar, disputadíssimo e com filas de espera na década de 80 (hoje não existe mais) me lembra duas figuras marcantes e carismáticas que por ali desfilavam. O primeiro, um dos donos, na faixa de uns oitenta anos, que vinha às mesas e recitava versinhos em espanhol, alegrando seus clientes. Outra figura era o General do Exército da Salvação: Pequenote, atarracado e vestido com uma farda e quepe vermelhos, característicos da seita religiosa, que na verdade nunca soube se existe mesmo ou não. Chegava dando um papeluzinho com um pensamento, do tipo daqueles que o papagaio do realejo tirava para a gente. Uma frase bobinha de auto ajuda e ele chegava com seu jeitinho quase infantil de falar: “Não cheguei a General por causa do meu tamanho mas quando crescer vou subir de patente”. Já estava na faixa dos quase oitenta também mas na estatura mal atingia um metro. Aí, logicamente, saía a contribuição para o tal exército, arrancada à fórceps mais pela simpatia do baixinho.

Na rua Antônia de Godoy há mais de trinta anos existia uma padaria que fazia pizzas brotinho servidas no balcão, que as pessoas disputavam avidamente. As redondinhas eram servidas na mão mesmo num pedaço de papel de embrulhar pão. Siam do forno e desapareciam rapidamente. As pessoas saiam comendo pela rua. A fila, ou melhor a desorganizada aglomeração, nunca tinha um número menor do que dez ou doze pessoas. Quentinhas e deliciosas com ingredientes de primeira. Daí o sucesso e a dúvida do velho ditado: O pãozinho vende mais porquê é quentinho ou está sempre quentinho porquê vende mais?

5.2 Bar Copacabana

Deve estar até hoje no começo da Avenida São João, esquina com o Vale do Anhangabaú. Era o bar mais antigo de São Paulo, fundado na década de 20, pioneiro e famoso por ter na sua vitrine de salgados aquela “coxona de frango, que você segurava pelo osso mesmo e servia praticamente de almoço pelo tamanho. Fazia também um filé à cubana respeitável. Sua vitrine tinha moelas de frango, fígado acebolado, escabeche de sardinha, ovos de codorna e

por aí afora. O Planeta's no final da Martins Fontes, comecinho da Rua Augusta, também era famoso pelo seu filé à cubana. Um filé com banana à milanesa e um ovo frito. Fim de noite, depois de uma passada em frente das boites Waggon Plaza e Dakar já quase na praça Roosevelt o programa era degustar o famoso filé. Eu disse uma passada pelas boates pois nessa época, na década de 60 não tínhamos grana para entrar em tais ambientes caros. Nos contentávamos em ver as putas da rua mesmo, entrando e saindo. Iámos a lugares mais baratos como o Atlântico, um inferninho no subsolo da Avenida Ipiranga, perto do Poupatempo onde as *moças* tentavam arrancar a graninha suada deste caipirinha “do Sarto”.

5.3 Don Curro

Restaurante espanhol famoso pelas suas paellas, no bairro de Pinheiros. Na minha opinião o seu famoso prato, apesar de muito mais caro e com grande fila na porta, tinha menos excelência que o Arroz de Marajá do Fuentes.

5.4 Peruchão

Junto à Escola de Samba Unidos do Peruche, no bairro do Limão, ao lado da Marginal Tietê, famoso pelo seu carneiro assado e frequentado por jornalistas do Estadão, ali perto. Uma vez vi lá almoçando o repórter Geraldo Nunes que sofreu num acidente de helicóptero perto da ponte Eusébio Matoso, há uns 3 anos atrás, mas saiu ileso. Fazia também uma espetada de camarões pistola gigantescos. Nunca tinha visto daquele tamanho. Outro prato famoso que nunca cheguei a provar era um espeto de tripas de carneiro. Apenas vi sendo preparado. A tripa ia sendo enrolada no sentido diagonal, formando um bolo, semelhante ao “rojão”, espeto de carne moída agregada numa espécie de cabo de vassoura, que é assado na churrasqueira.

5.5 Galinhada do Bahia

Rua Azurita, perto do campo do Nacional e da academia da CMTC onde vi o Alfredinho do Lauzão lutar boxe uma vez, também ao lado da Marginal Tietê, lado oposto do Terminal Rodoviário do Tietê. Lugar badalado, pois figurava nos anais da Veja São Paulo, a Vejinha, que era meu guia gastronômico e cultural. Quando fui conhecer cheguei à conclusão que nunca tinha ido num lugar tão feio. A entrada parecia de um cortiço e acho que era mesmo pois tinha um poste de energia com muitos relógios da EletroPaulo. Mesas vagabundas cobertas por toalhas xadrez igualmente vagabundas. Um parte dessas mesas, fora do barracão do bar, era coberta por lonas azuis de plásticos, já dilaceradas pelo vento e pela chuva. Servia a famosa galinha à cabidela, acompanhada de macaxeira, maxixe, feijão de corda e outros itens da gastronomia nordestina. Tinha também as buchadas de bode, que nunca tive coragem de provar. Dizem que o cheiro é muito forte.

5.6 Frangó

Na praça da Matriz Nossa Senhora do Ó, Freguesia do Ó, daí a fusão do frango com o Ó do bairro. Este tinha muito charme. O bairro da Freguesia, na altura dos anos 90, parecia uma cidadezinha do interior, com a Igreja dominando a praça por onde corriam crianças tranquilamente, sempre com uma atração musical ao vivo: bandas no estilo antigo ou grupos de choro ou MPB. Uma vez vi ali Isaías e seus Chorões, figuras carimbadas da TV Cultura. Em volta bares charmosos bem frequentados. Tudo numa atmosfera interiorana que nem parecia que você estava a poucos quilômetros do centro da Paulista desvairada. O Frangó era famoso pela sua coxinha e tinha na época a maior carta de cervejas de São Paulo. Isto antes do advento das cervejarias artesanais. Você encontrava a Bohemia, que ainda era a original de Petrópolis e não tinha sido absorvida pela Ambev, tinha a Xingu, a gaúcha SerraMalte que diziam que era cerveja de macho. Muitas outras do norte/nordeste como Cerpa (do Pará) e Cerma (do Maranhão), além de outras marcas que só ali você encontrava.

5.7 Bar do Luiz Português - Santana

Este era o Seu Luiz português, com balcão de petiscos, onde reinava o bolinho de bacalhau feito pela sua mulher, uma portuguesa bem típica nos trajes e no falar que também atendia o balcão. Aperitivos dos mais variados como escabeche de sardinha, azeitonas portuguesas e as gigantescas chilenas azapas, além de salames, copas, queijos etc.

5.8 Bar do Luiz Nozoie - Jabaquara

Este era o Seu Luiz japonês, e servia no balcão aperitivos de frutos do mar: camarões, polvos, lulas e que tais servidos em pratos abastecidos pelos próprios garçons. Se o de sobremesa custava dez, por exemplo, o prato raso era 20 e o prato fundo 30. Era famoso por mergulhar as cervejas na salmoura de uma antiga geladeira de fazer sorvetes, amarradas com um barbante no gargalo. Puxava o barbante e saía uma cerveja geladíssima. Como se sabe a salmoura não deixa a cerveja congelar, apesar da temperatura negativa.

5.9 Churros do Ipiranga

Dizem que o velhinho servia os churros em um carrinho daqueles de pipoqueiro, enrolados em folhas de jornal e ninguém se preocupava com isso. Quando conheci já tinha uma configuração mais moderna mas confesso que nunca fui apreciador de churros.

5.10 Bar dos Cornos do Jaguaré

Ficava na confluência da avenida Jaguaré com a Corifeu de Azevedo Marques, que na continuação vinha a ser a Avenida dos Autonomistas, já em Osasco. Este bar fazia uma carteirinha de corno para o cliente que tirava uma foto na frente da cabeça do boi chifrudo e ganhava um número de sócio: Corno número 10.425 por exemplo. Isto não é exagero. Os sócios cornos passavam da casa dos dez mil. Quero deixar claro que nunca me filiei, kkkkkkkk. O bar era famoso pelas codornas e rãs fritas. Tinha um Galaxy azul escuro, muito bonito com uma cabeça de boi no capô, com chifres enormes, bem no estilo Sinhazinho Malta, que era usado para buscar um cliente. Funcionava assim: o Tunico (Zé Antonio de Campinas) iria fazer aniversário e nós, seus amigos, preparávamos uma surpresa para ele com relação ao local da comemoração e mandávamos buscá-lo em sua casa. Digamos que ele morava num apartamento em Moema, no décimo andar. No horário marcado o carro do boi chifrudo encostava na portaria e disparava o berrante: móóóóóóóóóó e pedia para o porteiro chamar o Tunico. Os vizinhos saíam todos na janela e o mancebo entrava no carro dos cornos e ia para o bar receber a sua carteirinha de corno número 10.426. Uma puta brincadeira legal e muito bem sacada. Tinha que entrar na onda.

5.11 Valadares na Lapa

Na Rua Faustolo servia testículos de boi e de galo, acreditem. Servidos à milanesa ou ao alho e óleo. Nunca tive coragem de experimentar mas o bar era super legal, com um chope bem tirado e uma boa seleção de aperitivos. Por falar em testículos de galo descobri no Globo Rural, programa que adoro, que o galo capão se torna uma verdadeira galinha: choca os ovos e cria os pintinhos, liberando a galinha para voltar ao seu ofício de poedeira e chocadeira. Mostrou uma senhora mineira com cerca de 80 anos que era conhecida como “capadora de galos”, uma profissão de que nunca tinha ouvido falar. O “serviço” é feito com uma agulha e os testículos ficam logo abaixo da linha da junção da asa com a carcaça. Trabalho de extrema precisão para localizar e retirar as “bolinhas” do galináceo.

5.12 Bar Léo na Santa Ifigênia

Na Rua Aurora, 100, famosa “Boca do Lixo”, antônimo da “Boca do Luxo” na Vila Buarque, ficava o tal bar do mais famoso chopp de São Paulo mas, na minha opinião o bar mais antipático que já conheci. Por ser muito badalado, e frequentado pelos “boqueiros” do comércio de carros, homens grosseiros vestindo camisas bregas de manga comprida arregaçadas e desabotoadas na medida para exibir grossos cordões de ouro ou prata, falando alto e se sentindo os reis do pedaço. Os donos e garçons tratavam os demais clientes com suprema arrogância. Na minha primeira tentativa de conhecer o famoso chopp passei por ali por volta de 11.45 da manhã e mesmo de portas abertas, negaram-se a me atender. Só abria ao meio dia. Insistente, voltei uns 40 minutos depois e pedi um chopp e um croquete de carne, no balcão. Vendo todas as mesas vazias, sentei numa delas para melhor degustar a bebida e o acepipe. O garçom veio até mim e perguntou se eu iria almoçar. Respondi que não e ele disse que eu não poderia sentar à mesa apenas para o chopp e o salgado. Respondi no mesmo tom de arrogância e grossura: Vou me levantar e vou sair sem pagar ou vou terminar meu chopp sentadinho aqui. Você decide.

Na segunda visita fui com o Ivan, meu sobrinho dentista com consultório na Guaianazes, ali perto. Mais ao fundo do bar tinha uma turma de rapazes numa alegria juvenil e irreverente. Talvez estudantes gazeteando uma aula. Faziam a brincadeira do *Escravos de Jó jogavam caxangá* passando um copo de cerveja de mão em mão e cantando animadamente. O garçom foi até a mesa e deu um tremendo esporro dizendo que não aceitavam a alegre algazarra. Nesse momento pedi a conta para nunca mais botar os pés no local. Tempos depois se descobriu que a viúva do Léo estava atolada em dívidas e servia um chopp de inferior qualidade como se fosse Brahma.

5.13 Bar Brahma na Ipiranga

Com portas tristemente fechadas nesta semana, maio de 2.020, por conta da pandemia que grassa nosso planeta, o bar Brahma foi um marco na noite paulistana. Ali vi Demônios da Garoa, Jamelão, Cauby Peixoto além de artistas menos conhecidos como Arnaldinho, exímio violão sete cordas, hoje morando e tocando em Sorocaba. Este bar, sempre lotado e barulhento era um dos mais famosos e conhecidos de Sampa. Chegou a montar o seu bar na pista da Avenida Marquês de Sapucaí e você, do seu camarote podia praticamente tocar nas pessoas das escolas de samba. O estabelecimento com aluguel na casa dos 40 mil reais não suportou a crise e simplesmente faliu. Mais uma perda irreparável: uma tradição que talvez nunca mais será retomada. Ambiente mítico, barulhento, frequentado por boêmios, putas e indefectivelmente por turistas ávidos para conhecer o supra sumo da noite paulistana.

5.14 Bar cu do Padre

Era na rua Padre Carvalho, no largo do de Pinheiros atrás da Igreja Católica. Muito frequentado pelos estudantes da USP, eles combinavam de sair para beber e quando o pessoal perguntava a localização, respondiam: Vamos no cu do padre, atrás da Igreja do Largo de Pinheiros. Era tocado por 2 gêmeos (um deles se chamava Mário mas nunca revelou a sua história atrás do armário). Tinham um estoque incrível de batidas já preparadas: batida de ovos (já levou uma?), e outras tantas inusitadas. O bar era um pouco menos feio que o Galinhada do Bahia, e ganhava no quesito do “barracãozão” do Peruchão. As portas laterais eram fechadas por aquelas cerquinhas baixas de ripas de madeira apontadas em “V” invertido. O teto tinha garrafas antigas penduradas por barbantes. Garrafas muito antigas, cheias de “picumã”, aquele “veuzinho” preto, característico de cozinhas que tinham fogão à lenha. Deduzi que eram “salvados de incêndio”. Você pedia uma batida e um dos gêmeos, já na casa dos cinquenta, pegava uma garrafa da prateleira fazia mil malabarismos, jogando para o alto, pelo meio das pernas até tirar a tampa e servir. O aperitivo famoso era Linguiça à Joana D’Arc. Porquê eram feitas na espiriteira à álcool, ou seja numa pequena fogueira. Ou então jogava as calabresas na chapa, esmigalhava com uma espátula, juntava cebolas fatiadas e recheava um pão francês, também tostado na chapa. Um barato total. A freguesia, entremeada de bichos grilos da USP, simplesmente adorava o *Cu do Padre*.

5.15 Botequim do Hugo

Era na rua Joaquim Floriano no bairro do Itaim Bibi. Frequentado por executivos da região da Faria Lima, parecia uma venda daquelas de sítio mesmo, de beira de estrada. Tinha as tuias: caixas de madeira, daquelas que se usavam para vender cereais, recolhidos na concha (tenho duas com mais de 50 anos) e pesados na balança Filizola vermelha de prato. Aliás se diz que os italianos chamados de “carcamanos” aqui no Brasil, ganharam essa alcunha, porquê colocavam a mercadoria no prato da balança e “carcavam a mão” com a ponta da faca no braço da balança fazendo aumentar o peso cobrado. Nas prateleiras de madeira antiga, escuras pela falta de verniz, balanças de pratinho e ponteirinho, máquinas polaroides, relógios despertadores redondos com borboletas de dar corda, rádios tipo capelinha, rádios Spica, os primeiros portáteis à pilha que surgiram por aqui. Um bar de Sorocaba que segue a mesma linha, porém com um acervo muito maior que o do Hugo é o bar do Seu Antenor. Fica no lado oposto ao Shopping Olga vizinho ao Santiago, famoso pela sua feijoada.

5.16 Degas

Este restaurante existe até hoje e, em 1.969 o João Turco, apenas um vereador em Salto de Pirapora nos levou para conhecer o lugar. Nós saímos de Salto para ir para o Guarujá, mais precisamente na Ilha Porchat, e paramos para conhecer a famosa feijoada do lugar. Está até hoje na Rua Teodoro Sampaio, 568 no bairro de Pinheiros.

5.17 Pizzaria Castelões no Gasômetro

Pense num outro lugar feio: uma rua com sobrados antigos e desbotados, parecendo um cenário de terra arrasada do pós guerra. Mas foi sem dúvida a pizzaria mais famosa de São Paulo, lá pela década de 90. Tão famosa quanto a Camelo na rua Lorena, nos Jardins. Para não dizerem que só frequentei lugares feios e fuleiros vou agora para os mais chiques:

5.18 Terraço Itália

Localizado na Avenida Ipiranga, de frente para a praça da República. Sem dúvida um dos lugares mais charmosos de Sampa. O inusitado é estar na altura do quadragésimo andar do Edifício Itália. Para chegar ao topo precisa tomar dois elevadores. Um até o vigésimo segundo andar e outro para concluir a escalada. Lá em cima um terraço externo ao ar livre, circundando o restaurante e o bar, descontinuando toda a vista de São Paulo: desde a Rua Augusta todinha, desembocando na Avenida Paulista, ou seja o topo do Planalto, com a vista da Praça da República, Sé, Largo do Arouche, chegando até o sopé da Serra da Cantareira, mais ao norte, e o início da Castelo Branco, a oeste. No complexo um piano bar muito charmoso, com sofás de couro daqueles que abraçam a gente quando se senta e uma pista redonda, de vidro verde, iluminada por baixo. Se fosse espelhada dava para ver a calcinha da namorada. Na sequência um restaurante dançante com música de alta qualidade, comida e preços idem. Estive lá também com o pessoal do Clube de Campo Sorocaba: os casais Robeni/Morais e a Ângela, o mesmo pessoal com quem viajei para a Europa. Uma noite memorável. Agora me lembrei que estive lá com o Zé Antonio, quando saímos com uma amiga dele, herdeira de uma fortuna porém, no momento mais quebrada do que aquele famoso arroz, pois não conseguia reaver sua parte que pertencia à massa falida de uma empresa quebrada pelo pai. O Toninho vai lembrar e contar melhor a história. Só lembro que a moça morava num apartamento na Rua Afonso Brás, no bairro classe alta da Vila Nova Conceição, um dos mais caros de São Paulo. E o Toninho querendo ajudar: dando conselhos jurídicos e eu como assistente do causídico. Garanto que naquele dia papou a velhota, depois de tanto conselho e de aguentar a lamentação da rica falida. Aliás tempos depois ele me colocou em outra fria, numa viagem de navio que fizemos. Paquerou uma *véia* e sobrou pra mim o bagaço da laranja. A *véia* dele era bem feia mas a minha era pior e por cima chata. E eu no restaurante chique do navio que tinha que reservar e marcar hora, tendo que “segurar a peteca” para “fazer escada” para o amigo. A minha sorte que numa mesa enorme com uma turma idem, uma garota nova fazia acenos na minha direção. Eu olhei para trás, achando que não era comigo mas era. A moça era comissária de bordo da TAM e viajava com amigos da empresa: meninas bonitas e rapazes simpáticos e eu tinha dançado com elas na beira da piscina. Larguei o Toninho com os dois bagulhos e me mandei para a alegre e jovem mesa. Nesse dia essa menina fez questão de me pagar uma champagne de U\$ 50, sim cinquenta doletas. Mas não era nada do que vocês estão pensando e já querendo me chamar de mentiroso. Eu tinha feito uma “baita” farra na beira da piscina e dançado com todas elas. Gostaram da minha alegria e animação. Mal imaginavam de que fria estavam me tirando. E acho que o Tunico ficou chupando o dedo pois a “sua *véia*”, com certeza não recolheu o mancebo na cabine, por conta da companheira chata, a famosa “empata foda”.

5.19 Plano's Bar

Na rua Oscar Freire, templo da música bem no estilo do Stardust da Franz Schubert, com formação clássica dos trios: piano, baixo e bateria, música de primeiríssima qualidade. Vi ali Jane e Herondy mas com outro repertório e não as baboseiras que fizeram sucesso na TV. Conheci essa casa com o meu grande amigo Emílio Magina, que mandava prender e mandava soltar no local. O Emílio merece um capítulo especial. Chegamos ao Plano's e ele já ordenou ao *maitre* servir uma rodada de whisky para os músicos. O Emílio era assim, um português hoje na faixa de noventa anos e que ainda toma seu whiskynho diluído em água. Mas bebeu muito, conheceu o melhor da noite paulistana e pode-se dizer que nela reinou. Queridíssimo onde chegava, namorou muitas mulheres, um boêmio de classe. Educadíssimo, quando uma mulher se levantava da mesa ele também se levantava e quando ela voltava à mesa para se sentar ele se levantava novamente. Ganhou muita grana no nordeste trabalhando para a Cotton Machine, que dominava o mercado de linhas de costura na década de 40, mais ou menos. Eu o conheci morando em São Paulo, nos idos de 1.990, onde imperava na Caixa Econômica Federal, agilizando financiamentos para custear grandes empreendimentos imobiliários. Numa das vezes que o vi atuando na CEF, quando entrou no salão com mais de quarenta funcionários as mulheres se excitavam à sua chegada: Dr. Emílio, Dr. Emílio e ele ia tirando presentinhos do bolso do paletó de um terno muito elegante: oi querida, foi seu aniversário semana passada né? E assim granjeava a simpatia nos tempos em que o departamento imobiliário da autarquia era dominado pelo Giongo e pela Heloísa, donos da chave de ouro dos financiamentos imobiliários. Seus amigos do peito. O Emílio alugava uma

casa na praia de Itamaracá no Recife, em caráter permanente mesmo que permanecesse fechada a maior parte do ano. Levava para lá tanto os amigos como pessoal dos bancos e sabia receber muito bem. Preparava as provisões para levar de São Paulo ou do Recife e não faltavam maltes envelhecidos das melhores marcas e procedências e a sua inseparável companheira: a pimenta Tabasco, além de bacalhau *Ghadus Morua*, queijos e embutidos e outros tipos de bebidas. Verdadeiros banquetes patrocinados por ele aos amigos do peito. Nesse mercado era um dos agentes *free lance* mais conhecido e respeitado. Sabia conduzir as negociações com classe e finesse.

5.20 Confraria queijos e vinhos

Era uma confraria de vinhos mesmo na Avenida Dr. Arnaldo, mas tinha também um corpo de músicos e cantores de alto quilate: Zé Tobias, que com noventa anos se apresentou no Sr. Brasil, seu irmão Zé Mario, seresteiros de alto quilate, Adilson Godoy, irmão do Hamilton Godoy, este fundador e líder do Zimbo Trio e da CLAM(Centro Livre de Aprendizado Musical), em Moema, que lapidou muitos músicos bons, e de Amilson Godoy, músico também. Juliana Godoy, filha do Adilson, excelente cantora. Era a casa da seresta. Ali se ouvia muito Lupicínio Rodrigues e outros mestres da dor de cotovelo. Numa das vezes que fui encontrei Yamandu Costa, o gênio do violão de sete cordas. Nesse dia numa apresentação do trio da casa, o baterista na sua vez de solar, deixou a bateria e com as baquetas nas mãos foi fazendo percussão no mármore do balcão, nas banquetas redondas de madeira, nas mesas dos clientes, transferindo a bateria para o mobiliário do bar todo.

5.21 Pirajá

Bar de inspiração carioca na praça dos Omágua no começo da Avenida Pedroso de Moraes, em Pinheiros. Trouxe para São Paulo o famoso bolinho de abóbora com carne seca. Trazia artistas cariocas a exemplo de Walter Alfaiate, lendário sambista da noite, parceiro do grande Nei Lopes que até compôs um samba inspirado no amigo: “Mandei fazer um terno cor de tomate, no amigo Walter Alfaiate, com botões cor de abacate”. O Walter era alfaiate mesmo mas gostava de compor e cantava muito bem. Dei uma esticada na livraria Fnac na mesma praça para ver um pocket show e depois atravessei a rua, fui para o Pirajá, e terminado o show engatei um papo gostoso com o Walter. Simplesmente esqueci da hora e quando fui pegar meu carro estacionado no subsolo da livraria, o estacionamento já tinha fechado. Tive que ir embora de táxi e retornar pegar o veículo no dia seguinte, e ainda tive que pagar o pernoite.

5.22 150 Night Club no Maksoud Plaza

Dominou a cena na década de 70 mais ou menos. Lugar classudo que apresentava cantores americanos como Bobby Short, Billy Echstine e o brasileiríssimo show man Mièle, além de bons músicos nacionais. O hotel mais chique da capital na época foi onde passei minha noite de lua de mel em 16.10.82 antes de fazer uma viagem para o nordeste com a Eulália. Ainda levei um balde de prata para acomodar a champagne comemorativa para tomar a dois. Este hotel era a joia da coroa de Henry Maksoud, dono da construtora Hidroservice, que construiu o aeroporto do Galeão, e dono também da Revista Visão, além de prédios incorporados nos melhores endereços da capital. Henry ao contrário da elegância do local, era um tipo baixinho, atarracado e com gosto duvidoso por gravatas espalhafatosas. Foi apelidado de Mr Magoo, personagem que enxergava mal, mas Maksoud sempre teve grande visão empresarial. Pena que os herdeiros entraram numa briga sem fim e tempos atrás seus filhos e netos se engalfinhavam numa disputa judicial encarniçada pelo butim.

5.23 Victoria's Pub

Na Alameda Lorena um local com decoração vintage de inspiração inglesa. Fui uma vez com uma morena estonteante que por algum tempo me colocou de quatro aos seus pés. Quando saí com ela a primeira vez, levei-a ao Terraço Itália e como trabalhávamos no mesmo prédio na Sete de Abril, 59, tivemos que atravessar a rua inteira à pé até a Praça da República. Era hora do *rush* e eu, de terno e gravata, ao lado daquela mulher maior do que eu, chamava a atenção dos farristas que faziam o *happy hour* nos bares do caminho. Alguns saíram dos bares com o copo de cerveja na mão e gritavam: Oh baixinho, tá precisando de ajuda, é muita mulher para você e por aí afora. Por sorte o relacionamento foi curto senão eu teria entrado com pedido de falência na pessoa física.

5.24 Avenida Club

Na Pedroso de Moraes, no canto oposto do Pirajá na mesma praça dos Omáguas. Tinha um salão oval com pista de dança à moda dos antigos clubes como Recreativo e Sorocaba Club, com capacidade para 500 pessoas. A banda da casa era a famosa HeartBrackers e os bailes e a paquera eram animadíssimos. Ainda tinha um escola de dança gratuita para ensinar o mambo e a salsa, antes do início dos bailes. Às sextas tinha fila de espera que dobrava o quarteirão. A casa precisava de reformas urgentes mas, o dono que conheci junto com um amigo nos disse que não tinha como fechar para incluir melhorias no local, para não perder sua clientela cativa. Se o Lee do Expresso Sorocabano o tivesse conhecido nunca fecharia sua casa para remodelação.

5.25 Saint Paul

Ficava na Alameda Lorena nos Jardins e fazia domingueiras super concorridas. A casa bombava nos domingos à tarde e criou um esquema imaginativo para atrair clientela. Oferecia um bolo e entrada de graça para os aniversariantes. Estes convidavam os amigos, entravam sem pagar, ofereciam o bolo da casa e ainda ganhavam presentes. Entrei numa dessas pois não conhecia o esquema. Fui com a Eulália achando que o convite para aniversário seria um festa num lugar fechado, às expensas da aniversariante. Que nada: tive que gemer na hora da conta. Essa pessoa fez várias festas de aniversário. Comemorou a data em muitos locais diferentes até que os amigos perceberam a esperteza e deixaram de atender seus convites.

5.26 Show Days Saloon

Ficava no último andar do Shopping Eldorado, uma casa country que fez sucesso nos anos 70. Em cima do balcão as bailarinas, vestidas à caráter e com espartilhos apertadinhos e a indefectível cinta liga reveladora das belas pernucas faziam a dança do *can-can*.

5.27 Casa de shows do Shopping Eldorado

Não consigo lembrar o nome nem achei registros na internet. Tinha como figura de proa o apresentador Miéle, com sua verve, seu humor e muita tarimba para comandar um show. Numa das vezes que estive lá assisti a Rosimeire, aquela vedete famosa pelas pernas belíssimas. Anos depois em Cascavel fui jantar no Hotel Deville, do governador do Paraná Jaime Canet Júnior e lá estava ela, com uma acompanhante negra. Não a conheci pois não tinha nenhum glamour fora dos palcos e até comentei com um amigo. Ué, as putas estão fazendo ponto aqui? Mas, o garçom falou de quem se tratava e tive que segurar o queixo: a sua acompanhante deveria ser sua maquiadora ou algo do gênero mas a Rosimeire estava mais mal vestida do que a outra e ainda sem pintura parecia uma mulher comum, sem nenhum atrativo pois as pernas não estavam à mostra. Há cerca de dez anos atrás fiz um cruzeiro, o MSC Música onde estavam Miéle, Wanda Sá, Roberto Menescal, Os Cariocas e muitos músicos bons e engatei um papo com o Miéle que me surpreendeu com sua conversa. Eu elogiando sua forma, presença de palco e tudo o mais que sempre admirei nele mas ele me disse que não estava em boa forma coisa nenhuma, que a idade estava lhe castigando mas que tinha uma solução para essa situação: o suicídio. Fiquei desnorteado com a conversa e mudei o papo para o Roberto Menescal e a Wanda Sá. Esta, para quem nunca ouviu falar, foi *backing vocal* do famoso Sérgio Mendes & Brazil 66 (com z mesmo) e depois virou musa da bossa nova porém nunca teve o mesmo destaque das colegas, apesar de excelente cantora.

5.28 Stardust

Na pequena rua Franz Shubert onde reinaram Kremlin, Allure e Limelighth, uma casa para dançar a dois, de rosto colado tendo como crooner ninguém menos do que Dave Gordon, o negro elegante pai do Tony Gordon e da Izy Gordon, de quem já falamos.

5.29 Bar do Alemão

No Viaduto Antártica, perto do estádio do Palmeiras, Eduardo Gudin montou esse bar com o Alemão, que se não me engano era um exímio violonista que faleceu e deixou a incumbência para o Eduardo continuar tocando o bar. Gudin,

autor da célebre: “Na Paulista, os sinais já vão abrir.....” que gravou com Vânia Bastos. Lá vi o Miltinho, aquele carioca que foi crooner da legendária Orquestra do Severino Araújo. Miltinho tinha um estilo muito peculiar de cantar, atrasando o compasso e dando um charme especial com sua pronúncia de carioca. Emílio Santiago também se utilizou do recurso com grande competência. Jamelão também foi crooner dessa banda antes de encetar a carreira solo. Aliás quando fui à uma apresentação do Severino Araújo no clube Piratininga, na Avenida Angélica ele abriu o baile dizendo que era o de número dez mil e tantos. Também dancei com a sua orquestra nas areias da praia de Copacabana, naquele réveillon tenebroso que o Comando Vermelho assustou a cidade mas, como eu e a Eulália já tínhamos hotel reservado fomos assim mesmo e nada de anormal vimos na cidade, que estava de quarentena, obedecendo os “salves” das quadrilhas organizadas. Nesse ano houve o assassinato de uma linda modelo capixaba que vinha para o Rio, em um ônibus que foi tomado de assalto por um desses comandos.

5.30 Gallery

Casa de José Vitor Oliva com projeto de Sig Bergamin inaugurada em 18.04.79 (obrigado Dr. Google) em noite de rigor, ao som da Gallery Band, comandada por ninguém menos que Hector Costita. Misto de casa noturna, bar, boate e restô exclusivo tinha apenas dez mesas. Era um clube privê mas depois foi abrindo para o público que não se preocupava em ficar em pé para desfrutar daquele ambiente elegantíssimo. Estive lá por duas vezes mas na última foi para buscar meu sobrinho e dar-lhe a notícia do falecimento de sua mãe, portanto esta vez não conta.

5.31 Café Piu-Piu

Ficava na Rua 13 de Maio, no coração do Bexiga. Ambiente informal com música de excelente qualidade. Numa das muitas vezes que lá estive fui com o Agesinaldo, um cearense de um grande banco, onde eu dava os primeiros passos na contratação de financiamentos imobiliários para o Odilon da OCF Empreendimentos Imobiliários. Na primeira vez que fui conversar com o Agesinaldo levei “um chá de banco de hora e meia”, na segunda já levei a revista Playboy de presente e depois foram jantares e baladas, além de puteiros chiques claro. Tudo por conta da empresa e eu era chamado pelo pessoal do banco de empresário. Kkkkkkk. No Café Piu-Piu se apresentou um excelente cantor da noite, com chapéu e voz à la Frank Sinatra com uma banda muito boa e eu doido para dançar aquelas coisas maravilhosas: New York, New York, My way e outros standards. Não via mulheres disponíveis desacompanhadas então as chances de dançar eram zero. Mas, observei uma garçonete dançando e a abordei. Ela respondeu que se não tivesse mesas para servir, a casa permitia que ela dançasse com os clientes. Levei a moça para o meio do salão e demos um show, deixando de lado a modéstia que é uma característica minha. A moça dançava muito bem e num dado momento apontou para um garçom postado à beira da pista e me contou que era o seu marido, mas, foi logo explicando, que ele não se importava que ela dançasse com os clientes.

5.32 Café Society

Na mesma 13 de Maio, a poucos metros do café Piu Piu. Esta casa frequentei um sem número de vezes com meu irmão Salvador que praticamente batia ponto diariamente no local. Também dei muitos volteios na pista nesse gostoso e intimista barzinho. Ali perto ainda tinha o Café Maravilha mas sem pista de dança.

5.33 Papagaio

Esta discoteca ficava no primeiro andar do Edifício Cal Center na Avenida Faria Lima, perto do Shopping Iguatemi e dominou a cena na década de 70. Criação do onipresente Ricardo Amaral, rei da noite paulistana. Fui uma vez mas era muito caipira e fiquei só na observação.

5.34 Patropi

Jocosamente chamado de *patrepá*, ficava na Rua Cubatão no Paraíso e dominou as tardes de domingo lá pela década de 60. Também conheci na minha fase tímida de caipira do interior, deslumbrado com as novidades da capital, mas absolutamente sem coragem de abordar alguém ou iniciar uma paquera.

5.35 Roof's

Na cobertura do Edifício Dacon, na Avenida Faria Lima, o primeiro prédio redondo que vi na minha vida, na Avenida Faria Lima, ao lado do Museu da Casa Brasileira, onde também assisti muitos shows. Lugar requintado muito bem frequentado que fui com a Eulália mas não me lembro de nenhum detalhe. Li que as empresas que montavam escritório comercial no prédio sofriam para arrumar móveis que se enquadrasssem no formato arredondado das salas.

5.36 Regine'S

Na Avenida Nove de Julho, antes da Avenida Faria Lima ter o seu prolongamento. Ou seja ela morria na Nove de Julho e, se não me engano, a casa foi demolida para dar lugar à nova avenida. Tinha música ao vivo e restaurante tocados por uma francesa de mesmo nome mas disso não tenho certeza pois não consegui achar mais detalhes no Google. Esta casa como o caviar do Zeca Pagodinho, não cheguei a conhecer. Mas lembro de como era comentada. Na época acho que não teria coragem de entrar lá.

5.37 Tamatete

Esta, conheci com a Eulália já no final do seu reinado. Inaugurada em 5.5.1977 foi o primeiro triplex noturno da cidade: american bar, discoteca e resto, como os chiques pronunciam. Ficava na Avenida Nove de Julho, 5725. O restaurante era sofisticadíssimo e contava até com lareira, no andar superior. A discoteca funcionava no meio subsolo e o american bar no primeiro andar. No meio da edificação tinha um espaço circular que interligava todos os ambientes e protegido por vidros esfumaçados e espelhos. Desta maneira quem estava no restaurante podia ver a discoteca sem ouvir a música e vice-versa.

5.38 Barracão de Zinco e Moema Samba

Estas casas especializadas em samba marcaram época na Avenida Ibirapuera, na década de 70. Pude dançar ali com uma moça de Osasco, a Kátia, parente do Gernozinho de Salto de Pirapora, com quem pulei muitos carnavais aqui em Salto, nos tempos de Máscara Negra e Não se esqueça de mim, que já descrevi em detalhes. Aliás a casa do Genorzinho sempre foi pródiga em namoradinhas fortuitas para mim. Sempre vinha alguém de fora se hospedar lá, para ir aos bailes e carnavais e depois da festa, fui muitas vezes visitar aquele muro da frente, na rua Belarmino, e namorar gostosamente com toda a inocência pura vigente na época. Aquele muro assistiu “mudamente” muitos beijos e abraços do Degas aqui. Voltando à Avenida Ibirapuera, esta dominou a cena na década de 80 quando o footing de veículos migrou da Augusta para o novo *point*. A Rua Augusta nos anos 60/70 simplesmente travava no trecho entre a Avenida Paulista e a Estados Unidos. Via de duas mãos, os paqueradores emparelhavam os carros em sentido contrário e ficavam jogando conversa fora enquanto os *tróleibus* da CMTC com seus longos suspensórios estacionavam no lugar e os passageiros desciam e prosseguiam a pé. Quem morava longe, como na Cidade Universitária, ponto final da linha, tinha que permanecer resignadamente sentado aguardando. Fiz muitas vezes esse trajeto à pé pois morava no apartamento do Salvador na Augusta, quase esquina com Estados Unidos. Ali perto tinha uma pequena lanchonete famosa pelo seu picadinho de carne, o Frevinho que era o reduto dos *boyzinhos* da época. Não raro, com o trânsito fluindo normal, quando os pesadões *tróleibus* paravam no ponto em frente, eles tiravam os suspensórios da linha elétrica e faziam descer motorista e cobrador xingando e tentando encaixar novamente o carretel no trilho a 3, 4 metros de altura em várias tentativas frustradas até conseguir. Puro delírio da moçada que vibrava e urrava ensandecida.

5.39 Inverno Verão

Esta casa ficava na Vieira de Moraes mas teve vida relativamente efêmera. Pontificou a noite na década de 60/70 por uns dez anos. Lá vi o Sílvio César cantar uma das coisas mais lindas que já ouvi “Ah se eu fosse você, eu voltava pra mim, voltava sim.....”

5.40 Ilha

Na Avenida São Guálter, no chiquérrimo bairro City, Alto de Pinheiros. Era uma verdadeira ilha mesmo, cercada de vegetação por todos os lados e o restaurante no meio com uma parte coberta e outra ao ar livre. Fantástico. Os melhores loteamentos de São Paulo, incluindo Jardim América e Jardim Europa, foram empreendimentos da City São Paulo Improvements, uma companhia formada por sócios ingleses, franceses e brasileiros, com matriz em Londres desde 1.911 que se estabeleceu em São Paulo e trouxe para cá o conceito de cidades-jardim, moda na Inglaterra. Loteamentos planejados meticulosamente para atrair os ricos emergentes que fizeram fortuna com o café na década de 40. Além dos luxuosos bairros citados fizeram também o City Alto de Pinheiros e o City Boaçava na Lapa. Teve empreendimentos também em Itu e a Fazenda Carolina em Itatiba, considerado um dos loteamentos mais caros e exclusivos do Brasil. O Zé Antonio morou na cidade e deve conhecer o empreendimento.

5.41 Senzala

Na Praça Panamericana em Pinheiros, perto da Marginal. Um restaurante bar debruçado sobre a enorme praça, com um chopp digno de nota, aperitivos variados. Mesas ao ar livre com guarda-sóis coloridos. Acredito que sejam os inventores do provolone à milanesa, ou pelos para mim o é.

5.42 Clyde's e Na mata café

Ambos na Rua da Mata que também abrigava o Baretto, “ruica” como diria a Maju da Globo, que desemboca na Nove de Julho. Casas de respeito onde também vi a família Gordon em ocasiões diferentes: Dave, Tony e Izzy Gordon.

5.43 Restaurante do Carlinhosno Brás

Fica na rua João Teodoro, 1476 quase no Pari e está lá até hoje. Tradicional reduto da comida armênia com o famoso “araí” e a picanha servida em finíssimas fatias como se fosse *sashimi*. Atendimento especialíssimo. Quando fui serviam aperitivos e chopp na longa fila, cobrando só a bebida.

5.44 Restaurante Eldorado na Avenida São Luiz

Frequentei muito pois trabalhava ali pertinho, na Sete de Abril e o Odilon, dono da empresa patrocinava os almoços. Um self service de qualidade e, curiosidade: num determinado dia, muito concorrido por sinal, serviam pasteis de carne com arroz e feijão. O Zé Mário, ex cunhado do Odilon, com uma circunferência abdominal respeitável já ia provando tudo que tinha no bufê, pegando com a mão mesmo e eu dizia que ele tinha que tirar a tara na entrada e conferir o sobre peso na saída para incluir o incremento na conta. O Maurício, engenheiro da empresa adorava a mussa de maracujá e quando chegava já garantia a sua. Mas, num dia que ia repetir o ritual da operação, uma gorda que estava na frente dele, na fila, catou as últimas três e levou para a mesa dela. O Maurício queria morrer. Nessa época frequentamos muito o restaurante do Hotel Hilton, na Avenida Ipiranga, em frente ao Edifício Copan e nesse também o Maurício levou a pior. O Odilon perguntava à nós quem tinha cartão de crédito com data de vencimento mais propícia para pagar a conta, que depois era reembolsada. O Maurício deu o cartão dele só que a razão social do restaurante era “Sauna mista do Hotel Hilton”, algo assim e quando a mulher dele viu a fatura ele teve que se desdobrar em mil explicações.

5.45 Almanara - rede de restaurantes árabes

O primeiro e mais tradicional fica na Rua Basílio da Gama, 70 quase praça da República e tem dois ambientes. No primeiro um extenso balcão com banquetas redondas para quem tem pressa. Esfihas e quibes deliciosos e quentinhos, michui de carne, frango ou peixe e o mezze: um trio de entrada que traz coalhada seca, homus e babaganuche acompanhados do pão sírio torrado e quentinho, saladas diversas servidas em potes e as sobremesas tradicionais: malabie de damasco ou de ameixas pretas, o ataif, um pastelzinho de massa delicadíssima com nozes e com mel de acompanhamento e outros doces árabes tradicionais. No segundo ambiente é um restaurante com mesas com toalhas

de linho e talheres de prata onde se pode pedir o rodízio ou à la carte. Tem diversas filiais nos shoppings e uma na Oscar Freire nos Jardins mas em todas que frequentei a excelência da comida é a mesma.

5.46 Effendi Esfiharia

Fica na rua Dom Antonio de Melo, 77, uma travessa da rua São Caetano, a famosa rua das noivas. Lugar bem simples no estilo dos bares antigos mas que faz esfihas sensacionais. Posso assegurar que nunca comi outra igual. O local era uma antiga sapataria que se transformou em restaurante especializado em comida armênia. Tem uma esfiha de basterma, um tipo de carne seca com temperos especiais como o cominho, muito saborosa. Seria o pastrami, mais conhecido. No mais a culinária armênia tradicional incluindo ótimos quibes, charutos e outros que tais mas as esfihas são realmente a excelência da casa.

Serve também o tradicional Arak, espécie de cachaça árabe que nunca tive coragem de tomar pois dizem que é muito mais forte que a similar brasileira.

5.47 Brasserie Vitória

Na Juscelino Kubitschek, quase em frente ao antigo Mappin Itaim, hoje Extra. No estilo Almanara tem a parte do rodízio e também a parte do à la carte. Da última vez que estive lá, há mais de dez anos vi a Dona Vitória, com quase noventa anos enrolando os quibes que são o carro chefe da casa e seguramente também os melhores que experimentei. É preparado de uma forma diferente. A massa de trigo forma como se fosse o interior de um pilão e a carne muito bem temperada é acondicionada ali e não misturada com o trigo como tradicionalmente se faz.

Para não perder a deixa vou contar do quibe que comi no bar do Hugo, aqui em Salto de Pirapora. Comecei comendo pela ponta e fui avançando preparando para saborear a parte da carne mas nunca chegava na dita cuja. Falei para o Hugo que deveriam ter esquecido de recheiar o meu quibe e ele me perguntou como se fosse a coisa mais natural do mundo: "Você nunca comeu quibe sem carne" Confesso que nunca tinha comido nem ouvido falar.

5.48 Star City

Continua desde 1.953 até hoje na Frederico Abranches, 453 no bairro Santa Cecília. Por mais paradoxal que pareça é um rodízio de feijoada. Como assim? Pois bem, cheguei lá levado por algum amigo que não me lembro quem era, sentamos e veio a feijoada numa enorme cumbuca, cheirosa e fumegante e partimos para o ataque com voracidade. Na metade da cumbuca vem o garçom e a retira da mesa. Chiei, argumentando que ainda estava comendo e ele me tranquilizou dizendo que já voltava. E voltou com uma cumbuca completa, nas mesmas condições de temperatura e odor que a anterior e explicou que enquanto estivéssemos comendo a substituição iria acontecer até que estivéssemos satisfeitos. Por isso batizei de rodízio e a grande sacada que ficava aberto 24 horas. Se o cara trabalhou a noite inteira, como era o caso do meu cunhado Paulo, e quisesse comer feijoada às seis horas da manhã o Star City estaria de plantão. Bem como a qualquer outra hora do dia. E que feijoada! Para mim melhor que a famosa feijoada do Bolinha no final da Augusta e Colômbia, carésima por ser endereço de grife nos Jardins.

5.49 Restaurante Grego AcróPolis

Fica na Rua da Graça, bairro Bom Retiro e a especialidade é o mussaká, uma espécie de lasanha de berinjela deliciosa. O proprietário Sr. Thassos às vezes vem à mesa e é muito simpático com a clientela. Lugar pequeno e apertado que exige contorcionismos para se movimentar. Os pratos ficam expostos num balcão entre a cozinha e o salão mas apenas para dar uma mostra do aspecto e tamanho. Serve o tradicional queijo grego feta na entrada.

5.50 Jardim di Napoli

Na rua Martinico Prado, nos altos da Avenida Angélica, há mais de 30 anos considerado o melhor polpetone de São Paulo. Uma espécie de almôndega em tamanho grande, coberta de molho vermelho e queijo. Sensacional.

5.51 Massadoro na Rua Sete de Abril

Era uma cantina italiana com ótimas lasanhas e um cassoulet muito bom e como trabalhei por duas vezes nessa rua, sendo a primeira na década de 80, no número 264 como comprador da Carambeí e depois na década de 90 no número 59 com o Odilon, frequentei muito o local. O cassoulet é um prato francês, com feijão branco, carne de porco e frango e legumes. Quase uma versão branca da nossa feijoada. Excelente para os dias de inverno.

5.52 Jogral

Fundada por Luís Carlos Paraná, jornalista, músico, cantor e compositor que, segundo o Dicionário Ricardo Cravo Albin de MPB, residiu no campo e trabalhou como lavrador até os 19 anos. Transferiu-se para o Rio de Janeiro nos anos 50 onde trabalhou como comerciário e dividiu com João Gilberto um quarto em uma pensão carioca. Na época, tocava em várias boates cariocas. Anos mais tarde mudou-se para São Paulo. Durante muitos anos foi o responsável artístico do famoso João Sebastião Bar, situado no centro de São Paulo. O bar privilegiava o melhor da música popular brasileira, tanto os valores já consagrados na época, quanto os novos valores emergentes, como Chico Buarque que, no início da década de 1960, levado por Jorge Mautner, fez a sua primeira apresentação em público. Em São Paulo abriu um barzinho onde recebia amigos para noitadas de violão, mais tarde, transformado na Boate Jogral, ponto de encontro de intelectuais, músicos, poetas e compositores, entre os quais, Paulo Vanzolini, com quem fazia porfias (desafios de moda-de-viola) no palco do bar. Ficava na Galeria Metrópole e em 1968 transferiu-se para a Rua Avanhandava. Gravou músicas de Paulo Vanzolini, como Capoeira do Arnaldo e Napoleão e compôs, por exemplo, Maria carnaval e cinzas, sucesso na voz de Roberto Carlos, aqui cantada pelo próprio autor.

Um dos destaques da Jogral foi o cantor, músico, compositor e produtor musical Filó. Multi-instrumentista (bateria, violão, teclados e percussão). Viveu em Paris por oito anos onde gravou regularmente com artistas daquele país tendo entre seus admiradores Michel Legrand e Paul Mauriat. Voltando da França passou a residir em São Paulo quando foi cantor em casas noturnas, principalmente na Jogral. Não atoa destacamos de sua vasta obra como compositor, com parceiros do naipe de Aldir Blanc, Fátima Guedes e Cacaso, a jazzística Jogral, composta com Djavan e José Neto.

5.53 Festival de New Orleans no Bourbon Street

O Bourbon Street que já descrevi promovia um festival anual que trazia os músicos da cidade americana para emular aqui o *Mardi Gras*, carnaval de rua animadíssimo de New Orleans que se transferia para o bairro de Moema, com um palco montado na rua dos Chanés, endereço da casa. A rua ficava tomada por mais de dez mil pessoas e era impossível chegar perto do palco. As pessoas iam se acotovelando e quando você se dava conta, estava espremido quase sem ar no meio daquele “povaréu”. O festival se estendia para outros locais como o Parque Ibirapuera onde era mais confortável. Ali no parque pude curtir a festa sem o risco de ser esmagado no meio da massa. Os cantores no palco tinham a seus pés caixas de colares coloridos: brancos, azuis, vermelhos escarlates e à medida que música e público atingiam aquela interação extasiante, o crooner, descalço, pescava com os dedos do pé os colares coloridos que iam sendo lançados em direção à plateia e avidamente disputados. Pelo meio do povo desfilavam figuras com enormes pernas de pau, com grande habilidade, que apoiados em apenas uma perna de 2 metros de altura passava a outra por cima das nossas cabeças. Uma farra animadíssima. A banda com poderosos instrumentos de sopro inclusive uma tuba gigantesca entrava no palco desordenadamente fazendo piruetas e literalmente bagunçando o coreto. O da tuba enquanto tocava enfiava a enorme boca do instrumento na cabeça de outro músico mais baixo e o transformava num músico sem cabeça. E a coisa transcorria nesse clima de muita alegria, descontração e irreverência. Apresentavam um ritmo chamado *zideco* que era executado por um músico que era um verdadeiro malabarista. Ele empunhava uma pequena sanfona, tipo 8 baixos, e entrava correndo para o meio do palco tirando um som vibrante do pequeno instrumento e dando rodopios e piruetas no ar. A parte triste dessa história foi quando houve aquele rompimento do dique em New Orleans e esses músicos estavam jantando perto do prédio onde eu morava. A pizzaria, maravilhosa se chamava La Gloria e ficava na Rua Macuco entre a Arapanés e a Avenida Ibirapuera. O Carlinhos do Elias daqui de Salto esteve lá comigo uma noite e adorou o local. Logo na entrada tinha um forno enorme com pães gigantescos de vários sabores dispostos em uma prateleira em volta do forno. Tinha um mezanino onde também serviam as redondas. No meio charmosas tendas cobrindo aconchegantes sofás e as mesas. E o mais surpreendente, toda a construção com um teto retrátil que nas noites quentes ficava aberto. Eu morava na Arapanés, no décimo quarto andar e da minha janela podia enxergar todo o interior da pizzaria, a correria dos garçons e a efervescência da clientela. O pessoal de New Orleans no meio do jantar recebeu a notícia que o seu voo marcado para a manhã do

dia seguinte havia sido cancelado pois não havia mais aeroporto nem cidade, tudo coberto pela água. Sem ter o que fazer os músicos vararam madrugada adentro cantando e bebendo e eu na janela, algumas dezenas de metros acima do piso da pizzaria, ouvi a algazarra a noite toda e me arrependo até hoje por não ter tirado o pijama e descido para participar da festa. Os músicos só foram saber no dia seguinte a extensão da desgraça que se abatia sobre a sua terra naquele momento.

5.54 Rancho do Turquinho - Restaurante em Salto de Pirapora

Até agora só falamos de bares e restaurantes famosos na capital mas vamos abordar os “tupiniquins”: O RANCHO DO TURQUINHO, é um restaurante localizado na Rodovia João Leme dos Santos, que liga Salto de Pirapora a Sorocaba, mais precisamente na altura do bairro Parque Pirapora, ou Morro Branco a uns 3 km de Salto.

O Turquinho, nascido Rafael Abdalla, sobrinho do famoso fazendeiro Pedro Turco do bairro do Cercado em Araçoiaba da Serra é um homem de características muito peculiares. É *inventivo* como diria meu pai. Além disso é perspicaz e obstinado e quando se propõe a executar um projeto se agarra com unhas e dentes e persiste até atingir seu objetivo. No terreno de sua propriedade ergueu uma fileira de colunas de concreto, perfeitamente alinhadas. O projeto era cobrir uma área de mais de 10.000 metros quadrados e ergueu tais colunas de modo rudimentar: com um guincho em cima de um velho caminhão da marca FENEMÊ (Fábrica nacional de Motores: FNM).

Acabou deixando o ambicioso projeto para depois dizendo que “O Senhor proverá aos meus herdeiros os meios para terminar essa obra de tamanha envergadura”. Partiu então para uma construção bem mais modesta com fogão à lenha, mesas e bancos rústicos confeccionados por ele e sua equipe e ali instalou o Rancho do Turquinho. Criou um cardápio bem simples e relativamente de custos mais baratos e lançou um self service caipira à base de carne de porco e frango a R\$ 15,00 para comer à vontade. Manteve esse preço por mais de 3 anos, trabalhando com a equipe familiar e a conjugação de preço barato mais fartura foi fazendo a propaganda do lugar no melhor estilo: o famoso “boca a boca”. Foi aumentando o salão, sempre com grossas toras de eucaliptos e mobiliário rústico de fabricação própria.

A coisa tomou tal vulto que num dia das Mães ele atendeu cerca de 3.500 pessoas no seu Ranchinho, já ganhando vulto de Ranchão. A estrada chegou a congestionar, tal o fluxo de veículos, aguardando vez para adentrar ao seu pátio de estacionamento. Carros se aboletaram no acostamento, nos barrancos e onde houvesse uma pequena brecha para estacionar.

O local agrada pela rusticidade, pelo pé direito alto e a visão das grossas toras de madeira que sustentam o telhado é impressionante: chegou a usar “esteios” com mais de um metro de “topo” (diâmetro do tronco). Fechou depois a propriedade com muros de alvenaria formando um enorme estacionamento e agora se dedica à um projeto de construção de um pergolado, que será coberto por pequenos troncos de um metro de comprimento de “Bambu Brasil”, uma variante da taquara de calibre mais grosso e com as cores verde e amarelo. Uma “lindeza” de se admirar a cor do tal bambu. Na tarefa está empregando mais de 15 toneladas do material que foi duramente retirado de grandes touceiras ao lado do meu loteamento e que demandaram uma imensa mão de obra para cortar, transportar (são muito pesados) e cortar em secções de um metro, que foram furadas e atadas com uma cinta e um cabo de aço, sendo depois içadas com potentes catracas e formando uma espécie de tapete aéreo de extrema beleza.

Parabéns ao Turquinho por sua inventividade, tenacidade, persistência e criatividade, não necessariamente nessa ordem.

5.55 Comidas e acepipes

5.55.1 Queijo da Serra da Estrela em Portugal

Este queijo que na verdade mais parece um requeijão é um dos bons produtos portugueses e que é muito procurado e apreciado pelos locais e pelos turistas. Meu amigo Carlos Alberto Elias, o Carlinhos a última vez que viu o preço na Padaria Real, aqui de Sorocaba, disse que estava a 600 reais o quilo. Ele vem envolto em um guardanapo de pano, que lembra as pessoas antigas que quando tinham dor de cabeça colocavam fatias de batata na testa e o tal pano para mantê-las no local. Quando era dor de dente passavam o pano no queijo com a medicação externa e amarravam na cabeça para também manter o remédio. Esse queijo da Serra da Estrela deve ser aberto por cima, retirando-se a tampa e revelando o seu interior cremoso e macio. Cheira um pouco forte e passado de preferência no pão papo seco português é um manjar dos deuses. A irmã do Carlinhos trouxe três de Portugal. Uma proeza pois minha ex mulher teve os 3 dela confiscados no aeroporto por se tratar de produtos proibidos por questões de protocolo sanitário. O Carlinhos e a irmã juravam que o queijo estava estragado e também não o abriram da maneira correta. Levamos o queijo para o bar do Hugo, compramos pãezinhos franceses mesmo no mercado Ouro

Branco e degustamos a iguaria, regada a cerveja bem gelada. Uma delícia. Não tinha nada estragado não.

Por falar em queijos um dos mais peculiares de que já ouvi falar, no programa Globo Rural, é o Vacherin de Mont D'Or. Esta cidade fica na região leste da França, quase divisa com a Suíça. O queijo é feito de leite de vaca (*vache*) e tem processo de feitio e cura semelhante ao lusitano da Serra da Estrela. A diferença é que ele é envolto em uma tala de casca de pinheiro. O queijo é vendido em uma caixinha de madeira que pode ser levada ao forno. Eles retiram as tiras da costaneira do pinheiro, com um instrumento semelhante ao descascador de legumes japonês, que por sua vez é semelhante a um aparelho antigo de barba da Gillette. Essas talas vão envolver as laterais do queijo para que ele mantenha o formato e vão impregnar o mesmo com suas fragrâncias florestais, dando um gosto amadeirado e odor de cogumelos. O resultado é um queijo semelhante ao similar português, porém é consumido com batatas gratinadas no forno, acompanhado de charcutarias, ou embutidos como dizemos aqui. O leite suíço, segundo meu amigo Carlinhos, é de superior qualidade tanto que ele conta que na Suíça tomava leite o dia todo, pelo seu excepcional sabor. Estamos falando de uma região colada à Suíça. As vacas são estabuladas e recebem tratos especiais especialmente aveia. O queijo sensível de massa mole e casca lavada nunca foi importado pelo Brasil por ser curado em 21 dias, ou seja não atende ao critério mínimo de cura de 60 dias, e é feito exclusivamente de leite cru. Outra curiosidade é que o soro obtido no processo de feitio e cura do Vacherin, é recolhido em caminhões tanques e levado para outras cidades da região da *Franche Comté*, onde é utilizado na criação de porcos de boas linhagens que vão dar origem à linguiça defumada e perfumada de Morteau. É uma linguiça que é consumida cozida e por ser defumada com madeira de pinheiros da região traz um perfume silvestre que marca o produto. O Globo Rural da época, mais de 20 anos atrás, mostra o defumador que na época era agregado com a cozinha da residência, e cuja chaminé tinha uma altura de mais de quinze metros. As linguiças são enchidas e colocadas em varais ao ar para descansar por 24 horas e depois seguem para o defumador. O clima característico dessa região que apresenta densos nevoeiros na madrugada é único e propicia uma preparação especial. Mas como diria o Zeca Pagodinho, tanto a linguiça de Morteau como o Vacherin de Mont d'Or nunca vi, nunca comi, só escutei falar. Cheguei a procurar os produtos no Mercado Santa Luzia, templo do consumo gastronômico triple A nos Jardins em São Paulo mas não encontrei. Agora estou procurando dois queijos que vi domingo, 11.5.2020 no Globo Rural: o chabichou e o capriccio. Deu água na boca de ver o creme escorrendo de dentro deste último. Estão sendo produzidos em Minas Gerais no Laticínio Serra das Antas. Tentei comprar pela internet mas não despacham para a nossa região.

5.55.2 As comidinhas do Degas aqui

Sempre gostei de brincar na cozinha. Mesmo porquê fazer “sem obrigação” e apenas por diversão é muito gostoso e gratificante. Abro uma cerveja para incrementar o trabalho e coloco um jazz de boa qualidade para embalar a trilha sonora na cozinha. Em todas as academias e clubes de tênis que frequentei sempre levava esses aperitivos e talvez pelo inusitado ou mesmo porquê as pessoas gostavam da qualidade, sempre recebi elogios pela obra. Vamos à elas: **CAPONATAS** – O carro chefe é a de berinjela, cortada em pequenos cubos, imersa em vinagre e sal grosso para tirar a “fortidão” como se diz por aqui e acrescentando pimentão, cebola tala larga, grandes dentes de alho, tudo regado no vinagre, sal e óleo comum para não grudar. A assadeira é levada ao forno com papel alumínio para apressar o cozimento, o qual é retirado cerca de 40 minutos depois, quando passa a assar propriamente dito. Estando pronto, recebe uva passas, nozes e azeitonas pretas tudo fartamente regado num azeite de oliva de boa qualidade. As uvas passas incham, absorvendo o tempero formando o conceito de prato agridoce. O segredo é deixar na geladeira por mais de um dia e vai se formar um caldo que vai umedecer o naco de pão ou então uma torrada, exaltando o seu sabor e tornando o produto final com excelente textura e suavidade. A mesma receita uso para as caponatas de abobrinha, quiabo e jiló. Caponata em italiano significa tira-gosto. A grande vantagem é ser um prato extremamente saudável por evitar a fritura dos ingredientes.

HOMUS – Bato no processador grão de bico cozido, sal, limão, alho e azeite, mais o Tahine, formando uma pasta que, de preferência, poderá ser passada no pão sírio previamente esquentado no forno. O Tahine é uma pasta de sementes de gergelim, que vai dar a textura de patê, que adere à espátula para ser espalhado no pão.

BABAGANUCHE – O mesmo processo, apenas mudando para miolo de berinjela assada ou ferventada.

CARPACIO DE ABOBRINHA – As tiras largas de abobrinhas bem fininhas, tiradas no *fatiador* de legumes levam um *susto* na água fervente com sal, apenas para amolecer um pouco. São dispostas numa travessa redonda e cobertas com queijo parmesão e azeite em abundância.

PATÊ DE GORGONZOLA – O queijo gorgonzola amassado apenas com azeite, dispensa o sal e acrescido de um pouco de creme de leite forma uma massa pastosa, ideal para untar o pão.

MALABIE DE DAMASCOS – É um manjar branco, feito de Mayzena, leite, leite de coco e coco ralado. Um creme de damascos deixados previamente de molho e depois fervidos, parte em formato de calda açucarada e parte em pedaços vai regar o simples manjar dando-lhe uma roupagem dourada majestosa e de sabor inigualável. As receitas árabes ainda recomendam acrescentar água de folhas de laranjeira mas acho frescura.

MALABIE DE AMEIXAS PRETAS - O mesmo processo, apenas utilizando as ameixas sem caroço. **SARDINHAS EM CONSERVA** – Sardinhas ou cavalinhos de preferência espalmadas, ou seja abertas ao meio e previamente salgadas e marinadas no limão são dispostas no fundo de uma panela de pressão. A camada seguinte é de cebolas e a próxima de tomates em rodelas. As camadas vão se repetindo e são imersas em um caldo de vinagre e água, na proporção de 30 e 70 por cento respectivamente. Vai para o fogo por cerca de uma hora e se recomenda abrir somente no dia seguinte. Finaliza com azeite de preferência. As sardinhas vão esfarelar no cozimento misturando-se aos tomates derretidos e às cebolas também desfeitas. Tive um amigo do tênis em São Paulo que, no final da cumbuca entornava o caldo puro goela abaixo.

O CHURRASCO DO DEGAS AQUI – A primeira vez que fiz o “churrasco by Little Charles” na academia Family, dos Takeda, em Sorocaba o pessoal ficou intrigado. Cheguei anunciando o churrasco e lá pelas tantas me perguntaram onde estava o carvão e que já estava na hora de acender a churrasqueira. Fui ao carro e voltei com uma panela elétrica, com regulagem de quentura e desligamento automático. Retirei do cooler os grossos bifes de alcatra, com espessura de 3 dedos mais ou menos, espalhei o sal grosso e joguei na panela, já bem aquecida. Selei de ambos os lados, retirei, fracionei em tiras de um dedo de largura e fui servindo na tábua, no chamado ponto de “boi berrando”. Houve quem pedisse para entornar o caldo no seu prato para umedecer o pão. Tirando a minha singular modéstia de lado, posso lhes garantir que foi um sucesso. E ainda mais pelo inusitado de não ter que “pilotar” uma churrasqueira incandescente num dia de calor. A grande vantagem dessa modalidade que os *chatos de plantão* não podem palpitar: “Tá na hora de virar o espeto”. “Eu gosto mais torrada”. “Tira essa pontinha para mim”. São todos colocados para *escanteio*. Ou come boi berrando ou vai para o fim da fila. Eu *se me divirto* com essa situação.

PAPARDELE À BOLONHESA - Pode ser feito com spaghetti, penne tricolore ou conchiglione mas o papardele de grano duro, característico das pastas importadas da Itália como Barilla ou Di Cecco, deixa o prato mais bonito. O macarrão (heresia chamá-lo assim) é cozido “al dente” na água com sal e óleo comum. Depois de escorrido recebe o molho bolonhesa. Faço o refogado de carne moída, puxado no molho de tomate caseiro, patinho de primeira, cebola e alho e algum cheiro verde. Desligo o fogo e acrescento requijão, de boa marca além de azeitonas pretas sem caroço. O requijão não deve ser fervido junto com o molho. Ele vai se diluir com a quentura do molho dando uma cor rosada e uma consistência pastosa. Meu restrito público familiar adora.

Capítulo 6

Teatro & Cinema - Grandes Emoções

6.1 Teatro

6.1.1 Bibi Ferreira

Sem dúvida, para mim, a personagem mais impressionante do meio teatral: atriz com dicção impecável, presença de palco personalíssima e além de tudo cantora com voz marcante o que dá enorme carga emotiva às canções que interpreta, ou melhor que vive no palco. É como acontece com Maria Bethânia, entra no palco e se transforma, e a comparação é válida mesmo que uma seja atriz e a outra cantora, mas as duas se fundem e vem o conceito de “*cantriz*”, simbiose perfeita de cantora e atriz: não apenas canta mas incorpora o personagem: veste a sua pele. A primeira vez que a vi foi na peça Gota d’água de Chico Buarque, há pelos menos 50 anos atrás. Se não me engano era no Teatro Record e até hoje guardo na memória a sua imagem, quando ela entoa a canção título despejando toda a dor, toda a mágoa numa interpretação que vai às lágrimas narrando as desditas da sua personagem. A mesma magia do cinema sinto no teatro: essa catarse que nos faz vivenciar a ficção como se realidade fosse, tal a carga de emoção que emana do artista. Nesse dia, ainda pude ver o grande Procópio Ferreira perambulando pelo fundo do teatro.

Na segunda vez, a vi se apresentar com a filha e já desfiaava o repertório de Edith Piaf, com toda sua carga emotiva. *Je ne regrette rien*, na sua interpretação é como ver a própria Piaff no palco.

A última vez foi com o pessoal do Clube de Campo Sorocaba, numa apresentação em que ela adentrou o palco amparada pelo braço pelo seu mestre de cerimônias, já beirando os noventa anos. Mas quando soltou a voz, desta vez com um repertório exclusivamente de Piaff, a sua idade passou para segundo plano. Ainda declarou que estava preparando outra peça com o repertório de Frank Sinatra mas, realmente não sei se levou a cabo o intento pois faleceu em 13.2.2019 aos 96 anos de idade. Ou seja, nunca pensou em parar, em se aposentar, os planos de vida e de realização continuavam como se fosse eterna, sem pensar na morte. Isso para mim é viver a vida sorvendo a última gota dessa dádiva de Deus. Foi casada com Paulo Pontes, grande dramaturgo do teatro, Herval Rossano que se não me engano produziu até um festival de música popular além de Edson França, de quem não achei nenhuma referência. Deixou um legado inesquecível. Foi sem dúvida a grande diva do teatro brasileiro.

6.2 O Mundo do Cinema

Sempre fui apaixonado por cinema e sou daqueles espectadores chatos que brigam até por causa de barulhinho de papel de bala. Por isso deixei de frequentar as salas de cinema, apesar de que para mim a verdadeira magia do cinema está na tela grande. Com um filme empolgante e um silêncio sepulcral no ambiente, eu consigo me transportar para a tela e me transmutar em um dos personagens da história. Sinto uma espécie de catarse, saio de mim e viajo na história, torcendo, sofrendo e vibrando com as alegrias e os dramas que se desenrolam na trama. Pena que isso se tornou impossível: muita gente vai para o cinema para conversar, namorar exageradamente, comer pipoca fazendo barulho no saquinho e derramar coca ou então para zuar mesmo, sem falar no celular piscando constantemente com aquela luzinha chata acesa. Já vi no Shopping Ibirapuera um gaiato que depois de arrotar além de outros ruídos inenarráveis, arrancou o extintor da parede e lançou um jato de espuma em um casal. O rapaz atingido pulou por cima da cadeira e deu uns tabefes no engraçadinho. Aí sim, eu vibrei e aplaudi. Mas à essa

altura o filme e o programa já tinham ido para a *cucuia*. Mas vamos à parte boa e vou narrar filmes que realmente me impressionaram e me marcaram:

6.2.1 Deu a louca no mundo (The mad, mad world)

No elenco Spencer Tracy, Jerry Lewis e Os três patetas fazendo pontas, o baixinho Mickey Rooney do conversível vermelho e Terry Thomas que faz um inglês irascível que vive às turras com o motorista de táxi, o típico americano classe média e as picuinhas dos dois mostram subliminarmente as rixas entre americanos e ingleses, mais ou menos como paulistas e cariocas, ou gaúchos e catarinas. A cena final do hospital, quando estão todos quebrados e imobilizados em suas macas quando entra a enfermeira chefe, toda empertigada, com a bandeja de seringas nas mãos, quando um dos gaiatos joga uma casca de banana e a enfermeira leva um escorregão, levantando as pernas para cima e mostrando a calcinha. Os caras se contorcem dentro do gesso caindo às gargalhadas. Outra cena carregada de ironia é quando um negro é lançado pelo rodopio da escada Magirus e cai no colo da gigantesca estátua de Abraham Lincoln que plantado no meio da praça e de braços abertos recebe o exemplar dos ancestrais que ele libertou da escravidão, no seu governo abolicionista. Uma comédia hilariante carregada de ironias e a mensagem subliminar de que o crime e a mentira não compensam, mas tudo passado num clima de muito humor. A história tem início com um automóvel que despenca de um despenhadeiro e o motorista agonizante revela uma quantidade de dinheiro escondida em Santa Mônica, debaixo de um W gigantesco e a revelação desencadeia uma corrida frenética e maluca onde tudo acontece: trapaças, brigas, discussões e cada novo elemento agregado vai tornando cada vez mais difícil a divisão de um butim que nem sequer se sabe se existe mesmo.

6.2.2 O poderoso chefão - A trilogia

Lançado em 15.3.1972 e baseado no livro homônimo de Mário Puzo, com um elenco de primeira: Marlon Brando, Al Pacino, Robert de Niro, Robert Duval, a estonteante Diane Keaton e Andy Garcia na parte III.

A trilogia que mostra o primeiro Don Corleone, interpretado por Marlon Brando e depois por Al Pacino e Robert de Niro (Don Corleone moço). Brando mostra como se *faz* um mafioso. Don Corleone que não tinha este nome e sim era natural do vilarejo italiano de Corleone e, por isso, passou a ser chamado *Vito da Corleone*, se rebela contra os poderosos exploradores da sua terra, depois de ver sua família dizimada, um a um, pelos *capos* muito semelhantes aos nossos coronéis do nordeste brasileiro. Na verdade *capo* é uma corruptela de capitão, ou seja aquele cujas ordens tem que ser obedecidas, mesmo sendo injustas e irracionais. O *modus operandi* é o mesmo: manter os pobres cada vez mais miseráveis e extraír dessa exploração, o seu poder de mando, riqueza, e a dominação total atacando sempre pelo flanco financeiro: tanto quanto exploram nas meações do nordeste, exploram igualmente na Itália, e depois na América e no mundo todo, cobrando pedágios exorbitantes disfarçados de taxas de proteção. Os tempos modernos mudaram a sistemática mas a gênese da dominação é a mesma. Mudam um pouco os métodos de exploração mas a violência, a exploração e a insensatez são de igual natureza. Vito da Corleone se rebela contra a exploração dos mais pobres mas, ele inclusive acaba se transformando na antítese do defensor dos miseráveis. De Robin Wood se transforma em poderoso escroque.

O poder e a riqueza transformam totalmente as pessoas. Elas chegam a pensar que são Deus, e falo no singular, atropelando a concordância verbal, porquê Deus para mim é um só. Extrapolando o raciocínio para a política, que se transformou num moderno meio de dominação, podemos beber no exemplo do operário metalúrgico pobre que sucumbiu às benesses do poder, da riqueza e do mando. O resumo da ópera é um só: os miseráveis desde Atenas, desde Roma, desde o Palácio de Versalhes e mesmo desde a construção do Suntuoso Vaticano são explorados impiedosamente pelos poderosos de plantão que extraem do suor e do sangue dos mais pobres a magnitude de suas obras. Ao visitar tais sítios pude constatar com certa tristeza, mesmo embasbacado com o estilo portentoso de tais maravilhas, que muitas vidas e muita gente esfomeada deixou ali a sua vida para construir obras que se divididas por mil, ainda seriam de *cair o queixo*. Para quê tanta suntuosidade, tanto fausto, tanto exagero? As condições de vida do miserável povo teriam sido muito melhores sem essa desmesurada cobiça, essa sede de poder à qualquer preço, esse exibicionismo desmedido. Mas isso foge totalmente ao roteiro do filme e vamos voltar à ele. A trilogia, dirigida pelo magnífico Francis Ford Coppola nos desvenda um estilo de vida glamouroso: os ternos são sempre bem cortados, os veículos são as melhores máquinas de andar sobre rodas da época: bonitos, caros e luxuosos. As moradias são de um requinte sem igual, seja no mobiliário ou no seu entorno, com portões majestosos na entrada, lagos circundando as residências. Não se pode negar: eram bandidos mas com um charme totalmente distinto tanto dos Chapos e Escobares, quanto da babaquice e pobreza de espírito dos nossos políticos. Os filmes tem passagens emblemáticas, irônicas e inusitadas. No primeiro, Marlon Brando na pele do poderoso Don Corleone, recebe na cerimônia de noivado de sua filha, um séquito de áulicos pedindo favores, benesses ou vingança contra seus desafetos.

Seu afilhado Johnny Fontane pede ajuda para recuperar sua carreira, em franca decadência, e quer fazer parte do elenco de um filme que será rodado por um estúdio famoso, produzido por um arrogante cineasta que mora numa mansão de cair o queixo. Tom Hagen (Robert Duval), o *consigliere* é enviado para conseguir o papel mas o diretor se nega peremptoriamente. Quando acorda pela manhã e sente sangue nas mãos, descobre que seu valioso e estimado cavalo, Khartum, teve a cabeça decapitada e colocada junto ao seu corpo. Claro que aceita a participação de Johny e ainda lhe dá o papel de astro principal. Qualquer semelhança com a carreira de Frank Sinatra e seu envolvimento com a Máfia não é mera coincidência. Aliás a biografia de Sinatra conta que ele, aproveitando da sua fama e do endeusamento da sua persona, transportou grandes somas da máfia para a campanha de John Kenedy e depois levou um belo pé no traseiro pois Robert Kenedy não queria que o irmão colasse Sinatra na sua biografia. O filme na história real se chamou *O SOLDADO VON RYAN* com Frank Sinatra no papel principal. Depois disso Sinatra recuperou a voz, que tinha lhe dado problemas e contratou o grande arranjador Nelson Riddle que deu novos rumos à sua carreira. O sucesso de Sinatra todos sabem de cor e salteado. Na ficção enquanto se desenrola a festa de noivado de sua filha Connie, o Padrinho recebe no seu escritório sentado em um poltrona de couro. que deixa a marca de sua silhueta quando ele se levanta dela, e atende pedidos os mais diversos.

Um desses *pedintes* é dono de uma padaria e sua filha teria sofrido uma tentativa de abuso por seu namorado. O pai da moça, de quem Don Corleone, levando o indicador à testa e a mão no queixo numa pose repetida ao longo dos *atendimentos* cobra que este nunca lhe mostrou *rispetto*, que seria na verdade uma obediência servil e uma idolatria cega. O padeiro promete o bolo de casamento e o *capo* se digna a mandar reparar a grave ofensa à honra do humilde comerciante, quase se colocando se joelhos à frente do capo. Don Corleone tem um gato no colo a quem acaricia terna e repetidamente. Aí reside a ironia do episódio: vai mandar aplicar uma lição no folgado, talvez ordene que lhe quebrem os braços ou as pernas ou mande jogá-lo no fundo do rio Hudson, com os pés imersos no concreto, para que o corpo nunca mais submergisse à tona. Mas, ironicamente, mostra um carinho ao mesmo tempo paternal e infantil com o gato enquanto maquina um castigo exemplar. Este gato, na verdade rondava o set de filmagens, se tornando um *habitueé* do estúdio e ali comparecendo e flanando entre os atores, todos os dias. Coppola, no exato momento da tomada e num lance de genialidade, mandou que se colocasse o gato no colo do *capo del tutti capi*, para criar esse contraponto magnânimo em contraponto às atitudes de um homem acostumado a mandar *quebrar* ou eliminar seus desafetos.

Numa outra cena, seu guarda costas mais fiel, Clemenza, recebe a missão de eliminar Carlo Rizzi, o genro, marido de Connie que a espanca repetidamente. Acontece que Sonny (James Caan novinho) o filho irascível e violento que age mais com os punhos do que a cabeça, havia dado uma surra no cunhado. Sonny é atraído para um encontro e é metralhado numa praça de pedágio, onde os funcionários já tinham sido postos para correr. O capanga chama Carlo para lhe servir de motorista e pede que o leve à um determinado encontro, porém sua morte já está decidida. Pede que o conduza primeiro à sua casa e sua mulher fala para que não se esqueça de trazer a tradicional sobremesa de domingo: os deliciosos *canolli* que depois de ver o filme, saí à procura do e fui descobrir na padaria São Domingos na Rua Rui Barbosa na Bela Vista. Segundo a viagem, Clemenza, um armário de mogno de quatro portas, sentado no banco de trás, e com outro bandido no banco do carona, pede que Carlo pare o carro numa estrada erma que ele precisa fazer xixi. Desce, executa a tarefa, sacode o corpanzil dando a tradicional sacudidela e quando senta no banco, tira do casaco uma corda de náilon com a qual enforca o suposto traidor, fazendo saltar quase um metro de sua língua para fora da boca. O carona se desfaz do corpo empurrando o mesmo para fora do carro e assume o volante. Clemenza após a fria execução, ordena ao motorista: não podemos esquecer dos *canolli* que a *mamma* pediu.

Don Vito sofre um atentado em uma barraca de frutas numa rua no centro de N.Y. Cena memorável com rajadas de metralhadoras fazendo buracos nas frutas e varrendo a rua. Don Corleone é jogado ao chão pelo seu guarda costas e as frutas despencando das bancas, na profusão de tiros e corpos atirados ao chão. Para atiçar a gula do leitor esclareço que o *canolli* é uma massa fina, de extrema delicadeza, originalmente frita numa frigideira e recheada com creme. No estádio do Juventus tinha um vendedor de *canolli* que trazia uma cesta daquelas de bambu com as iguarias, avidamente disputadas no intervalo dos jogos pelos *oriundi* que recordavam do sabor de quando suas *mamas* os preparavam em casa. Hoje os confeiteiros das padarias o fazem assado no forno e com uma gama enorme de recheios: chocolate, morango, baunilha e muitos outros.

Outra ironia do filme, parte III: A ópera *Cavaleria Rusticana* será apresentada na Sicília, terra de matadores de aluguel. A peça é estrelada por Anthony filho de Michael, o segundo Padrinho. Dom Altobello, um dos chefes mais respeitáveis, um verdadeiro *consigliere* parceiro das primeiras horas acompanha a apresentação de sua ópera predileta, em italiano. Embevecido, de olhos fechados, saboreando os famosos *canolli* presenteados pela afilhada Connie, irmã de Michael. De repente, o *mafioso* no seu envelope, regendo imaginariamente a orquestra do poço e com a

outra mão levando a iguaria à boca, cai duro no chão, mortinho da silva, no compasso da ópera. Acontece que tinha havido uma traição que quase dizima todo o alto comando da *famiglia* Corleone e a suspeita de traição recai sobre Dom Altobello, apesar do compadrio e da longa parceria no crime organizado. Connie a afilhada, é encarregada pelo irmão Michael de executar o traidor. Compra e lhe dá de presente uma caixa de *canolli*, embrulhada com fino papel de presente e uma linda fita fechando o invólucro. Don Altobello que de traições e execuções tinha muita vivência, abre a caixa e matreiramente oferece o primeiro doce da caixa à afilhada. Ela come com naturalidade e então o guloso vai devorando as delícias, viajando no ritmo da ópera envolvente e ao morder o último acepipe faz sua derradeira viagem. Com certeza para o inferno, sem bilhete de volta. Depois de acabado o espetáculo, o matador trazido da Sicília para eliminar o Dom, aparece vestido de padre e assesta a mira do seu fuzil bem na cabeça do chefão. Quando aciona o gatilho, a filha do capo, apaixonada pelo primo Vincent, que seria nomeado o próximo Dom, e com o pedido de casamento negado pelo pai salta à sua frente para implorar o consentimento do pai. Não sabia que seria a última vez que falaria com o pai. O tiro certeiro, de um siciliano profissional com longa carreira de mortes por encomenda, pega em cheio as costas da moça, que cai sem vida no chão. Ela, na verdade, acabou interceptando a trajetória do projétil que riscaria do mapa a segunda geração Corleone. Novamente a ironia, com os *canolli* servindo de contraponto, permeia toda a cena da morte encomendada de Don Altobello.

6.2.3 A honra do poderoso Prizzi

Outro filme de *mafiosi* com elenco formado por Jack Nicholson, sempre estupendo, Anjélica (é com j mesmo) Houston, a Mortícia da família Addams, filha de John Houston, um dos maiores cineastas americanos, que dirige esse filme, e ainda a estonteante loira Kathleen Turner. Charlie Partanna (Nicholson) é casado com Maerose Prizzi (Anjelica) e se apaixona por Irene Walker (Kathleen) numa cerimônia de casamento mas nem imagina que ela é uma matadora de aluguel e estava na cerimônia para conhecer sua próxima vítima. Charlie e Irene tem um tórrido romance e ele só vai descobrir a profissão da moça no final do filme, aliás memorável. Prizzi, o chefão encomenda uma execução à Irene e esta acaba traindo a *famiglia* e se apoderando de uma vultosa soma, que sonha utilizar para fugir para o Brasil com Charlie, abandonando a vida do crime. O poderoso Prizzi fica sabendo da trama e chama Irene para uma conversa *amigável* no jardim de sua casa. Ele, já bem velhinho e numa cena idêntica à de Dom Altobello, escuta embevecidamente uma ópera de Puccini, devorando biscoitos italianos de dar água na boca, que retira de uma magnífica lata ovalada à sua frente(tenho algumas guardadas). Recebe Irene com carinho e educação, toma as mãos dela entre as suas calmamente e depois de revelar que sabia de toda a trama diz à ela: Querida, você roubou cem mil dólares da *famiglia* e como castigo deverá devolver três vezes essa quantia, dentro do prazo de 24 horas. Isso dito assim com toda a calma do mundo da boca de um *capo* é nada mais nada menos que uma sentença de morte. Olha mansamente para o rosto de Irene, apavorada por antever o desfecho da sentença impossível de ser cumprida, e pergunta como quem corteja uma mulher bonita: Aceita um biscoitinho minha filha? Novamente a ironia marca a beleza da cena. Irene sabe ser impossível cumprir a pena e aceita em troca perpetrar a execução de Charley Partana, também caído em desgraça junto à *famiglia*. Marcam um encontro e depois de uma tórrida cena amorosa, ela se levanta calmamente, coloca seu penhoar branco dizendo que vai ao banheiro. Quando volta tem uma pistola engatilhada apontada para Charley. Este se vira rapidamente na cama e retira um punhal, deliberadamente colocado debaixo do travesseiro e com extrema precisão acerta na jugular de Irene, que cai sem vida, com a automática na mão. The End.

6.2.4 Kansas City

Elenco: Jennifer Jason Leigh, Harry Belafonte e Miranda Jackson

Um filme de Robert Altman, e eu sou *altmaníaco*. Adoro sua filmografia.

Copiado da sinopse, sem pruridos, Kansas City “narra a vida da sociedade americana na década de 30. Período marcado pela corrupção e pela influência da Máfia na cidade de mesmo nome. Nas vésperas das eleições, um jovem branco Johny O’Hara pinta a cara de preto passando-se por negro para roubar um cliente preferencial do cassino dos negros mas é desmascarado e capturado pela quadrilha de Neldos Seen (Belafonte) e é condenado a *peixe*: viver no fundo do rio. Blondie (Jennifer) elabora um plano para salvar o marido e sequestra Carolyn (Miranda), esposa de um influente político local. Blondie quer que o marido dela, Stilton, interceda por Johny em troca da liberdade da esposa sequestrada”.

O filme tem como pano de fundo o jazz dos anos 30 e a história se passa numa boate de negros em que a música dos negros rola solta, trilha sonora executada pelos cobras que dominam a cena musical em 1966: Winton Marsallis, Nicolas Payton (pistão), Jimm Carter e Ron Carter (baixo). Eu assisti esse filme em uma das salas do Belas Artes

esquina da Consolação (bem em frente a um movimentado bar de gays em voga na época) com Paulista. Elegi o filme por acaso, apenas por ser Altman e fiquei fissurado com a qualidade do jazz e blues que embalava a trilha sonora. Ambientando numa boate escura, enfumaçada pelos charutos caros e frequentada por negros com ternos *risca de giz*, grossos cordões de ouro, gravatas bufantes e sapatos lustrosos de verniz e no palco verdadeiros duelos jazzísticos. Num deles dois saxofonistas se levantam de seus lugares para fazer seus solos individuais e vão alternando acordes vibracionais de tirar o fôlego. Eles se desafiam e se enfrentam musicalmente dando a impressão que a qualquer momento vão largar os instrumentos e se engalfinhar, se encarando como dois galos de briga numa rinha. Ao final do *duelo* se cumprimentam amistosamente como se dissessem: estamos empatados. No final do filme, com os créditos rolando na tela, os espectadores foram se levantando e saindo da sala e eu me dirigindo para frente para não perder o solo fantástico do *baixo de pau* executado por um dos maiores baixistas de todos os tempos: o americano Ron Carter. As peças musicais também são da vertente do jazz da época. Aliás a história do blues vem da época de 20 e 30 e nasceu no Delta do Mississípi, na forma de tristes canções de lamento dos negros, como já citamos. Um dos precursores foi Robert Johnson e depois beberam na sua fonte Muddy Watters, Thelonius Monk e tantos outros cobras, até chegar a B. B. King, ao fantástico Buddy Gay, Magic Slim, Dave Brubeck, Herbie Hancock e tantos outros que dominaram a cena e muitos que até já foram para o andar de cima. Essa geração de Winton Marsalis que faz a trilha do filme é atual. Pude conhecer o Lincoln Center em Nova Iorque, onde Winton dirige a orquestra principal, na verdade o Centro é uma enormidade de salas de espetáculos dedicadas a diversos gêneros musicais. Fui ao Coca-Cola Dizzy's Club considerado o braço do jazz do Lincoln Center, de frente para a estação Columbus Circle do metrô com vista deslumbrante para o Central Park. Vale a pena uma visita na internet.

6.2.5 Cinema Paradiso

Um filme com roteiro e direção de Giuseppe Tornatore com trilha sonora de ninguém menos que Ennio Morricone, numa produção franco italiana de 1.988. Oscar de melhor filme estrangeiro e uma dezena de premiações: Cannes, Globo de Ouro, Bafta etc, etc, etc.

Dados da sinopse: “Em uma vila italiana após a Segunda Guerra Mundial, Totó (Salvatore Cascio, encantador), se refugia no pequeno cinema Paradiso. Alfredo (Philippe Noiret, estupendo), o projecionista, torna-se seu mentor ao lhe transmitir a paixão pelo cinema. Nos filmes de Tornatore, o passado tem papel central, seja como a história da Itália. Cinema Paradiso projetou a experiência de gerações que vivenciaram os filmes como se fossem sonhos. Com espírito agridoce, conquistou o mundo todo com um tom nostálgico que remete a um passado mais ingênuo e íntegro. É um filme de resistência para quem acredita no poder mágico do cinema.”

Agora a narração by Carlinhos, o *Degas* aqui. Totó um garoto espertíssimo que logo nas primeiras cenas simula machucar a perna numa queda fingida para ganhar carona no cano da bicicleta, é órfão de guerra de um pai, que dela nunca retornou, apesar das esperanças da mamma de Totó. Ela prepara a comida para Alfredo, que se dedica inteiramente ao cinema Paradiso, onde à tarde o pároco da igreja pede que o filme seja projetado para que sejam cortadas as cenas de beijos, para decepção e vaias da plateia que durante décadas nunca viu um beijo na tela. Esta plateia é um show à parte: ricaços esnobes que, aboletados no balcão dão cusparadas nos mortais da plateia onde está o povão. Na primeira fila Totó que faz peripécias mirabolantes para conseguir o dinheiro do ingresso, para desespero de sua mãe que conta com esses tostões para botar a comida na mesa. Ao seu lado os garotos se masturbam avidamente com os olhos grudados na tela, devorando as atrizes cobertas até o pescoço e apenas com os seios delineados sob os vestidos e blusas. Na hora do beijo, a decepção e as vaias. Totó faz sinais para Alfredo emulando o movimento do giro da manivela da antiga máquina de projeção que deve ser vigiada cuidadosamente para não pegar fogo. Interessante notar que o rolo da fita vem de outro cinema transportado por um sôfrego ciclista que se esfalfa nas precárias e íngremes estradas de terra e, não raro chega atrasado para o horário do início da sessão. Mais vaias, apupos e xingamentos contra o dono da sala que se vê louco com a fúria dos espectadores, dotados de paciência zero, numa espera desesperada (perdoem o cacofato) pelo início da projeção. E Totó fazendo o clássico sinal da manivela para Alfredo que devolve com o sinal do dedo indicador à guisa de um pêndulo: No. Cena marcante quando Totó, depois de outra negativa, caminha pela rua gritando: Alfredo, Alfredo que assoma à janelinha para ouvir o insolente Totó gritar com o dedo médio em riste: “Vá fancullo Alfredo”. Até que Alfredo é obrigado a fazer uma espécie de teste escolar, na mesma sala de Totó que galga os primeiros degraus do ensino primário. Cena hilária dos sessentões envergonhados entrando na classe dos guris dente de leite. Alfredo se desespera com as questões e gesticula para Totó pedindo ajuda e este impõe a condição para passar a cola fazendo o movimento giratório da manivela de projeção. Alfredo, obrigado pelas circunstâncias cede e concorda e Totó debuta naquilo que é para ele o melhor dos mundos: operar a máquina, colocado carinhosamente por Alfredo numa banqueta bem alta para alcançar a altura da manivela. Totó ainda salva Alfredo de um terrível incêndio causado pela celulose que destrói totalmente o Cinema Paradiso que acaba ardendo totalmente em chamas. Alfredo fica cego e Totó, já um moço bonito, com

namoradinha e tudo assume em definitivo o cobiçado cargo de projecionista. Tem então uma oportunidade de ir para a cidade grande mas pensa na mãe e na namorada e quer desistir mas então a vivência e a experiência de vida de Alfredo, um analfabeto funcional faz com que Totó se decida. A fala simples e os argumentos sólidos o convencem de que na pequena vila não teria futuro, que os horizontes ali eram muito estreitos. Totó parte, e quando volta para o funeral da mãe já é um cineasta famoso, porém enfadado com a *dolce vita* que leva na cidade grande, repassando as estrelas novatas que se jogam aos seus pés e à sua cama para conseguir pequenos papéis, com sonhos de estrelato na fascinante atmosfera do cinema. Um dos mais lindos e tocantes filmes que já vi e não falamos da trilha sonora de Ennio Morricone, que musicou os maiores épicos e dominou essa cena até bem pouco tempo atrás.

6.2.6 Rain man

Elenco: Dustin Hoffman e Tom Cruise

Este filme marcou sobremaneira a minha maneira de encarar pessoas chamadas pejorativamente, há 50 anos atrás, de mongoloides ou retardados e hoje felizmente e carinhosamente de *especiais*. Eu consigo estabelecer uma sinergia com indivíduos desse grupo. Quando frequentei o Hobby Sports Ibirapuera em São Paulo, o filho do Nabi Chedid, o cartola do futebol e político pouco escrupuloso mandava seu filho especial, na faixa de uns 25 anos para o clube, no coração da Vila Nova Conceição, o bairro mais nobre de São Paulo. O rapaz ia à pé sem acompanhante e um dia quase foi atropelado em frente ao clube. Não sei o porquê dessa negligência paterna mas isso muito me revoltou: deixar o rapaz andando sozinho pelas ruas do bairro. Eu estabeleci um vínculo de amizade com ele que quase me arrebentava as costas quando me via. Era forte e tinha um braço musculoso e quando me encontrava tinha o costume de dar tapas nas minhas costas gritando: meu amigoooo, meu amigooo. Só que não tinha noção da força que tinha e eu tinha que aguentar as pancadas, porquê sabia que era puro carinho. Em outra ocasião em Salto de Pirapora, tinha um garoto na faixa dos 9 anos mais ou menos que dava um trabalhão quando tinha que cortar o cabelo. Eu comecei levando o menino para passear de carro comigo. Ele não falava mas tinha um senso de observação muito grande e quando o convidava ele já me dava a mão sabendo que iria andar de carro. Na terceira ou quarta vez levei-o na barbearia, conversando com bastante calma e dizendo que precisava cortar o cabelo para ficar bonito e passear de carro de novo. Segurei sua mão e o coloquei na cadeira Ferrante, das antigas, e ele me olhava estabelecendo uma comunicação apenas visual e deixou que cortassem o seu cabelo, bonitinho.

6.2.7 Perfume de mulher

Este clássico do cinema americano estrelado magistralmente por Al Pacino, que faz um *blind man*, um cego tão perfeito que a gente chega a imaginar que o ator é realmente cego. Aí está a verdadeira magia do cinema, fazer acreditarmos que o ator é cego, tal a performance desse intérprete que nos leva a percorrer a surrealidade do cinema como se verdade fosse e é muito gostoso deixar-se levar por essa fantasia. Aliás esse filme acerta em muitos pontos: faz uma crítica contundente do *american way of life*, a maioria silenciosa que comemora o *Thanksgiving Day*, o dia de Ação de Graças, como se vivesse apenas para comemorar esse dia, tão ou mais importante que o Natal para a cultura americana. A personalidade forte de um herói de guerra, e neurótico por conta dela, contrasta com a suposta platitude da família e coloca em cheque o *status quo* americano, desnudando a suposta felicidade familiar, pondo a nu a alegria muitas vezes hipócrita de uma família que produz clichês e mascara suas diferenças, à exemplo de *Parente é Serpente* de Ettore Scola.

Mas a parte bonita do filme é marcada pelo contraponto da dança maviosa de tango com fundo musical de *Por una cabeza* de autoria de ninguém menos do que Carlos Gardel, o rei do tango tradicional argentino, depois secundado por Astor Piazzolla que modernizou o ritmo mas isso é outra história. Aliás, uma curiosidade: o tango era uma dança considerada erótica, indigna dos salões e saraus familiares e então a performance era executada por dois homens, em ambientes predominantemente masculinos. Depois a dança evoluiu para os casais. A letra traça um paralelo entre uma corrida de *potrillos* em que o cavalo do obcecado apostador perde tudo porquê o seu eleito é derrotado por *apenas uma cabeça*, termo muito utilizado nas descrições apaixonadas dos locutores das corridas de cavalo culminando na indefectível frase: “E cruzam a reta final” e esta marca mais uma derrocada do obstinado apostador que sempre acredita que na próxima vai *estourar a banca, fazer a burra* mas nada mais é do que outra deceção. Na música o paralelo é com uma paixão avassaladora, *una cabeza de mujer* que frustra e aniquila seus sonhos de amante frustrado: uma paixão não correspondida que tira o *gosto da vida, a graça das coisas, o brilho do sol e da lua, o encanto da música, a beleza das flores, o canto dos pássaros* e torna fútil a existência de um ser humano que não tem um amor para chamar de seu. Tem que ser forte para sucumbir à golpes tão duros e quem já passou por isso, e aponte o dedo quem não passou, sabe dessa dura verdade inconteste. Só a resiliência, a paciência para esperar a tempestade passar vai trazer de volta os tempos de calmaria até que um novo tsunami

abale a calmaria e traga novas ondas turbulentas para sacudir o coração do apaixonado. Mas, esta é a essência da vida: quem não viveu nesses mares revoltos e não conheceu essa profusão cíclica das paixões da vida não viveu: foi apenas um mero espectador da vida, apenas a viu passar, não se arriscou, acovardou-se, teve medo da batalha. Como diria o magistral Paulinho da Viola: “Não sou eu que quem me navega, quem me navega é o mar”.

6.2.8 Parente é serpente

Filme do italiano Ettore Scola mostra uma família que se reúne num dia de Natal para uma ceia tipicamente italiana, com a tradicional *pasta da mamma* e junta familiares dispersos e o que seria uma grande festa de reencontro, de confraternização se transforma num palco de dissensões familiares, discussões políticas de coloridos diametralmente opostos, esposas que criticam seus maridos porquê engolem a comida sem sentir o seu sabor, numa mensagem sub reptícia de conotação sexual, e outras odiosas nuances familiares que perduram vivas apesar dos anos de distanciamento. A crítica é ferina nesse ponto: o que era para aproximar os parentes, para *matar as saudades* uns dos outros, se transforma numa exibição de egos inflamados e egoísticos e o ponto alto do desentendimento é o filho, que por muito tempo ausente, e de quem se espera que arrume uma boa moça para se casar e dar netos ao casal de velhos revela que o amigo que trouxe para o jantar é seu namorado. A cena final é marcada pela explosão do fogão e o fogo toma conta da casa, com os comensais dentro dela, e a câmera vai se afastando e mostrando a consumição da família ali reunida. Esta explosão pode ser apenas alegórica mas, permeia a ideia de Scolla que a família acaba se juntando para *lavar a roupa suja* e acentuar ainda mais as diferenças que a marcaram quando conviviam juntas. A explosão leva então à conclusão de que nunca vai haver o entendimento familiar e que parente é melhor mantido longe porquê *parente é serpente*.

6.2.9 O homem do braço de ouro(The man whith the golden arm)

Filme de Otto Preminger, trilha sonora de Elmer Bernstein. Elenco: Frank Sinatra, Eleanor Parker e a deslumbrante Kim Novak. Frankie Machine (Sinatra) volta da penitenciária e luta para se desvencilhar do vício das picadas e fugir da profissão de carteador profissional. Enfrenta a chantagem emocional da mulher que se finge paralítica numa cadeira de rodas, para tentar segurá-lo e cativar o seu amor, impingindo-lhe a culpa por um acidente de carro, em que Frankie estava bêbado. Frankie se consola com Molly-O (Kim Novak), *pin up girl* de uma boate, onde usa um deslumbrante vestido longo, negro, com enfeites prateados, que lhe dá um ar de sereia, um *peixão*. Impressionante a atuação de Frank Sinatra quando interpreta o viciado Frank Machine tentando se livrar da droga, e rolando, tremendo e se contorcendo numa das crises de abstinência.

6.2.10 Bastardos inglórios

Filme de Quentin Tarantino, com Brad Pitt no papel de Aldo Blane, chefe dos Bastardos. Sua atuação lembra muito Marlon Brando quando fez D. Vito Corleone (bochechas infladas). Hans Landa é o frio e calculista detetive que trabalha para os nazistas, caçando judeus escondidos no interior da França, quando da ocupação alemã.

O título é uma expressão dada pelos alemães a um grupo de extermínio de nazistas, formado por judeus americanos, com o intuito de apavorar os alemães com seus métodos violentos: bastão para quebrar os dedos, escalpos, marcação a faca da suástica na testa dos inimigos. Shoshana, a judia que consegue escapar do tiroteio ordenado por Landa, no porão da casa de fazenda e se torna proprietária de um cinema em Paris, onde pretende explodir o seu próprio cinema cheio de nazistas inclusive o alto comando: Hitler, Bormann, Goebells e outros assassinos estarão na apresentação do filme “O Orgulho da Nação”. Shoshana sonha fritar todos os nazistas, trancando as portas de saída da sala de projeções e incendiar os 350 rolos de filmes de acetato (material quatro vezes mais inflamável do que o papel, e já detalhado em Cinema Paradiso). Insere no meio da projeção um trailer rindo dos judeus e dizendo como vai matá-los todos incendiados na sala trancada que se transforma em arapuca mortal. Maravilhosa a cena em que aparece sua projeção na tela (a esta altura ela após ferir a tiros o oficial apaixonado, é morta pelo mesmo, já agonizante) rindo e mostrando a vingança fantástica que está executando contra aqueles que dizimaram toda a sua família de judeus camponeses. A ficção mostra uma vingança que não houve mas, conhecedores da tragédia nazista, chegamos a torcer para que tudo fosse verdade e tivesse acontecido mesmo. Outra magia do cinema: nos ajudar a realizar desejos secretos mesmo sabendo que é ficção.

6.2.11 O grande Gatsby

O filme descreve magistralmente o *way of life* dos ricaços americanos situados na west egg ou na east egg (na verdade denominações em função do outdoor que mostra um óculos cujas lentes lembram ovos), as festas, os smokings e

ternos alinhadíssimos, as festas suntuosas, os carros maravilhosos porém uma vida fútil, priorizando apenas as aparências, as demonstrações de poder e riqueza em detrimento dos sentimentos humanos. As festas são suntuosas mas o dono da casa nunca aparece. Parece que tem prazer de proporcionar alegria aos seus convivas mas mantém-se à distância da alegria e do fausto das festas. Aos poucos os motivos são revelados e como sempre envolvem uma grande paixão frustrada.

6.2.12 A história do blues

Uma luxuosa produção executiva de ninguém menos que Martin Scorsese em 8 CDs. Cada um abordando uma temática e com um diretor diferente.

Vamos à sinopse: “Em 7.2.2003, renomados artistas de vários gêneros e gerações comandaram o palco da Radio City Music Hall de Nova York, para prestar uma homenagem e um tributo à paixão de todos: o blues. Artistas lendários das raízes do rock, jazz e até rap uniram seus talentos nesse tributo, um concerto benéfico cuja renda foi destinada à educação musical. O filme recria a magia daquela noite, combinando astros, entrevistas, ensaios e clipes de arquivo de alguns dos maiores nomes da música mundial, desde os reis do blues como Buddy Guy e B.B. King até seus herdeiros, de John Fogerty e Bonnie Raitt a Mos Def e India Arie”.

Traz performances de B. B. King, Robert Cray, Solomon Burke, Clarence Gatemouth (boca de portão) Brown, Bonnie Raith, Natalie Cole, Robert Cray, Buddy Guy, John Forgety, Macy Gray e muitos outros mais.

Da minha observação pessoal dessa coletânea fabulosa, que repousa em cima da minha cristaleira centenária de imbuia, pude compreender como nasceu o blues no Delta do Mississípi, como os negros recolhiam instrumentos quebrados no lixo e os recuperavam ou adaptavam por não ter recursos para comprar novos e deixar fluir a sua verve musical: aquilo que já percorria suas veias e eles nem tinham consciência que fariam nascer um gênero musical que iria atravessar muitas gerações e gerar grandes talentos. As danças das negras, seja nas igrejas, nas festas ou mesmo em lugares públicos eram de uma pureza e energia contagiantes. Não tinham o menor pejo de chacoalhar suas muito bem fornidas cochas e nádegas, de olhos fechados, numa entrega total ao ritmo, deixando que este penetrasse suas entranhas, extravasando seus sentimentos de intensa alegria pura e felicidade genuína e fazendo com que esquecessem suas dores, suas vidas miseráveis e sem horizonte. Desde um negro cego que ponteava um instrumento tosco e pobre, em plena rua, até os primeiros *crooners* que se apresentavam nas vendas, que nem como bares poderiam ser classificados. O filme “Ray” sobre a vida de Ray Charles, mostra bem isso. No fundo de um armazém um negro dedilha um piano velho e o menino Ray, com seus cinco seis anos, antes da cegueira, já se deslumbrava com aquele som e, depois de ser enxotado várias vezes, tanto insistiu que conseguiu se sentar na banqueta e dar vazão ao enorme talento, que já estava latente nas suas veias. Por esses filmes a gente percebe que a música se fazia presente nas pessoas, no seu dia a dia, na igreja quando a extravasavam cantando e dançando como se estivessem possuídos por uma força e um poder sobrenatural. Isso é a essência do *soul*, a música que brota de dentro da alma dos cantores negros, que mesmo amadoristicamente já exibiam o instrumento gutural potente com que foram dotados generosamente pela natureza. Você percebe que a música vem lá de dentro, da alma(soul) e um grande exemplo disso é o som gutural que brota da garganta de Milton Nascimento. Outra característica marcante que noto é que esses *cantantes* profissionais ou dilettantes não estão preocupados com quem os ouve: parece que cantam para si próprios, para extravasar aquilo que brota do interior e que talvez nem consigam explicar. Eu sinto essa vibração quando ouço uma guitarra, onde o músico arranca aqueles acordes longos, eu diria notas pontiagudas e prolongadas e isto me leva ao êxtase, mesmo sem ter nenhum conhecimento ou habilidade musical, e acompanho essa nota comprida à moda dos instrumentistas que quando tocam fazem o *som de boca*. Observem atentamente esses músicos e notem que eles *fazem* os acordes na boca que vão passando para as cordas. Tim Maia tinha essa capacidade de fazer um arranjo todinho *de boca*, pois não conhecia uma nota musical. E que arranjos!!!!!! Muitas vezes minha reação é dançar sozinho mesmo ou se estiver assistindo um espetáculo não consigo ficar sentado ou parado na cadeira. Se a situação permitir me levanto e me deixo contagiar pelo ritmo inebriante da música. Sentindo o irresistível chamado puxo a companheira para dançar em qualquer ambiente, mesmo que não tenha ninguém dançando. Uma vez vi o Marcos Boi, músico sorocabano que já citei tocando um blues muito lento. Levei a Carol para o meio da sala e, ela fissurada no B.B. King me acompanhou numa dança de movimentos lentíssimos deixando fluir para o corpo os acordes do talentoso Marcos Boi que após ver nossa performance nos cumprimentou e disse que nunca tinha presenciado um casal dançar uma música executada por ele com tanta entrega e sentimento.

Pesquei no filme uma história deliciosa contada por Buddy Guy. Ele morava na Louisiana onde havia muitos mosquitos. E dos gigantes. Sua mãe aparecia esbravejando na sala, tocando os mosquitos com um pano e perguntando quem tinha tirado os elásticos dos mosquiteiros das janelas. Era o garoto Buddy que os roubava para

fazer uma guitarra com latas, os elásticos surruiados e pedaços de cana de açúcar. Bota criatividade e vontade de tocar nisso.

Capítulo 7

Ibirapuera e outros espaços públicos paulistanos

7.1 Parque e Auditório Ibirapuera

O parque Ibirapuera concebido no seu todo pelo grande arquiteto Oscar Niemeyer é, sem dúvida, o local mais democrático de São Paulo, por onde desfilam maratonistas, atletas de fim de semana, corredores amadores, bicicletas e até carrinhos de bebê ou simplesmente pessoas passeando, conversando e namorando ou levando seus cães para um determinado ponto, estabelecido informalmente como de encontro dos animais, que se integram a si e aos donos, desde que sejam de temperamento dócil, ambas as partes, diga-se de passagem. Vi ali muitos shows mesmo antes da construção do Auditório: Ray Charles, Kiri Te Kanawa, a soprano holandesa maravilhosa, Winton Marsalis, Ray Coniff, João Bosco e a orquestra alemã de Nuremberg e muitos outros artistas fantásticos. Tudo ao ar livre, o povo sentado no chão ou trazendo cadeiras e banquetas. Normalmente no início dos shows há uma guerra entre os espectadores quando os primeiros, encostados às grades teimam em permanecer em pé. Sem dar ouvidos aos gritos de senta, senta costumam levar uma saraivada de objetos atirados mas, persistem na sua insistente e obstinada posição sem ligar para os xingamentos e papéis atirados. Isso por si só já é um espetáculo divertido, apesar de que essa intolerância teimosa atrapalha o espetáculo e a comodidade dos que querem assistir sentados na grama. De qualquer forma o espetáculo vale a pena. Alguns dançam, outros fumam maconha tranquilamente e outros como eu tomam cerveja, cuja venda oficialmente proibida, é feita sem nenhum obstáculo. O Auditório Ibirapuera Oscar Niemeyer é uma construção em formato de cunha, formando uma pista inclinada por onde as vezes os gaiatos se aventuram até o topo. A entrada pelo teatro fechado é pelo lado da Oca, e sua entrada tem uma escultura em ferro fundido sugerindo uma língua vermelha que se ergue para o céu, contrastando com o branco da construção toda. Essa escultura foi executada pelo meu amigo baiano Wilson, engenheiro civil que tem uma empresa de construções metálicas. Dentro é bastante confortável, com uma rampa em curva levando ao *foyer* do teatro, as cadeiras são confortáveis e o som e a iluminação muito bons. O palco espaçoso é voltado para o seu interior nos espetáculos pagos ou executados no ambiente fechado. Geralmente nos domingos à tarde este palco se abre para o parque, para shows abertos com o público na grama, como já descrevemos. Ou seja, o palco é ambivalente, servindo perfeitamente aos dois espaços. O parque tem vários espaços segmentados, interligados pelas pistas de corrida e caminhada:

7.1.1 Viveiro Manequinho Lopes

O espaço tem viveiro de mudas, ambientes tranquilos, O Cantinho da Leitura à sombra de caramanchões ou ainda um espaço coberto, com as laterais abertas, uma antiga serraria com pé direito alto com uma talha gigante, que deve ter servido para transportar madeiras pesadas e está ali para simples exposição.

7.1.2 Marquise

Um caminho sinuoso onde esqueitistas e patinadores aproveitam o cimentoado liso e propício para a prática dos seus esportes. Eventualmente abriga mostras itinerantes.

7.1.3 Oca

Espaço para exposições temporárias formado por uma meia bola gigantesca, côncava e com claraboias como se fossem olhos voltados para o céu e para o verde do parque. Prédio majestoso de arquitetura idem.

7.1.4 Museu de Arte Moderna - MAM – Prédio Ciccilo Matarazzo

Abriga a Bienal de Artes e nos interstícios entre as Bienais, o espaço amplo em vários níveis ligados por rampas externas, deliciosas para galgar de bicicleta ou a pé mesmo, apresenta mostra as mais diversas inclusive um famoso encontro de cibernetica que atrai aficionados do mundo inteiro que normalmente acampam no seu interior em barracas improvisadas.

7.1.5 Museu Afro Brasileiro

Espaço interessantíssimo com uma coleção de mais de 6 mil peças de artesanato, rouparia e outros objetos de tradição afro.

7.1.6 Planetário

Espetáculo fantástico no seu interior que mostra as constelações, os planetas e você sentado em uma cadeira parece que tem o céu na sua cabeça em uma apresentação de som e luzes simplesmente deslumbrante.

7.1.7 Jardim Japonês

Um cantinho oriental delicioso com um bangalô de madeira que foi construído sem um único prego, apenas com entalhes e encaixes na madeira. Tem um terraço aberto, sobre um lago onde as coloridíssimas carpas *nishi goy nadam tranquilamente. Você ainda pode comprar um saquinho de ração para atraí-las para a flor da água, mais perto ainda de você.

7.1.8 Figuras Folclóricas Do Parque

No Ibirapuera existem muitas pessoas que vivem ali há muitos anos, fazem do parque suas casas e dali tiram seu sustento.

Chico

Vendia água na *Praça do Porquinho*, que ganhou esse nome devido a uma escultura metálica onde um garoto persegue um porquinho.

Salve

O Salve era um barbudo frequentador diário e eterno do parque que cumprimenta as pessoas dessa maneira: *Salve*. Soube que organizava caminhadas pelo parque ou em outros espaços, dando instruções sobre respiração aeróbica etc. e que tem um público cativo.

Maisena

Foi, sem dúvida, o personagem mais emblemático do parque. Um negro alto e forte, um pouco gago, que ganhou esse apelido porque frequentava o parque desde garotinho acompanhando a mãe, que tirava o sustento da família como ambulante no parque. Ele ganhou esse apelido, um contrassenso com a sua negritude, porquê a mãe levava uma pacote de bolachas Maisena para matar a fome do garotinho. Esperto e como gostava de bicicletas, levava chaves precárias e improvisadas para auxiliar os ciclistas em pequenos reparos e aproveitar para pedir a *bike* emprestada para dar uma voltinha. Foi crescendo ali, consertando as magrelas sem nada cobrar e cativando a simpatia dos frequentadores e ganhando gorjetas. Conseguiu comprar suas próprias bicicletas e quando o conheci, por volta de 1.995 já deveria ter mais de cem bicicletas de aluguel, uma equipe de 4 ou 5 mecânicos, atendendo *full time* os pedidos para encher pneus, remendar furos das câmeras, regular a corrente que escapou e por aí fora. Chegou a ter um pequeno balcão com uma moça para atender os locatários das *bikes*, segurando sua identidade até a devolução do equipamento, sempre com pagamento antecipado. Chegou a montar conjuntos de bicicletas interligadas de 5, 6 e até oito lugares onde famílias inteiras ou amigos pedalavam juntos naqueles veículos diferentes e desengonçados, mas sem dúvida muito divertidos. Nos sábados e domingos à tarde ligava potentes caixas de som e fazia bailes *funk* de arrasar quarteirão: diversão gratuita que formou freguesia cativa.

Passou a colecionar alguns carros antigos que, dizem, alugava para casamentos. Tinha um Aero Willis 2.600 recuperado que dava gosto de ver.

Tentei fazer com ele uma parceria para colocar *walk machines* para alugar no parque e ele ficou todo entusiasmado falando para os funcionários: “Agora vamo alugá vaimachine” e eu morria de rir. Acabei desistindo pelo risco de os equipamentos causarem acidentes ou serem proibidos por possuírem motorização.

A *farrá do Maisena* acabou quando Gilberto Kassab assumiu a prefeitura e foi demarcada uma ciclovía no parque, que inviabilizou o gostoso espaço construído arduamente por ele ao longo de quase uma existência. Uma pena. Começou a *farrá das ciclovias*, construídas pelo poder público e que se mostraram as mais caras do mundo, cinco ou seis vezes ao que se gastou em Paris ou Londres pois se tornaram mais uma fonte de arrecadação super faturada para os gananciosos políticos. A coisa virou tamanha febre que o bairro de Moema foi inundado pelas tais ciclovias, o que inviabilizou o comércio em muitos locais, pois as ruas estreitas não comportavam fluxo e estacionamento de veículos e mais uma faixa exclusiva, bem em frente aos estabelecimentos comerciais. Coisas do nosso Brasil.

Acredito que as ciclovias são muito importantes e interessantes mas em grandes avenidas e parques e sem interferir em demasia no cotidiano da cidade.

7.1.9 Quadras de Esportes

O parque ainda contava com várias quadras, inclusive um conjunto de 4 quadras rápidas de tênis onde joguei por muitas vezes. Com as comemorações dos Quinhentos anos do descobrimento do Brasil, as quadras foram eliminadas, sem aviso prévio, para dar lugar às instalações do evento incluindo uma nau gigantesca, emulando à de Cabral. Chegamos num domingo, equipados e prontos para o jogo habitual e demos de cara com tapumes cercando todo o espaço. Houve briga, reclamações em revistas e jornais, mas a proibição foi fato consumado.

7.2 Museu da Casa Brasileira, da Faria Lima

Além da exposição permanente do mobiliário brasileiro, desde os tempos de colônia, exibe ainda outras mostras itinerantes. Nos fundos um terraço enorme, aberto para o magnífico gramado e o jardim com árvores centenárias. No centro do terraço um piano de cauda e um palco com música e músicos de qualidade. Num desses shows o grupo executou Santa Morena, de Jacob do Bandolim, com certeza o choro instrumental mais lindo que já ouvi. A música fechava o show já na hora do bis, um choro com batida de guitarra espanhola, emocionante, bem ritmado e vibrante. Nisso a Dolores, uma conhecida nossa dos shows do SESC, se levanta e com seu lenço vermelho, bem no estilo das bailarinas de flamenco vai para a frente do palco e começa seu bailado espetacular, fazendo volteios no ar com a echarpe, numa sincronia de corpo, passos e o lenço coroando a exibição. Não me contive e fui acompanhá-la mas, apenas fazendo escada para a sua galante exibição pois o máximo que podia fazer era estalar os dedos e dançar em volta dela pois não tinha “altura” para fazer jus à sua apresentação. Aproveitei a oportunidade e saboreei os aplausos dirigidos à ela, com uma rebarba para o Degas aqui. Ainda tinha um restaurante *finérrimo* no local que servia ostras frescas de Santa Catarina e eu fazia o meu charme pedindo uma taça de vinho branco para acompanhar a iguaria.

7.3 Sesc Paulista, Casarão das Rosas e Itaú Cultural

No final da Paulista, defronte ao Itaú Cultural, quase Praça Oswaldo Cruz e Shopping Paulista o SESC ocupando um prédio de uns dez andares, tinha um teatro no subsolo daqueles com a plateia em desnível onde às segundas feiras batíamos ponto nos shows instrumentais e todo o meu conhecimento de música instrumental vem desse maravilhoso local. Seja pelas narrativas dos artistas ou pelo profundo conhecimento do gênero de alguns frequentadores com vasta bagagem cultural. Ali vi Baden Powell, Zé Menezes, orquestra de piano (depois expliquei), Pereira da Viola, Celso Pixinga, o baterista Edu Ribeiro, Trio Corrente e Rosa Passos e outros grandes músicos. Na cobertura tinha a comedoria com mesas e banquetas altas e apresentação de choro e samba às terças e jazz e blues às quintas. No meio daquelas mesas, num espaço bastante exíguo, dancei muito e por muitas vezes fui *tirado pra dançar*. Era o pé de valsa de plantão que não deixava nenhuma mulher frustrada de vontade de voltar na apertada pista. Do SESC ainda esticávamos para alguma apresentação no Casarão das Rosas ali ao lado. Um dos marcos da Avenida Paulista dos tempos do *corso* com baratinhas e Fords T 1.929 desfilando no Planalto e este casarão, um legítimo exemplar da época de ouro dos barões do café. Construção em granito cinza, um verdadeiro palacete se debruçando sobre um roseiral em extensa área com rosas de vários matizes, formando alamedas e até túneis cobertos por caramanchões sustentados por arcos de ferro. No lado oposto o Itaú Cultural, museu, vasto arquivo da cultura popular e um teatro nos moldes do vizinho SESC. Ali vi Lia de Itamaracá, a cirandeira pernambucana da ilha de mesmo nome que, do

alto dos seus quase oitenta anos botou a plateia toda para dançar inventando brincadeiras com as suas cirandas ingênuas e maliciosas ao mesmo tempo. Numa dessas na brincadeira de pega pega a gente podia tocar nas moças bonitas que entraram gostosamente na farra ingênua. Será? Vi também Mestre Ambrósio, um grupo de forró pé de serra animadíssimo, liderado pelo “rabequeiro” Siba, mais um zabumbeiro animadíssimo fazendo piruetas com o enorme instrumento e com sua enorme cabeleira afro toda desordenada, um sanfoneiro oito baixos, tambor e guitarra todos tocando “Fuá na casa de Cabral” e fazendo malabarismos com seus instrumentos e gingando num ritmo altamente contagiente pela alegria e irreverência. A letra da música mostra um Cabral desapontado dizendo: “O Brasil que descobri quero cobrir de novo”. Mais uma vez o ritmo contagiente fez a plateia pular das cadeiras para os corredores e a frente do palco.

Capítulo 8

Literatura e Outros Escritos

8.1 A fogueira das vaidades

Esta obra literária de Tom Wolfe, prefaciada por ninguém menos que Paulo Francis, que diz que essa obra mudou a natureza dos romances americanos. Mostra o mundo dourado e glamuroso dos “yuppies” nova iorquinos, operadores de Wall Street cujo símbolo é o enorme touro e sua força reproduutora, valentia e ousadia. Define tais personagens como de “alta wattagem social”. Assim é o mercado de capitais onde na mesma velocidade que se constroem fortunas, fama e sucesso também se destroem fortunas e reputações, e faz uma alegoria de seus atores que hoje estão no alto do “pau de sebo” mas podem a qualquer momento escorregar vertiginosamente para o mesmo ponto de onde iniciaram a escalada: o chão, o solo onde vão rastejar saudosos dos tempos de bonança e fausto. Curioso que eu não sabia da existência do pau de sebo na cultura americana. Achava que era coisa caipira, só nossa.

Na história, Sherman Mc Coy trabalha num banco internacional de investimentos que ocupa nada menos do que 5 andares de um luxuoso prédio comercial em plena Wall Street. Façanha que não é para poucos mortais pois a maioria de seus operadores trabalha em pequenas salas alugadas. O filme é carregado de ironias e vocês já devem ter percebido a minha predileção por elas.

Sherman exemplifica muito bem o “yuppie” realizado à custa do sucesso na carreira profissional como operador da bolsa mais famosa e importante do mundo. Mora na Park Avenue, tem uma bela esposa, filha que estuda em colégio tradicional e de quebra uma amante estonteante. Tem uma Mercedes esportiva mas, quando vai à uma festa a apenas alguns quarteirões de sua residência, que poderiam ser vencidos a pé em poucos minutos, e aí vem a ironia: aluga uma limusine para chegar em grande estilo. As mulheres são descritas como “raio x ambulante” pois de tanto malhar seus decotes mostram os ossos que saltam à vista e ainda faz a ferina observação de que se colocasse um prumo na parte posterior da cabeça das mulheres, a parte de baixo do pêndulo não resvalaria na respectiva bunda, por falta de recheio. Mais ferinamente ainda critica o “american way of life” que só aceita a casta especial que ele cunhou de WASPs: White, anglo saxão e protestante. Os negros e amarelos são párias, a escória. Sherman se envolve em um acidente de automóvel, quando enlevado com a companhia da estonteante amante, também casada, cai por engano em uma zona perigosa do Bronx onde atropela fatalmente um garoto negro que salta à frente de seu carro esportivo. Tudo desmorona naquela vida de sonhos, a verdadeira “Fogueira das Vaidades” e começa aí a queda vertiginosa do pau de sebo. Parcelas altíssimas do financiamento do luxuoso apartamento na Park Avenue, a mais exclusiva das avenidas nova iorquinhas, onde morou inclusive o beatle John Lennon, o carro esportivo financiado mais escola particular da filha, despesas de condomínio, academia, roupas de grife e vida de luxo da mulher somados à um processo criminal marcam a derrocada do antes próspero e bem sucedido operador de obrigações de Wall street. Wolfe descreve também magistralmente a rotina dentro dos corredores do Forum Criminal da temida Justiça americana. Interessante quando um advogado orienta um cliente para se apresentar perante o juiz. Esse rapaz, que não tem ocupação e vive às custas das mesadas da mãe se apresenta no escritório com um par de tênis estalando de novo, agasalho de grife com a indefectível touca enterrada na cabeça, topete erguido e com um andar bamboleante que Wolfe descreve como “ginga de cafetão”. O advogado o faz caminhar dentro da sala e analisando sua performance o faz ver que com aquele figurino assim que adentrasse a sala do júri já estaria condenado. Muda então o seu figurino radicalmente e o faz treinar a andar com as mãos entrelaçadas nas costas para eliminar a “ginga de cafetão” e entrar de cabeça abaixada para passar ao julgador a imagem de menino pobre do gueto, humilde e marginalizado, vítima do sistema, digno de pena. Tom Wolfe aborda ainda o poder das Igrejas que mantém seu reinado à custa dos mais pobres, à exemplo da série GreenLeaf da Netflix. A mãe do garoto de

posse da placa do carro que atropelou e matou seu filho procura o reverendo Bacon de uma dessas igrejas e este se aproveita do episódio para cutucar a sociedade, o prefeito e o poder da supremacia branca. Wolfe critica ainda o sistema habitacional, com a dificuldade dos mais pobres em obter moradia e hoje, conhecendo a história de Donald Trump que herdou do pai milhares de unidades residenciais com fins locatícios e que, à priori desprezava os cadastros dos candidatos negros e não WASPs. Não sei se é intencional mas na época em que escreveu o livro Trump já era o rei desse mercado lucrativo. Enfim, descreve com grande lucidez tanto a vida do gueto quanto a vida glamorosa e fútil na famosa Tribeca: The Triangle Behind the Chanel.

Tom Wolfe chama pessoas dúbias de morcegos e explica a origem da alcunha: Os morcegos durante uma guerra entre os mamíferos e os pássaros declarou-se mamífero porquê tem dentes e ficou do lado dos que estavam ganhando a guerra. Quando os pássaros começaram a ganhar a guerra o morcego se declarou um deles porquê tinha asas e sabia voar. Por isso não sai durante o dia para que ninguém descubra a dualidade da sua formação genética. Ou seja: não quer que ninguém veja as suas duas máscaras.

8.2 Frases epistolares

De todos os livros que li, e alguns fiz até resenhas pelo puro prazer de registrar aquilo que me impressionou naquele momento da leitura. Dessas leituras somando-se à leitura regular e quase religiosa da revista Veja há mais de cinquenta anos fui pinçando frases que, parafraseando Millor Fernandes, considero como *definições definitivas*. Vamos lá:

ABRAHM LINCOLN

- 1) Pode-se enganar alguns por muito tempo ou todos por algum tempo. Não se pode enganar todos por todo o tempo

ADAM SMITH

- 1) Em condições de absoluta harmonia e entendimento nunca se viu dois cães trocarem seus respectivos ossos

ANTONIO CARLOS JOBIM

- 1) A cerveja locupleta os vazios da alma.
- 2) É preciso lutar pela adequada perfusão dos corpos cavernosos.
- 3) Cada canção com nome de mulher que fiz foi uma moça que eu não comi.
- 4) Troco qualquer sinfonia de Beethoven por uma boa ereção.
- 5) O sucesso gera o antagonismo.

Curiosidades sobre o personagem Tom Jobim:

Lígia, título da famosa canção não foi uma paixão que inspirou a composição mas uma mulher cuja beleza o impressionou bem como os demais frequentadores do Veloso (depois Garota de Ipanema) e acabou se casando com Fernando Sabino, o escritor. Ainda nesta canção Tom usa a linguagem da negação que se transforma em afirmação: “Eu nunca sonhei com você, nunca fui ao cinema, não gosto de samba, não vou a Ipanema, não gosto de chuva, nem gosto de sol. Eu nunca quis tê-la ao meu lado num fim de semana um chopp gelado em Copacabana, andar pela praia até o Leblon”.....

FRANK SINATRA

- 1) Noventa por cento de tudo que ganhei gastei com jogo, mulheres e bebidas. Os dez por cento restantes ficaram para o garçom.
- 2) Ava Gardner é o mais belo animal sobre a face da terra.
- 3) Só se vive uma vez na vida mas, da maneira como vivo, uma só vez basta. (O Degas aqui concorda em gênero, número e grau)

TIM MAIA

- 1) Não bebo, não cheiro e não fumo, mas, às vezes, minto um pouquinho.
- 2) A minha cornitude existencial me inspirou a fazer algumas das minhas melhores canções. (A frase original é de Antonio Maria)

JORGE AMADO

- 1) É impossível comer todas as mulheres do mundo, mas deve-se fazer uma tentativa.

EISENHOWER

- 1) O mundo pertence aos otimistas. Os pessimistas são meros espectadores.

ÉLIO GASPARI

- 1) Havia mais gente comendo o bolo do que amassando a farinha.

GERALDO ALCKMIN

- 1) A esperteza demais come o esperto

ROBERTO CAMPOS

- 1) Se tivesse escrito um capítulo amoroso teria apenas uma frase: Nunca fui veado. E uma nota de rodapé: Nem atleta sexual.

VICTOR HUGO

- 1) Amar outra pessoa é como ver a face de Deus. O amor é o jardim dos jovens.

MÁRIO DE ANDRADE

- 1) As pessoas não debatem conteúdos, apenas os rótulos. Tenho pressa. Quero a essência.

NÉLIDA PIÑÓN

- 1) Sobre Lili Marinho: Ela dosava ironia e inteligência. Tinha elegância moral

NELSON RODRIGUES

- 1) Só o gênio enxerga o óbvio.

MÁRIO COVAS

- 1) Não são todos os políticos que são malandros. Todos malandros é que são iguais.

- 2) Ovo de galinha tem muito mais valor que ovo de ganso. Mas é por causa do estardalhaço que a galinha faz ao por o seu ovo. (Uma referência a certos políticos que quase nada realizam mas fazem um barulhão danado para parecer que fizeram muita coisa)

PERRY WHITE

- 1) O homem é um animal político mas, o homem político é um animal.

DOUTEL DE ANDRADE

- 1) Maluco é igual relógio parado. Duas vezes por dia está certo.

AUGUSTO BOAL – em Tempo de Guerra

- 1) Paz na terra aos homens de boas maneiras

ANÔNIMOS

- 1) É difícil ensinar truque novo prá cachorro velho.

- 2) O dinheiro só é bom quando não faz falta.

- 3) É o mesmo que economizar palito de dentes em banquete.

- 4) Si hay pasteles de carne, pero no hay carne, alguna cosa lo hay.
- 5) Se cabritos tem para vender e cabras não tem, de algum lugar vem.
- 6) Os homens usam o casamento para obter o sexo. Já as mulheres usam o sexo para obter o casamento.
- 7) O casamento é o único tipo de guerra em que você dorme com o inimigo.
- 8) Sou como arroz branco, sirvo apenas para dar mais destaque a pratos mais requintados.
- 9) Sorriso de gato que acabou de comer o canário.
- 10) É tão difícil quanto pesar sapos em uma balança.
- 11) Antes eu não era perfeito: faltava-me a modéstia.
- 12) Discurso tem que ser igual a vestido: nem curto que escandalize e nem longo que entristeça.
- 13) Ele quer bancar o Tiradentes com o nosso pescoço.
- 14) O gato que persegue dois ratos fica sem nenhum.
- 15) Primeiro ponha o cérebro para pensar. Depois a língua para funcionar.
- 16) Quem monta no lombo do tigre acaba dentro da barriga do bicho.
- 17) Se pensar, não fale. Se falar, não escreva. Se escrever não assine. Se pensar, falar, escrever e assinar depois não se surpreenda.
- 18) Ranieri Mazilli era igual absorvente: Estava no melhor lugar nos piores dias, afim de evitar derramamento de sangue.

8.3 Textos garimpados aleatoriamente

Quando vejo e leio um texto que me impressiona, trato logo de registrá-lo em meus manuscritos e arquivos, mesmo sabendo que talvez nem tenha a oportunidade de comentar ou ler para alguém mas, mesmo assim tenho dó de deixá-lo perdido e esquecido. Seguem alguns desse registros:

GLORINHA KALIL: SER CHIQUE

Interessante que *chique* pronunciado aqui em Salto bem acaipirado virou moda, mas de tanto ser usado para coisas bobas se tornou até meio banal e saturado.

Mas Glorinha o redefine e o coloca no seu merecido pedestal. Vamos lá:

Nunca o termo chique foi tão usado para qualificar pessoas como nos dias de hoje.

A verdade é que ninguém é chique por decreto. E algumas coisas da vida, infelizmente não estão à venda. Elegância é uma delas.

Assim, para ser chique é preciso muito mais que um guarda-roupa ou closet recheado de grifes famosas e importadas. Muito mais que um belo carro italiano.

O que faz uma pessoa chique não é o que essa pessoa usa mas a forma como ela se comporta perante a vida. Chique mesmo é ser discreto.

Quem não procura chamar a atenção com suas risadas muito altas, nem por seus imensos decotes e nem precisa contar vantagens, mesmo quando estas são verdadeiras.

Chique é atrair, mesmo sem querer, todos os olhares, porque se tem brilho próprio.

Chique mesmo é ser discreto, não fazer perguntas ou insinuações inoportunas, nem procurar saber o que não é da sua conta.

Chique é evitar se deixar levar pela mania nacional de jogar lixo na rua.

Chique mesmo é dar Bom Dia ao porteiro do seu prédio e às pessoas que estão no elevador.

Chique é lembrar-se do aniversário dos amigos.

Chique mesmo é não se exceder jamais!

Nem na bebida, nem na comida, nem na maneira de se vestir.

Chique mesmo é olhar nos olhos do seu interlocutor.

Chique mesmo é desligar o “radar”, o “telefone”, quando estiver sentado na mesa do restaurante, prestar verdadeira atenção aos seus companheiros.

Chique mesmo é honrar a sua palavra, ser grato a quem o ajuda, correto com quem você se relaciona e honesto nos seus negócios.

Chique mesmo é não fazer a menor questão de aparecer, ainda que você seja o homenageado da noite.

Chique do chique é não se iludir com “trocentas” plásticas mesmo quando não se pretende corrigir o caráter: não há plástica que salve grosseria, incompetência, mentira, fraude, agressão, intolerância, ateísmo..... falsidade.

Mas, para ser chique, chique mesmo, você tem, antes de tudo, de se lembrar sempre de o quão breve é a vida e de que, ao final e ao cabo, vamos todos terminar da mesma maneira, mortos sem levar nada material deste mundo.

Portanto não gaste sua energia com o que não tem valor, não desperdice as pessoas interessantes com quem se encontrar e não aceite, em hipótese alguma, fazer qualquer coisa que não lhe faça bem, que não seja correta.

Lembre-se: o diabo parece chique, mas o inferno não tem qualquer glamour!

Porquê, no final das contas, chique mesmo é crer em Deus!

Investir em conhecimento pode nos tornar sábios..... mas, Amor e Fé nos tornam humanos.

MAX GERINGHER

O consultor especializado em relações do trabalho e que apresentou quadros inseridos na programação da Globo, faz uma análise perfeita do ambiente de trabalho, seus desdobramentos, seus erros e falhas e enfim traça um diagnóstico dessa área tão importante e do inter-relacionamento entre os profissionais que gravitam numa mesma órbita dentro de uma empresa, o que gera ciúmes, competição e rasteiras sem entrar na seara do assédio sexual ou assédio corporativo como prevalência e ditadura dos chefes sobre os seus subordinados. O texto a seguir é uma mostra elaborada num jogo de palavras que recria esse tenso ambiente de trabalho.

Em empresas, cada um é cada um

Para cada um que explica, tem um que não entende.

Para cada um que tem certeza, tem um que diz: depende.

Para cada um que é grato, tem um que só reclama.

Para cada um que se esforça, tem um que vive da fama.

Para cada um que acelera, tem um que pisa no freio.

Para cada um que apostava, tem um coluna do meio.

Para cada um que pensa, tem um que pensa que pensa.

Para cada um que aceita crítica, tem um que acha ofensa.

Para cada um que cumprimenta, tem um que não responde.

Para cada um que se expõe, tem um que se esconde.

Para cada um que elogia, tem um que censura.

Para cada um que empurra, tem um que segura.

Para cada um que acredita, tem um que duvida.

Para cada um com objetivo, tem um com objeção.

Para cada um que fala, tem um que pede por escrito.

Para cada um com iniciativa, tem um proondo reunião.

Para cada um procurando consenso, tem um procurando atrito.

Para cada um que se arrisca, tem um que se intimida.

Para cada um que é claro, tem um que faz salameleque.

Para cada um que segue em frente, tem um que pede feed back.

Para cada um com foco, tem um que muda de tema.

Para cada um que vê a solução, tem um que só vê problema.

Para cada um que tenta, tem um que diz que vai dar errado.

Para cada um que erra, tem um que diz que já tinha avisado.

Eu, que vivi muito nesses ambientes de trabalho confesso que nunca vi uma definição tão ampla e tão elucidativa do meio corporativo. Me debati muito com idéias, tentei implantar novidades e sempre briguei muito, talvez até

venha daí o fato de não ter galgado cargos mais altos. Além de briguento e encrenqueiro sempre fui avesso ao “puxa saquismo” mas tenho comigo a certeza de que por onde passei deixei um legado. Foram os meninos que formei, conforme já foi narrado, que passei todos os meus conhecimentos sem medo de sombra ou competição. Nunca deixei de ensinar o *pulo do gato*. Conforme conta a lenda a onça pediu ao gato que ensinasse os seus pulos para ela, que na verdade queria aprender todos para comer o gato mas, este os ensinou menos um. Quando ela quis dar o bote final o gato deu um pulo novo, que ela não conhecia. Disse para o gato: mas esse você não me ensinou. O gato respondeu: eu já sabia das suas intenções por isso não ensinei o *pulo do gato*.

Tenho um orgulho muito grande de ter tirado esses garotos das posições mais desimportantes na escala hierárquica das empresas e alçá-los em muito pouco tempo a figuras de destaque dentro daquelas empresas. Alguns eram simples *office boys*, outro era aprendiz de mecânico mas eu enxerguei qualidades nessas pessoas e os tirei do obscurantismo e consegui lhes dar relevância e mesmo uma profissão como o caso que narrei do Haroldo que, de office boy rejeitado, hoje é um auditor em empresa multinacional.

Todas essas idiossincrasias que o Max Geringher descreve magistralmente nesse texto, espelham as dificuldades que encontrei nas empresas brigando e encarando colegas ciumentos, mentes pessimistas e conservadoras, avessas a mudanças. Cheguei a brigar até com os donos das empresas ou seus diretores, superiores a mim, para impor pontos de vista que sempre defendi ardorosamente. Hoje olho para trás e vejo e entendo o porquê dessa luta com mentes defasadas e desatualizadas e não me arrependo de ter dado murros em ponta de faca para fazer valer os meus objetivos.

TEXTO DE MADRE TEREZA DE CALCUTÁ

Muitas vezes as pessoas são egocêntricas, ilógicas e insensatas.
 Perdoe-as assim mesmo.
 Se você é gentil, as pessoas podem acusá-lo de egoísta e interesseiro.
 Seja gentil assim mesmo.
 Se você é um vencedor, terá alguns falsos amigos e alguns inimigos verdadeiros.
 Vença assim mesmo.
 Se você é honesto e franco as pessoas podem enganá-lo.
 Seja honesto assim mesmo.
 O que você levou anos para construir, alguém pode destruir de uma hora para outra.
 Construa assim mesmo.
 Se você tem Paz, é Feliz, as pessoas podem sentir inveja.
 Seja Feliz assim mesmo.
 Dê ao mundo o melhor de você, mas isso pode nunca ser o bastante.
 Dê o melhor de você assim mesmo.
 Veja você que no final das contas, é entre você e Deus.
 Nunca foi entre você e as outras pessoas.

TEXTO QUE NÃO ME LEMBRO A AUTORIA:

PARA REFLETIR: NÃO É COMIGO

Esta é uma história sobre 4 personagens:

Todo Mundo, Alguém, Qualquer Um e Ninguém.
 Havia um importante e urgente trabalho a ser feito.
 Todo Mundo tinha certeza que Alguém o faria.
 Qualquer Um poderia tê-lo feito mas Ninguém o fez.
 Alguém zangou-se porque era um trabalho de Todo Mundo.
 Todo Mundo pensou que Qualquer Um poderia fazê-lo
 Ao final Todo Mundo culpou Alguém quando
 Ninguém fez o que Qualquer Um poderia e deveria ter feito.

TEXTO QUE ME FOI ENVIADO POR UMA GRANDE AMIGA DE CÉU AZUL-PR, ROSA ROTER em 1/7/80

A felicidade é o único bem,
 O lugar para ser feliz é aqui,
 O tempo para ser feliz é agora,
 A maneira de ser feliz é ajudar

Os demais a serem felizes.

O TEXTO A SEGUIR É DE AUTORIA DO DEGAS AQUI, EM SUAS DIVAGAÇÕES MISTURANDO BOTÂNICA COM ALMA, RAÍZES COM PENSAMENTOS:

A simetria entre as plantas e a nossa alma

As árvores tem simetria entre a copa e as suas raízes. Assim sendo onde houver uma ponta de um galho uma raiz o estará acompanhando por debaixo da terra. Ou seja se pudéssemos virar a árvore de ponta cabeça o perímetro de suas raízes seria exatamente igual ao perímetro da copa.

A natureza, sabiamente, criou as árvores dessa forma para que haja uma sustentação pelas raízes de toda a copa e também para que as pontas das raízes captem água para as pontas dos galhos simetricamente.

A aura de cada pessoa também tem simetria com a alma e o coração dessa pessoa.

Quando você rega uma árvore você joga água diretamente nas suas raízes e este regar vai alimentar as folhas que vão produzir flores e frutos.

Assim sendo, seguindo o exemplo da natureza se você regar a sua alma e seu coração com pensamentos bons, com amor e com compreensão você estará alimentando a sua aura.

A sua aura vai resplandecer, vai brilhar muito porquê as suas raízes, assim como as das árvores estarão bem alimentadas, bem regadas com bons sentimentos, com pureza no coração, com o perdão sempre concedido.

A FELICIDADE E O TEMPO (Anônimo)

O meu nome é Felicidade, sou casada com o Tempo
 Ele é a solução de todos o problemas
 Ele constrói corações, ele cura machucados, ele vence a tristeza.
 Juntos, eu e o Tempo tivemos três filhos:
 A Amizade, a Sabedoria e o Amor.
 A Amizade brilha como o Sol.
 A Amizade une as pessoas sem nunca ferir, mas sempre consolar.
 A filha do meio é a Sabedoria: culta, íntegra,
 sempre foi mais apegada ao pai: o Tempo.
 A Sabedoria e o Tempo andam sempre juntos.
 O filho caçula é o Amor.
 Ah, como esse me dá trabalho: é teimoso, às vezes só quer morar em um lugar.
 Eu vivo dizendo Amor,
 você foi feito para morar em todos os corações, não em apenas um.
 O Amor é complexo mas é lindo, muito lindo!
 Quando Ele começa a fazer estragos eu chamo logo o pai dele, o Tempo,
 E aí o Tempo vem fechando todas as feridas que o Amor abriu.
 E tudo, no final, sempre dá certo,
 se ainda não deu é porque ninguém chegou ao final!
 Por isso, acredite sempre na Família, acredite no Tempo,
 na Amizade, na Sabedoria e no Amor.
 Quem sabe eu, a Felicidade não bato à sua porta?????????
 Palavra de hoje: Tempo, tudo no Tempo de Deus e não no nosso.

FILHO PREDILETO – ERMA BOMBECK

Certa vez perguntaram à uma mãe qual era o seu filho predileto,
 aquele que ela mais amava;
 E ela, deixando entrever um sorriso, respondeu:
 Nada é mais volúvel que um coração de MÃE;
 E como MÃE, lhe respondo:
 O Filho predileto
 É aquele a quem me dedico de corpo e alma é o doente até que sare;
 O que partiu, até que volte;
 O que está cansado, até que descanse
 O que está com fome até que se alimente;
 O que está com sede, até que beba;
 O que estuda, até que aprenda;

O que está com sede, até que beba;
 O que estuda, até que aprenda;
 O que está com frio até que se agasalhe;
 O que não trabalhe, até que se empregue;
 O que namora, até que case;
 O que casa, até que conviva;
 O que é Pai, até que crie;
 O que prometeu, até que cumpra;
 O que deve, até que pague;
 O que chora, até que cale;
 E já com o semblante bem distante daquele sorriso completou:
 O que já me deixou..... Até que o reencontre.

Chico Xavier

Que DEUS não permita que eu perca o ROMANTISMO
 Mesmo eu sabendo que as rosas não falam
 Que eu não perca o OTIMISMO
 Mesmo sabendo que o futuro que nos espera não é assim tão alegre
 Que eu não perca a VONTADE DE VIVER
 Mesmo sabendo que a VIDA, é em muitos momentos dolorosa;
 Que eu não perca a vontade de TER GRANDES AMIGOS,
 Mesmo sabendo que, com as voltas do mundo
 Estes acabam indo embora de nossas vidas
 Que eu não perca a vontade de AJUDAR AS PESSOAS
 Mesmo sabendo que muitas delas são incapazes de ver,
 reconhecer e retribuir essa ajuda.
 Que eu não perca o EQUILÍBRIO
 Mesmo sabendo que inúmeras forças querem que eu caia
 Que eu não perca a VONTADE DE AMAR
 Mesmo sabendo que a pessoa que eu mais amo,
 Pode não sentir o mesmo sentimento por mim
 Que eu não perca a LUZ e o BRILHO NO OLHAR
 Mesmo sabendo que muitas coisas que verei no mundo,
 Escurecerão meus olhos.....
 Que eu não perca a GARRA
 Mesmo sabendo que a derrota e a perda
 São dois adversários extremamente perigosos
 Que não perca a RAZÃO
 Mesmo sabendo que as tentações da vida são inúmeras e deliciosas
 Que eu não perca o SENTIMENTO DE JUSTIÇA
 Mesmo sabendo que o prejudicado possa ser eu
 Que eu não perca o meu FORTE ABRAÇO
 Mesmo sabendo que um dia meus braços estarão fracos
 Que eu não perca a BELEZA E A ALEGRIA DE VER
 Mesmo sabendo que muitas lágrimas brotarão dos meus olhos
 E escorrerão por minha alma.....
 Que eu não perca o AMOR POR MINHA FAMÍLIA
 Mesmo sabendo que muitas vezes me exigiria
 Esforços incríveis para manter a sua HARMONIA
 Que eu não perca a vontade de doar este ENORME AMOR
 Que existe em meu coração
 Mesmo sabendo que muitas vezes ele será submetido e até rejeitado
 Que eu não perca a vontade de ser GRANDE
 Mesmo sabendo que o mundo é pequeno
 E acima de tudo.....
 Que eu jamais esqueça que deus me ama infinitamente

Que um pequeno grão de alegria e esperança dentro de cada um
É capaz de mudar e transformar qualquer coisa, pois.....
A vida é construída nos sonhos
E concretizada no amor.

AMOROSAMENTE,

Francisco Cândido Xavier